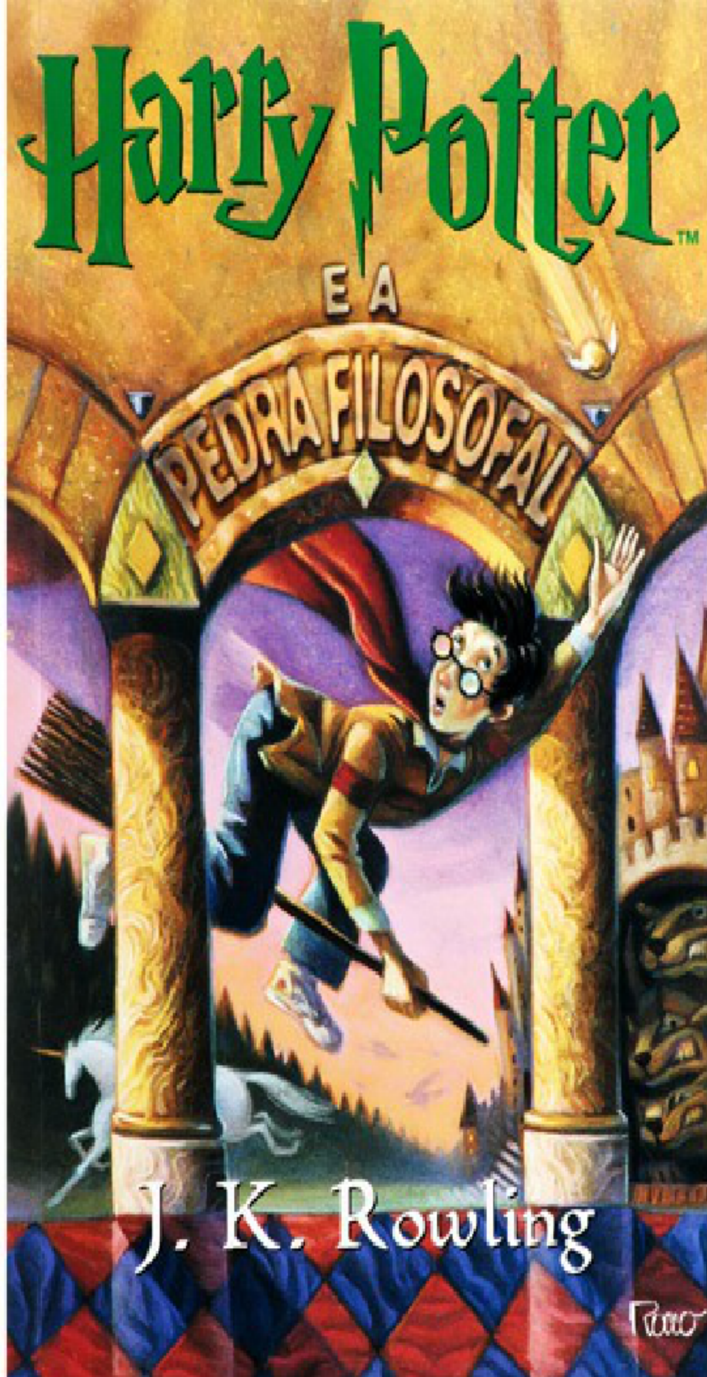
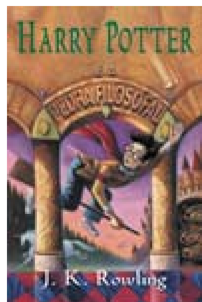

Harry Potter™
E A
PEDRA FILOSOFAL
J. K. Rowling
Rocco



1

- Capítulo Um -

O menino que sobreviveu

O Sr. e a Sra. Dursley; da rua dos Alfeneiros, n.º. 4, se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais, muito bem,. obrigado. Eram as últimas pessoas no mundo que se esperaria que se metessem em alguma coisa estranha ou misteriosa, porque simplesmente não compactuavam com esse tipo de bobagem.

O Sr. Dursley era Diretor de uma firma chamada Grunnings, fazia perfurações. Era um homem alto e corpulento quase sem pescoço, embora tivesse enormes bigodes. A Sra. Dursley era e loura e tinha um pescoço quase duas vezes mais comprido que o normal o que era muito útil porque ela passava grande parte do tempo espichando-o por cima da cerca do jardim para espiar os vizinhos. Os Dursley tinham um filhinho chamado Dudley; o Duda, e em sua opinião não havia garoto melhor em nenhum lugar do mundo.

Os Dursley tinham tudo que queriam, mas tinham também um segredo, e seu maior receio era que alguém o descobrisse. Achavam que não iriam agüentar se alguém descobrisse a existência dos Potter. A Sra. Potter era irmã da Sra. Dursley; mas não se viam muitos anos; na realidade a Sra. Dursley fingia que não tinha irmã, porque esta e o marido imprestável eram o que havia de menos parecido possível com os Dursley; Eles estremeciam só de pensar o que os vizinhos iriam dizer se os Potter. aparecessem na rua. Os Dursley sabiam que os Potter tinham um filhinho, também mas nunca o tinham visto. O garoto era mais uma razão para manter os Potter a distância; eles não queriam que Duda se misturasse com uma criança daquelas.

Quando o Sr. e a Sra. Dursley acordaram na terça-feira

monótona e cinzenta em que a nossa história começa não havia nada no céu nublado lá fora sugerindo as coisas estranhas e misteriosas que não tardariam. a acontecer por todo o pais. O Sr. Dursley cantarolava ao escolher a. gravata mais sem graça do mundo para ir trabalhar e a Sra. Dursley fofocava alegremente enquanto lutava para encaixar um Duda aos berros na cadeirinha alta.

Nenhum deles reparou em uma coruja parda que passou, batendo as asas, pela janela.

Às oito e meia, o Sr. Dursley apanhou a pasta, deu um beijinho no rosto da Sra. Dursley e tentou dar um beijo de despedida

em Duda mas não conseguiu, porque na hora Duda estava tendo um acesso de raiva e atirava o cereal nas paredes.

-Pestinha - disse rindo contrafeito o Sr. Dursley ao sair de casa. Entrou no carro e deu marcha à ré para sair do estacionamento do número quatro.

Foi na esquina da rua que ele notou o primeiro indício de que algo estranho ocorria um gato lia um mapa. Por um instante o Sr. Dursley não percebeu o que vira -em seguida virou rapidamente a cabeça para dar uma segunda olhada. Havia um gato de listras amarelas sentado na esquina da rua dos Alfeneiros, mas não havia nenhum mapa à vista. Em que estaria pensando naquela hora? Devia ter sido um efeito da luz. Ele piscou e arregalou os olhos para o gato. O gato o encarou. Enquanto virava a esquina e subia a rua, espiou o gato pelo espelho retrovisor. Ele agora estava lendo a placa que dizia rua dos Alfeneiros - não, estava olhando a placa: gatos não podiam ler mapas nem placas. O Dr. Dursley sacudiu a cabeça e tirou o gato do pensamento. Durante o caminho para a cidade ele não pensou em. mais nada exceto no grande pedido de brocas que tinha esperanças de receber naquele dia

Mas ao sair da cidade, as brocas foram varridas de sua cabeça

por outra coisa. Ao parar no costumeiro engarrafamento matinal, não pode deixar de notar que havia uma quantidade de gente estranhamente vestida andando pelas ruas. Gente com. capas largas. O Sr. Dursley não tolerava gente que andava com roupas ridículas - os trapos que se viam nos jovens! Imaginou que aquilo fosse. uma nova

moda idiota. Tamborilou os dedos no volante e seu olhar recaiu em um grupinho de excêntricos parados bem perto dele. Cochichavam excitados. O Sr. Dursley se irritou ao ver que alguns deles nem eram jovens; ora, aquele homem devia ser mais velho do que ele, e usava urna capa verde-esmeralda! Que petulância! Mas então ocorreu ao Sr:; Dursley que se tratava prova de alguma promoção boba - essas pessoas estavam obviamente arrecadando alguma coisa... é, devia ser isto! O tráfego avançou e alguns minutos depois o Sr. Dursley chegou ao estacionamento da Grunnings, o pensamento de volta às brocas.

O Sr. Dursley sempre sentava de costas para a parede em seu escritório no nono andar. Se não o fizesse, talvez tivesse achado mais difícil se concentrar em brocas aquela manhã. Ele não viu as corujas que voavam velozes em plena luz do dia, embora as pessoas na rua as vissem; elas apontavam e se espantavam enquanto de coruja passava no alto. A maioria jamais vira uma mesmo à noite. O Sr:; Dursley, porém, teve uma manhã normal sem corujas. Gritou com cinco pessoas diferentes. Deu vários telefonemas importantes e gritou mais um pouco. Estava de excelente humor até a hora do almoço, quando

pensou em esticar as pemas e atravessar a rua para comprar um

pãozinho doce na padaria defronte.

Esquecera completamente as pessoas de capas até passar por

um grupo delas próximo à padaria. Olhou-as com raiva ao passar.

Não sabia o porquê, mas elas o deixavam nervoso. Essas

cochichavam também, mas ele não viu nenhuma latinha de coleta. Foi

ao passar por elas na volta, levando uma grande rosca açucarada que

entreouviu algumas palavras do que diziam.

-... Os Potter, é verdade, foi o que ouvi...

- ...é, o filho deles, Harry...

O Sr. Dursley parou de repente. O medo invadiu-o. Virou a

cabeça para olhar as pessoas que cochichavam como se quisesse dizer

alguma coisa, mas pensou melhor.

Atravessou a rua depressa, correu para o escritório, disse

rispidamente à secretária que não o incomodasse, agarrou o

telefone e quase terminara de discar o número de casa quando

mudou de idéia. Pôs o fone no gancho e alisou os bigodes

pensando... não, estava agindo como um idiota. Potter não era um

nome tão fora do comum assim. Tinha certeza de que havia muita gente chamada Potter com um filho chamado Harry. Pensando bem nem sequer tinha certeza de que o sobrinho tivesse o nome de Harry. Jamais viu o menino. Talvez fosse Ernesto. Ou Eduardo. Não tinta sentido preocupar a Sra. Dursley, ela sempre ficava tão perturbada à simples menção da irmã. Não a culpava - se ele tivesse uma irmã como aquela.. mas mesmo assim aquelas pessoas de capas.

Achou bem mais difícil se concentrar nas brocas aquela tarde e quando deixou o edifício as cinco horas, continuava tão preocupado que deu um encontrão em alguém parado ali à porta.

- Desculpe - murmurou, quando o velhinho cambaleou e quase caiu. Levou alguns segundos até o Sr. Dursley perceber que o homem estava usando uma capa roxa. Não parecia nada aborrecido por ter sido quase jogado ao chão. Ao contrario, seu rosto se abriu em um largo sorriso e ele disse numa voz esganiçada que fez os passantes olharem:

- Não precisa pedir desculpas, caro senhor, porque nada poderia me aborrecer hoje! Alegre-se! porque o Você-Sabe-Quem finalmente foi-se embora! Até trouxas como o senhor deviam estar comemorando um dia. tão feliz!

E o velho abraçou o Sr. Dursley pela cintura e se afastou.

O St Dursley ficou pregado no chão. Fora abraçado por um completo estranho. Eu também achava que fora chamado de trouxa, o

que quer que isso quisesse dizer. Estava abalado. Correu para o carro e partiu para casa, esperando que estivesse imaginando coisas, o que nunca esperara que fizesse, porque não aprovava a imaginação.

Quando entrou no estacionamento do numero quatro, a primeira coisa que viu - e isso não melhorou o seu estado de espírito - foi o gato listrado que notara aquela manhã. Agora ele estava sentado no muro do jardim. Tinha certeza de que era o mesmo; as marcas em volta. dos olhos eram as mesmas.

- Chispa! - disse o Sr. Dursley em voz alta.

O gato não se mexeu. Apenas lançou-lhe um olhar severo.

Será que isto era um comportamento normal para um gato, pensou o

Sr Dursley. Continuava decidido a então não comentar nada com a esposa.

A Sra. Dursley tivera um. dia normal e agradável. Contou-lhe durante o jantar os problemas da senhora do lado com a filha e ainda que Duda aprendera uma palavra nova (Nunca). O Sr. Dursley tentou agir normalmente. Depois que Duda foi se deitar, ele chegou à sala em tempo de ouvir o último noticiário noturno.

"E, por ultimo, os observadores de pássaros em toda parte registraram que as corujas do país se comportaram de forma muito estranha hoje. Embora elas normalmente cacem a noite e raramente apareçam à luz do dia, centenas desses pássaros foram vistos hoje voando em todas as direções desde o alvorecer. Os especialistas não

sabem explicar por que as corujas de repente mudaram o seu padrão

de sono." O locutor se permitiu um sorriso. "Muito misterioso. E

agora, com Jorge Mendes, o nosso boletim meteorológico. Vai haver

mais tempestades de corujas hoje à noite, Jorge?"

"Bom, Eduardo", disse o meteorologista, não sei lhe dizer, mas não

foram só as corujas que se comportaram de modo estranho hoje,

Ouvintes de todo o pais têm telefonado para reclamar que em vez do

aguaceiro que prometi para ontem, eles tem tido chuvas de estrelas!

Talvez alguém ande festejando a noite das fogueiras uma semana

mais cedo este ano! Mas posso prometer para uma noite chuvosa".

O Sr. Dursley ficou paralisado na poltrona. Estrelas

cadentes em todo o pais? Corujas voando durante o dia? Gente

misteriosa capas por todo lado? E um cochicho, um cochicho a

respeito dos Potter...

A Sra. Dursley entrou na sala trazendo duas xícaras de chá .

Não adiantava. Teria que lhe dizer alguma coisa. Pigarreou

nervoso.

- Hum, hum, Petúnia, querida, você não tem tido notícias de

sua irmã ultimamente?

Conforme esperava, a Sra. Dursley pareceu chocada e
aborrecida. Afinal, normalmente fingiam que ela não tinha irmã.

- Não, respondeu ela, seca. Por quê?

- Uma notícia engraçada - murmurou o Sr Dursley -
Corujas... estrelas cadentes e vi uma porção de gente de aparência

estranha na cidade hoje...

- E dai? - cortou a Sra. Dursley.

- Bem, pensei, talvez, tivesse alguma ligação com... sabe... o
pessoal dela.

A Sra. Dursley bebericou o chã com os lábios contraídos. O
Sr. Dursley ficou em dúvida se teria coragem de lhe contar que ouvira
o nome "Potter". Decidiu que não. Em vez disso, falou com a voz
mais displicente que pode:

-O filho deles, teria mais ou menos a idade do Duda agora,
não?

- Suponho que sim respondeu a: Sra. Dursley ainda seca.

- Como é mesmo o nome dele? Ernesto, não é?

-Harry. Um nome feio e vulgar, se quer saber minha opinião.

- Ah, é - disse o Sr. Dursley; sentindo um aperto horrível no
coração. - E, concordo com você.

Não disse mais nenhuma palavra sobre o assunto a caminho
do quarto onde foram se deitar. Enquanto a Sra. Dursley estava no
banheiro, o Sr. Dursley foi devagarinho até a janela e espiou o jardim

da casa. O gato continuava lá. Observava o começo da rua dos Alfeneiros como se esperasse alguma coisa.

Estaria imaginando coisas. Será que tudo isto teria ligação com os Potter? Se tinha... se transpirasse que eram aparentados como um casal de... bem ele achava que não agüentaria.

Os Dursley se deitaram. A. Sra. Dursley, adormeceu logo mas o Sr. Dursley continuou acordado pensando no que acontecera. Seu último consolo antes de adormecer foi pensar que mesmo que os Potter estivessem. envolvidos, não havia razão para se aproximarem dele e da Sra. Dursley. Os Potter sabiam muito bem o que pensavam deles e de gente de sua laia... Não via como ele e Petúnia poderiam. se envolver com nada que estivesse acontecendo. O Sr. Dursley bocejou e se virou. Isso não poderia afetá-los...

Como estava enganado.

O Sr. Dursley talvez estivesse mergulhando em um sono inquieto, mas o gato no muro lá fora não mostrava sinais de sono. Continuava sentado imóvel como uma estátua, os olhos fixos na esquina mais distante da rua dos Alfeneiros. E nem sequer estremeceu quando uma porta de carro bateu na rua seguinte, nem

mesmo quando duas corujas mergulharam do alto. Na verdade, era quase meia-noite quando o gato se mexeu.

Um homem apareceu na esquina que o gato estivera vigiando. Apareceu tão súbita e silenciosamente que se poderia pensar que tivesse saído do chão O rabo do gato mexeu ligeiramente e seus olhos se estreitaram.

Ninguém jamais vislumbrara nada parecido com este homem na rua dos Alfeneiros. Era alto, magro e muito velho a julgar pelo prateado do seus cabelos e de sua barba, suficientemente longos para prender no cinto. Usava vestes longas, uma capa púrpura que arrastava pelo chão e botas com saltos altos e fivelas. Seus olhos azuis eram claros, luminosos e cintilantes por trás dos óculos em meia-lua e o nariz, muito comprido e torto, como se o tivesse quebrado pelo menos duas vezes. O nome dele era Aldo Dumbledore.

Alvo Dumbledore não parecia ter consciência de que. acabara numa rua onde tudo desde o seu nome às suas botas era malvisto. Estava ocupado apalpando a capa, procurando alguma coisa. Mas parecia ter consciência de que estava sendo vigiado, porque ergueu a cabeça de repente para o gato, que continuava a fitá-lo da outra ponta da rua. Por algum motivo, a visão do gato pareceu diverti-lo. Deu uma ridadinha e murmurou: Eu devia ter imaginado.

Encontrou o que procurava no bolso interior da capa, parecia um isqueiro de prata. Abriu-o, ergueu-o no ar e ascendeu.

O lampião de rua mais próximo apagou-se com um estalido seco. Ele o de novo -o lampião seguinte piscou e apagou, doze vezes ele acionou o "apagueiro", até que as únicas luzes acesas na rua eram dois pontinhos minúsculos ao longe os olhos do gato que os vigiava. Se alguém espiasse pela janela agora, até a Sra Dursley; de olhos de contas, não conseguira ver nada que estava acontecendo na calçada. Dumbledore tornou a guardar o

"apagueiro" na capa e saiu caminhando pela rua em direção ao número quatro, onde se sentou no muro ao lado do gato. Não para olhou para o bicho, mas, passado algum tempo, dirigiu-se a ele.

Imagine encontrar a senhora aqui, Profª Minerva

McGonagall. E virou-se para sorrir para o gato, mas este

desaparecera Ao invés dele, viu-se sorrindo para uma mulher de aspecto severo que usava óculos de lentes quadradas exatamente do formato das marcas que o gato tinha em volta dos olhos. Ela, também, usava uma capa esmeralda.. Trazia os cabelos negros presos num coque apertado. E parecia decididamente irritada.

- Como soube que era eu? - perguntou.

- Minha cara professora, nunca vi um gato se sentar tão duro.

- O senhor estaria duro se tivesse passado o dia todo sentado em um muro de pedra - respondeu. a Profª. Minerva.

- O dia todo? Quando podia estar comemorando? Devo ter passado por mais de dez festas e banquetes a. caminho daqui.

A professora fungou aborrecida.

- Ah, sim, vi que todos estão comemorando - disse impa

ciente. - Era de esperar que fossem um pouco mais cautelosos, mas

não, até os trouxas notaram. que alguma coisa estava acontecendo.

Deu no telejornal. - Ela indicou com a cabeça a sala às escuras dos

Dursley.-Eu ouvi... bandos de corujas... estrelas cadentes... Ora, eles

não são completamente idiotas. Não podiam deixar de notar alguma

coisa. Estrelas cadentes em kent, aposto que foi coisa de Dédalo

Diggle. Ele nunca teve muito juízo.

- Você não pode culpá-los - ponderou Dumbledore

educadamente. - Temos tido muito pouco o. que comemorar nos

últimos onze anos.

- Sei disso - retrucou a professora mal-humorada. - Mas não é

razão para perdermos a cabeça.. As pessoas estão sendo

completamente descuidadas, saem as ruas em plena luz do dia, sem

nem ao menos vestir roupa de trouxa, e espalham boatos.

De esguelha, lançou um olhar atento a Dumbledore, como se

esperasse que ele dissesse alguma coisa, mas ele continuou calado,

por isso ela recomeçou:

- Ia ser uma graça se, no próprio dia em que Você-Sabe-Quem parece ter finalmente ido embora, os trouxas descobrissem a nossa existência. Suponho que ele realmente tenha ido embora, não é, Dumbledore?

- Parece que não há dúvida. Ternos muito o que agradecer Aceita um sorvete de limão?

- Um o quê?

9

- Um sorvete de limão E uma espécie de doce dos trouxas de que sempre gostei muito.

-Não, obrigada - disse a Profa Minerva com frieza, como se não achasse que o momento pedia sorveres de limão. - Mesmo que Você-Sabe-Quem tenha ido embora.

- Minha cara professora, com certeza uma pessoa sensata como a senhora pode chamá-lo pelo nome. Toda essa bobagem de Você-Sabe-Quem, há onze anos venho tentando convencer as pessoas a chama-lo pelo nome que recebeu: Voldemort - A professora franziu a cara, mas Dumbledore, que estava separando dois sorvetes de limão, pareceu não reparar - Tudo fica tão confuso quando todos não param de dizer "Você-Sabe-Quem".

Nunca vi nenhuma razão para ter medo de dizer o nome de Voldemort

- Sei que não vê - disse a professora parecendo meio exasperada, meio admirada. Mas você é diferente.. Todo o mundo

sabe é o único de quem Você-Sabe... ah, está bem, de quem

Voldemort tem medo.

- Isto é um elogio - disse Dumbledore calmamente. -

Voldemort tinha poderes que nunca tive.

- Só porque você. é muito... bem... nobre para usá-los.

- É uma sorte estar escuro. Nunca mais corei assim desde que

Madame Gonfrei me disse que gostava dos meus abafadores de

orelhas novos.

A Profª Minerva lançou um olhar severo a Dumbledore e

disse:

- As corujas não são nada comparadas aos boatos que correm

que todos estão dizendo? Por que ele foi embora? Que foi que

finalmente o deteve?

Aparentemente a Profa. Minerva chegara ao ponto que

estava ansiosa para discutir, a verdadeira razão pela qual estivera

esperando o dia todo em cima de um muro frio e duro, porque nem

como gato nem como mulher ela fixara antes um olhar tão

penetrante em Dumbledore como agora. Era. óbvio que seja o que

fosse que "todos" estavam dizendo, ela não iria acreditar até que

Dumbledore confimasse ser verdade - Dumbledore, porém, estava.

escolhendo mais um sorvete de limão e não respondeu.

- O que estão dizendo - continuou ela - é que a noite passada

Valdemort apareceu em Godric's Hollow. Foi procurar os Potter. O

boato é que Lilian e Tiago Potter estão... estão.mortos.

Dumbledore fez que sim com a cabeça. A Profa. Minerva

perdeu o fôlego.

- Lilian e Tiago... Não posso acreditar... Não quero acreditar...

Ah, Alvo.

Dumbledore estendeu a mão e deu-lhe um tapinha no ombro.

- Eu sei... eu sei... - disse deprimido.

A voz da Profa. Minerva tremeu ao prosseguir:

- E não é só isso. estão dizendo que ele tentou matar o filho

dos Potter, Harry. Mas... não conseguiu. Não conseguiu matar o

garotinho. Ninguém sabe o porquê nem o como, mas estão dizendo

que na hora que não pôde matar Harry Potter, por alguma razão, o

poder de Voldemort desapareceu e é por isso que ele foi embora.

Dumbledore concordou coma cabeça sério.

-.É verdade? - gaguejou a professora. - Depois de tudo o que

ele fez... todas as pessoas que matou... não conseguiu matar um

garotinho? É simplesmente espantoso... de tudo que poderia detê-lo...

mas, por Deus, como foi que Harry sobreviveu?

- Só podemos imaginar - disse Dumbledore. - Talvez nunca

cheguemos a saber.

A Profa. Minerva pegou um lenço de renda e secou com delicadeza os olhos por baixo das lentes dos óculos. Dumbledore deu uma grande fungada ao mesmo tempo que tirava o relógio de ouro do bolso e o examinava. Era um relógio muito estranho. Tinha doze ponteiros mas nenhum número; em vez deles pequenos planetas giravam à volta. Mas, devia fazer sentido para Dumbledore, porque ele o repôs no bolso e disse:

-Hagrid está atrasado. A propósito, foi ele que lhe disse que eu estaria aqui, suponho.

- Foi. E suponho que você não vá me dizer porque está aqui e não em. outro lugar.

11

-Vim trazer Harry para tio e a tia. Eles são a única família que lhe resta.

-Você não quer dizer, você não pode estar se referindo às pessoas que moram aqui? - exclamou a Profa Minerva, pulando de pé e apontando para o número quatro - Dumbledore você não pode. Estive observando a família o dia todo. Você não poderia encontrar duas pessoas menos parecidas conosco. E têm um filho, vi-o dando chutes na mãe até a rua, berrando porque queria balas. Harry Potter vir morar aqui!

-É o melhor lugar para ele. disse Dumbledore com firmeza. - os tios poderão lhe explicar tudo quando ele for mais velho, escrevilhes

uma carta.

-Uma carta? - repetiu a professora com a voz fraca,

sentando-se novamente no muro. -Francamente Dumbledore, você

acha que pode explicar tudo isso em uma carta? Essas pessoas

jamais vão entendê-lo! Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me

surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o

dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as

crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele!

-Exatamente - disse Dumbledore, olhando muito sério por

cima dos óculos de meia-lua. - Isto seria o bastante para ;virar a

cabeça de qualquer menino. Famoso antes mesmo de saber andar

Famoso por alguma coisa que ele nem vai se lembrar! Você é que ele

estará muito melhor se crescer longe de tudo isso tenha capacidade de

compreender?

A professora abriu a boca, mudou de idéia, engoliu em seco e

então disse:

- É, é, você esta certo, é claro. Mas como é que o garoto vai

chegar aqui, Dumbledore? - Ela olhou para a capa dele de repente

como se lhe ocorresse que talvez escondesse Harry ali.

- Hagrid vai trazê-lo.

- Você acha que é sensato confiar a Hagrid uma tarefa

importante como essa?

-Eu confiaria a Hagrid minha vida - respondeu Dumbledore,

-Não estou dizendo que ele irão tenha o coração no lugar -

concedeu a professora de má vontade -, mas você não pode fingir que

ele é cuidadoso. Que tem uma tendência a... que foi isso?

12

Um ronco discreto quebrara o silêncio da rua. Foi aumentando

cada vez mais enquanto eles olhavam para cima e para baixo da rua à

procura de um sinal de farol de carro; o ronco se transformou num

trovão quando os dois olharam para o céu - e uma enorme motocicleta

caiu do ar e parou na rua diante deles.

Se a motocicleta era enorme, não era nada comparada ao

homem que a montava de lado. Ele era quase duas vezes mais alto do

que um homem normal e pelo menos cinco vezes mais largo. Parecia

simplesmente grande demais para existir e tão selvagem-emaranhados
de barba e cabelos negros longos e grossos escondiam a

maior parte do seu rosto, as mãos tinham o tamanho de uma lata de

lixo e os pés calçados com botas de couro pareciam filhotes de

golfinhos. Em seus braços imensos e musculosos ele segurava um

embrulho de cobertores.

- Hagrid - exclamou Dumbledore, parecendo aliviado -

Finalmente. E onde foi que arranjou a moto?

- Pedi emprestada, Prof. Dumbledore - respondeu o gigante,

desmontando cuidadosamente da moto ao falar - O jovem Sirius me emprestou. Trouxe ele, professor.

- Não teve nenhum problema?

- Não, senhor A casa ficou quase destruída, mas consegui tirálo inteiro antes que os trouxas invadissem o lugar. Ele dormiu quando estivemos sobrevoando Bristol.

Dumbledore e a Profª. Minerva curvaram-se para o embrulho de cobertores. Dentro, apenas visível, havia um menino, que dormia a sono solto. Sob uma mecha de cabelos muito negros caída sobre a testa eles viram corte curioso, tinha a forma de um raio.

- Foi aí que? - sussurrou a professora.

- Foi - confirmou Dumbledore.-Ficará com a cicatriz para sempre.

- Será que você não poderia dar um jeito, Dumbledore?

- Mesmo que pudesse, eu não o faria. As cicatrizes podem vir a ser úteis. Tenho uma acima do joelho esquerdo que é um mapa perfeito do metrô de Londres. Bem, me dê ele aqui, Hagrid, é melhor

acabarmos logo com isso.

Dumbledore recebeu Harry nos braços e virou-se para a

casa dos Dursley.

13

- Será que eu podia...podia me despedir dele, professor? - perguntou Hagrid.

Ele curvou a enorme cabeça descabelada para Harry e lhe deu o que deve ter sido um beijo muito áspero e peludo. Depois, sem aviso, Hagrid soltou um uivo como o de um cachorro ferido.

- Psiut - sibilou a Profª. Minerva -Você vai acordar os trouxas!

-Desculpe - soluçou Hagrid, puxando um enorme lenço sujo e escondendo a cara nele.-Mas nã-nã-não consigo suportar, Lílian e Tiago mortos, e o coitadinho do Harry ter de viver com os trouxas...

-É é, é muito triste, mas controle-se, Hagrid, ou vão nos descobrir - sussurrou a professora, dando uma palmadinha desajeita no braço de Hagrid enquanto Dumbledore saltava a mureta de pedra e se dirigia à porta da frente. Depositou Harry devagarinho no batente, tirou uma carta da capa, meteu-a entre os cobertores do menino e em seguida, voltou para a companhia dos dois. Durante um minuto inteiro os três ficaram parados olhando para o embrulhinho; os ombros de Hagrid sacudiram, os olhos da Profa. Minerva piscaram loucamente e a luz cintilante que sempre brilhava nos olhos de Dumbledore parecia ter-se extinguido.

- Bem - disse Dumbledore finalmente -, acabou-se. Não temos mais nada a fazer aqui. já podemos nos reunir aos outros para comemorar.

- É - disse Hagrid com a voz muito abafada. - Vou devolver a moto de Sirius. Boa noite, Profa. Minerva, Professor Dumbledore...

Enxugando os olhos na manga da jaqueta, Hagrid montou na moto e acionou o motor com um pontapé; com um rugido ela levantou vôo e desapareceu na noite.

- Nos veremos em breve, espero, Profa. Minerva - falou Dumbledore, com um aceno da cabeça. A Profa. Minerva assou o nariz em resposta.

Dumbledore se virou e desceu a rua. Na esquina parou e poxou o "apagueiro". Deu um clique e doze esferas de luz voltaram aos lampiões de modo que a rua dos Alfeneiros de repente iluminouse com uma claridade laranja e ele divisou o gato listrado se

esquivando pela outra ponta da rua. Mal dava para enxergar o embrulhinho de cobertores no batente do número quatro.

- Boa sorte, Harry - murmurou ele, Girou nos calcanhares e, com um movimento da capa, desapareceu.

Uma brisa arrepiou as cercas bem cuidadas da rua dos Alfeneiros, silenciosas e quietas sob o negror do céu, o último lugar do mundo em. que alguém esperaria que acontecessem coisas espantosas. Harry Potter virou-se dentro dos cobertores sem acordar Sua mãozinha agarrou a carta ao lado mas ele continuou a dormir, sem saber que era especial, sem saber que era famoso, sem saber que iria acordar dentro de poucas horas com o grito da Sra. Dursley ao

abrir a porta da frente para pôr as garrafas de leite do lado de fora,

nem que passaria as próximas semanas levando cutucadas e beliscões

do primo Duda ele não podia saber que, neste mesmo instante, havia

pessoas se reunindo em segredo em todo o pais que erguiam os copos

e diziam com vozes abafadas.

- A HarryPotter: o menino que sobreviveu.

- CAPÍTULO DOIS -

O vidro que sumiu

Quase dez anos haviam se passado desde o dia em

que os Dursley acordaram e encontraram o sobrinho no

batente da porta, mas a rua dos Alfeneiros não mudara

praticamente nada. O sol nascia para os mesmos jardins

cuidados e iluminava o número quatro de bronze à

porta de entrada dos Dursley; e penetrava sorrateiro a

sala de estar, que continuava quase igual ao que fora na

noite em o Sr. Dursley ouvira a funesta notícia sobre as

corujas. Somente as fotografias sobre o console da

lareira mostravam o tempo que já passara. Dez anos

antes havia uma porção de fotografias de uma coisa que parecia uma grande bola de brincar na praia, usando diferentes chapéus coloridos - mas Duda Dursley não era mais bebê; e agora as fotografias mostravam um menino grande e louro na primeira bicicleta, no carrossel de uma feira, brincando com o computador do pai, recebendo um beijo e um abraço da mãe. A sala não continha nenhuma indicação de que havia, outro menino na casa.

No entanto Harry Potter continuava lá, no momento

16

adormecido, mas não por muito tempo. Sua tia Petúnia acordara e foi sua voz aguda que produziu o primeiro ruído do dia.

- Acorde! Levante-te! Agora!

Harry acordou assustado. A tia bateu à porta outra vez.

- Acorde! - gritou Harry ouviu-a caminhar em direçâo à cozinha e em seguida uma frigideira bater no fogão. Virou-se de costa e tentou se lembrar do sonho em que estava. Era um sonho gostoso. Havia uma motocicleta. Tinha a estranha sensação que já vira esse sonho antes.

A tia voltara a porta.

-Você já se levantou? - perguntou.

- Quase - respondeu Harry.

- Bem, ande depressa, quero que você tome conta do

bacon. E não se atreva a deixá-lo queimar Quero tudo

perfeito no armário no aniversário de Duda.

Harry gemeu.

- Que foi que você disse? - perguntou a tia com

rispidez.

- Nada, nada...

O aniversário de Duda - como podia ter esquecido?

Harry levantou-se devagar e começou a procurar as

meias. Encontrou-as debaixo da cama e depois de

retirar uma aranha de um pé, calçou-as. Harry estava

acostumado com aranhas, porque o armário sob a

escada vivia cheio delas e era ali que ele dormia.

Já. vestido saiu para o corredor que levava à

cozinha. A mesa quase desaparecera tantos eram os

presentes de aniversário de Duda. Pelo que via, Duda

ganhara o novo computador que queria, para não falar

na segunda televisão e na bicicleta de corrida. Para o quê,. exatamente, Duda queria uma bicicleta de corrida era um mistério para Harry, porque Duda era muito

17

gordo e detestava fazer exercícios - a não ser, é claro, que envolvessem bater em alguém. O saco de pancadas preferido de Duda era Harry, mas nem sempre Duda conseguia pegá-lo. Harry não parecia, mas era muito rápido.

Talvez fosse porque vivia num armário escuro, mas Harry sempre fora pequeno e muito magro para a idade. Parecia ainda menor e mais magro do que realmente era porque só lhe davam para vestir as roupas velhas de Duda e Duda era quatro vezes maior do que ele. Harry tinha um rosto magro, joelhos ossudos, cabelos negros e olhos muito verdes. Usava óculos redondos, remendados com fita adesiva, por causa das muitas vezes que Duda socara no nariz. A única coisa que Harry gostava em sua aparência era uma cicatriz fininha na testa que tinha a forma de um raio. Existia desde que se entendia por gente e a primeira pergunta que se lembrava de ter feito à tia Petúnia era como a arranjara.

-No desastre de carro em que seus pais morreram -

respondera ela. - E não faça perguntas.

Não faça perguntas - esta era a primeira regra para

levar uma vida tranqüila como os Dursley.

Tio Válter entrou na cozinha quando Harry estava

virando o bacon.

- Penteie o cabelo - mandou, à guisa de bom-dia.

Mais ou menos uma vez por semana, tio Válter

espiava por cima do jornal e gritava que Harry,

precisava cortar os cabelos.

Harry deve ter feito mais cortes que o resto dos

meninos de sua classe somados, mas não fazia

diferença, seus cabelos simplesmente cresciam daquele

jeito - para todo lado.

Harry estava fritando os ovos na altura em que Duda

chegou à cozinha com a mãe . Duda se parecia muito

com o tio Valter. Tinha um rosto grande e rosado,

pescoço curto, olhos azuis pequenos e aguados e

cabelos louros muito espessos e assentados na cabeça

enorme e densa. Tia Petúnia dizia com freqüência que

Duda parecia um anjinho - Harry dizia com freqüência

que Duda parecia . um porco de peruca.

Harry pôs os pratos de ovos com bacon na mesa, o

que foi porque não havia muito espaço. Entrementes,

Tia Duda contava

os presentes. Ficou desapontado.

Trinta e seis - disse, erguendo os olhos para o

pai e a mãe. a - Dois a menos do que no ano

passado.

-Querido, você não contou o presente de tia Cuida,

esta aqui grandão do papai e da mamãe, esta vendo?

-Está bem, então são trinta e sete - respondeu Duda

ficando Harry, percebendo que Duda estava preparando

acesso de raiva começou a engolir seu bacon o mais;

depressa possível caso o primo virasse a mesa.

Tia Petúnia obviamente também sentiu o perigo,

porque na ora disse:

- E vamos comprar mais dois presentes para você

quando hoje. Que tal fofinho? Mais dois presentes Esta

bem assim?

Duda pensou um instante. Pareceu um esforço

enorme.Finalmente responde hesitante:

-Então vou ficar com trinta... trinta...

-Trinta e nove, anjinho - disse tia Petunia.

- Ah. - Duda largou-se na cadeira e agarrou o pacote

mais próximo. - Então, está bem.

Tio Válter deu uma risadinha.

- O baixinho quer tudo a que tem direito, igualzinho

ao pai. Ë isso ai, garoto! - E arrepiou os cabelos de

Duda com os dedos.

Naquele instante o telefone tocou e tia Petúnia fui

atendê-lo, enquanto Harry e tio Valter assistiam Duda

desembrulhar a bicicleta de corrida, a câmara de filmar,

um aeromodelo com controle remoto dezesseis jogos

de computador e um gravador de videos. Estava

rasgando a embalagem de um relógio de ouro quando

tia Petúnia voltou do telefone parecendo ao mesmo

tempo zangada e preocupada.

- Más noticias, Válter a Sra. Figg fraturou a perna.

Não pode ficar com ele.-E indicou Harry com a

cabeça.

Duda boquiabriu-se de horror mas o coração de Harry deu um salto. Todo ano, no aniversário de Duda, os pais dele o levavam para passar o dia com um amiguinho em parques de aventuras, lanchonetes ou no cinema. Todo ano deixavam Harry com a Sra. Figg, uma velha maluca que morava ali perto. Harry detestava o lugar. A casa inteira cheirava a repolho e a Sra. Figg lhe mostrava fotografias de todos os gatos que já tivera.

- E agora? - perguntou tia Petúnia, olhando furiosa para Harry como se ele tivesse planejado tudo Harry sabia que devia sentir pena da Sra. Figg que quebrara a perna, mas não era fácil quando lembrava que ia passar um ano sem ter que olhar para o Tobias, o Néris, Seu Patinhas e o Pompom outra vez.

-Poderíamos ligar para a Cuida - sugeriu tio Válter.

- Não diga bobagem, Valter, ela detesta o menino.

Com freqüência, os Dursley falavam de Harry assim, como se ele não estivesse presente - ou melhor, como se ele fosse alguma coisa muito desprezível que não conseguisse entendê-los, como uma lesma.

- E aquela sua amiga, como é mesmo o nome dela, Ivone?

- Está passando férias em Majorca - respondeu

Petúnia, com rispidez.

20

Vocês podiam me deixar aqui - arriscou Harry

esperançoso (ele poderia assistw ao que quisesse na

televisão para variar e, quem sabe, até dar uma voltinha

no computador de Duda).

Tia Petúnia parecia que tinha engolido um limão.

E quando voltarmos, encontrar a casa destruída? -

rosnou.

- Não vou explodir a casa - prometeu Harry, mas os

tios não estavam mais escutando.

- Talvez pudéssemos levá-lo ao zoológico - disse tia

Petúnia lentamente,e deixá-lo no carro.

-O carro é novo Não vou deixá-lo sentado no carro

sozinho. Duda começou a chorar alto. Na realidade não

estava chorando fazia anos que não chorava de

verdade, mas sabia que se fizesse cara de choro e

gritasse a mãe lhe daria o que quisesse.

- Dudinha, querido, não chore, mamãe não vai

deixar ele estragar o seu dia! - exclamou abraçando-o.

-Não... Quero...que...ele...vá! - Duda berrou entre

grandes soluços fingidos - Ele sempre estraga tudo! - E lançou um riso maldoso por entre os braços da mãe.

Naquele instante a campainha tocou.

-Ah, meu Deus, são eles chegando! - disse tia Petunia nervosa um minuto depois, o melhor amigo de Duda, Pedro entrou acompanhado da mãe. Pedro era um menino magricela, com cara de rato. Em geral era quem segurava para trás os garotos enquanto Duda batia neles. Na mesma hora Duda parou de fingir que estava chorando.

Meia hora depois, Harry, que não conseguia acreditar em sua sorte, estava sentado no banco traseiro do carro dos Dursley, com Pedro e Duda. a caminho do jardim zoológico, pela primeira vez na vida. O tio e a tia não tinham conseguido pensar no que fazer com ele, mas antes de saírem, tio Válter puxara Harry para o

lado.

-Estou lhe avisando - disse, aproximando a cara grande e vermelha de Harry - Estou-lhe avisando, moleque, a primeira gracinha que fizer, a primeira, vai ficar preso naquele armário até o Natal .

-Não vou fazer nada - disse Harry - juro...

Mas tio Válter não acreditou nele. Ninguém nunca acreditava.

O problema era que sempre aconteciam coisas estranhas à volta de Harry e simplesmente não adiantava dizer aos Dursley que não era sua culpa.

Uma vez tia Petunia, cansada de ver Harry voltar do barbeiro como se não tivesse estado lá, apanhara uma tesoura de cozinha e cortara o cabelo dele tão curto que o deixara quase careca, exceto por uma franja, que ela deixou, para esconder aquela cicatriz horrorosa. Duda morrera de rir de Harry, que passou a noite acordado imaginando o que seria a escola no dia seguinte, onde já riam dele por causa das roupas folgadas e dos óculos emendados com fita adesiva. Na manha seguinte, porém, quando se levantou os cabelos estavam exatamente como eram antes de tia Petúnia cortá-los. Tinham-no deixado preso uma semana no armário por causa disso, apesar de sua tentativa de explicar que não saberia explicar como é que os cabelos tinham crescido tão depressa.

Outra vez, tia Petúnia tentara obrigá-lo a vestir um macacão velho de Duda (marrom com pompons cor de laranja). Quanto mais tentava enfiá-lo pela cabeça dele,

tanto menor o macacão ficava, até que finalmente

parecia feito para um fantochinho de dedo, e com

certeza não ia servir para o Harry. Tia Petúnia concluiu

que devia ter encolhido na lavagem e Harry, para seu

grande alivio, não foi castigado.

Por outro lado, ele se metera numa grande encrenca

quando o encontraram no telhado da cozinha da escola.

A turma de Duda o estava perseguindo, como sempre,

e tanto para surpresa de Harry quanto dos outros, ele

apareceu sentado na chaminé. Os Dursley receberam

uma carta muito zangada da diretora de Harry,

contando que Harry andara escalando os prédios da

escola. Mas só o que tentara fazer (conforme gritou

para tio Válter através da porta trancada do armário)

fora saltar para trás das grandes latas de lixo da porta

da cozinha. Harry supunha que o vento devia tê-lo

apanhado na hora em que saltou.

Mas hoje nada ia dar errado. Valia até a pena estar

em companhia de Duda e Pedro para passar o dia em

outro lugar que não fosse a escola, o armário, ou a sala

com cheiro de repolho da Sra Figg.

Enquanto dirigia, tio Válter se queixava à tia

Petúnia. Ele gostava de se queixar de tudo: das pessoas

no. trabalho, de Harry do conselho, de Harry, do banco

e Harry eram seus dois assuntos preferidos. Esta manhã

eram as motocicletas.

-...roncando pelas ruas como loucos, os arruaceiros.-disse, quando uma moto emparelhou com eles.

- Tive um sonho com uma motocicleta falou

Harry, lembrando-se de repente - Ela voava

Tio Válter quase bateu no carro da frente Virou-se

para trás e gritou com Harry; seu rosto parecendo uma

beterraba gigante e bigoduda:

- MOTOCICLETAS NÃO VOAM!

Duda e Pedro deram risadinhas.

- Sei que não voam - respondeu Harry - Foi

só um sonho.

Mas desejou que não tivesse dito nada. Se havia

uma coisa que os Dursley detestavam mais do que as

suas perguntas, era quando falava de coisas que faziam

o que não deviam, não interessava se. era sonho ou

desenho animado - pareciam pensar que ele poderia

arranjar idéias perigosas.

Era um sábado muito ensolarado e o zôo estava

cheio de famílias. Os Dursley compraram grandes

sorvetes de chocolate para Duda e Pedro à entrada e,

então, porque a mulher sorridente na carrocinha

perguntara o que Harry ia querer antes que pudessem

afastá-lo depressa dali, eles lhe compraram um picolé

barato de limão. Não era ruim, Harry pensou,

lambendo-o enquanto observavam um gorila que

coçava a cabeça e se parecia demais com Duda, exceto

pelos cabelos que não eram louros.

Harry passou a melhor manhã que já tivera em

muito tempo. Cuidou de andar um. pouco afastado dos

Dursley, de modo que Duda e Pedro, que ali pela hora

do almoço estavam. começando a se chatear com os

bichos, não recaíssem no seu passatempo favorito de

bater no primo. Almoçaram no restaurante do zôo e

quando Duda teve um acesso de raiva porque seu

sorvetão não era bastante grande, tio Válter comproulhe

outro e deixou Harry terminar o primeiro.

Depois Harry achou que devia ter adivinhado que estava bom demais para durar muito tempo.

Terminado o almoço foram visitar o alojamento dos répteis. Era fresco e escuro ali, com quadrados iluminados ao longo das paredes. Por trás dos vidros, rastejavam e deslizavam em pedaços de pau e em pedras todos os tipos de cobras e lagartos. Duda e Pedro queriam ver as enormes cobras venenosas e as grossas pitones que esmagavam um homem. Duda logo encontrou a maior cobra que havia. Poderia dar duas voltas no carro de tio Válter e amassá-lo até reduzi-lo ao tamanho de uma lata de lixo mas naquela hora ela não estava disposta a fazer nada. Na realidade, estava dormindo a sono solto.

Duda parou, o nariz comprimido contra o vidro, observando as espirais marrons e reluzentes.

- Faz ela se mexer - choramingou para o pai. Tio

Válter bateu no vidro, mas a cobra no se mexeu.

- Faz outra vez - mandou Duda. Tio Válter bateu no vidro com os nós dos dedos, mas a cobra continuou dormindo.

- Que chato - queixou-se Duda. E saiu arrastando os

pés,

Harry veio se postar na frente do tanque e estudou a

cobra com atenção. Não se admiraria se a própria cobra

morresse de tédio - não tinha companhia a não ser

aquela gente idiota que batucava no vidro, tentando

incomodá-la o dia inteiro. Era pior do que ter um

armário por quarto, onde a única visita era a tia Petúnia

esmurrando a porta para acorda-lo, mas ao menos ele

podia visitar o resto da casa.

A cobra inesperadamente abri os olhos, que

pareciam contas. Devagarinho, muito devagarinho,

levantou a cabeça até seus olhos chegarem ao nível dos

de Harry.

E piscou.

Harry arregalou os olhos. E olhou depressa a toda

volta para ver se havia alguém olhando Não havia. E

retribuiu o olhar da cobra, piscando também.

A cobra acenou com a cabeça na direção de tio

Válter e de Duda, depois levantou os olhos para o teto.

Lançou um olhar a Harry que dizia com. todas as

letras:

-Isso é o que me acontece o tempo todo.

- Eu sei - murmurou Harry pelo vidro, embora não

tivesse muita certeza se a cobra poderia ouvi-lo -, deve

ser bem chato.

A cobra concordou com um. aceno de cabeça. enfático.

Mas de onde é que você veio? perguntou Harry.

A cobra apontou com o rabo uma placa próxima ao vidro.

Harry espiou.

Boa Constrictor, Brasil

-Era bom lá?

A jibóia. apontou novamente a placa com o rabo e

Harry leu:

Este espécime nasceu em cativeiro.

-Ah, entendo, então você nunca esteve no Brasil?

A cobra sacudiu a cabeça, mas um grito ensurdecedor atrás de

Harry fez os dois pularem:

-DUDA! SR DURSLEY! VENHAM VER ESSA COBRA!

VOCÊS NÃO VÃO ACREDITAR NO QUE ESTÁ FAZENDO!

Duda veio bamboleando até onde o amigo estava o mais de

pressa que pôde.

-Cai fora - falou dando um soco nas costelas de Harry.

Apanhado de surpresa, Harry caiu com força no chão de concreto.

O que se passou em seguida aconteceu tão depressa que ninguém

viu como foi: num segundo, Pedro e Duda estavam encostados no

vidro, no segundo seguinte, estavam saltando para trás soltando

uivos de terror.

Harry sentou-se e parou de respirar: o vidro da frente do

tanque da jibóia tinha sumido. A grande cobra se desenrolou

depressa e escorregou pelo chão - as pessoas no alojamento dos

répteis gritaram e começaram a correr para as saídas.

Quando a cobra passou rápido por ele, Harry poderia ;jurar que

uma voz baixa e sibilante tinha dito: "Brasil, aqui vou eu...

Obrigado, amigo."

O zelador do alojamento dos répteis ficou em estado de

choque.

- Mas o vidro - ele não parava de repetir-, para onde foi o

vidro?

O diretor do zôo em pessoa preparou uma xícara de

chá forte para tia Petúnia enquanto se desculpava mil

vezes. Pedro e Duda só conseguiam balbuciar. Pelo

que Harry vira, a cobra não fizera nada a não ser fingir abocanhar os calcanhares deles quando passou, mas quando chegaram finalmente ao carro do tio Válter, Duda estava contando que a cobra quase lhe arrancara a perna a dentadas, enquanto Pedro jurava que a cobra tentara apertá-lo até matar. Mas o pior de tudo, pelo menos para Harry, foi Pedro ter se acalmado o

suficiente para perguntar:

- Harry estava conversando com ela, não estava, Harry?

Tio Válter esperou até Pedro estar longe da casa para brigar com Harry; Estava tão zangado que mal podia falar. Conseguiu apenas dizer:

- Vá... armário,... Harry... sem comida - antes de desmontar em uma cadeira e tia Petúnia ter que correr para lhe servir urna boa dose de conhaque.

Muito mais tarde, deitado no seu armário, Harry desejou ter um relógio. Não sabia que horas eram e não tinha certeza se os Dursley já estariam dormindo. Até que estivessem, ele não poderia se arriscar a ir escondido até a cozinha buscar alguma coisa para comer.

Vivia com os Dursley havia quase dez anos, dez infelizes anos, desde que se lembrava, desde que era bebê e seus pais tiniham

morrido naquele acidente de carro. Não conseguia se lembrar de ter estado no carro quando os pais morreram. As vezes, quando forçava a memória durante longas horas em seu armário, lembrava-se de uma estranha visão: um lampejo ofuscante de luz verde e uma queimadura na testa. Isto, supunha ele, era o acidente embora não conseguisse lembrar de onde vinha toda aquela luz verde. Não conseguia lembrar nada dos pais. A tia e o tio nunca falavam neles e naturalmente tinham-no proibido de fazer perguntas. E não havia fotografias deles na casa.

Quando era mais novo, Harry sonhara muitas vezes com um parente desconhecido que vinha levá-lo embora, mas isto nunca acontecera; os Dursley eram sua única família. Ainda assim, ele achava (ou talvez fosse só uma esperança) que estranhos na rua o conheciam. E eram estranhos muito estranhos. Um homenzinho de cartola roxa se curvara para ele uma vez quando estava fazendo compras com tia Petúnia e Duda. Depois de perguntar a Harry; furiosa, se ele conhecia o homem, tia Petúnia tinha empurrado os meninos depressa para fora da loja sem comprar nada. Uma velha amalucada toda vestida de verde uma vez acenara alegremente

para ele no ônibus. Um careca com um longo casaco púrpura chegara a apertar sua mão na rua um dia desses e em seguida se afastara sem dizer nada. A coisa mais estranha nessas pessoas era a maneira com que pareciam desaparecer no instante em que

Harry tentava vê-los melhor.

Na escola Harry não tinha ninguém. Todos sabiam

que a turma de Duda odiava aquele estranho Harry

Potter com suas roupas velhas e folgadas e os óculos

remendados, e ninguém gostava de contrariar a turma

do Duda.

-CAPÍTULO TRÊS -

As cartas de ninguém

A fuga da jibóia brasileira rendeu a

Harry o seu castigo mais longo. Na altura

em que lhe *permitiram* sair do armário, as

férias de verão já haviam começado e

Duda já quebrara a nova filmadora,

acidentara o aeromodelo e, na primeira vez

que andara na bicicleta de corrida,

derrubara a velha Sra. Figg quando ela.

atravessava a rua dos Alfeneiros de

muletas.

Harry ficou contente que as aulas tivessem acabado, mas não conseguia escapar da turma de Duda, que visitava a casa todo dia. Pedro, Dênis, Malcolm e Górdon eram todos grandes e burros, mas como Duda era o maior e o mais burro do bando, era o líder Os demais ficavam bastante felizes de participar do esporte favorito de Duda: perseguir Harry.

Por esta razão Harry passava a maior parte do tempo possível fora de casa, perambulando e pensando no fim das férias, no qual conseguia vislumbrar um raiozinho de esperança. Quando setembro chegasse ele iria para a escola secundária. e, pela primeira vez na vida, não estaria em companhia de Duda. Duda tinha uma vaga na antiga escola. de tio Válter, Smeltings. Pedro ia para lá também-Harry por outro lado, ia para a escola secundária local. Duda achava muita graça nisso.

29

- Eles metem a cabeça dos garotos no vaso sanitário no primeiro dia de escola - contou ele a Harry -, quer ir lá em cima praticar?

- Não, obrigado - respondeu Harry - O coitado do vaso nunca recebeu. nada tão horrível quanto a sua cabeça, é capaz de passar mal. - E correu. antes que Duda conseguisse entender o que dissera.

Certo dia de julho, tia Petunia levou Duda a Londres

para comprar o uniforme da Smeltings e deixou Harry

com a Sta. Figg. A Sra. Figg não estava tão ruim

quanto de costume. Afinal, fraturara a perna porque

tropeçara em um dos gatos e não parecia gostar tanto

deles quanto antes. Deixou Harry assistir a televisão e

lhe deu um pedaço de bolo de chocolate que pelo

gosto parecia ter muitos ano.

Naquela noite, Duda desfilou para a família reunida

na sala de estar vestindo o uniforme novo da Smeltings.

Os alunos da Smeltings usavam casaca marromavermelhada,

calções cor de laranja e chapéus de palha.

Carregavam também bengalas nodosas, que usavam

para bater uns nos outros quando os professores não

estavam olhando. isto era considerado um bom

treinamento para o futuro.

Ao contemplar Duda nos calções laranja novos, tio

Válter disse com a voz embargada que aquele era o

momento de maior orgulho em sua vida. Tia Petúnia

rompeu em lágrimas e disse que não podia acreditar

que era o seu Dudinha, estava tão bonito e adulto.

Harry não confiou no que poderia dizer. Achou que

duas de suas costelas talvez já tivessem partido só com

o esforço para não rir.

Havia um cheiro horrível na cozinha na manhã

seguinte quando Harry entrou para o café da manhã.

Parecia vir de uma panela tina de metal dentro da pia.

Ele se aproximou para espiar. A tina aparentemente

estava cheia de trapos sujos que boiavam na água

cinzenta.

O que é isso? perguntou à tia Petúnia.. Os lábios

dela se contrairam como costumavam fazer quando ele

se atrevia a fazer uma pergunta.

O seu uniforme novo de escola - respondeu.

Harry espiou para dentro da tina outra vez.

- Ah - comentou -, eu não sabia que tinha que ser tão

molhado.

- Não seja idiota - retorquiu tia Petúnia com

rispidez. - Estou tingindo de cinza umas roupas velhas

de Duda para você. Vão ficar iguaizinhas às dos outros

quando eu terminar.

Harry tinha sérias dúvidas, mas achou melhor não

discutir. Sentou-se à mesa e tentou pensar na aparência

que teria no primeiro dia de aula como se estivesse

usando retalhos de pele de elefante velho,

provavelmente.

Duda e tio Válter entraram ambos com os narizes

franzidos por cansa do cheiro do novo uniforme de

Harry. Tio Válter abriu o jornal como sempre fazia e

Duda bateu na mesa com a bengala da Smeltings, que

ele carregava para todo lado.

Ouviram o clique da portinhola para cartas e o som

da correspondência caindo no capacho da porta.

Apanhe o correio, Duda - disse tio Válter por trás do

jornal.

- Mande o Harry apanhar.

- Apanhe o correio Harry.

- Mande o Duda apanhar.

- Cutuque ele com a bengala da Smeltings, .Duda.

Harry se esquivou da bengala da Smeltings e foi

apanhar o correio. Havia três coisas no capacho: um

postal da irmã do tio Válter, Guida, que estava

passando férias na ilha de Wihgt, um envelope pardo

31

que parecia uma conta e -uma *carta para Harry*.

Harry apanhou-a e ficou olhando, o coração

vibrando como um elástico gigante-Ninguém, jamais,

em toda a sua vida, lhe escrevera.-Quem escreveriar?

Ele não tinha amigos, nem outros parentes - não era

sócio da biblioteca, de modo que jamais recebera

sequer os bilhetes grosseiros pedindo a devolução de

livros. Contudo, ali estava, uma carta, endereçada tão

claramente que não podia haver engano.

Sr. H Potter

O Armário sob a Escada

Rua dos Alfeneiros 4

Little Whinging

Surrey

O envelope era grosso e pesado, feito de

pergaminho amarelado e endereçado com tinta verdeesmeralda.

Não havia selo.

Quando virou o envelope, com a mão trêmula, Harry

viu um

lacre de cera púrpura com um brasão; um leão, uma

águia, um texugo e uma cobra circulando uma grande

letra "H".

-Anda depressa, moleque! - gritou tio Válter da

cozinha. fazendo o quê, procurando cartas-bombas? - E

riu da própria piada.

Harry voltou à cozinha, ainda de olhos fixos na

carta. Entregou a conta e o postal ao tio Válter, sentouse

e começou a abrir lentamente o envelope amarelo.

Tio Válter rasgou o envelope da conta, deu um

bufo de desdém e virou o postal.

está doente - informou à tia Petúnia. - Comeu um marisco

suspeito...

exclamou Duda de repente. - Pai, Harry recebeu uma

carta!

Harry ia desdobrar a carta, escrita no mesmo pergaminho que o

envelope, quando tio Válter arrancou-a de sua mão.

- É minha! - disse Harry, tentando recuperá-la.

-Quem iria escrever para você? - zombou tio

Válter, sacudindo a carta com uma das mãos

para desdobrá-la e percorrendo com o olhar.

Seu rosto passou de vermelho para verde mais

rápido que um sinal de tráfego. E não parou ai.

Segundos depois ficou branco-acinzentado,

cor de mingau de aveia velho.

- P-P-Petúnia! - ofegou.

Duda tentou agarrar a carta para lê-la, mas tio Válter

segurou-a no alto fora do seu alcance. Tia Petúnia

apanhou-a cheia de curiosidade leu a primeira linha.

Por um instante pareceu que ela

talvez fosse desmaiar. Levou as duas mãos à

garganta e produziu ruído de engasgo.

- Válter! Ah, meu Deus, Válter!

Eles se encararam parecendo ter esquecido que

Harry e Duda continuavam na cozinha. Duda não

estava acostumado a ser desprezado. Deu uma

bengalada forte na cabeça do pai.

- Quero ler esta carta - falou alto.

-Quero lê-la - disse Harry furioso -, porque é *minha*..

- Saiam, os dois - ordenou com voz rouca tio Válter,

enfiando a carta no envelope.

Harry não se mexeu .

- QUERO MINHA CARTA! Gritou.

- Me deixa ver ! - exigiu Duda.

- Fora ! - berrou Tio Válter, e agarrando os dois

Harry e Duda pelo cangote atirou-os no corredor e

bateu a porta da cozinha. Harry e Duda na mesma hora

tiveram uma briga furiosa mas, silenciosa, para saber

quem ia escutar à fechadura; Duda ganhou, por isso

Harry, os óculos pendurados em uma orelha, deitou-se

de barriga no chão para escutar pela fresta entre a porta

e o chão.

- Válter - disse tia Petúnia com voz trêmula -, olhe

'so o endereço. Como é que eles poderiam saber onde

ele dorme? Você acha que estão vigiando a casa?

- Vigiando, espionando, talvez nos seguindo -

murmurou tio Válter enlouquecido.

Harry via os sapatos pretos lustrosos do tio Válter

andando para cá e para lá na cozinha.

- Não - disse ele decidido.-Não, vamos ignorá-la. Se

não receberem uma resposta... É, é o melhor... não

vamos fazer nada...

- Mas...

- Não vou ter um deles em casa, Petúnia! Nós não juramos quando o recebemos que íamos acabar com aquela bobagem perigosa?

Aquela noite, quanto voltou do trabalho, tio Válter fez uma coisa que nunca fizera antes; visitou Harry no armário.

- Cadê minha carta ? - perguntou Harry, no instante em que tio Válter se espremeu pela porta. - Quem me escreveu?

- Ninguém . Endereçaram a você por engano - disse tio Válter secamente. - Queimei a carta.

- *Não* foi um engano - retrucou Harry com raiva, - tinha o endereço do meu armário.

- CALADO! - gritou tio Válter e algumas aranhas caíram do teto. Ele inspirou algumas vexes e então fez força para produzir um sorriso que pareceu bem penoso.

Hum, sim, Harry sobre este armário. Sua tia e eu estivemos pensando...você realmente está ficando grande demais para ele... achamos que seria bom se você se mudasse para o segundo quarto de Duda.

- Por quê? - perguntou Harry.

- Não faça perguntas - disse com rispidez o tio. Leve essas coisas para cima agora. A casa dos Dursley tinha quatro quartos: um para tio Válter e tia Petúnia, um para hóspedes (em geral a irmã de tio Válter, Guida), um onde Duda dormia e um onde Duda guardava todos os brinquedos e pertences que não cabiam no primeiro quarto. Harry precisou de apenas uma viagem para mudar tudo o que tinha do armário para o quarto no andar de cima. Sentou-se na cama e deu uma olhada à sua volta. Quase tudo ali estava quebrado. *À* filmadora com apenas um mês de uso estava jogada em cima de um pequeno tanque com que certa vez Duda atropelara o cachorro do vizinho; no canto estava o primeiro televisor de Duda, no qual ele enfiara o pé quando seu programa favorito fora cancelado; havia uma grande gaiola de pássaros, antigamente habitada por um. papagaio que Duda trocara

novidade para você!

na escola por uma espingarda de ar de verdade, e que estava guardada numa prateleira com a ponta dobrada porque Duda se sentara em cima dela. Outras prateleiras estavam cheias de livros. Eram as únicas coisas no quarto que pareciam nunca ter sido tocadas.

Lá de babo veio o barulho de Duda gritando com a mãe:

- Eu não quero ele lá...eu preciso daquele quarto....mande ele sair:

Harry suspirou e se esticou na cama. Ontem ele teria dado qualquer coisa para estar ali. Hoje, preferia estar no seu armário

aquela carta do que ali encima sem ela. Na

manhã seguinte, no café, todos estavam muito quietos. Duda estava em estado de choque. Berrara, batera no pai com a bengala, vomitara de propósito, dera pontapés na mãe e atirara sua tartaruga pelo teto da estufa de plantas e nem assim conseguira o quarto de volta. Harry pensava no dia anterior àquela hora, desejando

com amargura que tivesse aberto a carta no

hall. Tio Válter e tia Petúnia. se entreolhavam,

ameaçadores.

Quando o correio chegou tio Válter; que parecia. estar

tentando ser agradável com Harry; fez Duda ir buscálo.

Eles o ouviram bater nas coisas do corredor com a

bengala da Smeltings. Então ele gritou:

- Chegou outra!-Sr. H. Potter; O Menor Quarto da

Casa-Rua dos Alfeneiros 4...

Com um grito sufocado tio Válter saltou da cadeira

e saiu *correndo* pelo corredor; Harry logo atrás dele-Tio Válter teve que lutar e derrubar Duda no chão para

lhe tirar a carta, o que foi dificultado por .Harry que

agarrara *o* pescoço do tio Válter por trás. Depois. de

um minuto confuso de luta, em. que todos levaram

varias bengaladas, tio Válter se endireitou, ofegante..-com a carta de Harry-apertada na mão.

-Vá para o seu armário, quero dizer, para o seu

quarto-chiou para Harry - Duda, saia, saia logo.

Harry deu voltas e mais voltas no novo quarto.

Alguém sabia que ele se mudara do armário e parecia

saber que ele não recebera a primeira carta-Isto

significava com certeza que ia tentar outra. vez? E

desta vez ele tomaria providências para que desse

certo. Tinha um plano.

O despertador consertado tocou às seis horas na

manhã seguinte. Harry desligou-o depressa e se vestiu

em silêncio. Não podia acordar os Dursley Desceu as

escadas sorrateiro sem acender nenhuma luz.

Ia esperar pelo carteiro na esquina da Alfeneiros e

receber primero as cartas endereçadas ao numero

quatro. Seu coração batia com força quando atravessou

sem ruído o corredor escuro até a porta de entrada.

- AAAAARRREE!

Harry deu um salto no ar - pisara em alguma coisa

grande e mole no capacho - uma coisa viva!

As luzes se acenderam no primeiro andar e, para seu

horror, Harry percebeu que a coisa grande e mole tinha

a cara do tio Válter estava dormindo junto à porta de

entrada em um saco de dormir para impedir que Harry

fizesse exatamente. o que estava

tentando fazer. Gritou com Harry quase meia hora e

depois lhe disse para ir preparar uma xícara de chá -.

Harry foi para a cozinha, arrastando os pés, infeliz, e quando conseguiu voltar o correio tinha sido entregue, bem no colo de tio Válter. Harry viu três cartas endereçadas em tinta verde.

- Quero... - começou, mas tio Válter estava rasgando as cartas em pedacinhos bem diante dos seus olhos.

Tio Válter não foi trabalhar naquele dia. Ficou em casa e pregou a portinhola para cartas.

- Entende - explicou à tia Petúnia por entre os lábios cheios pregos, se eles não puderem *entregar* então terão de desistir.

- Não tenho muita certeza de que isto vai dar certo, Válter

- Ah, a cabeça dessa gente funciona de maneira estranha, Petúnia eles não são como você e eu - disse tio Válter tentando bater um prego com um pedaço de bolo de frutas que tia Petúnia acabara de lhe trazer.

Na sexta-feira chegaram nada menos de doze cartas para Harry. Como não passavam pela portinhola da correspondência tinham

empurradas por baixo da porta, metidas pelos lados e algumas até forçadas pela janelinha do banheiro no térreo. Tio Válter ficou em casa de novo. Depois de

queimar todas as apanhou martelo e pregos e fechou

com tábuas as frestas das portas da frente e dos fundos,

de. modo que ninguém sair. Cantarolou "Pé ante pé no

campo de tulipas" enquanto trabalhava, e se assustava

com qualquer ruído.

No sábado as coisas começam a *fugir* ao seu controle -.

Vinte e quatro cartas acabaram entrando em casa,

enroladas e escondidas duas dúzias de ovos que o

leiteiro, muito confuso, entregara à tia Petúnia pela

janela da sala de estar Enquanto tio Válter dava

telefonemas furiosos para o correio e a leiteria

tentando encontrar alguém a quem se queixar, tia

Petúnia picava as cartas no processador de alimentos .

- Mas quem é que quer falar tanto assim com você?

- Duda perguntou espantado a Harry -.

Na manhã do dominngo, tio Válter sentou-se à mesa

do café parecendo cansado e um tanto doente, mas

feliz.

- Não tem correio aos domingos - lembrou a todos,

contente passando geléia nos jornais-, nada de cartas idiotas hoje...

Alguma coisa desceu chiando pela chaminé do fogão enquanto ele falava e bateu com força em sua nuca. No instante seguinte, trinta ou quarenta cartas saíram velozes da lareira como se fossem tiros. Os Dursley se abaixaram, mas Harry deu um salto no ar para apanhar uma...

38

- Fora! Fora!

Depois que tia Petúnia e Duda tinham corrido para fora protegendo o rosto com os braços, tio Válter bateu a porta. Eles podiam ouvir as cartas disparando para dentro da cozinha, ricocheteando nas paredes e no chão.

-Já chega - disse tio Válter, tentando falar com calma mas, ao mesmo tempo, arrancando tufos de pêlos dos bigodes.-Quero vocês aqui de volta em cinco minutos prontos para sair. Vamos viajar. Ponham apenas algumas roupas nas malas. Não quero discussão!

Ele parecia tão perigoso com metade dos bigodes arrancados

que ninguém se atreveu a discutir. Dez minutos depois

eles tinham

retirado as tábuas para passar nas portas e estavam no

carro, correndo em direção a estrada. Duda fungava no

banco traseiro; o pai tinha lhe dado um tapa na cabeça

por atrasá-los tentando empacotar a televisão, o vídeo e

o computador na mochila esportiva.

Eles viajaram no carro. E viajaram. Nem tia Petúnia

se atrevia a perguntar aonde iam. De vez em quando tio

Válter fazia uma curva fechada e seguia na direção

oposta por algum tempo.

- Para despistá-los... despistá-los - resmungava

sempre que fazia isso.

Não pararam para comer nem beber o dia inteiro.

Quando a noite caiu Duda estava uivando. Nunca tivera

um dia tão ruim na vida. Estava com fome, sentia falta

dos cinco programas de televisão que queria assistir e

nunca levara tanto tempo sem explodir um alienígena

no computador.

Tio Válter parou finalmente à porta de um hotel de

aspecto

sombrio na periferia de uma grande cidade. Duda e

39

Harry dividiram um quarto com duas camas iguais e

lençóis úmidos que cheiravam a mofo. Duda roncou

mas Harry ficou acordado, sentado no peitoral da

janela, espiando as luzes dos carros que passavam

enquanto pensava...

Comeram cereal velho e torradas com tomates enlatados frios

no café da manhã do dia seguinte. Tinham acabado de comer

quando a proprietária do hotel aproximou-se da mesa.

Com licença, mas um dos senhores é o Sr. Harry Potter? É que eu

tenho umas cem dessas na recepção.

E ergueu uma carta para eles poderem ler o endereço em tm ta

verde:

Sr. H. Potter

Quarto 17

Railview Hotel

Cokewrth

Harry tentou pegar a carta mas tio Válter afastou sua mão. A

mulher ficou olhando.

- Eu recebo as cartas - disse tio Válter, levantando-se depressa

e seguindo a mulher que se retirava do salão de refeições.

- Não seria melhor simplesmente irmos para casa,

querido? -tia Petúnia sugeriu timidamente horas depois, mas tio Válter não parecia ouvi-la. Exatamente o que andava procurando ninguém sabia. Ele os levou até o meio de uma floresta, desceu do carro, espiou à volta, sacudiu a cabeça, tornou a embarcar no carro e partiram outra vez. A mesma coisa aconteceu no meio de um campo arado, no meio de uma ponte pênsil e no alto de um edifício garagem.

- Papai enlouqueceu, não foi? -Duda perguntou, cansado, à tia Petúnia no fim daquela tarde. Tio Válter estacionara no litoral, passara a chave no carro com todos dentro e desaparecera.

Começou a chover. Grandes gotas batiam no teto do carro. Duda

choramingou.

-É segunda-feira -falou à mãe. O Grande Humberto vai se apresentar hoje à noite. Quero estar em algum lugar que tenha televisão.

Segunda-feira. Isto lembrou a Harry uma coisa. Se era segunda-feira - e em geral podia-se confiar que Duda soubesse os

dias da semana, por causa da televisão - então o dia seguinte, terça-feira, era o décimo primeiro aniversário de Harry.
Naturalmente seus aniversários não eram lá muito divertidos - no ano anterior, os Dursley tinham-lhe dado *um* cabide e um par de meias velhas do tio Válter. Ainda assim, não se fazia onze anos todos os dias.
Tio Válter voltou sorrindo. Carregava um pacote comprido e fino e não respondeu à tia Petúnia quando ela perguntou o que comprara.
- Encontrei o lugar perfeito! -falou. -Vamos! Saiam todos!
Fazia muito frio do lado de fora do carro. Tio Válter apontou para o que parecia ser um grande rochedo no meio do mar.
Encarrapitado no alto do rochedo havia o casebre mais miserável que se pode imaginar. Uma coisa era certa, ali não havia televisão.
- Estão anunciando uma tempestade para hoje! - disse tio Válter alegre, batendo palmas. - E este senhor teve a bondade de concordar em nos emprestar seu barco!
Um homem desdentado vinha descansadamente em direção a eles, e apontava com um sorriso muito maldoso para um barco a remos velho que subia e descia nas águas cinza-grafite lá embaixo.
-Já comprei algumas rações para nós - disse tio Válter - ,portanto, todos a bordo!
Fazia muito frio no barco. Salpicos de água gelada do mar escorriam. pelos pescoços deles e um vento cortante fustigava seus

rostos. Depois do que pareceram horas eles chegaram ao rochedo, onde tio Válter, escorregando, levou-os ate a casa em ruínas.

O interior era horrível; cheirava a algas marinhas, o vento assobiava pelas frestas nas paredes de tábuas e a lareira estava

41

úmida e vazia. Havia apenas dois quartos.

Afinal as rações de Tio Válter eram uma embalagem de cereal para cada um e quatro bananas. Ele tentou acender a lareira mas a embalagem de cereal apenas fumegou e carbonizou.

-Aquelas cartas viriam a calhar agora, heim? disse ele animado.

Estava de muito bom humor. Obviamente achava que ninguém teria chance de alcançá-lo ali, durante uma tempestade, para entregar cartas. Harry concordava intimamente, embora este pensamento não o animasse nem um pouco.

Quando a noite caiu, a tempestade prometida desabou ao redor deles. A espuma das altas ondas chapinhava nas paredes do casebre e um vento ameaçador sacudia as janelas imundas. Tia Petúnia encontrou uns cobertores mofados no segundo quarto e preparou uma cama para Duda ao sofá comido pelas traças. Ela e tio Válter foram se deitar na cama cheia de calombos ao lado e deixaram Harry. procurar a parte mais macia do assoalho e se enrolar no cobertor mais rasgado e ralo.

A tempestade rugia cada vez com maior ferocidade à medida

que a noite avançava. Harry não conseguia dormir. Tremia e

revirava, tentando encontrar uma posição confortável seu

estômago roncando de fome. Os roncos de Duda eram abafados

pela trovoada que começou por volta da meia-noite. O mostrador

luminoso do relógio de Duda, que estava pendurado para fora do

sofá em seu pulso gordo, informava a Harry que dentro de dez

minutos ele completaria onze anos. Deitado, ele viu seu

aniversário se aproximar, perguntando-se se. os Dursley se

lembrariam, perguntando-se onde estaria o remetente das cartas

agora.

Faltavam cinco minutos. Harry ouviu alguma coisa estalar lá

fora. Desejou que o teto não caísse, embora quem sabe

conseguisse se esquentar se isto acontecesse. Quatro minutos.

Talvez a casa na rua dos Alfeneiros estivesse tão abarrotada de

cartas que quando voltassem ele pudesse surrupiar uma.

Três minutos. Seria o mar batendo tão forte na

rocha? E faltavam dois minutos que barulho esquisito

de trituração era aquela? Será que a rocha estava se

desintegrando no mar?

Mais um minuto e ele completaria onze anos. Trinta segundos...vinte... dez - nove - talvez acordasse Duda, só para aborrecê-lo - três - dois - um...

O casebre todo estremeceu e Harry sentou-se reto, arregalando os olhos para a porta. Havia alguém lá fora, que batia querendo entrar.

43

-CAPITULO QUATRO- *O Quardíão das chaves*

BUM Bateram outra vez. Duda acordou assustado.

- Onde está o canhão? - perguntou abobado.

ouviam coisa cair atrás deles e tio Válter entrou der rapando pela sala. Trazia um rifle nas mãos - agora sabiam o que era aquele pacote fino e comprido que ele carregava

- Quem está ai? - gritou. - Olha que estou armado!

Silêncio. li; em seguida...

TRAM!

À. porta levou uma pancada tão violenta que se

soltou das dobradiças e, com um baque ensurdecedor,

desabou no chão.

Um homem gjgantesco estava parado ao portal.

Tinha o rosto completamente oculto por uma juba

muito peluda e uma barba selvagem e desgrenhada,

mas dava para se ver seus olhos, luzindo como

besouros negros debaixo de todo aquele cabelo.

O gigante espremeu-se para entrar no casebre,

curvando-se de modo que a cabeça apenas roçou o teto.

Abaixou-se, apanhou a porta e tornou a encaixá-la sem

esforço no portal O ruído da tempestade lá fora

diminuiu um pouco. Ele se virou para encanar todos.

- Não poderia preparar uma xícara de chá para nós,

poderia?

Não foi uma viagem fácil...

E dirigiu-se ao sofá onde Duda. estava paralisado de

medo.

Chegue para lá, gordão - disse o estranho.

44

Duda soltou um guincho e correu a se esconder atras da mãe, que parara encolhida, aterrorizada, atrás de tio Válter

- Ah, e aqui está o Harry! - disse o gigante.

Harry ergueu os olhos para a cara feroz e selvagem em sombras e viu que os olhos de besouro se enrugavam em um sorriso.

- A última vez que o vi, você era um bebê - disse o gigante. Você parece muito com o seu pai, mas tem os olhos da sua mãe.

Tio Válter fez um som estranho e rascante.

- Exijo que saia imediatamente! - disse.-O senhor invadiu minha casa!

- Ah, cala a boca, Dursley seu cara de passa - disse o gigante; esticou o braço para trás do sofá e arrancou a arma das mãos de tio Válter, vergou-a no meio como se fosse de borracha e atirou-a a um canto da sala.

Tio Válter fez outro som esquisito, como um camundongo sendo pisado.

- Em todo caso, Harry - disse o gigante, dando as costas para os Dursley -, feliz aniversário para você.

Tenho uma coisa para você aqui; talvez tenha sentado

nela sem querer mas o gosto continua bom.

De um bolso interno do casaco preto ele tirou uma

caixa meio amassada. Harry abriu, com os dedos

trêmulos. Dentro havia um grande e pegajoso bolo de

chocolate com a frase Feliz aniversário escrita em glacê

verde.

Harry olhou para o gigante. Quis dizer obrigado,

mas as palavras se perderam a caminho da boca, e em

lugar disso o que disse foi:

- Quem é você?

O gigante deu uma risada abafada.

- E verdade, não me apresentei. Rúbeo Hagrid,

Guardião das Chaves e das Terras de Hogwarts.

Estendeu uma mão enorme e sacudiu o braço inteiro

de Harry.

- E que tal o chá, hein ? - perguntou esfregando as

mãos. - Eu não diria não a uma pessoa mais forte, se é

que você me entende.

Seus olhos bateram na lareira vazia em que ficara o pacote carbonizado de cereal e ele soltou uma risadinha desdenhosa. Curvou-se para a lareira; não virão o que ele estava fazendo mas quando se afastou um segundo depois, havia dentro dela um clarão ribombante. O fogo estrondoso encheu todo o casebre úmido com sua luz tremeluzente e Harry sentiu o calor envolvê-lo como se tivesse mergulhado em um banho quente.

O gigante se recostou no sofá, que afundou um pouco sob o seu peso, e começou a tirar coisas de todo gênero dos bolsos do casaco: urna chaleira de cobre, uma embalagem amassada de salsichas, um espeto um bule de chá, várias xícaras lascadas e uma garrafa de um liquido âmbar de que ele tomou um gole antes de começar a preparar o chá. Logo o casebre se encheu com o ruído e o cheiro de salsichas fritas. Ninguém disse nada enquanto o gigante trabalhava, mas assim que ele empurrou as primeiras salsichas gordas e suculentas, ligeiramente queimadas, do espeto, Duda se mexeu. Tio Válter disse com rispidez:

Não toque em nada que ele lhe der, Duda.

O gigante deu uma risadinha ameaçadora.

- Esse pudim de banha do seu filho não precisa

engordar mais Dursley não se preocupe.

E passou as salsichas para Harry; que estava tão

faminto e nunca provara nada tão maravilhoso, mas

ainda assim não conseguia tirar os olhos do gigante.

Finalmente, como ninguém parecia disposto a explicar

46

nada, ele disse:

- Me desculpe, mas continuo sem saber realmente

quem você é.

O gigante tomou um grande gole de chá e limpou a

boca com as costas da mão.

Me chame de Rúbeo, é como todos me chamam. E

como lhe disse, sou o guardião das chaves de

Hogwarts, você sabe tudo sobre Hogwarts, é claro.

-Ah, não-disse Harry

Hagrid pareceu chocado.

- Sinto muito - apressou-se Harry a dizer.

- Sente muito? - vociferou Hagrid, virando-se para

encarar os Dursley', que tinham recuado para as

sombras.-Eles é que deviam sentir muito! Eu sabia

que você não estava recebendo as cartas, mas nunca

pensei que nem ao menos sabia da existência de

Hogwarts, para apelar! Você nunca se perguntou onde

foi que seus pais aprenderam tudo?

- Tudo o quê?-perguntou Harry

- TUDO O QUÊ? - berrou Hagri - Ora espere ai um

segundo!

Ele se levantara de um salto. Na raiva parecia.

encher o casebre todo. Os Dursley se encolhiam contra

a parede.

- Vocês vão querer me dizer - rosnou para. os

Dursley - que este menino, este menino!, não sabe

nada, de NADA?

Harry achou que a coisa estava indo longe demais.

Afinal tinha freqüentado a escola e suas notas não eram

ruins.

- Eu sei alguma coisa - falou.-Sei, sabe,

matemática e outras coisas.

Mas Hagrid dispensou-o com um abano de mão e

disse:

- Do nosso mundo, quero dizer. Seu mundo. Meu

mundo. O mundo dos seus país.

- Que mundo?

Hagrid parecia prestes a explodir

- DURSLEY!-urrou ele.

Tio Válter, que ficara muito pálido, murmurou

alguma coisa ininteligível Hagrid olhou alucinado para

Harry.

- Mas você deve saber quem foram sua

mãe e seu pai - disse. - - - Quero dizer, eles

são famosos. Você é famoso.

- Quê? Meu pai e minha mãe eram

famosos?

- Você não sabe... você não sabe...-Hagrid correu os

dedos pelos cabelos, fixando em Harry um olhar

perplexo.

- Você não sabe quem é?-perguntou finalmente Tio

Válter de repente encontrou a voz.

- Pare!-ordenou.-Pare agora mesmo! Eu o proíbo

de contar qualquer coisa ao menino!

Um homem mais corajoso do que Vil ter Dursley

teria se intimidado com o olhar furioso que Hagrid lhe

deu; quando Hagrid falou, cada sílaba tremia de raiva.-Você nunca
contou? Nunca contou o que Dumbledore

deixou escrito naquela carta para ele? Eu estava lá! Eu

vi Dumbledore deixar a carta, Dursley! E você

escondeu dele todos esses anos?

- Escondeu o que de mim? - perguntou Harry

ansioso.

- PARE! Eu o PROIBO! - gritou tio

Válter em pânico.

Tia Petúnia deixou escapar um grito

sufocado de horror

- Ah, vão tomar banho, vocês dois-disse Hagrid. -

Harry; você e um bruxo.

O casebre mergulhou em silêncio Ouviam-se apenas

o mar e o assobio do vento.

Eu sou o quê? - ofegou Harry

- Um bruxo, é claro - repetiu Hagrid, recostando-se

no sofá, que gemeu e afundou ainda mais -, e um bruxo

de primeira, eu diria, depois que receber um pequeno

tremo. Com uma mãe e um

pai como os seus, o que mais você

poderia ser? E acho que já esta na hora

de ler a sua carta.

Harry estendeu a mão finalmente para receber o envelope meio amarelo, endereçado em tinta verde para St H. Potter, O Soalho, Casebre-sobre-Rochedo, O Mar. Ele puxou a carta e leu;

ESCOLA DE MAGIA E BRUXARIA HOGWARTS

Diretor: Alvo Dumbledore

(Ordem de Merlin, Primeira Classe, Grande Feiticeiro, Bruxo

Chefe Cacique Supremo, Confederação internacional de Bruxos)

Prezado Sr Potter;

Temos o prazer de informar que V.Sa. tem uma vaga

na Es-cola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Estamos

anexando uma lista dos livros e equipamentos

necessários

O ano letivo começa em 1º de setembro.

Aguardamos sua corujá até 31 de julho, no mais

tardar.

Atenciosamente,

Minerva McConagall

Diretora Substituta

As perguntas explodiam na cabeça de Harry como

fogos de artificio, e ele não conseguia decidir o que

perguntar primeiro Passados alguns minutos, gaguejou;

- O que querem dizer com "estão aguardando a

minha coruja"?

- Gárgulas galopantes! Isto me lembra uma coisa -

disse

Hagrid, batendo a mão na testa com força suficiente

para derrubar um cavalo, e de outro bolso interno do

casaco tirou uma coruja - uma coruja de verdade, viva,

meio arrepiada -, uma longa pena e um rolo de

pergaminho. Com a língua entre os dentes, ele rabiscou

um bilhete que Harry pôde ler de cabeça para baixo:

"Prezado Sr Dumobledor,

Entreguei a carta a .Harry. Vou levá-lo amanhã para comprar o

material. O tempo está horrível Espero que o senhor esteja bem.

Hagrid."

Hagrid enrolou o pergaminho, entregou-o à coruja,

que o prendeu no bico, depois ele foi até a porta e

lançou a ave na tempestade. Quando voltou, sentou-se

como se aquilo fosse tão normal quanto pegar o

telefone.

Harry percebeu que sua boca se abrira e fechou-a

rapidamente.

- Onde é que eu estava? - disse Hagrid, mas naquele

momento, tio Válter, ainda cor de cera, mas parecendo

muito furioso, adiantou-se até a luz da lareira.

- Ele não vai - falou.

Hagrid resmungou

- Eu gostaria de ver um grande trouxa como você impedi-lo.

- respondeu.

- Um o quê? - perguntou Harry interessado.

- Um trouxa - disse Hagrid-,é como chamamos gente que não

50

é mágica como nós. E você teve o azar de ser criado na família dos maiores trouxas que já vi na vida.

- Juramos quando o aceitamos que poríamos um fim nessa bobagem - disse tio Válter -, juramos que erradicaríamos isso nele. Bruxo, francamente!

- Você sabia? - perguntou Harry. - Você sabia que sou um... bruxo?

- Sabia! - guinchou tia Petúnia de repente. - Sabia! Claro que sabíamos! Como poderia não ser, a maldita da minha irmã sendo o que era? Ah, ela recebeu uma carta igual a essa e desapareceu, foi para aquela-aquela escola - e voltava para casa nas férias com os bolsos cheios de ovas de sapo, transformando xícaras em ratos. Eu era a única que a via como ela era -. um aborto da natureza! Mas para minha mãe e meu pai, ah não era Lílian isso e Lílian aquilo, tinham orgulho de ter uma bruxa na família!

Ela parou para suspirar profundamente e ai continuou seu

discurso. Parecia que estava querendo dizer aquilo havia anos.

- Então ela conheceu Potter na escola e eles saíram de casa,

casaram e tiveram você, e é claro que eu sabia que você ia ser

igual, esquisito, anormal e então ela vai e me faz o favor de se

explodir e nos deixar entalados com você!

Harry ficara muito branco. Assim que encontrou a

voz, disse:

- Se explodir? Você me disse que eles morreram

num acidente de carro!

- ACIDENTE DE CARRO! - rugiu Hagrid erguendo-se

com tanta raiva que os Dursley voltaram correndo para

o canto da sala - Como é que um acidente de carro

poderia matar Lílian e Tiago

Potrer! isto é um absurdo! Um escândalo! E Harrv Potter não

conhecer a própria história, quando qualquer garoto no nosso

mundo conhece o nome dele!

Mas por quê? O que aconteceu? - perguntou Harry ansioso.

A raiva desapareceu do rosto de Hagrid. Ele pareceu

repentinamente aflito.

- Eu nunca esperei isso - disse numa voz contida e

51

preocupada. - Eu não fazia idéia do quanto você desconhecia, quando Dumbledore me disse que eu poderia ter problemas para encontrá-lo. Ah, Harry; não sei se sou a pessoa certa para lhe contar, mas alguém tem de contar, você não pode viajar para Hogwarts sem saber.

Ele lançou um olhar feio aos Dursley.

- Bom, é melhor você saber o que eu puder lhe contar, mas não posso lhe contar tudo, é um grande mistério, algumas partes.

Ele se sentou, fitou o fogo durante alguns segundos e então falou:

- Começa, eu acho, com.. com uma pessoa chamada, mas e

incrível você não saber o nome dele, todo o mundo no nosso mundo sabe...

- Quem?

- Bom... não gosto de dizer o nome dele se puder evitar. Ninguém gosta.

- Por que não?

- Gárgulas vorazes, Harry, as pessoas ainda estão apavoradas.

Droga, como é difícil. Olha, havia um bruxo que virou... mau. Tão

mau quanto alguém pode virar. Pior. Pior do que o pior. O nome

dele era...

Hagrid engoliu em seco, mas não conseguiu dizer nada.

E se você escrevesse? - sugeriu Harry.

- Não, não sei soletrar o nome dele. Esta bem, *Valdemort.* -Hagrid estremeceu. - Não me faça repetir. Em todo o caso, esse...

esse bruxo, faz uns vinte anos agora, começou a procurar

seguidores. E conseguiu, alguns por medo, outros porque queriam

ter um pouco do poder dele, sim, porque ele estava ficando

poderoso. Dias funestos, Harry; ninguém sabia em quem confiar,

ninguém se atrevia, a ficar amigo de bruxas ou bruxos

desconhecido. Coisas horríveis aconteciam. Ele estava tomando o

poder. E claro que algumas pessoas se opuseram a ele, e ele as

matou. Terrível. Um dos únicos lugares seguros que restaram foi

Hogwarts. Acho que Dumbledore era o único de quem Você-Sabe-Quem tinha medo. Não ousou se apoderar da escola, não no

começo, pelo menos.

"Ora sua mãe e seu pai eram os melhores bruxos que eu já

conheci. Primeiros alunos em Hogwarts no seu tempo! Suponho

que o mistério era por que Você-Sabe-Quem nunca tentou

novidade para você!

convencer os dois a se aliar a ele antes... provavelmente sabia que eram muito chegados a Dumbledore para querer alguma coisa com o lado das Trevas.

"Talvez ele achasse que podia convencê-los...talvez quisesse tirar os dois do caminho. Só o que sabemos é que ele apareceu vila em que vocês estavam morando, num dia das bruxas, faz dez anos. Na época você só tinha um ano de idade. Ele foi à sua casa e... e...

Hagrid puxou depressa um lenço muito sujo e manchado e assoou o nariz, fazendo o barulho de uma buzina de nevoeiro.

-Desculpe-disse. - Mas é muito triste, conheci sua mãe e seu pai e não podia existir gente melhor, em todo o caso...

"Você-Sabe-Quem matou os dois. E então, e esse é o verdadeiro mistério da coisa, ele tentou matar você. Queria fazer o serviço completo, acho, ou então tinha começado a gostar de matar. Mas não conseguiu. Você nunca se perguntou como arranjou. essa marca na testa? Isso não foi um corte normal. Isso é o que se ganha quando um feitiço poderoso e maligno atinge a gente; destruiu os seus pais e até a sua casa, mas não fez efeito em. você, e é por isso que você é famoso, Harry. Ninguém nunca sobreviveu depois que ele decidia matá-lo, ninguém a não ser você, e ele já havia matado alguns dos melhores bruxos da. época, os McKinnon, os Bone, os Priuet, e você era apenas um bebê, e sobreviveu.

Algo muito doloroso passou pela cabeça de Harry. Quando a história de Hagrid ia terminando ele viu de novo um lampejo ofuscante de luz verde, com mais clareza do que se lembrava antes e se lembrou de mais uma coisa, pela primeira vez na vida - uma risada alta, fria e cruel.

Hagrid o observava com tristeza.

53

- Eu mesmo o retirei da casa destruída, por ordem de Dumbledore. Trouxe você para essa gente...

- Um monte de baboseiras antigas - disse tio Válter.

Harry se assustou, quase esquecera que os Dursley estavam ali

Tio Válter, sem dúvida, tinha recuperado a coragem. Olhava ameaçador para Hagrid e tinha os punhos fechados.

- Agora, ouça aqui, moleque - vociferou -, aceito que você seja meio estranho, provavelmente nada que uma boa surra não pudesse ter curado, e quanto aos seus pais, bem, eles eram excêntricos, não há como negar, e o mundo está melhor sem eles, receberam o que mereciam por se meter com essa gente dada a bruxarias, foi o que previ, sempre soube que iam acabar mal.

Mas naquele instante, Hagrid ergueu-se de um salto do sofá e puxou um guarda-chuva cor-de-rosa e arrebentado de dentro do casaco. Apontou-o como uma espada para tio Valter, e disse.:

- Estou lhe avisando, Dursley, estou lhe avisando,

nem mais uma palavra...

Ameaçado de ser furado pela ponta de um guardachuva

por um gigante barbudo, a coragem de tio Válter

fraquejou outra vez; ele se achatou contra a parede e

ficou em silêncio.

- Assim esta melhor disse Hagrid, arquejando e tornando a se

sentar no sofá, que desta vez afundou de vez até o chão.

Harry; nesse meio tempo, continuava a ter perguntas a fazer,

centenas dela.

- Mas o que aconteceu ao Vol... desculpe... quero dizer, Você-Sabe-Quem?

Boa pergunta, Harry. Desapareceu. Sumiu. Na mesma noite em

que tentou matar você. O que faz você ainda mais famoso. É o

maior mistério, entende... ele estava ficando cada dia mais

poderoso, porque foi embora?

"Tem quem diga que ele morreu. Besteira, na minha opinião.

Não sei se ainda tinha humanidade suficiente para morrer Tem

quem diga que ainda está lá fora esperando, ou coisa parecida, mas

não acredito. Gente que estava do lado dele voltou para o nosso.

54

Uns pareciam que estavam saindo de uma espécie de transe. Acho que irão teriam feito isso se ele fosse voltar.

"A maioria de nós acha que ele ainda anda por ai mas perdeu os poderes. Esta fraco demais para continuar. Porque alguma coisa em você acabou com ele, Harry. Aconteceu alguma coisa, naquela noite, com que ele não estava contando, eu não seio que foi, ninguém sabe, mas alguma coisa em você o aleijou, para valer."

Hagrid fitou Harry com calor e respeito iluminando seus olhos, mas Harry; ao invés de se sentir contente e orgulhoso, teve a certeza de que tinha havido um terrível engano. Bruxo? Ele? Como era possível? Passara a vida dominado por Duda e infernizado pela tia Petúnia e pelo tio Válter; se era realmente um bruxo, por que eles não tinham se transformado em sapos toda vez que tentaram prendê-lo no armário? Se uma vez derrotara o maior feiticeiro do mundo, como é que Duda sempre pudera chutá-lo para cá e para lá como se fosse uma bola de futebol?

- Rúbeo - disse calmo , acho que você deve ter cometido um engano. Acho que não posso ser um bruxo.

Para sua surpresa, Hagrid deu uma risadinha abafada.

- Não é bruxo, hein? Nunca fez nada acontecer quando estava apavorado ou zangado?

Harry olhou para o fogo. Pensando bem... cada coisa estranha

que deixara os seus tios furiosos tinha acontecido quando ele, Harry estava perturbado ou com raiva...perseguido pela turma de Duda, pusera-se de repente fora do seu alcance, receoso de ir pata a escola com aquele corte ridículo, conseguira fazer os cabelos crescerem de novo, e da última vez que Duda batera nele, não fora à forra sem perceber que estava fazendo isto? Não mandara uma cobra atacá-lo?

Harry olhou para Hagrid, sorrindo, e viu que ele ria abertamente para ele.

- Viu? - disse Hagrid - Harry Potter não é bruxo? Espere, você vai ser famoso em Hogwarts.

Mas tio Válter não ia ceder sem brigar.

- Eu não já disse que ele não vai? - sibilou. - Ele vai para a

escola secundária local e vai me agradecer por isso. Li aquelas cartas e dizem que ele precisa de um monte de lixo - livros de feitiços, varinhas mágicas e...

- Se ele quiser ir, um trouxão como você não vai poder impedir.

- resmungou Hagrid raivoso. - Impedir o filho de Lílian e Tiago Potter de ir para Hogwarts! Você enlouqueceu. Ele está inscrito desde que nasceu. Vai freqüentar a melhor escola de bruxos e bruxedos do mundo. Sete anos lá e ele nem vai se reconhecer. Vai estudar com garotos iguais a ele, para variar, e vai estudar com o maior mestre que Hogwarts já teve, Alvo Dumbled.....

- NÃo vou PAGAR A NENHUM VELHO BIRUTA E PATETA PARA ENSINÁ-LO A FAZER MÁGICAS! - gritou tio Válter

Mas ele finalmente fora longe demais. Hagrid agarrou o guarda-chuva e girou por cima da cabeça.

-NUNCA-trovejou -INSULTE...ALVO DUMBLEDORE NA...

MINHA FRENTE!

E girou o guarda-chuva no ar baixando-o até apontar para Duda - houve um lampejo de luz violeta, o estalo de uma bombinha, um grito agudo e, no segundo seguinte, Duda estava dançando no mesmo lugar com as mãos apertando a barriga banhuda, guinchando de dor Quando Duda virou de costas, Harry viu um rabo de porco enroscado saindo de um buraco nas calças dele.

Tio Válter urrou. Puxando tia Petúnia e Duda para o quarto, lançou um último olhar aterrorizado a Hagrid e bateu a porta ao sair.

Hagrid olhou para o guarda-chuva e coçou a barba.

- Não devia ter perdido as estribeiras disse arrependido -, mas em todo o caso saiu errado. Queria transformá-lo em porco, mas acho que ele já parecia tanto com um que não pude fazer muita coisa.

E olhou de esguelha para Harry, por baixo das sobrancelhas peludas.

56

- Fico agradecido se não contar isso para ninguém em Hogwarts-falou. - Não, hum, tenho permissão para fazer mágicas, rigorosamente falando. Permitiram que eu fizesse alguma coisa para seguir você e entregar as canas e coisas assim, uma das razões por que eu queria tanto este trabalho.

- Porque você não pode fazer mágicas? - perguntou Harry;

-Ah, bom... eu estive em Hogwarts mas.. hum... fui expulso,

para falar a verdade. No terceiro ano. Eles partiram a minha

varinha ao meio e tudo o mais. Mas Dumbledore me deixou ficar

como guarda caça. Grande sujeito o Dumbledore.

- Por que você foi expulso?

- Já está ficando tarde e temos muito o que fazer amanhã -

disse Hagrid em voz alta. - Temos que ir à cidade, comprar os seus

livros e etcétera.

Ele tirou o grosso casaco preto e atirou-o a Harry

- Pode ficar com ele. Não se assuste se ele se mexer um

pouco> acho que ainda tenho uns ratos do campo em um dos

bolsos.

- CAPÍTULO CINCO -

O BECO DIAGONAL

Harry acordou cedo na manhã seguinte. Embora soubesse que

já era dia, continuou com os olhos bem fechados.

"Foi um sonho", disse a si mesmo com firmeza.

Sonhei que um gigante chamado Rúbeo Hagrid veio
me dizer que eu ia para uma escola de magia. Quando
abrir os olhos estarei em casa no meu. armário."
De repente ouviu um ruído alto de batidas.
"É a tia Petúnia batendo na porta", pensou Harry;
desanimando. Mas, ainda assim, não abriu os olhos.
Tinha sido um. sonho tão bom
Bum. Bum. Bum.
- Esta bem - resmungou Harry - já estou levantando.
Sentou-se e o pesado casaco de Hagrid escorregou de
seu corpo. 0 casebre estava inundado de sol, a
tempestade passara, o próprio Hagrid estava dormindo
no sofá desmontado e havia coruja batendo com a garra
na janela, trazendo um jornal no bico.
Harry ergueu-se de um pulo, sentia-se feliz como se
houvesse grande balão crescendo dentro dele. Foi
direto à janela e abriu-a com um puxão. *A* coruja entrou
voando e deixou cair o jornal em cima de Hagrid, que
nem acordou. A coruja então voou pelo chão e
começou a atacar o casaco do gigante Hagrid.
- Não Caça isso.
Harry-tentou espantar a coruja, mas ela o ameaçou
com o bico

e continuou a atacar ferozmente o casaco.

- Rúbeo! - chamou Harry alto. - Tem uma coruja...

- Pague a ela - resmungou Hagrid dentro do sofá.

- Quê?

- Ela quer receber o pagamento pela entrega do

jornal. Procure nos bolso.

O casaco de Hagrid parecia ser feito só de bolsos -

molhos de chaves, fichas de metal, rolinhos de

barbante, balas de hortelã saquinhos de chá... e,

Finalmente, Harry puxou um punhado de moedas

estranhas.

- Dê a ela cinco nuques - disse Hagrid sonolento.

- Nuques?

- As moedinhas de bronze.

Harry contou cinco moedinhas de bronze e a coruja

esticou a perna para ele enfiar o dinheiro numa

carteirinha de couro que trazia presa. Em seguida saiu

voando pela janela aberta.

Hagrid bocejou alto, sentou-se, espreguiçou-se.

- E melhor nos despacharmos, Harry; temos muito o

novidade para você!

que fazer hoje, temos que ir a Londres comprar todo o

seu material escolar.

Harry revirava as moedas mágicas para examiná-las.

Acabara de pensar em uma coisa que o fez se sentir

como se o balo da felicidade que havia dentro dele

tivesse furado.

- Hum... Hagrid?

- Rum? - respondeu Rúbeo, calçando as enormes

botas.

- Não tenho dinheiro nenhum, e você ouviu tio

Válter à noite passada, ele não vai pagar para eu

aprender magia.

- Não se preocupe com isso - disse Hagrid, coçando a

cabeça enquanto se levantava. - Você acha que seus

pais não lhe deixaram nada?

- Mas se a casa foi destruída...

- Eles não guardavam o ouro que tinham em casa.,

garoto! Não, nossa primeira parada vai ser em

Gringotes. O banco dos bruxos. Coma uma salsicha,

elas não são ruins frias, e eu não deixaria de comer uma

fatia do seu bolo de aniversário.

- Bruxos têm *bancos?*

- Só este. Gringotes. É administrado por duendes.

Harry deixou cair o pedaço de salsicha que tinha na mão.

- *Duendes?*

- É, é por isso que só um louco tentaria roubar o banco, é o que lhe digo. Nunca se meta com duendes, Harry, Gringotes é o lugar mais seguro do mundo pana qualquer coisa que você queira guardar bem, com exceção de Hogwarts, talvez. Aliás, preciso mesmo ir a Gringotes. Para Dumbledore. Negócios de Hogwarts.

- Hagrid se endireitou, orgulhoso. - Ele sempre me manda tratar de assuntos que acha importantes. Buscar você, pegar coisas em Gringotes, sabe que pode confiar em mim, entende? Apanhou tudo? Vamos, então>

Harry seguiu Hagrid em direção ao rochedo. O céu estava bem claro agora e o mar cintilava ao sol. O barco que no Válter alugara continuava lá, com minta água no fundo depois da tempestade.

- Corno foi que você chegou aqui? - perguntou Harry, procurando um segundo barco.

- Voando - respondeu Hagrid.

- *Voando?*

- É... mas vamos voltar nisso ai. Não tenho

permissão de usar mágica depois de apanhar você.

Eles se acomodaram no barco, Harry ainda de olhos

arregalados para Hagrid, tentando imaginá-lo voando.

- Mas parece um desperdício remar - disse Hagrid,

lançando a Harry um dos seus olhares de esguelha. - Se

eu quisesse... hum... apressar um pouco as coisas, você

se importaria de não dizer nada em Hogwarts?

- Claro que não - falou Harry ansioso para ver mais

mágicas. Hagrid puxou outra vez o guarda-chuva corde-rosa, deu duas pancadinhas no lado do barco e eles

dispararam em direção ao continente.

- Por que só um louco tentaria roubar Gringotes? -

perguntou Harry.

- Feitiços...encantamentos - disse Hagrid

desdobrando o seu jornal. - Dizem que há dragões

guardando os cofres de segurança. E depois é preciso

conhecer o caminho. Gringotes fica embaixo de

Londres, centenas de quilômetros abaixo, entenda.

Mais fundo que o metrô. Você morreria de fome tentando sair de lá, mesmo que conseguisse pôr as mãos em alguma coisa.

Harry ficou sentado pensando no que ouvira enquanto Hagrid lia o jornal, *O Profeta Diário*. Harry aprendera com o tio Válter que as pessoas gostavam de ser deixadas em paz quando faziam isso mas era muito difícil, nunca tivera tantas perguntas para fazer na vida.

- O Ministério da Magia anda aprontando as trapalhadas de sempre - resmungou Hagrid, virando a página.

- Tem um ministro da Magia? - perguntou Harry antes que conseguisse se conter.

- Claro. Queriam nomear Dumbledore ministro, é claro mas ele nunca ia largar Hogwarts, então o velho Cornelius Fudge ficou com o cargo. Trapalhão como ele só. Por isso ele bombardeia Dumbledore com corujas, toda manhã, pedindo conselhos.

- Mas o que é que o Ministério da Magia faz?

- Bom, a principal tarefa é esconder dos trouxas que

ainda

existem bruxas e bruxos andando pelo pais.

- Por quê?

- *Por* quê? Ora, Harry; todo o mundo ia querer

solucionar os problemas com mágicas. Não, é melhor

que nos deixem em paz.

Nesse instante o barco bateu suavemente na parede do

cais. Hagrid dobrou o jornal e eles subiram os degraus

de pedra que levavam a rua.

As pessoas que passavam olhavam muito para

Hagrid enquanto os dois atravessaram a cidadezinha

até a estação. Harry não podia culpá-los. Não só Hagrid

era duas vezes mais alto do que todo o mundo, como

também não parava de apontar para coisas

absolutamente comuns como parquímetros e comentar

em voz alta:

- Está vendo isso, Harry? As coisas que esses

trouxas inventam, hein?

- Rúbeo-isso Harry; meio ofegante de correr para

acompanhar o passo dele. - Você disse que há dragões

em Gringotes?

- Bem, é o que dizem - Calou Hagrid. - Maneiro, eu

gostaria de ter um dragão.

- Você gostaria de ter um?

- Sempre quis ter um desde pequeno, é aqui

que vamos.

Tinham chegado à estação. Havia um trem para

Londres dali

a cinco minutos. Hagrid, que não entendia o dinheiro dos

trouxas, como o chamava, entregou as notas a. Harry

para comprar as passagens.

No trem as pessoas ficaram olhando ainda mais.

Hagrid ocupou dois lugares e se pós a tricotar urna

coisa amarelo-canário que lembrava urna lona de circo.

- Você guardou sua carta, Harry? - perguntou

62

enquanto contava as malhas do tricô.

Harry tirou o envelope de pergaminho do bolso.

- Ótimo. Ai tem uma. lista de tudo que você vai

precisar.

Harry desdobrou um segundo pedaço de papel em

que não reparara na noite anterior e leu:

ESCOLA DE MAGIA E BRUXARIA DE

HOGWARTS

Uniforme

Os estudantes do primeiro ano precisam

de:

1. Três conjuntos de vestes comuns de trabalho

(pretas)

2. Um chapéu pontudo simples (preto) para uso diário

3. Um par de luvas protetoras (couro de dragão ou

similar)

4. Uma capa de inverno (preta com fechos prateados)

As roupas do aluno devem ter etiquetas com seu

nome.

Livros

Os alunas devem comprar um exemplar

de cada um dos seguintes:

Livro padrão de feitiços (1ª série) *de Miranda Goshawk*

História da magia *de Batilda Bagshot*

Teoria da magia de Adalberto *Waffing*

Guia de transfiguração para iniciantes de *Emerico Ewitch*

Mil ervas e Fungos mágicos de *Fílida Spore*

Bebidas e poções mágicas *de Arsênio Jigger.*

Animais fantásticos e seu habitat *de Newton Scamander*

As Corças das trevas: Um guia de autoproteção *de Quintino*

63

Trimble.

Outros Equipamentos

1 varinha mágica

1 caldeirão (estanho, tamanho padrão 2)

1 conjunto de frascos

1 telescópio

1 balança de latão

Os alunos podem ainda trazer uma coruja ou um gato

ou um sapo.

LEMBREMOS AOS PAIS QUE OS ALUNOS DO

PRIMEIRO ANO NÃO PODEM USAR

VASSOURAS PESSOAIS.

- Podemos comprar tudo isso em Londres? -

perguntou-se Harry em voz alta.

- Se você souber aonde ir - respondeu

Hagrid.

Harry nunca estivera em Londres antes, Hagrid,

embora parecesse saber aonde ia, obviamente não

estava acostumado a chegar *lá* pelos meios comuns.

Ficou entalado na roleta do metrô e queixou-se em voz

alta que os assentos eram demasiado pequenos e os

trens demasiado lentos.

- Não sei como os trouxas conseguem se arranjar

sem mágica - disse, quando subiam uma escada rolante

gasta que levava a uma rua movimentada com saídas

dos dois lados.

Hagrid era tão grande que abria caminho pela

multidão sem esforço, Harry só precisava segui-lo de

perto. Passaram por livrarias e lojas de musica,

lanchonetes e cinemas, mas nenhuma loja parecia

vender varinhas mágicas. Aquela era apenas uma rua

comum cheia de gente comum. Seria realmente

possível que houvesse montes de ouro dos bruxos

enterrados quilômetros abaixo dali? Haveria realmente

lojas que vendessem livros de feitiços é vassouras? Não

seria talvez uma grande peça que os Dursley tinham

pregado? Se Harry não soubesse que os Dursley não

tinham senso de humor, poderia ter tirado uma dessas

conclusões; mas, por alguma razão, embora tudo que

Hagrid tivesse dito até ali fosse inacreditável, Harry

não podia deixar de confiar nele.

É aqui disse Hagrid parando. O Caldeirão Furado. É

um lugar famoso.

Era um barzinho sujo. Se Hagrid não o tivesse

apontado, Harry nem teria reparado que existia. As

pessoas que passavam apressadas nem olhavam para

aquele lado. Os olhos delas corriam da grande livraria a

um lado a loja de discos no outro como se nem

conseguissem ver O Caldeirão Furado. Na verdade

Harry teve a sensação muito estranha de que somente

ele e Hagrid eram capazes de vê-lo. Antes que pudesse comentar isto, Hagrid o empurrou para dentro.

Para um lugar famoso, o Caldeirão era muito escuro e miserável. Havia umas velhas sentadas a um canto, bebendo pequenos cálices de xerez. Uma delas fumava um longo cachimbo. Um homenzinho de cartola conversava com o velho garçom do bar, que era bem careca e parecia uma noz viscosa. O zunzum das conversas parou quando eles entraram. Todos pareciam conhecer Hagrid; acenaram e sorriram para ele, e o garçom apanhou um copo, perguntando:

O de sempre, Hagrid?

- Não posso, Tom, estou a serviço de Hogwarts - disse Hagrid, dando uma palmada com a manzorra no ombro de Harry; o que fez joelhos do garoto dobrarem.

Meu Deus - exclamou o garçom, fitando Harry. -

É...será possível?

O Caldeirão Furado repentinamente parou e fez-se um silêncio total.

- Valha-me Deus - murmurou o velho garçom. - Harry Potter... que honra.

E saiu correndo de trás do balcão, precipitou-se para Harry e agarrou suas mãos, as lágrimas nos olhos.

- Seja bem-vindo, Sr. Potter, seja bem-vindo.

Harry não sabia o que dizer. Todos tinham os olhos

nele. A velha com o cachimbo puxava o fumo sem se

dar conta de que o cachimbo apagara. Hagrid sorria

radiante.

Logo houve um grande arrastar de cadeiras e no

momento

seguinte Harry se viu apertando as mãos de todos no

Caldeirão Furado.

- Dóris Crockford, Sr. Potter, não acredito que

finalmente posso conhecê-lo.

- Estou tão orgulhosa, Sr. Potter, tão orgulhosa.

- Sempre quis apertar sua mão Estou nas

nuvens, Encantado, Sr. Potter, nem sei lhe dizer o

quanto, Diggle é o meu nome, Dédalo Diggle.

- Já o vi senhor antes! - disse Harry; e a cartola de

Diggle caiu de tanta excitação. - O senhor se curvou

para mim uma vez numa loja.

- Ele se lembra! - exclamou Dédalo Diggle, olhando

todos à volta. - Vocês ouviram isso? Ele se lembra de mim!

Harry apertou muitas mãos. Dóris Crockford não parava de voltar para um novo aperto.

Um rapaz pálido adiantou-se, muito nervoso. Um olho trêmulo.

- Prof. Quirrell! - disse Hagrid. - Harry; o Prof. Quirrell vai ser um dos seus professores em Hogwarts.

- P P Potter - gaguejou o Prof. Quirrell, apertando a mão de Harry - n-n-em sei d-d-dizer que p-p-p-prazer

enorme é c-c conhecê-lo.

- Que tipo de magica o senhor ensina, Prol Quirrell?

- D-defesa c-c ontra as art t tes das t-t-trevas - murmurou o Prof. Quirrell, como se preferisse não pensar no assunto. - não que você p-p-precise, hein, Potter? - Ele riu nervoso. - V-v você veio c-c-comprar o material, suponho? Tenho que c c comprar um livro n-n-novo sobre vampiros - Parecia aterrorizado só de pensar.

Mas os outros não queriam deixar o Prof. Quirrell ficar com Harry só para ele. Levou bem uns dez minutos para o menino se livrar de todos. Finalmente, Hagrid conseguiu se fazer ouvir naquela balbúrdia.

- Precisamos nos apressar. Temos muitas compras a

fazer. Vamos, Harry.

Dóris Crockford apertou a mão de Harry uma última vez e

eles passaram pelo bar e saíram num pequeno pátio murado, onde

não havia nada exceto uma lata de lixo e um pouco de mato.

Hagrid *sorriu* para Harry.

- Eu lhe falei, não foi? Falei que você era famoso. Até *o*

professor Cessar Quirrell ficou *tremendo* de emoção de o

conhecer, mas, em geral, ele esta sempre tremendo.

- Ele é sempre tão nervoso?

- Ah, é, Coitado. Uma cabeça brilhante. Foi bem enquanto

estudou em livros mas quando tirou um ano para aprender na

prática... Dizem que encontrou vampiros na Floresta Negra e teve

um problema feio com uma feiticeira, nunca mais foi o mesmo

Tem pavor dos alunos, tem pavor da matéria que ensina, agora,

cadê o meu guarda-chuva?

Vampiros? Feiticeiras? A cabeça de Harry estava girando.

Entrementes, Hagrid contava tijolos na parede por cima da lata de

lixo.

- Três para cima... dois para o lado... - murmurou. - Certo, chegue para trás, Harry

67

Ele bateu na parede três vezes com a ponta do guarda-chuva. E o tijolo que tocou estremeceu, torceuse. No meio apareceu um buraquinho, que se foi alagando cada vez mais. Um segundo depois se viram diante de um arco bastante grande até para Hagrid, um arco que abria para uma rua de pedras irregulares, ser peava e desaparecia de vista,

- Bem-vinda - disse Hagrid - ao Beco Diagonal.

Ele riu do espanto de Harry. Atravessaram o arco. Harry deu uma espiada rápida por cima do ombro e viu o arco encolher instantaneamente e virar uma parede sólida.

O sol refulgia numa pilha de caldeirões á porta da loja mais; próxima. *Caldeirões - Todos os Tamanhos - Cobre, Latão, Estanho, Prata -todos os tamanhos,* dizia um letreiro acima.

-É você vai precisar de um - disse Hagrid -, mas temos *de* apanhar o seu dinheiro primeiro.

Harry desejou ter oito olhos. Virava a cabeça para todo o lado enquanto caminhavam pela *rua,* tentando ver tudo ao mesmo tempo: as lojas, as coisas as portas, as pessoas fazendo compras. Uma mulher gorducha da lado de fora de uma farmácia abanou a cabeça quando passaram por ela e disse:

- Fígado de dragão, dezessete sicles trinta gramas, eles

endoidaram...

Um pio baixo e suave veio de uma loja escura com um letreiro

onde se lia "Empório de Corujas - douradas, das-torres, do campo,

marrons e brancas" .

Vários garotos *mais* ou menos da idade de Harry espremiam os

narizes contra a vitrine que tinha vassouras.

- Olhe - Harry, ouviu um deles dizer - a nova

Nimbus 2000, mais veloz que nunca.

Havia lojas que vendiam vestes, *lojas* que vendiam telescópios

e estranhos instrumentos de prata que Harry nunca vira antes,

janelas com pilhas de barris contendo baços de morcegos e olhos

de enguias, pilhas mal equilibradas de livros de feitiços, penas de

aves para escrever e rolos de pergaminhos, vidros de poções,

globos de...

- Gringotes - anunciou Hagrid.

Tinham chegado a um edifício muito branco que se

erguia acima das lojinhas. Parado diante das portas de

bronze polido, usando um uniforme vermelho e

dourado, havia...

- É, é um duende - disse Hagrid baixinho, enquanto subiam os degraus de pedra branca até o duende. Ele era uma cabeça mais baixo do que Harry. Tinha uma cara escura e inteligente, uma barba em ponta e, Harry reparou, mãos e pés muito compridos. O duende os cumprimentou com uma reverência quando entraram.

Em seguida depararam com um segundo par de portas, desta vez de prata, onde havia gravado o seguinte:

Entrem, estranhos, mas prestem

atenção

Ao que espera o pecado da ambição,

Porque os que tiram o que não

ganharam

Terão é que pagar muito caro,

Assim, se procuram sob o nosso chão

Um tesouro que nunca enterraram,

Ladrão, você foi avisado, cuidado,

pois vai encontrar mais do que

procurou.

- Não te disse? Só um louco tentaria roubar o banco - lembrou Hagrid.

Dois duendes se curvaram quando eles passaram pelas portas

de prata e desembocaram em um grande saguão de mármore. Havia mais de cem duendes sentados em banquinhos altos atrás de um longo balcão, escrevendo em grandes livros-caixas, pesando moedas em balanças de latão, examinando pedras preciosas com óculos de joalheira Havia ao redor do saguão portas demais para contar, e outros tantos duendes acompanhavam as pessoas que

69

entravam e saiam por elas. Hagrid e Harry se dirigiram ao balcão.

- Bom dia - disse Hagrid a um duende desocupado. Viemos sacar algum dinheiro do cofre do Sr. Harry Potter.

- O senhor tem a chave?

- Tenho em algum lugar - disse Hagrid e começou a esvaziar os bolsos em cima do balcão, espalhando um punhado de biscoitos de cachorro mofados em cima do livro-caixa do duende.. O duende franziu o nariz. Harry observou o duende do lado direito pesar um monte de rubis do tamanho de carvões em brasa. "Achei", exclamou Hagrid finalmente, mostrando uma chavinha de ouro.

O duende examinou-a cuidadosamente.

- Parece estar em ordem.

- E tenho aqui também uma carta do professor Dumbledore - falou Hagrid com ar importante, tirando-a do bolso do casaco.

- É sobre Você-Sabe-O-Quê que está no cofre setecentos e treze.

O duende leu a carta com atenção.

- Muito bem! - Calou, devolvendo a carta a Hagrid. - Vou

mandar alguém levá-lo aos dois cofres. Grampo!

Grampo era outro duende. Depois que Hagrid enfiou todos os

biscoitos de cachorro de volta nos bolsos, ele e Harry

acompanharam Grampo a uma das portas que havia no saguão.

- O que é o Você-Sabe-O-Quê no cofre setecentos e treze -.

perguntou Harry.

- Não posso lhe contar - respondeu Hagrid misterioso - Muito

secreto. Negócios de Hogwarts. Dumbledore me confiou Meu

emprego vale mais do que a vontade de lhe contar

Grampo segurou a porta aberta para eles passarem. Harry;

que esperara mais mármore, surpreendeu-se. Encontravam-se em

uma passagem estreita de pedra, iluminada por archotes

chamejantes. Era uma descida íngreme, em que havia pequenos

trilhos. Grampo assobiou e um vagonete disparou pelos trilhos em

sua direção. Eles embarcaram Hagrid com alguma dificuldade e

partiram.

A princípio eles apenas viajaram em alta velocidade por um

labirinto de passagens cheias de curvas. Harry tentou memorizar, esquerda, direita, direita, esquerda, em frente no entroncamento, direita, esquerda, mas era impossível. O vagonete barulhento parecia conhecer o caminho, porque Grampo não o estava dirigindo.
Os olhos de Harry ardiam no ar frio que passava rápido por eles, mas mantinha-os bem abertos. Uma vez, ele pensou ter visto uma labareda no fim da passagem e se virou para conferir se era um dragão, mas foi tarde demais - eles mergulharam ainda mais fundo, passaram por um lago subterrâneo onde se acumulavam no teto e no chão enormes estalactites e estalagmites.
- Eu nunca sei - gritou Harry para Hagrid poder ouvi-lo - qual é a diferença entre uma estalactite e uma estalagmites.
- Estalagmite tem um "m" - disse Hagrid - E não me faça perguntas agora, acho que vou enjoar.
Ele realmente estava muito verde e quando o vagonete afinal parou ao lado de uma portinhola na passagem, Hagrid saltou e precisou se apoiar na parede para os joelhos panarem de tremer.
Grampo destrancou a porta. Saiu uma grande nuvem de fumaça verde e enquanto ela se dissipava, Harry ficou sem respirar. Dentro havia montes de moedas de ouro. Colunas de prata. Pilhas de pequenos nuques de bronze.
- E tudo seu - sorriu Hagrid.

Tudo de Harry - era inacreditável Os Dursley com certeza não

sabiam da existência daquilo ou teriam tirado tudo mais rápido do

que uma piscadela. Quantas vezes tinham se queixado do quanto

lhes custava criar Harry? E durante todo aquele tempo havia uma

pequena fortuna que lhe pertencia, enterrada no subsolo

de Londres.

Hagrid ajudou Harry a guardar um pouco do dinheiro em uma

saca

As moedas de ouro são galeões - explicou ele. - Dezessete

sicles de prata fazem um galeão e vinte e nove nuques fazem um

sicle, é bem simples. Certo, isto deverá ser suficiente para *uns* dois

períodos letivos, guardaremos o resto bem guardado para você.

- Hagrid virou-se para Grampo. - O cofre

setecentos e treze agora, por favor, e será

que podemos ir mais devagar.

- Só tem uma velocidade - Calou Grampo.

Viajaram mais para o fundo agora e ganharam velocidade. O ar

foi se tornando cada vez mais frio enquanto disparavam pelas

curvas fechadas.

Sacolejavam por uma ravina subterrânea e Harry debruçou-se

para um lado para tentar ver o que havia no fundo, mas Hagrid

gemeu e o puxou para trás pelo cangote.

O cofre setecentos e treze não tinha fechadura.

- Para trás disse Grampo com ar de importância. Alisou a

porta devagarinho com o seu dedo comprido e ela simplesmente se

dissolveu.

- Se alguém que não fosse um duende de Gringotes tentasse o

mesmo, seria engolido pela porta e ficaria preso lá dentro-explicou
Grampo.

- Com que freqüência você vem ver se tem alguém lá dentro?

perguntou Harry.

- Uma vez a cada dez anos - disse Grampo, com um sorriso

maldoso..

Devia haver alguma coisa realmente extraordinária

nesse cofre de segurança máxima, Harry tinha certeza,

e se curvou para a frente pressuroso, esperando ver no

mínimo jóias fabulosas - mas no primeiro momento

achou que estava vazio. Depois notou n embrulhinho

encardido no chão. Hagrid apanhou-o e o guardou

muito bem. no casaco. Harry tinha muita vontade de

saber o que era, mas sentia que era melhor não

perguntar.

- Vamos voltar para esse vagonete infernal, e não fale no

caminho de volta, é melhor eu ficar de boca fechada comentou Hagrid.

Depois de mais uma viagem no vagonete descontrolado, eles chegaram à claridade do sol do lado de fora de Gringotes. Harry

não sabia aonde correr primeiro agora que tinha uma saca cheia de dinheiro. Não precisava saber quantos galeões perfaziam uma libra para saber que estava carregando mais dinheiro do que jamais tivera na vida inteira mais dinheiro até do que Duda jamais tivera.

- Vamos comprar logo o seu uniforme - falou Hagrid, indicando com a cabeça a loja *Madame Malkin* - *Roupas para Todas as* Ocasiões. - Escute aqui, Harry; você se importa se eu der uma corrida no Caldeirão Furado para tomar um tônico? Detesto esses vagonetes de Gringotes. - Ele realmente parecia meio enjoado, por isso Harry entrou na loja Madame Malkin sozinho, um pouco nervoso.

Madame Malkin era uma bruxa baixa, gorda e sorridente, toda vestida de lilás.

- Hogwarts, querido? - perguntou quando Harry começou a falar. - Tenho tudo aqui. Para falar a verdade, tem outro rapazinho agora ajustando uma roupa.

Nos fundos da loja, um garoto de rosto pálido e pontudo estava em pé em cima de um banquinho enquanto uma segunda bruxa encurtava suas compridas vestes pretas. Madame Malkin colocou

Harry num banquinho ao lado do outro, enfiou-lhe uma veste

comprida pela cabeça e começou a marcar a bainha na altura certa.

- Alô - cumprimentou o garoto. - Hogwarts também?

- É - confirmou Harry.

- Meu pai está na loja ao lado comprando meus livros e minha

mãe está mais adiante procurando varinhas - disse o garoto. Tinha

uma voz de tédio arrastada. - Depois vou levar os dois para dar

uma olhada nas vassouras de corridas. Não vejo por que os alunos

de primeira serie não podem ter vassouras individuais.

Acho que vou obrigar papai a me comprar uma e vou

contrabandeá-la para a escola às escondidas.

O garoto lhe lembrou muito o Duda.

- *Você* tem vassoura? - perguntou o garoto

- Não.

Sabe jogar quadribol?

- Não - respondeu novamente Harry, perguntando-se que diabo

seria esse tal de quadribol.

- Eu sei, meu pai falou que vai ser um crime se não me

escolherem para jogar pela minha casa, e sou obrigado a dizer que concordo. Já sabe em que casa você vai ficar?

- Não - respondeu Harry; sentindo-se a cada minuto mais idiota.

- Bom, ninguém sabe mesmo até chegar lá, não é, mas sei que vou ficar na Sonserina, toda a nossa família ficou lã, imagine ficar na Lufa-Lufa, acho que eu saia da escola, você não?

- Hum-hum - concordou Harry; desejando que pudesse responder algo um pouquinho mais interessante.

- Caramba, olha aquele homem! - falou o garoto de repente indicando com a cabeça a vitrine. Rúbeo estava parado diante dela, rindo para Harry e apontando para dois grandes sorvetes para explicar que não podia entrar

- É o Rúbeo - disse Harry; contente por saber alguma coisa que o garoto não sabia. - Ele trabalha em Hogwarts.

- Ah, ouvi falar dele. E uma espécie de empregado, não é?

- É o guarda-caça - explicou Harry. A cada segundo gostava menos do garoto.

- E, isso mesmo. Ouvi falar que é uma espécie de selvagem. Mora num barraco no terreno da escola e de vez em quando toma um pileque, tenta fazer mágicas e acaba tocando fogo na cama.

- Acho que ele é brilhante - retorquiu Harry com frieza.

- Ah", é? - disse o garoto com um leve desdém. - Porque é que ele está acompanhando você? Onde estão os seus pais?

- Estão mortos - respondeu Harry secamente. Não tinha muita

vontade de alongar o assunto com esse garoto.

- Ah, lamento - disse o outro, sem parecer lamentar nada.

- Mas eram do nosso povo, não eram?

- Eram bruxos, se é isso que você está perguntando.

- Eu realmente acho que não deviam deixar outro

tipo de gente entrar, e você? Não são iguais a nós,

nunca foram educados para conhecer o nosso modo de

viver. Alguns nunca sequer ouviram falar de Hogwarts

até receberem a carta, imagine. Acho que deviam

manter a coisa entre as famílias de bruxos. Por Calar

nisso, como é o seu sobrenome?

Mas antes que Harry pudesse responder, Madame Malkin

anunciou:

- Terminei com você, querido. E .Harry; nada

frustrado com. a desculpa para interromper a conversa

com o garoto, pulou do banquinho para o chão.

- Bom, vejo você em Hogwarts, suponho - disse o garoto

de voz arrastada.

Harry ficou muito quieto enquanto comia o sorvete que Hagrid trouxera (chocolate e amora com nozes picadas).

- Que foi? - perguntou Hagrid.

- Nada - mentiu Harry.

Eles pararam para comprar pergaminho e penas. Harry se animou um pouco quando descobriu um vidro de tinta que mudava de cor enquanto a pessoa escrevia. Quando saíram da loja, perguntou:

- Rúbeo, o que é quadribol?

- Caramba, Harry; vivo me esquecendo que você não sabe quase nada - raios, não saber o que é quadribol!

- Não faça eu me sentir pior, - E contou a Hagrid sobre o garoto pálido na loja de Madame Malkin.

- ... e ele disse que nem deviam permitir a gente que pertence à família de trouxas...

- Você não pertence a uma família de trouxas. Se ele soubesse quem você e.,. ele cresceu sabendo o seu nome se os pais dele forem bruxos. Você viu o pessoal do Caldeirão Furado. Em todo o caso, o que é que ele sabe das coisas, alguns dos melhores bruxos que já conheci vinham de uma longa linhagem de trouxas. Veja a sua mãe! Veja só quem é irmã dela!

- Então, o que é quadribol

- É o nosso esporte. Esporte de bruxos. É como o futebol

no mundo dos trouxas. Todos praticam quadribol. A gente joga no ar montado em vassouras com quatro bolas. E meio difícil explicar as regras.

E o que são Sonserina e Lufa-Lufa?

- Casas na escola. São quatro. Todo mundo diz que Lufa-Lufa só tem panacas, mas..

- Aposto que estou na Lufa-Lufa - disse Harry - deprimido.

- É melhor a Lufa-lufa do que a Sonserina - sentenciou Hagrid, misterioso. - Não tem um único bruxo nem urna única bruxa desencaminhados que não tenham passado por Sonserina. Você-Sabe-Quem foi um deles.

- Vol .. desculpe... Você-Sabe-Quem esteve em Hogwarts?

- Há muitos e muitos anos.

Eles compraram os livros escolares de Harry em uma loja chamada Floreios e Borrões, onde as prateleiras estavam abarrotadas até o teto com livros do tamanho de paralelepípedos encadernados em couro, livros do tamanho de selos postais com capas de seda; livros cobertos de símbolos curiosos e alguns livros sem nada. Até Duda, que nunca lia nada, teria ficado doído para pôr as mãos em alguns desses livros. Hagrid quase teve de arrastar Harry para longe do *Pragas* e *Contrapragas* (Encante os seus amigos e confunda os seus inimigos com as últimas vinganças: perda de cabelos, pernas bambas, língua presa e muitas, muitas

mais) do Prof. Vindicto Viridiano.

- Eu estava tentando descobrir como rogar urna praga para o

Duda.

- Não vou dizer que não é urna boa idéia, mas você

não pode usar mágica no mundo dos trouxas a não ser

em situações muito especiais - disse Hagrid - De

qualquer modo, você ainda não poderia lançar

nenhuma dessas pragas, vai precisar de mimo estudo

antes de chegar a esse nível.

Hagrid não deixou Harry comprar um caldeirão de ouro

maciço, tampouco ("Diz estanho na sua lista),mas compraram uma

balança bonita para pesar os ingredientes das poções e um

telescópio desmontável de latão. Visitaram a farmácia, que era

bem fascinante para compensar seu cheiro horrível, uma mistura

de

ovo estragado e repolho podre. Havia no chão barricas de coisas

viscosas, frascos com ervas, raízes secas e pós coloridos cobriam

as paredes, feixes de penas, fieiras de dentes e garras retorcidas

pendiam do teto. Enquanto Hagrid pedia ao homem atrás do balcão um conjunto de ingredientes básicos para preparar poções para Harry, o próprio Harry examinava chifres de prata de unicórnios, a vinte e um galeões cada, e minúsculos olhos faiscantes de besouros (cinco nuques uma concha).

Ao saírem da farmácia, Hagrid verificou a lista de Harry mais uma vez.

- Só falta a varinha. Ah é, e ainda não comprei o seu presente de aniversário.

Harry sentiu o rosto corar.

- Você não precisa..

- Eu sei que não preciso. Vamos fazer o seguinte, vou comprar um bicho para você. Não vai ser sapo, os sapos saíram de moda há muitos anos, todo mundo ia rir de você, e não gosto de gatos, eles me fazem espirrar Vou-lhe comprar uma coruja. Todos os garotos querem corujas, são muito úteis, levam cartas e tudo o mais.

Vinte minutos depois, eles saíram do Empório de Corujas, que era escuro e cheio de ruídos e brilhos e olhos que cintilavam como jóias. Harry agora carregava uma grande gaiola com uma bela coruja branca como a neve, que dormia profundamente, a cabeça debaixo da asa. Ele não parava de agradecer, parecia até o Prof. Quirrell.

- Não tem do quê - respondia Hagrid rouco. - Acho que você nunca ganhou muitos presentes dos Dursley. Agora só falta

Olivaras, a única loja de varinhas, Olivaras, e você precisa ter a melhor varinha do mundo.

Uma varinha mágica... era realmente o que Harry andara desejando.

77

A ultima loja era estreita e feiosa. Letras de ouro descascadas sobre a porta diziam *Olivaras Artesãos de Varinhas de Qualidade desde 382 a.C.* Havia urna única varinha sobre uma almofada púrpura desbotada, na vitrine empoeirada.

Um sininho tocou em algum lugar no fundo da loja quando eles entraram. Era uma lojinha mínima, vazia, exceto por uma única cadeira alta e estreita em que Hagrid se sentou para espetar. Harry teve uma sensação esquisita como se tivesse entrado em uma biblioteca muito exclusiva; engoliu um monte de perguntas novas

que tinham acabado de lhe ocorrer e ficou espiando os milhares de caixas estreitas arrumadas com cuidado até o teto. Por alguma razão, sentiu um arrepio na nuca. A própria poeira e o silêncio ali pareciam retinir com uma magia secreta.

- Boa tarde - disse uma voz suave. Harry se assustou. Hagrid

devia ter-se assustado também, porque se ouviu um rangido alto e ele se levantou rapidamente da cadeira alta e estreita.

Havia um velho parado diante deles, os olhos grandes e muito claros brilhando como duas luas na penumbra da loja.

- Alô - disse Harry sem jeito.

-*Ah,* sim - disse o homem. - Sim, sim. Achei que ia vê-lo em breve. Harry Potter. - Não era uma pergunta. - Você tem os olhos de sua mãe. Parece que foi ontem que ela esteve aqui, comprando a primeira varinha. Vinte e seis centímetros de comprimento, farfalhante, feita de salgueiro. Uma boa varinha para encantamentos.

O Sr. Olivaras chegou mais perto de Harry. Harry desejou que ele piscasse. Aqueles olhos prateados lhe davam um pouco de medo.

- Já o seu pai, deu preferência a uma varinha de mogno. Vinte e oito centímetros. Flexível. Um pouco mais de poder e excelente para transformações. Bom, digo que seu pai deu preferência, na realidade é a varinha que escolhe o bruxo, é claro.

O Sr. Olivaras chegara tão perto que ele e Harry estavam quase encostando os narizes. Harry viu-se refletido naqueles olhos.

- E foi ai que....

O Sr. Olivaras tocou a cicatriz feita pelo relâmpago na testa de Harry com um dedo branco e longo.

- Lamento dizer que vendi a varinha que fez isso - disse ele suavemente. - Trinta e cinco centímetros. Nossa. Uma varinha poderosa, muito poderosa nas mãos erradas... Bom, se eu tivesse sabido o que a varinha ia sair por ai fazendo..

Ele sacudiu a cabeça e então, para alivio de Harry;

viu Hagrid.

- Hagrid! Hagrid, Hagrid! Que bom ver você de novo...

Carvalho, quarenta centímetros, meio mole, não era?

- Era, sim senhor

- Boa varinha, aquela. Mas suponho que a tenham partido ao meio quando o expulsaram? --disse o Sr Olivaras repentinamente serio.

Hum... partiram, é verdade - disse Hagrid, arrastando os pés. - Mas ainda guardo os pedaços - acrescentou animado.

- Mas você não os usa? - perguntou o Sr. Olivaras severo.

- Ah, não senhor - respondeu depressa Hagrid. Harry reparou que ele apertou o guarda-chuva cor-de-rosa com força ao responder

- Hum - resmungou o Sr. Olivaras, lançando um olhar penetrante a Hagrid. - Bom, agora, Sr. Potter, vamos ver. - E tirou uma longa fita métrica com números prateados do bolso. - Qual é o braço da varinha?

- Num, bom, sou destro - respondeu Harry.

- Estique o braço. Isso. - Ele mediu Harry do ombro ao dedo,

depois do pulso ao cotovelo, do ombro ao chão, do joelho à axila e ao redor da cabeça. Enquanto media, disse; - Toda varinha Olivaras temo miolo feito de uma poderosa substância mágica, Sr Potter. Usamos pêlos de unicórnio, penas de cauda de fênix e cordas de coração de dragão. Não há duas varinhas Olivaras como não há unicórnios, dragões nem fênix iguais. E é claro, o senhor jamais conseguirá resultados tão bons com a varinha de outro bruxo.

Harry de repente percebeu que a fita métrica, que o media

entre as narinas, estava medindo sozinha. O Sr Olivaras andava rapidamente em volta das prateleiras, descendo caixas.

- Já chega - falou, e a fita métrica afrouxou e caiu formando um montinho no chão. - Certo, então, Sr Potter. Experimente esta. Faia e corda de coração de dragão. Vinte e três centímetros. Boa e flexível. Apanhe e experimente.

Harry apanhou a varinha e (sentindo-se bobo)

fez alguns movimentos com ela, mas o Sr. Olivaras a

tirou de sua mão quase imediatamente.

- Bordo e pena de fénix. Dezoito centímetros. Bem elástica. Experimente.

Harry experimentou - mas mal erguera a varinha quando, mais uma vez, o Sr. Olivaras a tirou de sua mão.

- Não, não. Tome, ébano e pêlo de unicórnio, vinte e dois centímetros, flexível. Vamos, vamos, experimente.

Harry experimentou. E experimentou. Não fazia idéia do que é que o Sr Olivaras estava esperando. A pilha de varinhas experimentadas estava cada vez maior em cima da cadeira alta e estreita, mas, quanto mais varinhas o Sr. Olivaras tirava das prateleiras, mais feliz parecia ficar.

- Freguês difícil, hein? Não se preocupe, vamos encontrar a varinha perfeita. Para o senhor em algum lugar, estou em duvida, agora... é, por que não?, uma combinação incomum, azevinho e pena de fênix, vinte e oito centímetros, boa e maleável.

Harry apanhou a varinha. Sentiu um. repentino calor nos dedos. Ergueu a varinha acima da cabeça, baixou-a cortando o ar empoeirado com um zunido, e uma torrente de faiscas douradas e vermelhas saíram da ponta como um fogo de artifício, atirando fagulhas luminosas que dançavam nas paredes. Hagrid gritou entusiasmado e bateu palmas e o Sr. Olivaras exclamou:

- Bravo! Mesmo, ah, mimo bom. Ora, ora, ora... que curioso... curiosíssimo...

Repôs a varinha de Harry na caixa e embrulhou-a em papel

pardo, ainda resmungando:

80

- Curioso... curioso...

- O senhor me desculpe - disse Harry -, mas *o que é* curioso?

O Sr. Olivaras encarou Harry com aqueles olhos claros.

- Lembro-me de cada varinha que vendi, Sr. Potter. De cada

uma. Acontece que a fénix cuja pena está na sua varinha produziu

mais uma pena, apenas mais uma. É muito curioso que o senhor

tenha sido destinado para esta varinha porque a irmã dela, ora, a

irmã dela produziu a sua cicatriz.

Harry engoliu em. seco.

- E, tinha trinta e quatro centímetros. Puxa. É realmente

curioso como essas coisas acontecem. A varinha escolhe o bruxo,

lembre-se... Acho que podemos esperar grandes feitos do senhor,

Sr. Potter. Afinal, Aquele-Que-Não-Se-Deve-Nomear realizou

grandes feitos, terríveis, sim, mas grandes.

Harry estremeceu. Não tinha muita certeza se

gostava do Sr. Olivaras. Pagou sete galeões pela

varinha e o Sr. Olivaras curvou-se a saída deles.

O sol de fim de tarde quase chegara ao horizonte quando Harry e Hagrid refizeram o caminho para sair do Beco Diagonal, atravessar a parede e passar novamente pelo Caldeirão Furado, agora vazio. Harry não disse urna palavra enquanto caminhavam pela rua; nem ao menos reparou quantas pessoas se boquiabriam para eles no metrô, carregados que estavam com todos aqueles pacotes de formatos esquisitos, a coruja branca adormecida no colo de Harry. Subiram a escada rolante para a estação de Paddington; Harry só percebeu onde estavam quando Hagrid bateu em seu ombro.

- Temos tempo para comer alguma coisa antes do trem sair -falou.

Comprou um hambúrguer para Harry e se sentaram em bancos de plástico para comê-los. Harry não parava de olhar a toda volta. Por alguma razão tudo parecia tão

estranho.

- Você esta bem, Harry? Está muito calado - comentou Hagrid

Harry não tinha muita certeza de poder explicar. Tivera o melhor aniversário de sua vida, porém...e mastigava o hambúrguer, tentando encontrar as palavras.

- Todo o mundo acha que sou especial - disse finalmente. - Todas aquelas pessoas no Caldeirão Furado, o Prof. Quirrell, o Sr. Olivaras... mas eu não conheço nadinha de mágica. Como podem esperar grandes feitos de mim? Sou famoso e nem ao menos me lembro o porquê. Não sei o que aconteceu quando Vol... desculpe... quero dizer, na noite que meus pais morreram.

Hagrid se debruçou sobre a mesa. Por trás da barba e das sobrancelhas desgrenhadas tinha um sorriso bondoso.

- Não se preocupe, Harry. Você vai aprender bem depressa

Todos começaram pelo começo em Hogwarts, você vai se dar bem. Seja você mesmo. Sei que é difícil, Você vai ser discriminado e isso é muito duro, Mas vai se divertir a valer em Hogwarts. Eu me divertir: e ainda

me divirto, para dizer a verdade.

Hagrid ajudou Harry a embarcar no trem que o

levaria de volta aos Dursley, então lhe entregou um
envelope.
A sua passagem para Hogwarts. Primeiro de
setembro, na estação de Kong's Cross, está tudo na
passagem. Qualquer problema com os Dursley, me
mande uma carta pela coruja, ela saberá onde me
encontrar... Vejo você em breve, Harry.
O trem parou na estação. Harry queria ficar
espiando Hagrid até ele desaparecer de vista; levantouse,
espremeu o nariz contra o vidro da janela, ma

82

quando piscou os olhos Hagrid tinha desaparecido.

83

-CAPÍTULO SEIS- *O embarque na plataforma nove e meia*

O último mês de Harry na casa dos Dursley não foi nada
divertido. É verdade que Duda agora estava tão apavorado com
Harry *que* não queria nem ficar no mesmo aposento com ele, e tia
Petúnia e tio Válter não trancaram Harry no armário nem o
obrigaram a fazer nada, tampouco gritaram com ele - na verdade,
sequer falaram com ele. Meio aterrorizados, meio furiosos, agiam
como se a cadeira em que Harry se sentasse estivesse vazia.
Embora isso fosse sob muitos aspectos um progresso, tornou-se
um tanto deprimente depois de algum tempo.

Harry ficava em seu quarto, com a nova coruja por companhia. Decidira chama-la Edwiges, um nome que encontrara na História da magia. Seus livros de escola eram muito interessantes. Deitava-se na cama e lia até tarde da noite. Edwiges voava para dentro e para fora da janela, quando queria. Era urna sorte que tia Petúnia não aparecesse mais para passar o aspirador de pó, porque Edwiges não parava de trazer ratos mortos para o quarto. Toda noite, antes de se deitar para dormir, Harry riscava mais um dia no pedaço de papel que pregara na parede, para contar os dias que faltavam até primeiro de setembro.

No último dia de agosto ele achou melhor falar com os tios sobre a ida à estação no dia seguinte, por isso desceu à sala de estar onde eles estavam assistindo a um programa de auditório na televisão. Pigarreou para avisar que estava ali e Duda deu um berro e saiu correndo da sala.

- Hum... tio Válter?

Tio Válter resmungou para indicar que estava escutando.

- Hum...preciso estar amanhã na estação para... embarcar para Hogwarts.

Tio Válter resmungou outra vez.

- Será que o senhor podia me dar uma carona?

Resmungo. Harry supôs que quisesse dizer sim.

- Muito obrigado.

E já ia voltando para cima quando tio Válter falou de

verdade.

- Que modo engraçado de ir para a escola de magia, de trem.

Os tapetes mágicos furaram todos?

Harry não respondeu.

- Onde fica essa escola afinal?

- Não sei - disse Harry pensando nisso pela primeira vez.

Tirou do bolso o bilhete de passagem que Hagrid lhe dera.

- Vou tomar o trem na plataforma nove e meia às onze horas

- leu.

A tia e o tio arregalam os olhos.

- Plataforma o quê?

- Nove e meia.

- Não diga. bobagens - repreendeu tio Válter - Não existe

plataforma nove e meia.

- Está no meu bilhete.

- Loucos - disse tio Válter - de pedra, todos eles. Você vai

ver. E só esperar. Está bem, levaremos você até a estação. De

qualquer maneira tínhamos de ir a Londres amanhã ou nem me

daria o trabalho.

- Por que o senhor vai a Londres? - perguntou Harry,

tentando manter a conversa cordial.

- Vamos levar Duda ao hospital - rosnou tio Válter -

Precisamos mandar cortar aquele rabo vermelho antes de mandálo

para Smeltings.

Harry acordou às cinco horas na manhã seguinte e estava

demasiado excitado e nervoso para voltar a dormir.

Levantou-se e vestiu o jeans porque não queria entrar na

estação com as vestes de bruxo - mudaria de roupa no trem.

Verificou novamente a lista de Hogwarts para se certificar

de que tinha tudo de que precisava, viu se Edwiges estava

85

bem t rancada na gaiola e então ficou andando pelo

quar to à espera que os Dursley se levantassem. Duas

horas mais tarde, a mala enorme e pesada de Harry fora

colocada no carro dos Dursley Tia Petúnia convencera Duda a se

sentar ao lado do primo e eles partiram.

Chegaram à estação de King's Cross às 10:30h. Válter jogou

a mala de Harry num carrinho e empurrou-o até a estação ou o

gesto curiosamente bondoso até tio Válter parar diante das

plataformas com um. sorriso maldoso.

- Bom, aqui estamos, moleque. Plataforma nove, plataforma

dez. A sua plataforma devia estar aí no meio, mas parece que

ainda não a construíram, não é mesmo.

Ele tinha razão, é claro. Havia um grande número nove de plástico no alto de uma plataforma e um. grande número dez no alto da plataforma seguinte, mas no meio, não havia nada.

- Tenha um bom período letivo - disse tio Válter com um sorriso ainda mais maldoso. E foi-se embora sem dizer mais nada.

Harry se virou e viu o carro dos Dursley partir. Os três estavam rindo, Harry sentiu a boca seca. Que diabo iria fazer? Estava começando a atrair uma porção de olhares curiosos por causa da Edwiges. Teria que perguntar a alguém.

Parou um guarda que ia passando, mas não mencionou a plataforma nove e meia. O guarda nunca ouvira falar em Hogwarts e quando Harry não soube lhe dizer em que parte do pais a escola

ficava, ele começou a mostrar aborrecimento, como se Harry estivesse se fazendo de burro de propósito. Desesperado, Harry perguntou pelo trem que partia. às onze horas, mas o guarda disse que não havia nenhum. Ao fim, o guarda se afastou, resmungando contra pessoas que o faziam perder tempo. Harry tentou por tudo no mundo não entrar em púnico. Pelo grande relógio em cima do

quadro que anunciava os trens que chegavam, só lhe restavam
mais dez minutos para embarcar no trem de Hogwarts e ele não
tinha idéia de como ia fazer isso; estava perdido no meio da
estação com uma mala que mal podia levantar, o bolso cheio de
dinheiro de bruxo e uma corujona.
86
Hagrid devia ter esquecido de lhe dizer alguma coisa que
tinha de fazer, como bater no terceiro tijolo à esquerda para entrar
no Beco Diagonal Perguntou-se se deveria tirar a varinha
da mala e começar a bater no coletor de bilhetes entre as
plataformas nove e dez.

Naquele instante um grupo de pessoas passou as suas costas e
ele entreouviu algumas palavras que diziam..

- ...cheio de trouxas, é claro...

Harry deu meia-volta. Era uma mulher gorda que falava com
quatro meninos, todos de cabelos cor de fogo. Cada um deles
estava empurrando à frente uma mala como a de Harry - e
levavam uma coruja. O coração aos saltos, Harry os seguiu
empurrando o carrinho. Eles pararam e ele também, bem próximo
para ouvir o que diziam.

- Agora, qual e o número da plataforma? - perguntou a mãe dos
meninos.

- Nove e meia - ouviu-se a voz fina de uma menininha, também
de cabelos ruivos que estava segurando a mão da mulher.

- Mamãe; não posso ir...

- Você ainda não tem idade, Gina, agora fique quieta. Esta bem, Percy, você vai primeiro.

O que parecia o menino mais velho marchou em direção às plataformas nove e dez. Harry observou-o, tomando o cuidado de não piscar para não perder nada - mas assim que o menino chegou à linha divisória entre as duas plataformas, um grande grupo de turistas invadiu a plataforma à frente dele e quando a til uma mochila acabou de passar, o menino havia desaparecido.

- Fred , você agora - mandou a mulher gorda.

- Eu não sou Fred, sou Jorge - retrucou o menino. - Francamente, mulher, você diz que é nossa mãe? Não consegue ver que sou o Jorge?

- Desculpe, Jorge, querido.

- É brincadeira, eu sou o Fred - disse o menino, e foi. O irmão gêmeo gritou pata ele se apressar, e ele deve ter atendido, porque um segundo depois, sumiu, mas como fizera aquilo?

87

Agora o terceiro irmão estava se encaminhando rapidamente para a barreira - estava quase lá - e, então, de repente, não estava mais em parte alguma.

E foi só.

- Com licença - dirigiu-se Harry à mulher gorda.

- Olá, querido. É a primeira vez que vai a Hogwarts? O Rony

é novo também.

Ela apontou o ultimo filho, o mais moço. Era alto, magro e

desengonçado, com sardas, mãos e pés grandes e um nariz

comprido.

- É - respondeu Harry; - A coisa é,., a coisa é que não sei

como...

- Como chegar á plataforma? - disse ela com bondade, e

Harry concordou com a cabeça.

- Não se preocupe. Basta caminhar diretamente para a

barreira entre as plataformas nove e dez. Não pare e não tenha

medo de bater nela, isto é muito importante. Melhor fazer isso

meio correndo se estiver nervoso. Vá, vá antes de Rony;

- Hum... 0K.

E Harry virou o carrinho e encarou a barreira. Parecia muito

sólida.

Ele começou a andar em direção a ela. As pessoas a caminho

das plataformas nove e dez o empurravam. Harry apressou o

passo. Ia bater direto no coletor de bilhetes e então ia se complicar

- curvando-se para o caminho ele desatou a correr - a barreira

estava cada vez mais próxima - não poderia parar - o carrinho estava descontrolado - ele estava a um passo de distância - fechou os olhos se preparando para a colisão..

E ela não aconteceu.. ele continuou correndo. abriu os olhos.

Uma locomotiva vermelha a vapor estava parada à plataforma apinhada de gente. Um letreiro no alto informava *Expresso de Hogwarts 11 horas.* Harry olhou para trás e viu um arco de ferro forjado no lugar onde estivera o coletor de bilhetes com os dizeres *Plataforma nove e meia.* Conseguira.

A fumaça da locomotiva se dispersava sobre as cabeças das

88

pessoas que conversavam, enquanto gatos de todas as cores trançavam por entre as pernas delas. Corujas piavam umas para as outras, descontentes, sobrepondo-se á balbúrdia e ao barulho das malas pesadas que eram arrastadas.

Os primeiros vagões já estavam cheios de estudantes, uns debruçados às janelas conversando com as famílias, outros brigando por causa dos lugares. Harry, empurrou o carrinho pela plataforma procurando um. lugar vago. Passou por um garoto de rosto redondo que estava dizendo:

- Vó, perdi meu sapo outra vez.

- Ah, Neville - ele ouviu a senhora suspirar.

Um garoto com cabelos rastafari estava cercado por um pequeno grupo de meninos.

- Deixe a gente espiar, *Lino,* vamos.

O menino levantou a tampa de uma caixa que carregava nos

braços e as pessoas em volta deram gritos e berros quando uma

coisa dentro da caixa esticou para fora urna perna comprida e

peluda.

Harry continuou andando pela aglomeração até que encontrou um

compartimento vago no final do trem. Primeiro pôs Edwiges para

dentro e começou a empurrar. e a forçar com a mala em direção à

porta do trem. Tentou erguê-la pelos degraus acima mas mal

conseguiu suspender uma ponta e duas vezes deixou-a cair

dolorosamente em cima do pe.

- Quer uma ajuda? - Era um dos gêmeos ruivos que ele

seguira para atravessar a barreira.

- Por favor-Harry ofegou.

- Fred! Vem dar uma ajuda aqui!

Com a ajuda dos gêmeos a mala de Harry, finalmente foi

colocada a um canto do compartimento.

- Obrigado - disse Harry; afastando os cabelos suados dos

olhos.

- Que e isso - perguntou de repente um dos gêmeos apontando

para a cicatriz de Harry;

- Caramba - disse o outro gêmeo. - Você é...?

89

- Ele é - disse o outro gêmeo. - Não é? - acrescentou para

Harry.

- O quê? - indagou Harry.

-*Harry Potter* - disseram os gêmeos em coro.

-*Ah,* ele -. disse Harry - Quero dizer, é, sou.

Os dois garotos olharam boquiabertos e Harry sentiu que estava

corando, Então, para seu alivio, ouviram uma voz pela porta aberta

do trem.

- Fred? Jorge? Vocês estão ai?

- Estamos indo, mamãe.

Dando uma última espiada em Harry, os gêmeos saltaram

para fora do trem.

Harry sentou-se à janela onde, meto escondido, podia

observar a família de cabelos ruivos na plataforma e ouvir o que

diziam. A mãe tinha acabado de puxar o lenço.

- Rony, você está com uma crosta no nariz.

O menino mais novo tentou fugir, mas ela o agarrou e

começou a limpar aponta do nariz dele.

- Mamãe, sai para lá - Desvencilhou-se.

Aaaah, o Roniquinho está com uma coisa no nariz? - caçoou

um dos gêmeos.

- Cale a boca - disse Rony,

- Onde está o Percy? - perguntou a mãe.

- Está vindo aí.

O garoto mais velho vinha vindo. Já vestira as vestes largas e pretas de Hogwarts e Harry reparou que tinha um distintivo de prata reluzente com a letra M.

- Não posso demorar, mãe - falou ele. - Estou lá na frente, os monitores têm dois vagões separados...

Ah, você é monitor, Percy - perguntou um dos gêmeos, com ar de grande surpresa. - Devia ter avisado, não fazíamos idéia.

- Espere ai, acho que me lembro de ter ouvido ele dizer alguma coisa - disse o outro gêmeo. - Uma vez...

- Ou duas..

- Um minuto...

90

- O verão todo.

- Ah, calem a boca - disse Percy, o monitor.

- Afinal por que foi que o Percy ganhou vestes novas? - disse um dos gêmeos.

- Porque é *monitor*- disse a mãe com carinho - Está bem, querido, tenha um bom ano letivo - mande-me urna coruja quando chegar.

Ela beijou Percy no rosto e ele foi embora. Então Virou-se para os gêmeos.

- Agora, vocês dois; este ano, se comportem. Se receber mais

uma coruja dizendo que vocês... vocês explodiram um banheiro

ou...

- Explodiram um banheiro? Nunca explodimos

um banheiro. --Mas é uma grande idéia, obrigado, mamãe.

- Não tem graça. E cuidem do Rony.

- Não se preocupe, Roniquinho está seguro com a gente.

- Cale a boca - mandou Rony outra vez. Já era quase tão alto

quanto os gêmeos e seu nariz continuava vermelho onde a mãe o

esfregara.

- Ei, mãe, advinha? Adivinha quem acabamos de encontrar

no trem?

Harry recuou o corpo rápido para que eles não o vissem

olhando.

- Sabe aquele menino de cabelos pretos que estava perto da

gente na estação? Sabe quem ele ei

- Quem?

-Harry Potter!

Harry ouviu a vozinha da garotinha.

- Ah, mamãe, posso subir no trem para ver ele, mamãe, ali, por favor...

- Você já o viu, Gina, e o coitado não e *um* bicho de zoológico para você ficar olhando. É ele mesmo, Fred? Como é que você sabe?

- Perguntei a ele. Vi a cicatriz. Está lá mesmo, parece um raio.

-*Coitadinho.* Não admira que estivesse sozinho. Foi tão

educado quando me perguntou como entrar na plataforma.

- Deixa para lá, você acha que ele se lembra corno era o Você-Sabe-Quem?

De repente a mãe ficou muito séria.

- Proíbo-lhe de perguntar a ele, Fred. Não, não se atreva. Como se ele precisasse de alguém para lhe lembrar uma coisa dessas no primeiro dia de escola.

Está bem, não precisa ficar nervosa.

Ouviu-se um apito.

- Depressa! - disse a mãe, e os três garotos subiram no trem. Debruçaram-se na janela para a mãe lhes dar um beijo da despedida e a irmãzinha começou a chorar.

- Não chore, Gina, vamos lhe mandar um monte de corujas.

- Vamos lhe mandar uma tampa de vaso de Hogwarts.

- Jorge!

- Estou só brincando, mamãe.

O trem começou a andar. Harry viu a mãe dos garotos

acenando e a irmã, meio risonha, meio chorosa, correndo para

acompanhar o trem até ele ganhar velocidade e ela ficar para trás

acenando.

Harry observou a menina e a mãe desaparecerem quando o

trem fez a curva. As casas passaram num relâmpago pela janela.

Harry sentiu uma grande excitação. Não sabia aonde estava indo

mas tinha de ser melhor do que o lugar que estava deixando para

trás.

A porta da cabine se abriu e o ruivinho mais moço entrou.

- Tem alguém sentado aqui? - perguntou, apontando para o

assento em frente ao de Harry - O resto do trem está cheio

Harry respondeu que não, com um aceno de cabeça, e o garoto se

sentou. Olhou para Harry e em seguida olhou depressa para fora,

fingindo que não tinha olhada Harry reparou que ele ainda tinha

uma mancha preta no nariz.

- Oi, Rony;

Os gêmeos estavam de volta.

- Escuta aqui, vamos para o meio do trem. Lino Jordan trouxe uma tarântula gigante.

- Certo - resmungou Rony.

- Harry - disse o outro gêmeo -, nós já nos apresentamos? Fred e Jorge Weasley. E este é o Rony, nosso irmão. Vejo vocês mais tarde, então.

- Tchau - disseram Harry e Rony . Os gêmeos fecharam aporta da cabine ao passar.

- Você é Harry Potter mesmo? - Rony deixou escapar

Harry confirmou com a cabeça.

- Ah, bom, pensei que fosse urna brincadeira do Fred e do Jorge e você tem mesmo... sabe...

Apontou para a testa de Harry.

Harry afastou a franja para mostrar a cicatriz em forma de raio. Rony olhou.

- Então foi ai que Você-Sabe-Quem...?

- Foi, mas não me lembro.

- De nada?-perguntou Rony ansioso.

- Bom... lembro de muita luz verde, mas nada mais.

- Uau. - Ele ficou parado uns minutos olhando para Harry, depois, como se de repente tivesse se dado conta do que estava fazendo, olhou depressa para fora da janela outra vez.

- Todos na sua família são bruxos? - perguntou Harry que

achava Rony tão interessante quanto Rony o achava.

- Hum... são acho que sim. Acho que mamãe tem um primo em segundo grau que é contador, mas ninguém nunca fala nele.

- Então você já deve saber muitas mágicas.

Os Weasley aparentemente eram uma. dessas antigas famílias de bruxos de que o menino pálido no beco Diagonal falara.

- Ouvi dizer que você foi viver com os trouxas. Como é que eles são?

- Horríveis... bom , nem todos. Mas minha tia e meu tio e meu primo são, eu gostaria de ter tido três irmãos bruxos.

- Cinco. - Por alguma razão, ele pareceu triste. - Sou o sexto de minha família a ir para Hogwarts. Pode-se dizer que tenho de

fazer justiça ao nosso nome. Gui e Carlinhos já terminaram a escola. Gui foi chefe dos monitores e Carlinhos foi capitão do time de quadribol. Agora Percy é monitor. Fred e Jorge fazem muita bagunça, mas tiram notas muito boas e todo mundo acha que eles são realmente engraçados. Todos esperam que eu me saia tão bem quanto os outros, mas se eu me sair bem, não será nada de mais, porque eles fizeram isso primeiro. E também não se ganha nada novo quando se tem cinco irmãos. Uso as vestes velhas de Gui., a varinha velha de Caminhos e o rato velho do Percy..

Rony meteu a mão no bolso interno do paletó e tirou um rato

cinzento e gordo que estava dormindo.

- O nome dele é Pereba e ele é inútil, quase nunca acorda.

Percy ganhou uma coruja de meu pai por ter sido escolhido

monitor, mas eles não podiam ter...quero dizer, em vez disso

ganhei Pereba.

As orelhas de Rony ficaram vermelhas. Parecia estar achando

que falara demais, porque voltou a olhar para fora pela janela.

Harry não achava nada de mais que alguém não tivesse

dinheiro para comprar uma coruja. Afinal, ele nunca tivera

dinheiro algum na vida até *um* mês atrás, e disse isso ao Rony, e

disse também o que sentira quando usava as roupas velhas de

Duda e jamais ganhara um presente de aniversário decente. Isto

pareceu animar Rony um. pouco.

- ...e até Rúbeo me contar, eu não sabia o que era ser bruxo

nem quem eram meus pais nem o Voldemort.

Rony ficou pasmo.

- Que foi?

-*Você disse o nome do Você-Sabe-Quem!*- exclamou Rony

parecendo ao mesmo tempo chocado e impressionado - Eu achava

que de todas as pessoas você...

- Não estou tentando ser corajoso nem nada dizendo o nome dele. É; que nunca soube que não se podia dizer. Esta vendo o que quero dizer? Tenho muito o que aprender...aposto acrescentou, pondo pela primeira vez em palavras algo que o andava preocupando muito ultimamente - Aposto que vou ser o pior da

94

classe.

- Não vai ser, não. Tem urna porção de gente que vem de famílias de trouxas e aprende bem depressa.

Enquanto conversavam, o trem saiu de Londres. Agora corriam por campos cheios de vacas e carneiros. Ficaram calados por um tempo, contemplando os campos e as estradinhas passarem num lampejo.

Por volta do meio-dia e meia ouviram um grande barulho no corredor e uma mulher toda sorrisos e covinhas abriu a porta e perguntou:

- Querem alguma coisa do carrinho, queridos?

Harry; que não tomara café da manhã ergueu-se de um salto, mas as orelhas de Rony ficaram vermelhas outra vez e ele murmurou que trouxera sanduíches. Harry foi até o corredor. Nunca tivera dinheiro para doces na casa dos Dursley e agora que seus bolsos retiram com moedas de ouro e prata, estava disposto a comprar quantas bananinhas de chocolate pudesse

carregar mas a mulher não tinha barrinhas. Tinha feijoezinhos de todos os sabores, balas de goma, chicles de bola, sapos de chocolate, tortinhas de abóbora, bolos de caldeirão, varinhas de alcaçuz e várias outras coisas estranhas que Harry nunca vira na sua vida. Não querendo perder nada, ele comprou uma de cada e pagou à mulher onze sicles de prata e sete nuques.

Rony arregalou os olhos quando Harry trouxe tudo para a cabine e despejou no assento vazio.

Que fome, hein?

- Morrendo de fome - respondeu Harry; dando uma grande dentada na tortinha de abóbora.

Rony tirara um embrulho encaroçado e abriu-o. Havia quatro sanduíches dentro. Abriu um e disse:

- Ela sempre se esquece que não gosto de carne enlatada.

- Troco com você por um desses - propôs Harry, oferecendo um pastelão de carne. - Tome...

- Você não vai querer isso, é muito seco. Ela não tem muito tempo - acrescentou depressa. - Você sabe, somos cinco.

- Come, coma um pastelão - disse Harry, que nunca tivera nada para dividir com alguém antes, aliás, nem ninguém com quem dividir. Era uma sensação gostosa, sentar-se ali com Rony; acabar com todas as tortas e bolos de Harry (os sanduíches ficaram esquecidos).

- Que é isso? - perguntou Harry a Rony; mostrando um pacote de sapos de chocolate. - Eles não são sapos de verdade, são?

- Estava começando a achar que nada o surpreenderia

- Não. Mas vê qual é a figurinha , está me faltando a Agripa.

- O quê?

- Claro que você não sabe, os sapos de chocolate têm figurinhas dentro, sabe, para colecionar, bruxas e bruxos famosos. Tenho umas quinhentas, mas não tenho a Agripa nem o Ptolomeu.

Harry abriu o sapo de chocolate e puxou a figurinha. Era a cara de um homem. Usava óculos de meia-lua, tinha um nariz comprido e torto., cabelos esvoaçantes cor de prata, barba e bigode. Sob o retrato havia o nome *Alvo Dumbledore*

- Então este é Dumbledore! - exclamou Harry

- Não me diga que nunca ouviu falar de Dumbledore! Quer me dar um sapo? Quem sabe eu tiro a Agripa. Obrigado

Harry virou o verso da figurinha e leu:

Alvo Dumbledore, atualmente diretor Hogwarts.

Considerado por muitos o maior bruxo dos tempos

modernos. Dumbledore é particularmente e famoso por ter derrotado Grindelwald, o bruxo das Trevas, em 1945, por ter descoberto os doze usos do sangue de dragão e por desenvolver um trabalho em alquimia em parceria com Nicolau Flamel. O Profressor Dumbledore gosta de música de câmara e boliche.

Harry virou de novo o cartão e viu, para seu espanto, que o rosto de Dumbledore havia desaparecido.

- Ele desapareceu!

- Ora, você não pode esperar que ele fique aí o dia todo.

96

Depois ele volta. Não, tirei a Morgana outra vez e já tenho umas seis... você quer? Pode começar a colecionar.

Os olhos de Rony se desviaram para a pilha de sapos de chocolate que continuavam fechados.

- Sirva-se - disse .Harry. - Mas, sabe, no mundo dos trouxas, as pessoas ficam. paradas nas fotos.

- Ficam? O que, eles não se mexem? - Rony parecia surpreso.

- Que *coisa esquisita!*

Harry arregalou os olhos quando Dumbledore voltou para a figurinha e lhe deu um sorrisinho. Rony estava mais interessado em comer os sapos do que em olhar os bruxos e bruxas famosos, mas Harry não conseguia despregar os olhos deles. Logo não tinha só Dumbledore e Morgana, como também Hengisto de

Woodcroft, Alberico Grunnion, Circe, Paraceko e Merlim. Por fim

ele despregou os olhos da druida Cliodna que estava coçando o

nariz, para abrir o saquinho de feijõezinhos de todos os sabores

- Você vai ter que tomar cuidado com essas ai - alertou Rony.

- Quando dizem todos os sabores eles *querem*

dizer todos sabores. Sabe, todos os sabores comuns como

chocolate, hortelã e laranja, mas também. Espinafre, fígado e

bucho. Jorge achou que sentiu gosto de bicho-papão uma vez.

Rony apanhou uma balinha verde, examinou-a atentamente e

mordeu uma ponta.

- Eca! Está vendo? Couve-de-bruxelas.

Eles se divertiram comendo as balas. Harry tirou torrada,

coco, feijão cozido, morango, caril, capim, café, sardinha e chegou

a reunir coragem para morder a ponta de uma bala cinzenta meio

gozada que Rony não queria pegar, e que era pimenta.

Os campos que passavam agora pela janela estavam ficando

mais silvestres. As plantações tinham desaparecido. Agora havia

matas, rios serpeantes e morros verde-escuros.

Ouviram uma batida à porta da cabine e o menino de rosto

redondo, por quem Harry passara na plataforma nove e meia, entrou. Parecia choroso.

- Desculpem, mas vocês viram um sapo?

Quando os dois sacudiram a cabeça, ele chorou.

97

- Perdi ele! Está sempre fugindo de mim!

- Ele vai aparecer - consolou Harry.

- Vai - disse o menino infeliz. - Se você vir ele...

E saiu.

- Não sei por que ele está tão chateado - disse Rony. - Se eu tivesse trazido um sapo ia querer perder ele o mais depressa que pudesse. Mas, trouxe Pereba, por isso nem posso falar nada.

O rato continuava a tirar sua soneca no colo de Rony.

- Ele podia estar morto e ninguém ia saber a diferença - disse Rony desgostoso. - Tentei mudar a cor dele para amarelo para deixar ele mais interessante, mas o feitiço não deu certo. Vou-lhe mostrar. Olhe...

Remexeu na mala e tirou uma varinha muito gasta. Estava lascada em. alguns pontos e havia uma coisa branca brilhando na ponta.

- O pêlo do unicórnio está quase saindo. Em todo o caso...

Tinha acabado de erguer a varinha quando a porta da cabine abriu outra vez. O menino sem o sapo estava de volta, mas desta vez tinha urna garota em sua companhia. Ela já estava usando as

vestes novas de Hogwarts.

Ninguém viu um sapo? Neville perdeu o dele. Tinha um.

tom de voz mandão, os cabelos castanhos muito cheios e os dentes

da frente meio grandes.

- Já dissemos a ele que não vimos o sapo - respondeu Rony,

mas a menina não estava escutando, olhava para a varinha na mão

dele.

- Você está fazendo mágicas? Quero ver.

Sentou-se. Rony pareceu desconcertado.

- Hum...está bem.

Pigarreou.

- Sol margaridas, amarelo maduro, muda para amarelo esse

rato velho e burro.

Ele agitou a varinha, mas nada aconteceu. Pereba continuou

cinzento e completamente adormecido.

- Você tem certeza de que esse feitiço está certo? - perguntou

a menina. - Bem, não é muito bom, né? Experimentei uns feitiços

simples só para. praticar e deram certo. Ninguém na família é

bruxo, foi uma surpresa enorme quando recebi a carta, mas fiquei

tão contente, é claro, quero dizer, é a melhor escola de bruxaria

que existe, me disseram. Já sei de cor todos os livros que *nos* mandaram comprar, é claro, só espero que seja suficiente; aliás, sou Hermione Granger, e vocês quem são?

Ela disse tudo isso muito depressa.

Harry olhou para Rony e sentiu um grande alivio ao ver, por sua cara espantada, que ele não aprendera todos os livros de cor tampouco.

- Sou RonyWeasley.

- Harry Potter.

- Verdade? Já ouvi falar de você, é claro. Tenho outros livros recomendados, e você está na *História* da *magia moderna* e em - *censão e queda das artes das trevas e* em *Grandes acontecimentos do século XX.*

- Estou? - admirou-se Harry sentindo-se confuso.

- Nossa, você não sabia, eu teria procurado saber tudo que pudesse se fosse comigo - disse Hermione. - já sabem em que casa vão ficar? Andei perguntando e espero ficar na Grifinória, me parece a melhor, ouvi dizer que o próprio Dumbledore foi de lá, mas imagino que a Corvinal não seja muito ruim.. Em todo o caso, acho melhor irmos procurar o sapo de Neville. E é melhor vocês se trocarem, sabe, vamos chegar daqui a pouco.

E foi-se embora, levando o menino sem sapo.

- Seja qual for a minha casa, espero que ela não esteja lá - comentou Rony E jogou a varinha de volta na mala. - Feitiço besta. Foi o Jorge que me ensinou, aposto que sabia que não prestava.

- Em que casa estão os seus irmãos? - perguntou Harry.

- Grifinória. - *A* tristeza parecia estar se apoderando dele outra vez. - Mamãe e papai estiveram lá também. Não sei o que vão dizer se eu não estiver Acho que a Corvinal não *seria* muito ruim, mas imagine se me puserem na Sonserina.

- E a casa em que Vol... quero dizer Você-Sabe-Quem esteve?

- É. - E afundou novamente no assento, parecendo

deprimido.

- Sabe, acho que as pontas dos bigodes de Pereba ficaram um pouquinho mais claras - disse Harry; tentando distrair o pensamento de Rony das casas. - Então, o que é que os seus irmãos mais velhos fazem agora que já terminaram?

Harry estava imaginando o que fazia um bruxo depois que terminava a escola.

- Carlinhos está na Romênia estudando dragões e Gui está na África fazendo um serviço para o Gringotes. Você soube o que aconteceu com o Gringotes? *O Planeta Diário* só fala nisso, mas acho que morando com os trouxas você não recebe o jornal. Uns

caras tentaram roubar um cofre de segurança máxima.

Harry arregalou os olhos.

- Verdade? E o que aconteceu com eles?

- Nada, é por isso que é uma noticia tão importante. Não foram pegos. Papai disse que deve ter sido um bruxo das trevas poderoso para enganar Gringotes, mas estão achando que eles não levaram nada, isso é que é esquisito. E claro que todo o mundo fica apavorado quando uma coisa dessas acontece porque Você-Sabe-Quem pode estar por trás da coisa.

Harry repassou as noticias mentalmente. Estava começando a

sentir um arrepio de medo toda vez que Você-Sabe-Quem era mencionado. Supunha que isso fazia parte do ingresso no mundo da magia, mas tinha sido muito mais confortável dizer Voldemort sem se preocupar.

- Qual. É o seu time de quadribol - perguntou Rony

- Hum... não conheço nenhum - confessou Harry.

- O quê? - Rony parecia pasmo. - Ah, espete ai, é o melhor jogo do mundo - E saiu explicando tudo sobre as quatro bolas e as posições dos sete jogadores, descreveu jogos famosos a que fora

com os irmãos e a vassoura que gostaria de comprar se tivesse dinheiro. Estava mostrando a Harry as qualidades do jogo quando a porta da cabine se abriu mais uma vez, mas agora não era Neville, o menino sem sapo, nem Hermione Granger.

Três garotos entraram e Harry reconheceu o do meio na hora: era o garoto pálido da loja de vestes de Madame Malkin. Olhou para Harry com um interesse muito maior do que revelara no Beco

100

Diagonal.

- E verdade? - perguntou - Estão dizendo no trem que Harry Potter está nesta. Cabine. Então é você?

- Sou - respondeu Harry. Observava os outros garotos>.Os dois eram fortes e pareciam muito maus. Postados dos lados do menino pálido eles pareciam guarda-costas.

- Ah, este é Crabbe e este outro, Goyle - apresentou o garoto pálido displicentemente, notando o interesse de Harry - E meu nome é Drago Malfoy.

Rony tossiu de leve, o que poderia estar escondendo uma risadinha. Malfoy olhou para ele.

- Acha o meu nome engraçado, é? Nem preciso perguntar quem você é. Meu pai me contou que na família Weasley todos têm cabelos ruivos e sardas e mais filhos do que podem sustentar

Virou-se para Harry

- Você não vai demorar a descobrir que algumas famílias de

bruxos são bem melhores do que outras, Harry. Você não vai querer fazer amizade com as ruins. E eu posso ajudá-lo nisso.

Ele estendeu a mão para apertar a de Harry; mas Harry não a apertou.

- Acho que sei dizer qual é o tipo ruim sozinho, obrigado disse com frieza.

Drago não ficou vermelho, mas um ligeiro rosado coloriu seu rosto pálido.

- Eu teria mais cuidado se fosse você, Harry - disse lentamente. - A não ser que seja mais educado, vai acabar como os seus pais. Eles também não tinham juízo. Você se mistura com gentinha como os Weasley e aquele Rúbeo e vai acabar se contaminando.

Harry e Rony se levantaram. O rosto de Rony está vermelho como os cabelos.

- Repete isso.

- Ah, você vai brigar com a gente, vai? - Drago caçoou.

- A não ser que você se retire agora - disse Harry com uma coragem maior do que sentia, porque Crabbe e Goyle eram bem maiores do que ele ou Rony.

- Mas não estamos com vontade de nos retirar, estamos, garotos? Já. comemos toda a nossa comida e parece que vocês ainda

têm alguma coisa.

Goyle fez menção de apanhar os sapos de chocolate ao lado de Rony. Rony deu um pulo para a frente, mas antes que encostasse em Goyle, este soltou um berro terrível.

Pereba, o rato, estava pendurado em seu dedo, os dentinhos afiados enterrados na junta de Goyle, Crabbe e Drago recuaram enquanto Goyle rodava e rodava o braço, urrando, e quando Pereba finalmente se soltou e bateu na janela, os três desapareceram na mesma hora. Talvez achassem que havia mais ratos escondidos nos doces, ou talvez tivessem ouvido passos, porque um segundo depois, Hermione Granger entrou.

- Que foi que aconteceu? - perguntou, vendo os doces espalhados no chão e Rony apanhando Pereba pela cauda.

- Acho que apagaram ele - disse Rony a Harry. E examinou Pereba mais atentamente. - Não... não acredito... ele voltou a dormir.

E dormira mesmo.

- Você já. conhecia Drago Malfoy?

Harry contou o encontro deles no Beco Diagonal

- Já ouvi falar na família dele - disse Rony sombrio. Foram os

primeiros a voltar para o nosso lado depois que Você-Sabe-Quem desapareceu. Disseram que tinham sido enfeitiçados Papai não acredita nisso. Diz que o pai de Drago não precisou de desculpa para se bandear para o lado das Trevas. - E virou-se para Hermione. - Podemos fazer alguma coisa por você.

- É melhor vocês se apressarem e trocarem de roupa. Acabei de ir lá na frente perguntar ao maquinista e ele me disse que estamos quase chegando. Vocês andaram brigando? Vão se meter em encrenca antes mesmo de chegarmos lá!

- Pereba andou brigando, nós não - disse Rony; fazendo cara zangada. - Você se importa de sair para podermos nos trocar.

- Está bem. Só vim para cá porque as pessoas nas outras cabines estão se comportando feito crianças, correndo pelos corredores -

102

disse Hermione em tora choroso. - E você está com o nariz sujo, sabia?

Rony amarrou a cara quando ela se retirou. Harry espiou pela janela. Estava escurecendo. Viu montanhas e matas sob um céu arroxeado. O trem parecia estar diminuindo a velocidade

Ele e Rony tiraram os paletós e puseram as vestes longas e pretas. A de Rony estava um pouco curta, dava para ver as calças

Uma voz ecoou pelo trem;

- Vamos chegar a Hogwarts dentro de cinco minutos Por favor deixem a bagagem no trem, ela será levada para a escola.

O estômago de Harry revirou de nervoso e ele reparou que

Rony parecia pálido sob as sardas. Os dois encheram os bolsos

com o resto dos doces e se reuniram à garotada que apinhava os

corredores.

O trem foi diminuindo a velocidade e finalmente parou. As

pessoas se empurraram para chegar à porta e descer na pequena

plataforma escura. Harry estremeceu ao ar frio da noite. Então

apareceu uma lâmpada balançando sobre as cabeças dos

estudantes e Harry ouviu uma voz conhecida.

- Alunos do primeiro ano! Primeiro ano aqui! Tudo bem

Harry?

O rosto grande e peludo de Rúbeo Hagrid sorria por cima de

um mar de cabeças.

- Vamos, venham comigo. Mais alguém do primeiro ano?

Aos escorregões e tropeços, eles seguiram Hagrid por um

caminho de aparência íngreme e estreita. Estava tão escuto em

volta que Harry achou que devia haver grandes árvores ali.

Ninguém falou muito. Neville, o menino que vivia perdendo o

sapo, fungou umas duas vezes.

Vocês vão ter a primeira visão de Hogwarts em um segundo.

- Hagrid gritou por cima do ombro -, logo depois dessa curva. Ouviu-se um Aooooh muito alto.

O caminho estreito se abrira de repente ate a margem de um grande lago escuro. Encarrapitado no alto de um. penhasco na margem oposta, as janelas cintilando no céu estrelado, havia um

103

imenso castelo com muitas torres e torrinhas.

- Só quatro em cada barco! - gritou Hagrid, apontando para uma flotilha de barquinhas parados na água junto á margem. Harry e Rony foram seguidos até o barco por Neville e Hermione.

- Todos acomodados? - gritou Hagrid, que tinha um barco só para si. - Então... VAMOS!

E a flotilha de barquinhos largou toda ao mesmo tempo, deslizando pelo lago que era liso como um vidro. Todos estavam silenciosos, os olhos fixos no grande castelo no alto. A construção se agigantava à medida que se aproximavam do penhasco em que estava situado.

- Abaixem as cabeças! - berrou Hagrid quando os primeiros barcos chegaram ao penhasco; todos abaixaram. as cabeças e os barquinhos atravessaram uma cortina de hera que ocultava uma larga abertura na face do penhasco. Foram impelidos por um túnel escuro, que parecia levá-los para debaixo do castelo, até uma espécie de cais subterrâneo, onde desembarcaram subindo e pi

ando em pedras e seixos.

- Ei, você ai! É o seu sapo? - perguntou Hagrid, que

verificava os barcos a medida que as pessoas desembarcavam.

- Trevo! - gritou Neville feliz, estendendo as mãos.

Então eles subiram por uma passagem aberta na rocha,

acompanhando a lanterna de Hagrid e desembocaram finalmente

em um gramado fofinho e úmido à sombra do castelo.

Galgaram uma escada de pedra e se aglomeraram em torno

da enorme porta de carvalho.

- Estão todos aqui? Você ai, ainda está com. o seu sapo?

Hagrid ergueu um punho gigantesco e bateu três vezes na

porta do castelo.

- CAPÍTULO SETE -

O chapéu seletor

A porta abriu-se de chofre. E apareceu uma

bruxa alta de cabelos negros e vestes verde

esmeralda. Tinha o rosto muito severo e o

primeiro pensamento de Harry foi que era

uma pessoa a quem não se devia aborrecer.

- Alunos do primeiro ano, Profa. Minerva

McConagall - informou Hagrid.

- Obrigada Hagrid. Eu cuido deles daqui em

diante.

Ela escancarou a porta O saguão era tão grande

que teria cabido a casa dos Dursley inteira dentro. As

paredes de pedra estavam iluminadas com archotes

flamejantes como os de Gringotes, o teto era alto

demais para se ver, e um a imponente escada de

mármore em frente levava aos andares superiores.

Eles acompanharam a Profa. Minerva pelo piso de

lajotas de pedra. Harry ouviu o murmúrio de centenas

de vozes que vinham de urna porta á direita - o restante

da escola já devia estar reunido. Mas a Profa. Minerva

levou os alunos da primeira série a uma sala vazia ao

lado do saguão. Eles se agruparam lá dentro, um pouco

mais apertados do que o normal, olhando, nervosos,

para os lados.

- Bem-vindos a Hogwarts - disse a Profa.

Minerva.. - O banquete de abertura do ano letivo vai

começar daqui a pouco, mas antes de se sentarem as

mesas, vocês serão selecionados por casas. A seleção e

uma cerimônia muito importante porque, enquanto estiverem aqui sua. casa será uma espécie de família em Hogwarts. Vocês assistirão a aulas com o restante dos alunos de sua casa, dormirão no dormitório da casa e passarão o tempo livre na sala comunal.

"As quatro casas chamam-se Grifinória, Lufa-lufa, Cornival e

Sonserina. Cada casa tem sua história honrosa e cada uma produziu bruxas e bruxos extraordinários. Enquanto estiverem em Hogwarts os seus acertos renderão pontos para sua casa, enquanto os erros a farão perder. No fim do ano, a casa com o maior numero de pontos receberá a taça da casa, uma grande honra. Espero que cada um de vocês seja motivo de orgulho para a casa á qual vier a pertencer.

"A Cerimônia de Seleção vai se realizar dentro de alguns minutos na presença de toda a escola. Sugiro que vocês se arrumem o melhor que puderem enquanto esperam."

O olhar dela se demorou por um instante na capa de Neville, que estava afivelada debaixo da orelha esquerda, e no nariz sujo de Rony; Harry; nervoso, tentou achatar os cabelos.

- Voltarei quando estivermos prontos para receber

vocês - disse a Profa. Minerva. - Por favor, aguardem

em silêncio.

E se retirou da sala. Harry engoliu em seco.

- Mas como é que eles selecionam a gente para as

casas? - Harry perguntou a Rony.

- Devem fazer uma espécie de teste, acho. Fred diz

que dói à beça, mas acho que estava brincando.

O coração de Harry deu um pulo terrível. Um teste? Na

frente da escola toda? Mas ele ainda nem conhecia

mágica nenhuma - que diabo teria que fazer? Não

previra nada do gênero assim logo na chegada. Olhou à

volta, ansioso, e viu que os outros também pareciam

apavorados. Ninguém falava muito a não ser

Hermione, que cochichava muito depressa todos os

feitiços que aprendera, sem saber o que precisaria

mostrar. Harry fez força para não escutar o que ela

dizia. Nunca se sentira. tão nervoso, nunca, nem

mesmo quando tivera que levar um boletim. escolar

para os Dursley dizendo que, não sabiam como, ele fizera a peruca do professor ficar azul. Ele manteve os olhos grudados na porta. A qualquer segundo agora a Profa. Minerva voltaria e o conduziria ao seu triste fim.

Então aconteceu uma coisa que o fez pular bem uns trinta centímetros no ar - várias pessoas atrás dele gritaram.

- Que di...

Ele ofegou. E as pessoas à sua volta também. Uns vinte fantasmas passaram pela parede dos fundos. Brancos-pérola e ligeiramente transparentes, eles deslizaram pela sala conversando e entre si, mal vendo os alunos do primeiro ano. Pareciam estar discutindo. O que lembrava um fradinho gorducho ia dizendo: Perdoar e esquecer eu diria, vamos dar a ele uma segunda chance...

- Meu caro frei, já não demos a Pirraça todas as chances que ele merecia? Ele mancha a nossa reputação e, você sabe, ele nem ao menos é um fantasma. Nossa, o que é que essa garotada está fazendo aqui?

Um fantasma, que usava uma gola de rufos engomados e meiões, de repente reparou nos alunos do primeiro ano.

Ninguém respondeu.

- Alunos novos! - disse o frei Gorducho,

107

sorrindo para eles.

- Estão esperando para ser selecionados,

imagino?

Alguns garotos confirmaram com a cabeça, mudos.

- Espero ver vocês na Lufa-lufa! - falou o frei. - A

minha casa antiga, sabe?

- Vamos andando agora - disse uma voz enérgica. -

A Cerimônia de Seleção vai começar.

A Profa. Minerva voltara um a um os fantasmas

saíram voando pela parede oposta.

Agora façam fila e me sigam.

Sentindo-se pouco à vontade como se suas pernas

tivessem virado chumbo, Harry entrou na fila atrás de

um garoto de cabelos cor de palha e na frente de Rony;

e todos saíram da sala, tornaram a atravessar o saguão e

as portas duplas que levavam ao Grande Salão.

Harry jamais imaginara um lugar tão diferente e

esplêndido Era iluminado por milhares de velas que

flutuavam no ar sobre quatro mesas compridas, onde os

demais estudantes já se encontravam sentados. As

mesas estavam postas com pratos e taças douradas. No

outro extremo do salão havia mais uma mesa comprida

em que se sentavam os professores. A Profa. Minerva

levou os alunos de primeiro ano até ali, de modo que

eles pararam enfileirados diante dos outros, tendo os

professores ás suas costas.

As centenas de rostos que os contemplavam

pareciam lanternas fracas à luz trêmula das velas.

Misturados aqui e ali aos estudantes, os fantasmas

brilhavam como prata envolta em névoa.

Principalmente para evitar os olhares fixos neles, Harry

olhou para cima e viu um teto aveludado e negro

salpicado de estrelas. Ouviu Hermione cochichar:

- E enfeitiçado para parecer o céu lá fora. li em

Hogwarts, uma história.

108

Era difícil acreditar que havia um teto ali e que o

Salão Principal simplesmente não se abria para o

infinito.

Harry baixou depressa os olhos quando a Profa.

Minerva silenciosamente colocou um banquinho de

quatro pernas diante dos alunos do primeiro ano. Em.

cima do banquinho ela pôs um chapéu pontudo de

bruxo. O chapéu era remendado esfiapado e sujíssimo.

Tia Petúnia não teria permitido que um objeto nessas

condições entrasse em casa.

Talvez tivessem que tentar tirar um coelho de

dentro dele, Harry pensou delirando, parecia

apropriado - reparando que todos no salão agora

olhavam para o chapéu, ele olhou também. Por alguns

segundos fez-se um silêncio total. Então o chapéu se

mexeu. Um rasgo junto à aba se abriu como uma boca -

e o chapéu começou a cantar:

Ah, você podem me achar pouco atraente,

Mas não me julguem só pela aparência

Engulo a mim mesmo se

puderem encontrar

Um chapéu mais inteligente do que o papai

aqui.

Podem guardar seus chapéus-coco bem

pretos;

Suas cartolas altas de cetim brilhoso

Porque *sou o Chapéu Seletor de Hogwarts* .

E *dou de dez a zero* em *qualquer outro*

chapéu.

Não há nada escondido em sua cabeça

que o Chapéu Seletor não consiga ver,

Por isso é só me porem na cabeça que vou

dizer

Em que casa de Hogwarts deverão ficar

109

Quem sabe sua morada é a Grinfinória,

Casa onde habitam os corações indômitos.

Ousadia e sangue-frio e nobreza

Destacam os alunos da Grinfinória dos demais;

Quem sabe é na Lufa-lufa que você vai morar;

Onde seus moradores são justos e leais

Pacientes, sinceros, sem medo da dor;

Ou será a velha e sábia Corvinal

A casa dos que têm a mente sempre alerta,

Onde os homens de grande espírito e saber

Sempre encontrarão companheiros seus iguais;

Ou quem sabe a Sonserina será a sua casa

E ali fira seus verdadeiros amigos,

Homens de astúcia que usam quaisquer meios

Para atingir os fins que antes colimaram.

Vamos, me experimentem! Não devem temer!

Nem se atrapalhar! Estarão em boas mãos!

(Mesmo que os chapéus não tenham pés nem

mãos)

Porque sou único, sou um Chapéu Pensador!

O salão inteiro prorrompeu em aplausos quando o

chapéu acabou de cantar. Ele fez urna reverência para

cada uma das quatro mesas e em seguida ficou muito

quieto outra vez.

- Então só precisamos experimentar o chapéu! -

cochichou Rony a Harry. Vou matar o Fred, ele não

parou de falar numa *luta* contra um trasgo.

Harry deu um sorriso sem graça. É, experimentar um

chapéu era bem melhor do que precisa fazer um

feitiço, mas desejou que pudessem ter experimentado o

chapéu sem toda aquela gente olhando. O chapéu

parecia estar pedindo muito; Harry não se sentia corajoso nem inteligente nem qualquer outra coisa naquele momento. Se ao menos o chapéu tivesse

110

mencionado uma casa para gente que se sentia meio nervosa, quem sabe teria sido a sua casa.

A Profa. Minerva então se adiantou segurando um longo rolo de pergaminho.

- Quando eu chamar seus nomes, vocês porão o chapéu e se sentarão no banquinho para a seleção. Ana Abbott!

Uma garota de rosto rosado e marias-chiquinhas louras saiu aos tropeços da fila, pôs o chapéu, que lhe afundou direto até os olhos, e se sentou. Uma pausa momentânea...

- LUFA-LUFA! - anunciou o chapéu.

A mesa à direita deu vivas e bateu palmas quando Ana foi se sentar à mesa da Lufa-lufa. Harry viu o fantasma do fradinho Gorducho acenar alegremente para ela.

- Susana Bones!

- LUFA-LUFA! - anunciou o chapéu outra vez, e Susana saiu depressa e foi se sentar ao lado de Ana.

- Teo Boor!

- CORVINAL!

Desta vez foi a segunda mesa à esquerda que

aplaudiu; vários alunos da Corvinal se levantaram para

apertar a mão de Teo quando o menino se reuniu a eles.

Mádi Brocklehurst foi para a Corvinal também,

mas Lilá Brown foi a primeira a ser escolhida para a

Grifinória e a mesa na extrema esquerda explodiu em

vivas; Harry viu os irmãos gêmeos de Rony

assobiarem.

Mila Bulstrode se tornou uma Sonserina. Talvez

fosse a imaginação de Harry; mas depois de tudo que

ouvira sobre a Sonserina, achou que eles formavam um

grupo de aparência desagradável.

Estava começando a se sentir decididamente mal

agora. Lembrou-se da seleção para os times, nas aulas

de esporte de sua velha escola. Sempre fora o ultimo a

ser escolhido, não porque não fosse bom, mas porque

ninguém queria que Duda pensasse que gostavam dele.

- Justino Finch-Fletchlev!

-LUFA-LUFA!

Às vezes, Harry reparou, o chapéu anunciava logo o nome da casa, mas outras levava um tempo para se decidir.

Simas Finnigan, o menino de cabelos cor de palha ao lado de Harry na fila, passou sentado no banquinho quase um minuto, antes de o chapéu anunciar que iria para a Grifinória.

- Hermione Granger!

Hermione saiu quase correndo até o banquinho e enfiou o chapéu, ansiosa.

- GRIFINÓRIA! - anunciou o chapéu. Rony gemeu.

Um pensamento horrível ocorreu a Harry; como fazem os pensamentos horríveis quando a pessoa está nervosa. E se ele não fosse escolhido? E se ficasse ali sentado com o chapéu na cabeça cobrindo seus olhos durante um tempão, até a Profa. Minerva arrancá-lo de sua cabeça e dizer que obviamente houvera um engano e era melhor ele pegar trem de volta?

Quando Neville Longbottom, o menino que não parava de perder o sapo, foi chamado, levou um tombo a caminho do banquinho. O chapéu demorou muito tempo para se decidir sobre Neville. Quando

finalmente anunciou "GRIFINÓRIA", Neville saiu

correndo com o chapéu na cabeça, e teve de voltar em

meio a uma avalanche de risadas para entregá-lo a

Morag MacDougal.

Malfoy se adiantou, gingando, quando chamaram

seu nome e teve seu desejo realizado imediatamente; o

chapéu mal tocara sua cabeça quando anunciou;

- SONSERINA!

112

Faltava pouca gente agora.

Moon.., Nott..., Parkinson..., depois duas gêmeas,

Patil e Patil..., depois Perks, Sara... e então,

finalmente...

- Harry Potter!

Quando Harry se adiantou, correu um burburinho

por todo o salão como um fogo de rastilho.

-*Potter,* foi o que ela disse?

-*O* Harry Potter?

A ultima coisa que Harry viu antes de o chapéu lhe

cair sobre os olhos foi um salão cheio de gente se

espichando para lhe dar uma boa olhada. Em seguida

só viu a escuridão dentro do chapéu.

- Difícil. Muito difícil. Bastante coragem, vejo.

Uma mente nada má. Há talento, ha, minha nossa, uma

sede razoável de se provar. ora isso e interessante...

Então, onde vou colocá-lo?

Harry apertou as bordas do banquinho e pensou

"Sonserina não, Sonserina, não".

- Sonserina não, hein?. - disse a vozinha.. - Tem

certeza?

Você poderia ser grande, sabe, está tudo aqui na

sua cabeça, e a Sonserina lhe ajudaria a

alcançar essa grandeza, sem dúvida

nenhuma, não? Bem, se você tem certeza,

ficará melhor na

GRIFINÓRIA!

Harry ouviu o chapéu anunciar a ultima palavra

para todo o salão. Tirou o chapéu e se encaminhou

trêmulo para a mesa de Grifinória. Sentia tanto alívio

por ter sido selecionado e ter escapado de Sonserina,

que nem reparou que estava recebendo a maior ovação

da cerimônia. Percy, o Monitor, se levantou e apertou

sua mão com energia, enquanto os gêmeos Weasley

gritavam "Ganhamos Potter! Ganhamos Potter!" Harry

113

sentou-se defronte do fantasma com a gola de rufos que vira antes da cerimônia. O fantasma lhe deu urna palmadinha no braço, produzindo em Harry a sensação horrível e repentina de que acabara de mergulhar num balde de água gelada.

Agora ele via bem a Mesa Principal. Na extremidade mais próxima sentava-se Rúbeo Hagrid, cujo olhar encontrou o seu e lhe fez um sinal de aprovação. Harry retribuiu o seu sorriso. E ali, no centro da Mesa Principal, em urna cadeirão dourado, encontrava-se Alvo Dumbledore. Harry o reconheceu imediatamente pela figurinha que tirara no sapo de chocolate comprado no trem. Os cabelos prateados de Dumbledore eram a única coisa no salão inteiro que brilhava tanto quanto os fantasmas. Harry viu o Prol Quirrel também, o rapaz nervoso do Caldeirão Furado. Parecia muito extravagante num grande turbante púrpura.

E agora só faltavam três pessoas para serem selecionadas. Lisa Turpin virou uma Corvinal e depois foi a vez de Rony. A essa altura ele estava brancoesverdeado. Harry cruzou os dedos sob a mesa para dar

sorte e um segundo depois o chapéu anunciou

GRIFINÓRIA!

Harry bateu palmas bem alto cornos demais

quando Rony se largou numa cadeira a seu lado.

- Muito bem, Rony excelente - disse Percy

Weasley pomposamente por cima de Harry na mesma

hora em que Blás Zabini era mandado para a Sonserina

. A. Profa. Minerva enrolou o pergaminho e recolheu o

Chapéu Seletor.

Harry baixou os olhos para o prato dourado e vazio

diante dele. Acabara de perceber como estava faminto.

As tortilhas de abóbora pareciam ter sido comidas

havia anos.

Alvo Dumbledore se levantara. Sorria radiante

para os estudantes, os braços bem abertos, como se

nada no mundo pudesse ter-lhe agradado mais do que

vê-los todos reunidos ali.

- Sejam bem-vindos! - disse. - Sejam bem-vindos

para um novo ano em Hogwarts! Antes de começarmos nosso banquete, eu gostaria de dizer umas palavrinhas: Pateta! Chorão! Destabocado! Beliscão! Obrigado.

E sentou-se. Todos bateram palmas e deram vivas.

Harry não sabia se ria ou não.

- Ele é...um pouquinho maluco? - perguntou, incerto, a Percy.

- Maluco? - disse Percy despreocupado. - he é um gênio! O melhor bruxo do mundo! Mas é um pouquinho maluco, sim. Batatas, Harry?

O queixo de Harry caiu. Os pratos diante dele agora estavam cheios de comida. Ele nunca vira tantas coisas que gostava de comer em uma mesa só: rosbife, galinha assada, costeletas de porco e de carneiro, pudim de carne, ervilhas, cenouras, molho, ketchup e, por alguma estranha razão, docinhos de hortelã.

Não é que os Dursley tivessem deixado Harry com fome mas nunca lhe permitiram comer tanto quanto quisesse. Duda sempre tirava tudo que Harry realmente queria, mesmo que acabasse doente. Harry encheu o prato com um. pouco de cada coisa exceto os docinhos e começou a comer. Estava tudo uma delícia.

- Isto está com uma cara ótima - disse o fantasma de gola de rufos observando, tristemente, Harry cortar

o rosbife.

- O senhor não pode...?

- Não como há quase quatrocentos anos - explicou. o

fantasma.-Não preciso, é claro, mas a pessoa sente

falta. Acho que ainda não me apresentei? Cavalheiro

Nicholas de Mimsy-Porpington às suas ordens

Fantasma residente da torre da Grinfinória.

- E sei quem o senhor é! - disse Rony

inesperadamente. Meus irmãos me falaram do senhor.

O senhor é, o Nick Quase Sem Cabeça.

- Eu prefiro que você me chame de cavalheiro

Nicholas de Mimsy - o fantasma começou muito

formal, mas o louro Simas Finnigan o interrompeu.

- Quase Sem Cabeça? Como é que alguém pode

ser *quase* sem cabeça?

Sir Nicholas parecia muitíssimo aborrecido, como

se aquela conversinha não estivesse tomando o rumo

que ele queria.

- Assim - disse com irritação. E agarrou a orelha esquerda e puxou. A cabeça toda girou para fora do pescoço e caiu por cima do ombro como se estivesse presa por uma dobradiça. Era óbvio que alguém tentara decapitá-lo, mas não fizera o serviço direito. Satisfeito com a cara de espanto dos garotos, Nick Quase Sem Cabeça empurrou a cabeça de volta ao pescoço, tossiu e disse:

- Então, novos moradores da Grifinória! Espero que nos aludem a ganhar o campeonato das casas este ano! Grifinória nunca passou tanto tempo sem ganhar a taça. Sonserina tem ganhado nos últimos seis anos! O barão Sangrento está ficando quase insuportável. Ele é o fantasma da Sonserina.

Harry deu uma olhada na mesa de Sonserina e viu um fantasma horroroso sentado lá, os olhos vidrados, uma cara muito magra e vestes sujas de sangue prateado. Estava ao lado de Malfoy; que, Harry ficou contente de ver, não parecia muito satisfeito com a distribuição dos lugares.

- Como foi que ele ficou coberto de sangue? - perguntou Simas muito interessado.

- Nunca perguntei - respondeu Nick Quase Sem Cabeça, educadamente.

Depois que todos comeram tudo o que podiam, as

sobras desapareceram. dos pratos deixando-os

116

limpinhos como no início. Logo depois surgiram as

sobremesas. Tijolos de sorvete de todos os sabores que

se possa imaginar, tortas de maças, tortinhas de

caramelo, bombas de chocolate, roscas fritas com

geleia, bolos de frutas com calda de vinho, morangos,

gelatinas pudim de arroz...

Quando Harry se serviu das tortinhas de caramelo, a

conversa se voltou para as famílias.

- Eu sou meio a meio - disse Simas. - Papai é

trouxa. Mamãe

não contou a ele que era bruxa até depois de casarem.

Teve um choque horrível

Os outros riram.

E você, Neville? - perguntou Rony.

- Bom, minha avó me criou *e* ela é bruxa, mas a

família achou

durante anos que eu era completamente trouxa. Meu tio-avó Algi vivia tentando me pegar desprevenido e me forçar a recorrer à magia. Ele me empurrou pela borda de um cais uma vez, eu quase me afoguei. Mas nada aconteceu até eu completar oito anos. Meu tio Algi veio tomar chá conosco e tinha me pendurado pelos calcanhares para fora de uma janela do primeiro andar, quando a minha tia-avó Enid lhe ofereceu um merengue *e* ele sem querer me deixou cair. Mas eu desci flutuando até o jardim e a estrada. Todos ficaram realmente satisfeitos. Minha avó chorou de tanta felicidade. E vocês deviam ter visto a cara deles quando entrei para Hogwarts. Achavam que eu não era bastante mágico para entrar, entendem. Meu tio Algi ficou tão contente que me comprou um sapo.

Do outro lado de Harry, Percy e Hermione conversavam sobre as aulas

- Espero que elas comecem logo, tem tanta coisa para a gente aprender, estou muito interessada em

Transfiguração, sabe, transformar uma coisa em outra, claro, dizem que é muito difícil; a pessoa começa aos poucos, fósforos em agulhas e coisas pequenas assim.

Harry, que estava começando a se sentir aquecido

e cheio de sono, olhou outra vez para a Mesa Principal.

Hagrid tomava um grande gole de sua taça. A Profa.

Minerva conversava com o Prof.

Dumbledore. O Prof. Quirrell, com aquele turbante

ridículo, conversava com um professor de cabelos

negros e oleosos, nariz de

gancho e pele macilenta.

Aconteceu muito de repente. O olhar do professor de

nariz de gancho passou pelo turbante de Quirrell e se

fixou nos olhos de Harry; e uma pontada aguda e

quente correu pela testa de Harry.

- Oi! - Harry levou a mão à testa.

- Que foi? - perguntou Percy.

- N-nada.

A dor se foi com a mesma rapidez com que viera.

Mais difícil foi se livrar da sensação que Harry teve sob

o olhar do professor

- uma sensação de que ele não gostava nada de Harry.

- Quem. é aquele professor que está conversando

com o Prof. Quirrell? - perguntou a Percy.

- Ah, você já conhece Quirrell é? Não admira que ele pareça tão nervoso, aquele é o Prof. Snape. Ele ensina Poções, mas não é o que ele queria. Todo o mundo sabe que está cobiçando o cargo de Quirrell. Conhece um bocado as Artes das Trevas, o Snape.

Harry observou o professor por algum tempo, mas Snape não voltou a olharem sua direção.

Finalmente, as sobremesas também desapareceram, e o Prof. Dumbledore ficou de pé mais uma vez. O salão silenciou.

- Hum... só mais umas palavrinhas agora que já comemos e bebemos. Tenho alguns avisos de início de

118

ano letivo para vocês.

"Os alunos do primeiro ano devem observar que é proibido andar na floresta da propriedade. E alguns dos nossos estudantes mais antigos fariam bem em se lembrar dessa proibição."

Os olhos cintilantes de Dumbledore faiscaram na direção dos gêmeos Weasley.

- O Sr. Filch o zelador; me pediu para lembrar a todos que não devem fazer mágicas no corredor durante os intervalos das aulas.

"Os testes de quadribol serão realizados na segunda semana de aulas. Quem estiver interessado em entrar para o time de sua casa deverão procurar Madame Hooch. E, por último, é preciso avisar que, este ano, o corredor do terceiro andar do lado direito está proibido a todos que não quiserem ter uma morte muito do dolorosa."

Harry riu, mas foi um dos poucos que fez isso,

- Ele não está falando sério! - cochichou a Percy.

- Deve estar - respondeu Percy franzindo a testa para Dumbledore. - E estranho porque em geral ele sempre nos diz a razão porque somos proibidos de ir a algum lugar A floresta está cheia de animais selvagens, todo o mundo sabe disso. Acho que poderia ter dito aos monitores, pelo menos.

- Que foi? perguntou Percy.

- N-nada.

A dor se foi com a mesma rapidez com que viera.

Mais difícil foi se livrar da sensação que Harry teve sob

o olhar do professor
- uma sensação de que ele não gostava nada de Harry.
- Quem é aquele professor que está conversando
como Prof. Quirrel? - perguntou a Percy.
- Ah, você já conhece Quirrell, é? Não admira que
ele pareça tão nervoso, aquele é o Prof. Snape. Ele
ensina Poções, mas não é o que ele quer. Todo mundo
119
sabe que está cobiçando o cargo de Quirrell. Conhece
um bocado as artes das Trevas, o Snape.
Harry observou o professor por algum tempo, mas
Snape não voltou a olhar em sua direção.
Finalmente, as sobremesas também
desapareceram, e o Prof. Dumbledore ficou de pé mais
uma vez. O salão silenciou.
- Hum...só mais umas palavrinhas agora que já
comemos e bebemos. Tenho alguns avisos de início de
ano letivo para vocês.
"Os alunos do primeiro ano devem observar que é
proibido andar na floresta da propriedade. E alguns dos
nossos estudantes mais antigos fariam bem em se
lembrar dessa proibição."
Os olhos cintilantes de Dumbledore faiscaram na
direção dos gêmeos Weasley.

- O Sr. Filch, o zelador, me pediu para lembrar a
todos que não devem fazer mágicas no corredor
durante os intervalos das aulas.

"Os testes de quadribol serão realizados na
segunda semana de aulas. Quem estiver interessado em
entrar para o time de sua casa deverá procurar Madame
Hooch. E, por ultimo, é preciso avisar que, este ano, o
corredor do terceiro andar do lado direito está proibido
a todos que não quiserem ter uma morte muito
dolorosa."

Harry riu, mas foi um dos poucos que fez isso.

- Ele não está falando sério! - cochichou a Percy.

- Deve estar - respondeu Percy franzindo a testa
para Dumbledore. - E estranho porque em geral ele
sempre nos diz a razão por que somos proibidos de ir a
algum lugar. A floresta está cheia de animais
selvagens, todo o mundo sabe disso. Acho que poderia
ter dito aos monitores, pelo menos.

E agora, antes de irmos para a cama, vamos cantar o
hino da escola! exclamou Dumbledore. Harry reparou
que os sorrisos dos outros professores tinham

amarelado.

Dumbledore fez um pequeno aceno com a varinha

como se estivesse tentando espantar uma mosca na

ponta e surgiu no ar uma longa fita dourada, que

esvoaçou para o alto das mesas e se enroscou como

uma serpente formando palavras.

- Cada um escolha sua música preferida - convidou

Dumbledore - , e lá vamos nós!

E a escola entoou em altos brados:

Hogwarts, Hogwarts, Hoggy Warty

Hogwarts,

Nos ensine algo por favor,

Quer sejamos velhos e calvos

Quer moços de pernas raladas;

Temos às cabeças precisadas

De idéias interessantes

Pois estão ocas e cheias de ar;

Moscas mortas e fios de cotão.

Nos ensine o que vale a pena

Faça o melhor; faremos o resto,

Estudaremos até o cérebro se desmanchar.

Todos terminaram a música em tempos diferentes. E por fim só restaram os gêmeos Weasley cantando sozinhos, ao som de uma lenta marcha fúnebre. Dumbledore regeu os últimos versos com sua varinha e, quando eles terminaram, foi um dos que aplaudiram. mais alto.

- Ah, a música - disse secando os olhos. - Uma magica que transcende todas que trazemos aqui! E agora. hora de dormir. Andando!

Os novos alunos de Grifinória seguiram Percy por entre os grupos que conversavam, saíram do salão principal e subiram a escadaria de mármore. As pernas de Harry

121

pareceram chumbo outra vez mas só porque estava muito cansado e saciado. Estava
cansado demais até para se surpreender que as pessoas nos retratos ao longo dos corredores murmurassem *e* apontassem quando eles passavam, ou que duas vezes Percy os tivesse conduzido por portais escondidos atrás de painéis corrediços e tapeçarias penduradas. Subiram outras tantas escadas bocejando e arrastando os pés, e Harry começou a se perguntar quanto ainda faltava para chegar quando de repente pararam.

Um feixe de bengalas flutuava no ar ã frente deles,

e quando Percy avançou um passo em sua direção,

começaram a assaltá-lo.

- Pirraça - cochichou Percy para os alunos do

primeiro ano.

- Um *Poltergeist.* - E falou em voz alia:

- Pirraça, calma.

Um som alto e grosseiro, como o ar escapando de

um balão respondeu:

- Quer que eu vá procurar o barão Sangrento?

Ouviram um estalo e um homenzinho com olhos

escuros e maus e a boca escancarada apareceu,

flutuando de pernas cruzadas no ar, segurando as

bengalas.

- Oooooooooh! - disse com uma risada malvada.

-Calourinhos! Que divertido!

E mergulhou repentinamente contra eles. Todos se

abaixaram.

- Vá embora, Pirraça, ou vou contar ao barão, e

estou falando Sério! - ameaçou Percy.

Pirraça estirou a língua e desapareceu, largando as bengalas na cabeça de Neville. Eles o ouviram partir zunindo, fazendo retinir os escudos de metal ao passar.

122

- Vocês tenham cuidado como Pirraça - recomendou Percy; quando retomaram a caminhada. - O barão Sangrento é o único que consegue controlá-lo, ele não dá confiança aos monitores. Chegamos.

No finzinho do corredor havia um retrato de uma mulher muito gorda vestida de rosa.

- Senha? - pediu ela.

- Cabeça de Dragão - disse Percy e o retrato se inclinou para a frente revelando um buraco redondo na parede. Todos passaram pelo buraco. Neville precisou de um calço. E se viram no sala comunal da Grifinória, um aposento redondo cheio de poltronas fofas.

Percy indicou às garotas a porta do seu dormitório e , aos meninos, a porta do deles. No alto de uma escada em caracol era óbvio que estavam em uma das torres encontraram finalmente suas camas; cinco camas com reposteiros de veludo vermelho-escuro. As malas já haviam sido trazidas. Cansados demais para falar muito, eles enfiaram os pijamas e caíram na cama.

- Comida de primeira, não foi? - comentou Rony:

para Harry pelos reposteiros. - Se manda, Pereba! Ele

está roendo os meus lençóis.

Harry ia perguntar a Rony se ele provara as tortinhas de

caramelo, mas adormeceu quase imediatamente.

Talvez Harry tivesse comido demais, porque teve um

sonho muito estranho. Estava usando o turbante do

Prof. QuirreIl, que não parava de conversar com ele,

dizendo que devia se mudar para Sonserina

imediatamente, porque era seu destino. Harry disse ao

turbante que não queria ir para Sonserina; o turbante

foi ficando cada vez mais pesado; Harry tentou tirá-lo

mas ele começou a apertar sua cabeça até doer - e ai

Malfoy apareceu, rindo do esforço dele. Depois Malfoy

se transformou no professor de nariz de gancho, Snape,

cuja gargalhada ecoou alta e fria - houve um clarão

verde e Harry acordou, suado e trêmulo.

Mudou de posição e sorriu a dormir, e quando acordou

no dia seguinte, nem se lembrou que tinha sonhado.

124

- CAPÍTULO OITO

O MESTRE DAS POÇÕES

Ali, olha.

- Onde?

- Ao lado do garoto alto de cabelos vermelhos.

- De óculos?

- Você viu a cara dele?

- Você viu a cicatriz?

Os murmúrios acompanharam Harry desde a hora

em que ele saiu do dormitório no dia seguinte. A

garotada que fazia fila do lado de fora das salas de aula

ficava nas pontas dos pés para dar urna espiada, ou ia e

vinha nos corredores para vê-lo duas vezes. Harry

desejou que não. Fizessem isso, porque estava tentando

se concentrar para encontrar o caminho para suas aulas.

Havia cento e quarenta e duas escadas em

Hogwarts: largas e imponentes; estreitas e precárias;

urnas que levavam a um lugar diferente às sextasfeiras;

outras com um degrau no meio que desaparecia

e a pessoa unha que se lembrar de saltar por cima.

Além disso, havia portas que não abriam a não ser que

a pessoa pedisse por favor, ou fizesse cócegas nelas no

lugar certo e portas que não eram bem portas, mas

paredes sólidas que fingiam ser portas. Era também

muito difícil lembrar onde ficavam as coisas, porque

tudo parecia mudar freqüentemente de lugar. As

pessoas nos retratos saíam para se visitar e Harry tinha

certeza de que os brasões andavam.

Os fantasmas também não ajudavam nada. Era

sempre um choque horrível quando um deles

atravessava de repente uma porta que a pessoa estava

querendo abrir. Nick Quase Sem Cabeça ficava sempre

feliz de apontar a direção certa para os alunos de

Grifinória, mas Pirraça, o *Poltergeist,* representava

duas portas fechadas

e urna escada falsa se a pessoa o encontrasse quando

estava atrasada para urna aula. Ele despejava cestas de

papéis na cabeça das pessoas, puxava os tapetes de

baixo de seus pés, acertava-as com pedacinhos de giz

ou vinha sorrateiro por trás, invisível, e agarrava-as

pelo nariz e guinchava: "PEGUEI-A PELA BICANA!'

Pior que o *Poliergest*, se é que era possível, era o zelador, Argos Filch. Harry e Rony conseguiram conquistar sua má vontade logo na primeira manhã, Filch encontrou-os tentando forçar caminho por uma porta que, por azar, era a entrada para o corredor proibido no terceiro andar. Ele não quis acreditar que estavam perdidos, pois tinha certeza de que estavam tentando arrombá-la de propósito e ameaçava trancálos nas masmorras, quando foram salvos pelo Prof. QuirreIl, que ia passando.

Filch tinha urna gata chamada Madame Nor-r-r-a, como quem ronrona, um bicho magro, cor de poeira, com olhos saltados como lâmpadas, iguais aos de Filch. Ela patrulhava os corredores sozinha. se alguém desobedecesse a urna regra em sua presença, pusesse o dedão do pé fora da linha, ela corria a buscar Filch, que aparecia, asmático, em dois segundos. Filch conhecia as passagens secretas da escola melhor do que ninguém (exceto tal vez os gêmeos Weasley) e podia surgir de repente como um fantasma. Os estudantes a detestavam e a ambição mais desejada de muitos era dar um bom pontapé em Madame Nora.

Além disso, quando a pessoa conseguia encontrar

o caminho das salas, havia as aulas em si. Mágica era

muito mais do que sacudir a varinha e dizer meia dúzia de palavras engraçadas, como Harry logo descobriu. Tinham de estudar o céu da noite pelo telescópio toda quarta-feira à meia-noite e aprender os nomes das diferentes estrelas e os movimentos dos planetas. Três vezes por semana iam para as estufas de plantas atrás do castelo para estudar herbologia, com um bruxo baixo e gordo chamado Prof. Sprout, com quem aprendiam como cuidar de todas as plantas e fungos estranhos e descobriam para que eram usados.

Sem favor, a aula mais chata era a de História da Mágica, a única matéria ensinada por um fantasma. O Prof. Bins era realmente muito velho quando adormeceu diante da lareira na sala dos professores e levantou na manhã seguinte para dar aulas, deixando o corpo para trás. Binns falava sem parar enquanto eles anotavam. nomes e datas e acabavam confundindo

Emerico, o Mau, com Urico, o Esquisitão.

O prof. Flitwick, que ensinava Feitiços, era um bruxo miudinho que tinha de subir numa pilha de livros para enxergar por cima da mesa. No começo da primeira aula ele pegou a pauta e quando chegou ao nome de Harry soltou um gritinho excitado e caiu da pilha, desaparecendo de vista.

Já a Profa. Minerva era diferente. Harry estava certo quando pensou que ela. não era professora para aluno nenhum aborrecer; Severa e inteligente, fez um sermão no instante em que eles se sentaram para a primeira aula.

- A Transfiguração é uma das mágicas mais complexas e perigosas que vão aprender em Hogwarts. Quem fizer bobagens na minha aula vai sair e não vai voltar mais. Estão avisados.

- Transformou, então, a mesa em porco e de volta em mesa. Todos ficaram muito impressionados e

ansiosos para começar mas logo perceberam que não iam transformar os móveis em animais ainda por muito tempo. Depois de fazerem anotações complicadas, receberam um fósforo e começaram a tentar transformá-lo em agulha. No fim da. aula, somente

Hermione Granger produzira algum efeito no fósforo; a

Profa. Minerva mostrou a classe como o fósforo ficara

todo prateado e pontiagudo e deu um raro sorriso à

aluna.

A matéria que todos estavam realmente

aguardando com ansiedade era a de Defesa Contra as

Artes das trevas mas as aulas de Quirrell foram uma

piada Sua sala cheirava fortemente a alho que todos

diziam que era para espantar um vampiro que ele

encontrara na Romênia e temia que viesse atacá-lo a

qualquer dia. Seu turbante, contou ele, fora presente de

um príncipe africano como agradecimento por tê-lo

livrado de um zumbi incômodo, mas os alunos não

tinham muita certeza se acreditavam na historia.

Primeiro porque, quando Simas Finnigan pediu ansioso

para QuirreIl contar como liquidara o zumbi, Quirrell

ficou vermelho

e começou a falar do tempo; segundo porque eles

repararam que havia um cheiro engraçado em volta do

turbante, e os gêmeos Weasley insistiam que devia estar cheio de alho também, de modo que Quirrell estava protegido em qualquer lugar.

Harry se sentiu aliviado ao descobrir que não estava muito atrasado com relação ao resto da turma. Muitos alunos tinham vindo de famílias de trouxas e, como ele, não faziam idéia de que eram bruxas e bruxos. Havia tanto para aprender que até gente como Rony não estava tão adiantada assim.

Sexta-feira foi um dia importante para Harry e Rony; Eles finalmente conseguiram encontrar o caminho para o salão principal e tomar o café da manhã sem se perder nem uma vez.

- O que temos hoje? - perguntou Harry a Rony enquanto punha açúcar no mingau de aveia.

- Poções duplas corno pessoal da Sonserina. Snape é diretor da Sonserina. Dizem que sempre protege eles. Vamos ver se é verdade.

- Gostaria que Minerva nos protegesse. - A Profa. Minerva era diretora da Grifinória, mas isso não a impedira de dar aos seus alunos uma montanha de dever de casa no dia anterior

Naquele instante chegou o correio. Harry agora já

se acostumara com isso, mas levara um susto na primeira manhã quando centenas de corujas entraram de repente no salão principal durante o café da manhã, circulando as mesas até verem seus donos e deixarem cair as cartas e pacotes no colo deles.

Edwiges não trouxera nada para Harry até então.

As vezes entrava para beliscar sua orelha e comer um pedacinho de torrada antes de ir dormir no corujal com as outras corujas da escola. Esta manhã, porém, ela esvoaçou entre a geleia e o açucareiro e deixou cair um bilhete no prato de Harry. Ele o abriu imediatamente.

Prezado Harry; dizia, numa letra muito garranchosa.

Sei que tem as tardes de sexta-feiras livres, então será que não gostaria de vir tomar uma xícara de chá comigo por volta das três horas? Quero saber como foi a sua primeira semana. Mande-nos uma resposta pela Edwiges..

Hagrid.

Harry pediu emprestada a pena de Rony e escreveu

novidade para você!

'Sim, gostaria, vejo você mais tarde. "no verso do

bilhete e despachou Edwiges outra vez.

Foi uma sorte que Harry tivesse o convite de

Hagrid com que se alegrar, porque a aula de Poções foi

129

a pior coisa que lhe acontecera até ali

No início do banquete de abertura do ano letivo,

Harry tivera a impressão de que o Prof. Snape não

gostava dele. No final da primeira aula de Poções, ele

viu que se enganara. Não era bem que Snape não

gostava de Harry - ele o

A aula de Poções foi em uma das masmorras. Era

mais frio ali do que na parte social do castelo e teria

dado arrepios mesmo sem os animais embalsamados

flutuando em frascos de vidro nas paredes à volta.

Snape, como Flitwick, começou a aula fazendo a

chamada e, como Flitwick, ele parou no nome de

Harry..

- Ah, sim - disse baixinho. - Harry Potter. A nossa

nova *celebridade*.

Drago Malfoy e seus amigos Crabbe e Goyle

deram risadinhas escondendo a boca com as mãos.

Snape terminou a chamada e encarou a classe. Seus

olhos eram negros como os de Hagrid, mas não tinham o calor dos de Hagrid. Eram frios e vazios e lembravam túneis escuros.

- Vocês estão aqui para. aprender a ciência sutil e a arte exata do preparo de poções - começou. Falava pouco acima de um sussurro, mas eles não perderam nenhuma palavra. Como a Profa. Minerva, Snape tinha o dom de manter uma classe silenciosa sem esforço. - Como aqui não fazemos gestos tolos, muitos de vocês podem pensar que isto não é mágica. Não espero que vocês realmente entendam a beleza de um. caldeirão cozinhando em fogo lento, com a fumaça a. tremeluzir, o delicado poder dos líquidos que fluem pelas veias humanas e enfeitiçam a mente, confundem os sentidos... Posso ensinar-lhes a engarrafar fama, *a* cozinhar glórias, *até a zumbificar* se não forem o bando

de cabeças-ocas que geralmente me mandam ensinar.

Mais silêncio seguiu-se a esse pequeno discurso. Harry e Rony se entreolharam com as sobrancelhas erguidas Hermione Granger estava sentada na beiradinha da carteira e parecia desesperada para começar a provar que não era uma cabeça-oca.

- Potter! - disse Snape de repente. - O que eu

obteria se adicionasse raiz de asfódelo em pó a uma

infusão de losna?

Raiz de quê em pó a um infusão do quê? Harry

olhou para Rony, que parecia tão embatucado quanto

ele; a mão de Hermione se ergueu no ar.

- Não sei, não senhor - disse Harry.

À..A boca de Snape se contorceu num riso de desdém.

-Tsk, tsk, a fama pelo visto não é tudo.

E não deu atenção à mão de Hermione.

- Vamos tentar outra vez, Potter. Se eu lhe pedisse,

onde você iria buscar bezoar?

Hermione esticava sua mão no ar o mais alto que

pôde sem se levantar da carteira, mas Harry não tinha a

menor idéia do que fosse bezoar Tentou não olhar para

Malfoy, Crabbe e Goyle, que se sacudiam de tanto rir.

- Não sei, não senhor.

- Achou que não precisava abrir os livros antes de

vir, hein, Potter?

Harry fez força para continuar olhando diretamente

para aqueles olhos frios. *Folheara* os livros na casa dos Dursley mas será que Snape esperava que ele se lembrasse de tudo que vira em *Mil ervas e fungos mágicos?*

Snape continuava a desprezar a mão trêmula de Hermione.

- Qual é a diferença Potter, entre acónito licoctono e acônito lapelo?

Ao ouvir isso Herminione se levantou, a mão

131

esquerda em direção ao teto da masmorra.

- Não sei - disse Harry em voz baixa. - Mas acho que Herminione sabe, porque o senhor não pergunta a ela?

Alguns garotos riram; os olhos de Harry encontraram os de Simas e este deu uma piscadela. Snape, porem não gostou.

- Sente-se - disse com rispidez a Hermione. - Para sua informação

Potter, asfódelo e losna produzem uma poção para adormecer tão forte que é conhecida como a Poção do Mortos Vivos. O bezoar é uma pedra tirada do estômago da cabra e pode salvá-lo da maioria dos venenos. Quanto aos dois acônitos são plantas do

mesmo gênero botânico. Então? Por que não estão

copiando o que estou dizendo?

Ouviu-se um ruído repentino de gente apanhando

penas e pergaminhos. E acima desse ruído a voz de

Snape:

- E vou descontar um ponto da Grifinória por sua

impertinência, Potter.

As coisas não melhoraram para os alunos da

Grifinória na continuação da aula de Poções. Snape

separou-os aos pares e mandou-os misturar uma poção

simples para curar furúnculos. Caminhava imponente

com sua longa capa negra, observando-os pesar urtigas

secas e pilar presas de cobras, criticando quase todos,

exceto Drago, de quem parecia gostar. Tinha acabado

de dizer a todos que olhassem a maneira perfeita com

que Drago cozinhara as lesmas quando um. silvo alto e

nuvens de fumaça acre e verde invadiram. a masmorra.

Neville conseguira derreter o caldeirão de Simas

transformando-o numa bolha retorcida e a poção dos

dois estava vazando pelo chão de pedra, fazendo furos nos sapatos dos garotos. Em segundos, a classe toda estava trepada nos banquinhos enquanto Neville, que se encharcara de poção quando o caldeirão derreteu, tinha os braços e as pernas cobertos de furúnculos vermelhos que o faziam gemer de dor.

132

- Menino idiota! - vociferou Snape, limpando a poção derramada com um aceno de sua varinha. - Suponho que tenham adicionado as cerdas de porcoespinho antes de tirar o caldeirão do fogo?

Neville choramingou quando os furúnculos começaram a pipocar em seu nariz.

- Levem-no para a ala do hospital - Snape ordenou a Simas. Em seguida voltou-se zangado para Harry e Rony, que estavam trabalhando ao lado de Neville.

- Você, Potter, por que não disse a ele para não adicionar as cerdas? Achou que você pareceria melhor se ele errasse, não foi? Mais um ponto que você perdeu para Grifinória.

- A injustiça foi tão grande que Harry abriu a boca pata argumentar, mas Rony deu-lhe um pontapé por trás do caldeirão.

- Não force a barra cochichou. Ouvi dizer que

Snape pode ser muito indigesto.

Quando subiam as escadas para sair da masmorra

uma hora depois, os pensamentos se sucediam velozes

na cabeça de Harry, que se sentia deprimido. Perdera

dois pontos para Grifinória na primeira semana - por

que Snape o odiava tanto?

- Ânimo - disse Rony - Snape está. sempre tirando

pontos de Fred e Jorge. Posso ir com você a casa de

Rúbeo?

As cinco para as três eles saíram do castelo e

atravessaram a propriedade. Hagrid morava numa

casinha de madeira na orla da floresta proibida. Uma

besta e um par de galochas estavam à porta da casa.

Quando Harry, bateu à porta eles ouviram uma

correria frenética e latidos ferozes. Depois, a voz de

Hagrid dizendo:

- *Para trás,* Canino *Atrás.*

- *A* cara barbuda de Hagrid apareceu na fresta

quando a porta se abriu.

- Espere aí. *Para trás,* Canino.

Ele os fez entrar, lutando para segurar com firmeza a coleira de um enorme cão de caçar javalis.

Havia apenas um aposento na casa. Presuntos e faisões pendiam do teto, uma chaleira de cobre fervia ao fogão e a um canto havia uma cama maciça coberta com urna colcha de retalhos.

- Estejam à vontade - falou Hagrid, soltando Canino, que pulou imediatamente para cima de Rony e começou a lamber-lhe as orelhas. Como Hagrid, parecia óbvio que Canino não era tão feroz quanto se esperava.

- Este é o Rony - Harry disse a Hagrid, que fora despejar água fervendo num grande bule de chá e arrumar biscoitos num prato.

- Mais um Weasley, hem? - exclamou Hagrid vendo as sardas de Rony; - Passei metade da vida expulsando seus irmãos da floresta.

Os biscoitos quase quebraram os dentes deles, mas Harry e Rony fingiram gostar e contaram a Hagrid como tinham sido as primeiras aulas. Canino descansou a cabeça no colo de Harry e cobriu as vestes dele de baba.

Harry e Rony ficaram contentes de ouvir Hagrid

chamar Filch de guitarra velha".

Quanto àquela gata, Madame Nora, às vezes eu

tenho vontade de apresentar o Canino a ela. Sabe que

todas as vezes que vou até a escola ela me segue por

toda parte? Não consigo me livrar da gata. É Filch que

manda ela fazer isso.

Harry contou a Hagrid a aula de Snape. Hagrid,

como Rony; disse a Harry que não se preocupasse, que

Snape não gostava praticamente de nenhum aluno.

- Mas ele parecia que realmente me *odiava*..

- Bobagem! Por que o odiaria?

Mas Harry não pôde deixar de pensar que Hagrid

evitou encará-lo quando disse isso.

- Como vai seu irmão Carlinhos? - perguntou

Hagrid a Rony. - Eu gostava muito dele. Tinha

muito jeito com animais.

Harry se perguntou se Hagrid teria mudado de

assunto de propósito. Enquanto Rony contava tudo sobre o trabalho de Carlinhos com dragões, Harry apanhou um pedaço de papel que estava na mesa sob o abafador de chá. Era uma noticia recortada do *Profeta Diário.*

O CASO GRINGOTES

Prosseguem as investigações sobre o arrombamento de Gringotes, ocorrido em 31 de julho, que se acredita ter sido trabalho de bruxos e bruxas das Trevas desconhecido.

Os duendes de Gringotes insistiam hoje que nada foi roubado. O cofre aberto na realidade fora esvaziado mais cedo naquele dia.

"Mas não vamos dizer o que havia dentro, para que ninguém se meta, se tiver juízo", disse um portavoz esta tarde.

Harry lembrou-se que Rony lhe contata no trem que alguém tentara roubar Gringotes, mas não mencionara a data.

- Rúbeo! - exclamou Harry. - Aquele arrombamento de Gringotes aconteceu no dia do meu aniversário! Talvez estivesse acontecendo enquanto a gente estava lá!

Não havia a menor dúvida, desta vez Hagrid

decididamente evitara encarar Harry. Resmungou

alguma coisa e lhe ofereceu mais um biscoito. Harry

135

releu a notícia *O cofre aberto na realidade fora*

esvaziado mais cedo naquele dia. Hagrid esvaziara o

cofre setecentos e treze, se é que se podia chamar

esvaziar alguém levar aquele pacotinho encalombado

Seria aquilo que os ladrões estavam procurando?

Quando Harry e Rony voltaram ao castelo para

jantar, tinham os bolsos pesados com os biscoitos que a

educação os impedira de recusar. Harry pensou que

nenhuma das aulas a que assistira até ali tinha lhe dado

tanto o que pensar quanto o chá com Rúbeo Hagrid

Será que Hagrid tinha apanhado o pacote bem na hora?

Onde estava o pacote agora? Será que ele sabia alguma

coisa de Snape que não queria contar a Harry?

136

- CAPÍTULO NOVE -

***O** duelo á meia-noite*

Harry jamais acreditara que fosse encontrar um garoto que ele detestasse mais do que Duda, mas isto foi antes de conhecer Drago. Os alunos do primeiro ano da Grifinória, porém, só tinham uma aula com os da Sonserina, a de Poções, por isso não precisavam aturar Drago muito tempo. Ou pelo menos, não precisavam até verem um aviso pregado no salão comunal de Grinfinória que fez todos gemerem. As aulas de vôo começariam na quinta-feira - e os alunos das duas casas aprenderiam juntos.

- Típico - disse Harry desanimado. - E o que eu sempre quis Fazer papel de palhaço montado numa vassoura na frente do Drago.

Ele estivera ansioso para aprender a voar, mais do que qualquer outra coisa.

- Você não sabe se vai fazer papel de palhaço - disse Rony sensata - Em todo o caso, sei que Drago vive falando que é bom em quadribol, mas aposto que é conversa fiada.

Drago sem dúvida falava muito de vôos.

Queixava-se em voz alta que os alunos do primeiro ano nunca entravam para o time de quadribol e se gabava em longas histórias, que sempre pareciam terminar com ele escapando por um triz dos trouxas de helicóptero.

Mas ele não era o único: pelo que Simas Finnigan contava, ele passara a maior parte da infância voando pelo campo montado numa vassoura. Até Rony contava

para quem quisesse ouvir sobre a vez em que ele quase batera numa asa delta montado na velha vassoura de Carlinhos. Todos os garotos de famílias de bruxos falavam. o tempo todo de quadribol Rony já tivera uma grande discussão sobre futebol com Dino Thomas, que também usava o dormitório deles. Rony não via nada excitante em um

jogo em que ninguém podia voar e só tinha uma bola. Harry surpreendera Rony cutucando o poster em que Dino aparecia como time de futebol de West Ham, tentando fazer os jogadores se mexerem.

Neville nunca andara de vassoura na vida, porque a avo nunca o deixara chegar perto de uma. No fundo, Harry achava que ela estava certíssima, porque Neville conseguira sofrer um número impressionante de

acidentes mesmo com os dois pés no chão.

Hermione Granger estava quase tão nervosa quanto Neville com a idéia de voar. Isto não era coisa que se aprendesse de cor em um livro - não que ela não tivesse tentado. No café da manhã de quinta-feira, deu um cansaço neles falando sobre macetes de vôo que lera em um livro da biblioteca chamado *Quadribol através* dos *séculos.* Neville praticamente se pendurava em cada palavra que ela dizia, desesperado para aprender qualquer coisa que o ajudasse a se segurar na vassoura mais tarde, mas todos os outros ficariam muito felizes quando a conferência de Hermione foi interrompida pela chegada do correio.

Harry não recebera nenhuma carta desde o bilhete de Hagrid, uma coisa que Drago não demorara nada a notar, é claro. A coruja de Drago estava sempre lhe trazendo de casa pacotes de doces, que ele abria fazendo farol na mesa da Sonserina.

Uma coruja de curral trouxe para Neville um pacotinho da avó. Ele o abriu excitado e mostrou a

todos uma bolinha de vidro do tamanho de uma bola de gude grande, que parecia cheia de fumaça branca.

- É um Lembrol! - explicou ele. - Vovó sabe que

sou esquecido. Isto serve para avisar que a gente

esqueceu de fazer alguma coisa. Olhe, aperte assim e

ele fica vermelho, ah... - E ficou sem graça, porque o

Lembro! de repente emitiu uma luz escarlate -...você

esqueceu alguma coisa...

Neville estava tentando se lembrar do que

esquecera quando Drago, que ia passando pela mesa ia

Grifinória, arrancou o Lembrol de sua mão.

Harry e Rony puseram-se imediatamente de pé.

Andavam querendo um motivo para brigar com Drago,

mas a Profa. Minerva, que era capaz de identificar uma

confusão mais depressa do que qualquer outro

professor da escola, num segundo estava lá.

- Que é que está acontecendo?

- Drago tirou o meu Lembrol, professora.

Mal-humorado, Drago mais do que depressa

largou o Lembrol na mesa.

- Só estava olhando - falou, e saiu de fininho com

Crabbe e Goyle na esteira.

As três e meia, aquela tarde, Harry,

Rony e os outros garotos da Grifinória

desceram correndo as escadas que

levavam para fora do castelo para a

primeira aula de vôo. Era um dia claro,

com uma brisa fresca e a grama ondeava

pelas encostas sob seus pés ao

caminharem em direção a um gramado

plano que havia do lado oposto à

floresta proibida, cujas árvores

balançavam sinistramente a distancia.

Os garotos da Sonserina já estavam lá, bem como

as vinte vassouras arrumadas em fileiras no chão.

Harry ouvira Fred e Jorge Weasley se queixarem das

vassouras da escola, dizendo que havia umas que

começavam a vibrar quando voavam muito alto, ou

sempre repuxavam ligeiramente para a esquerda.

A professora, Madame Hooch, chegou. Tinhas

cabelos curtos e grisalhos é olhos amarelos como os de

um falcão

- Vamos, o que é que estão esperando? - perguntou

com rispidez. - Cada um ao lado de uma vassoura.

Vamos, andem logo.

Harry olhou para a vassoura. Era velha e tinha algumas palhas espetadas para fora em ângulos estranhos.

- Estiquem a mão direita sobre a vassoura - mandou Madame Hooch diante deles - e digam "Em pé!"

- EM PÉ! --gritaram todos.

A vassoura de Harry pulou imediatamente para sua mão, mas foi uma das poucas que fez isso. A de Hermione Cranger simplesmente se virou no chão e a de Neville nem se mexeu. Talvez as vassouras corno os cavalos, percebessem quando a pessoa estava com medo, pensou Harry; havia um tremor na voz de Neville, que dizia com demasiada clareza que ele queria manter os pés no chão.

Madame Hooch, em seguida, mostrou-lhes como montar as vassouras sem escorregar pela outra extremidade, e passou pelas fileiras de alunos corrigindo a maneira de segurá-la. Harry e Rony ficaram contentes quando ela disse a Drago que ele segurava a vassoura errado havia anos.

- Agora, quando eu apitar, dêem um impulso forte

com os pés - disse a professora. - Mantenham as

vassouras firmes, saiam alguns centímetros do chão e

voltem a descer curvando o corpo um pouco para a

frente. Quando eu apitar... três... dois..

Mas Neville, nervoso, assustado, e com medo que

a vassoura o largasse no chão, deu um impulso forte

antes mesmo de o apito tocar os lábios de Madame

Hooch.

- Volte, menino! - gritou ela, mas Neville subiu

como uma rolha que sai sob pressão da garrafa, quatro

metros, seis metros. Harry viu a cara de Neville branca

de medo espiando para o chão enquanto ganhava

altura, viu-o exclamar, escorregar de lado para fora da

vassoura e...

- BUMBA! - um baque surdo, um ruído de fratura

e Neville caindo de borco na grama, estatelado. Sua

vassoura continuou a subir cada vez mais alto e

começou a flutuar sem pressa em direção à floresta

proibida e desapareceu de vista,

Madame Hooch se debruçou sobre Neville, o rosto

tão branco quanto o dele.

- Pulso quebrado - Harry ouviu-a murmurar - Vamos, menino, levante-se.

Virou-se para o restante da classe.

- Nenhum de vocês vai se mexer enquanto levo este menino ao hospital! Deixem as vassouras onde estão ou vão ser expulsos de Hogwarts antes de poderem dizer "quadribol". Vamos, querido.

Neville, o rosto manchado de lagrimas, segurando o pulso, saiu mancando em companhia de Madame Hooch, que o abraçava pelos ombros.

Assim que se distanciaram e ficaram fora do campo de audição da classe, Drago caiu na gargalhada.

- Vocês viram a cara dele, o panaca?

Os outros alunos da Sonserina fizeram coro.

- Cala a boca, Drago - retrucou Parvati Patil.

141

- Uuuu, defendendo o Neville? - disse Pansy Parkinson, uma aluna da Sonserina de feições dura - Nunca pensei que você gostasse de manteiguinhas derretidas, Parvati.

- Olhe! - disse Drago, atirando-se para a frente e recolhendo alguma coisa na grama. - E aquela porcaria que a avó do Neville mandou.

O Lembrol cintilou ao sol quando o garoto o

ergueu.

- Me dá isso aqui, Drago - falou Harry em voz

baixa. Todos pararam de conversar para espiar,

Drago soltou uma risadinha malvada.

- Acho que vou deixá-la em algum lugar para

Neville apanhar, que tal em cima de uma árvore?

- Me dá isso aqui - berrou Harry, mas Drago

montara na vassoura e saíra voando. Ele não mentira,

sabia voar bem, e planando ao nível dos ramos mais

altos de um carvalho desafiou:

- Venha buscar, Potter!

Harry agarrou a vassoura.

- Não! - gritou Hermione Granger - Madame

Hooch disse para a gente não se mexer Vocês vão nos

meter numa enrascada.

Harry não lhe deu atenção. O sangue palpitava em

suas orelhas. Ele montou a vassoura, deu um impulso

com força e subiu, subiu alto, o ar passou veloz pelo

seu cabelo e suas vestes se agitaram com força para trás - e numa onda de feroz alegria ele percebeu que encontrara alguma coisa que era capaz de fazer sem ninguém lhe ensinar - isto era fácil, era *maravilhoso.*

Puxou a vassoura para o alto para subir ainda mais e ouviu gritos e exclamações das garotas lá no chão e um viva de admiração do Rony;

Virou a vassoura com um gesto brusco ficando de frente para Drago, que planava no ar. O garoto estava abobalhado.

142

- Me dá isso aqui - mandou Harry - ou vou derrubar você dessa vassoura!

- Ah é? - retrucou Drago, tentando caçoar, mas parecendo preocupado.

Harry de alguma maneira. sabia o que fazer.

Curvou-se para a frente, segurou a vassoura com firmeza com as duas mãos e ela disparou na direção de Drago como uma lança. Drago só conseguiu escapar por um triz; Harry fez uma curva fechada e manteve a vassoura firme. Algumas pessoas no chão aplaudiam.

Aqui não tem Crabbe nem Goyle para salvarem sua pele, Drago - berrou Harry;.

O mesmo pensamento parecia ter ocorrido a

Drago.

- Apanhe se puder, então! - gritou, atirou a bolinha

de cristal no ar e voltou para o chão.

Harry viu, como se fosse em câmara lenta, a

bolinha subir no ar e começar a cair. Ele se curvou para

a frente e apontou o cabo da vassoura para baixo - no

instante seguinte estava ganhando velocidade num

mergulho quase vertical, apostando corrida com a

bolinha - o vento assobiava em suas orelhas, misturado

aos gritos das pessoas que olhavam - ele esticou a mão

- a uns trinta centímetros do solo agarrou-a, bem em

tempo de levar a vassoura à posição vertical, e caiu

suavemente na grama com o Lembrol salvo e seguro na

mão.

- HARRY POTTER!

Ele perdeu a animação mais depressa do que

quando mergulhara. A Profa. Minerva vinha correndo

em direção à turma. Ele se levantou tremendo.

-*Nunca*... em todo o tempo que estou em

Hogwarts...

A Profa. Minerva quase perdeu a fala de espanto e

seus óculos cintilavam sem parar, "... como é que você

143

se *atreve*... podia ter partido o pescoço...

- Não foi culpa dele, professora...

- Calada, Senhorita Patil..

- Mas Drago...

- *Chega,* Sr. Weasley Potter, me acompanhe,

agora.

Harry viu as caras vitoriosas de Drago, Crabbe e

Goyle ao sair acompanhando, espantado, a Profa.

Minerva, que seguiu para o castelo. Ia ser expulso,

sabia. Queria dizer alguma coisa para se defender, mas

parecia ter acontecido alguma coisa com a sua voz.

A Profa. Minerva caminhava decidida, sem nem olhar

para trás;

ha que correr para acompanhar seu passo Agora se enrascara.

Não tinha durado nem duas semanas. Estaria fazendo

as malas dali a dez minutos. Que iriam dizer os Dursley

quando ele aparecesse à porta da casa?

Subiram os degraus da entrada, subiram a

escadaria de mármore, e a Profa. Minerva continuava a

não dizer nada. Escancarava portas e marchava pelos

corredores com Harry trotando infeliz atrás dela.

Talvez ela o levasse a Dumbledore. Pensou em Hagrid,

aluno expulso a quem tinham permitido continuar na

escola como guarda-caça. Talvez virasse assistente de

Hagrid. Seu estômago revirava só de pensar,

observando Rony e os outros se tornarem bruxos

enquanto ele andava pela propriedade carregando a

bolsa de Hagrid.

A Profa. Minerva parou à porta de uma sala de

aula. Abriu a porta e meteu a cabeça para dentro.

- Com licença, Prof. Flitwick, nosso pedir o Wood

emprestado por um instante?

Wood? pensou Harry, intrigado; Wood seria

alguma coisa que ela ia usar para castigá-lo?

Mas Wood afinal era uma pessoa, um menino forte

do quinto ano, que saiu da sala de Flitwick parecendo

confuso.

- Vocês dois me sigam - disse a Profa. Minerva, e

continuaram todos pelo corredor, Wood examinando Harry com curiosidade.

- Entrem.

A Profa. Minerva indicou uma sala de aula que estava vazia exceto por Pirraça, que se ocupava em escrever palavrões no quadro-negro.

- Fora, Pirraça! - ordenou ela. Pirraça atirou o giz em uma cesta, produzindo um eco metálico e alto e saiu xingando. A Profa. Minerva bateu a porta atrás dele e virou-se para encarar os dois garotos.

- Harry Potter, este é Olívio Wood. Olívio... encontrei um apanhador para você.

A expressão de Olívio mudou de confusão para prazer. Está falando sério, professora?

Seríssimo - resumiu a Profa. Minerva. O menino tem um talento natural Nunca vi nada parecido. Foi a primeira vez que montou numa vassoura, Harry?

Harry confirmou com a cabeça. Não tinha a menor idéia do que estava acontecendo mas parecia que não estava sendo expulso, e começou a recuperar um pouco da sensibilidade nas pernas.

- Ele apanhou aquela coisa com a mão depois de um mergulho de mais de 15 metros - a Profa. Minerva contou a Wood.

- Não sofreu um único arranhão. Nem Carlinhos

Weasley seria capaz de fazer igual.

Olívio parecia agora alguém cujos sonhos tinham

virado realidade, todos ao mesmo tempo.

- Você já assistiu a um jogo de quadribol, Potter? -

perguntou excitado.

- Wood é o capitão do time da Grifinória -

explicou a Profa. Minerva.

- E tem o físico perfeito para um apanhador -

acrescentou Olívio agora andando a volta de Harry,

examinando-o. - Leve, veloz, vamos ter de arranjar

uma vassoura decente para ele, professora, uma

Nimbus 2000 ou uma Cleansweep-7, na minha opinião,

- Vou conversar com o professor Dumbledore e

ver se podemos contornar o regulamento para o

primeiro ano. Deus sabe que precisamos de um time

melhor do que o do ano passado. *Esmagado* naquele

ultimo jogo contra os sonserinos. Mal consegui encarar

Severo Snape no rosto durante semanas...

A Profa. Minerva espiou Harry com severidade por cima dos óculos.

- Quero ouvir falar que você está treinando com vontade, Potter, ou posso mudar de idéia quanto ao castigo que merece.

Então, inesperadamente, ela sorriu.

- Seu pai teria ficado orgulhoso. Era um excelente jogador de quadribol.

- Você está *brincando.*

Era hora do jantar Harry acabara de contar a Rony o que acontecera quando deixara os jardins da propriedade com a Profa. Minerva. Rony tinha um pedaço de bife e pastelão de rins a meio caminho da boca, mas esqueceu o que estava fazendo.

-*Apanhador?* - exclamou. - Mas os alunos do primeiro ano *nunca,* você vai ser o jogador da casa *mais* novo do último...

- Século - completou Harry; enfiando o pastelão na boca. Sentia-se particularmente faminto depois da agitação da tarde. -Olívio me disse.

Rony estava tão admirado, tão impressionado, que ficou ali sentado de boca aberta para Harry.

- Vou começar a treinar na próxima semana - anunciou Harry. - Só não conte a ninguém, Olívio quer fazer segredo.

Fred e Jorge Weasley entraram nesse momento no salão, virara Harry e foram depressa falar com ele.

- Grande lance - falou Jorge em voz baixa. - Olívio nos contou. Estamos no time também... batedores.

- Sabe de uma coisa, tenho certeza de que vamos ganhar a taça de quadribol deste ano - disse Fred. - Não ganhamos desde que Carlinhos terminou a escola, mas o time deste ano vai ser brilhante. Você deve ser bom, Harry; Olívio estava quase dando pulinhos quando nos contou.

- Em todo o caso, temos de ir, Lino Jordan acha que encontrou uma nova passagem secreta para sair da escola.

Fred e Jorge mal tinham desaparecido quando alguém menos bem-vindo apareceu: Drago, ladeado por Crabbe e Goyle.

- Comendo a última refeição, Harry? Quando vai pegar o trem de volta para a terra dos trouxas?

- Você está bem mais corajoso agora que voltou ao chão e está acompanhado por seus amiguinhos - disse

Harry tranqüilo. Não havia nada "inho" em Crabbe nem

em Goyle, mas como a mesa principal estava repleta de

professores, os garotos só podiam estalar as juntas e

fazer cara feia.

- Enfrento você a qualquer hora sozinho - disse

Draga. - Hoje

à noite, se você quiser. Duelo de bruxos. Só varinhas,

sem contato. Que foi? Nunca ouviu falar de duelo de

bruxos, suponho?

- Claro que já - respondeu Rony virando-se. Vou

ser o padrinho dele, quem vai ser o seu?

Drago mirou Crabbe e Goyle medindo-os.

- Crabbe, meia-noite está bem? Nos encontramos

na sala de troféus, está sempre destrancada.

Quando Drago foi embora, Rony e Harry se

entreolharam.

- O que é um duelo de bruxos? - perguntou Harry.

- E o que você quis dizer quando se ofereceu para ser

meu padrinho?

- Bom, o padrinho fica lá para tomar o seu lugar se você morrer - disse Rony com displicência, começando finalmente a comer o pastelão frio. Surpreendendo a expressão no rosto de Harry, acrescentou bem depressa: - Mas as pessoas só morrem em duelos de verdade, sabe, com bruxos de verdade. O máximo que você e Drago conseguirão fazer será atirar fagulhas um no outro. Nenhum dos dois conhece magia suficiente para fazer estragos. Mas aposto que ele esperava que você recusasse.

- E se eu agitar minha varinha e nada acontecer?

- Jogue a varinha fora e meta-lhe um soco na cara - sugeriu Rony.

- Com licença.

Os dois ergueram os olhos. Era Hermione Granger.

- Será que a pessoa não pode comer sossegada neste lugar? - exclamou Rony.

Hermione não ligou para ele e se dirigiu a Harry

- Não pude deixar de ouvir o que você e Drago estavam dizendo...

- Aposto que podia - resmungou Rony.

e você não deve andar pela escola a noite, pense nos pontos que vai perder para a Grifinória se for pego, e você vai ser E muito egoísmo da sua parte.

- E, para falar a verdade, não é da sua conta -

respondeu Harry.

- Tchau-disse Rony.

Em todo o caso, não era o que se poderia chamar

de um final perfeito para o dia, pensou Harry, muito

mais tarde, deitado na cama sem dormir, percebendo

Dino e Simas adormecerem.

(Neville não voltara do hospital). Rony passou a noite

toda lhe dando conselhos do tipo "Se ele tentar lançar

um feitiço, é melhor você tirar o corpo fora, porque não

consigo me lembrar como se fecha o corpo". Havia

uma boa chance de serem pegos por Filch ou por

Madame Nor-r-ra, e Harry sentiu que estava abusando

da sorte, desrespeitando mais um regulamento da

escola no mesmo dia. Por outro lado, a cara de deboche

de Drago não parava de lhe aparecer no escuro - essa

era sua grande oportunidade de vencer Drago cara a

cara. Não podia perdê-la.

- Onze e trinta - Rony cochichou finalmente, é melhor irmos.

Eles vestiram os robes, apanharam as varinhas e atravessaram sorrateiros o quarto da torre, desceram a escada em espiral e entraram na sala comunal da Grifinória. Algumas brasas ainda rutilavam na lareira, transformando todas as poltronas em sombras corcundas. Tinham quase chegado à abertura no retrato quando urna voz falou da poltrona mais próxima.

- Não posso acreditar que você vai fazer isso, Harry.

Uma lâmpada se acendeu. Era Hermione Granger, de robe cor-de-rosa e cara fechada.

-*Você!*- exclamou Rony furioso. - Volte para a cama!

- Quase contei ao seu irmão - retorquiu Hermione.

- Percy; ele é monitor, ia acabar com essa história

Harry não conseguiu acreditar que alguém pudesse ser tão metido

- Vamos - chamou Rony. Afastou o retrato da Mulher Gorda com um empurrão e passou pela abertura.

Hermione não ia desistir com tanta facilidade.

Seguiu Rony pela abertura do retrato, sibilando para os

dois como um ganso raivoso.

- Vocês não se importam com a Grifinória, vocês

só se importam com vocês mesmos, *eu* não quero que a

Sonserina ganhe a taça de casa e vocês vão perder

todos os pontos que ganhei com a Profa. Minerva por

saber a Troca de Feitiços.

- Vai embora.

- Tudo bem, mas eu preveni vocês,

lembrem-se do que eu

disse quando estiverem amanhã no trem

voltando para casa, vocês são tão...

Mas o que eram, eles não chegaram a saber

Hermione se virara para o retrato da Mulher Gorda

para tornar a entrar e se viu diante de um quadro vazio.

A Mulher Gorda tinha saído para fazer uma Visita

noturna e Hermione ficou trancada do lado de fora da

torre da Grifinória.

- Agora o que é que eu vou fazer? - perguntou com

a voz esganiçada.

- O problema é seu - disse Rony. - Nós temos de ir, se não vamos nos atrasar.

Nem tinham chegado ao fim do corredor quando Hermione os alcançou.

- Vou com vocês.

- Não vai, não.

- Vocês acham que vou ficar parada aqui, esperando o Filch me pegar? Se ele encontrar os três, conto a verdade, que eu estava tentando impedir vocês de saírem e vocês podem confirmar.

- Mas que cara-de-pau - disse Rony bem alto.

- Calem a boca, vocês dois - disse Harry bruscamente. - Ouvi uma coisa.

Era como se alguém estivesse farejando.

- Madame Nor-r-ra? - murmurou Rony, apertando

150

os olhos para enxergar no escuro.

Não era Madame Nor-r-ra. Era Nevil1e. Estava enroscado no chão, dormindo a sono solto, mas acordou repentinamente assustado quando eles se aproximaram.

- Graças a Deus que vocês me encontraram! Estou aqui há horas, não consegui me lembrar da nova senha

para entrar no quarto.

- Fale baixo, Neville. A senha é "focinho de

porco", mas não vai lhe adiantar nada agora, a Mulher

Gorda saiu.

- Como está o braço? - perguntou Harry.

- Ótimo - disse Neville mostrando. - Madame

Pomfrey consertou-o na hora.

- Que bom, olhe, Neville, temos deita um lugar,

vemos você depois.

Não me deixem aqui! - pediu Neville pondo-se de

pé. - Não quero ficar sozinho, o barão Sangrento já

passou por aqui duas vezes.

Rony consultou o relógio e em seguida fez uma

cara furiosa para Herminione e Neville.

- Se formos pegos por causa de vocês, não vou

sossegar até aprender aquela Poção do Morto-Vivo que

Quirrell falou e vou usá-la contra vocês.

Herminione abriu a boca, talvez para dizer a Rony

exatamente como usar o Feitiço do Morto-Vivo, mas

Harry mandou-a ficar quieta e fez sinal para prosseguirem.

Passaram quase voando pelos corredores listrados pelo luar que entrava pelas grades das janelas altas. A cada curva Harry esperava topar com Flich ou com Madame Nor-r-ra, mas tiveram sorte.

Subiram correndo uma escada até o terceiro andar e, nas pontas dos pés, dirigiram-se a sala dos troféus. Drago e Crabbe ainda não tinham chegado. As vitimes de cristal onde estavam guardados os troféus

151

refulgiam quando tocadas pelo luar Taças, escudos, pratos e estátuas piscavam no escuro com lampejos prateados e dourados. Eles caminharam rente às paredes, mantendo os olhos nas portas de cada lado da sala. Harry tirou a varinha da caixa para o caso de Drago aparecer de repente e começar a duelar. Os minutos passaram vagarosos.

- Ele está atrasado, quem sabe se acovardou - Rony sussurrou Então um atido na sala ao lado os sobressaltou fiara; acabara de erguer a varinha quando ouviram alguém falar e não era Drago.

- Vá farejando, minha querida, eles podem estar escondidos em algum canto.

Era Filch falando com Madame Nor-r-ra.

Horrorizado, Harry fez sinais frenéticos para os outros

três o seguirem o mais depressa possível; e fugiram

silenciosos em direção à porta mais distante da voz de

Filch. As vestes de Neville mal tinham acabado de

passar a curva quando ouviram Filch entrar na sala dos

troféus.

Eles estão por aqui - ouviram-no resmungar -,

provavelmente escondidos.

- Por aqui! - disse Harry; apenas mexendo a boca,

para os outros e, petrificados, eles começaram a descer

urna longa galena cheia de armaduras. Podiam ouvir

Filch se aproximando. Neville de repente, soltou um

guincho assustado e saiu correndo. Tropeçou, agarrou

Rony pela cintura e os dois desabaram em cirna de uma

armadura.

A queda e o estrépito foram suficientes para

acordar o castelo inteiro.

- CORRAM! - gritou Harry e os quatro

desembestaram pela galeria, sem virar a cabeça para ver se Filch os seguia. Fizeram a curva firmando-se no alisar da porta e saíram galopando por um corredor atrás do outro, Harry na liderança, sem a menor idéia

152

de onde estavam nem que direção tornavam.

Atravessaram uma tapeçaria, rasgando-a e encontraram uma passagem secreta, precipitaram-se por ela e foram sair perto da sala de aula de Feitiços, que sabiam estar a quilômetros da sala dos troféus.

- Acho que o despistamos - ofegou Harry, apoiando-se na parede fria e enxugando a testa. Neville estava dobrado em dois, chiava e falava desconexamente.

- Eu... *disse*... a vocês - Hermione falou sem fôlego, agarrando o bordado no peito. - Eu... disse... a vocês

- Temos de voltar à torre de Grifinória - lembrou Rony -, o mais rápido possível.

- Drago enganou você - disse Hermione a Harry. - Já percebeu isso, não? Não ia enfrentar você. Filch sabia que alguém ia estar na sala dos troféus. Drago deve ter contado a ele.

Harry achou que ela provavelmente tinha razão,

mas não ia dar o braço a torcer.

- Vamos.

Não ia ser tão simples Não tinham caminhado nem

dez passos quando ouviram o barulho de uma maçaneta

e alguma coisa disparou da sala de aula à frente deles.

Era Pirraça-Avistou os garotos e soltou um

guincho de prazer.

- Cale a boca, Pirraça, por favor, você vai fazer a

gente Ser expulso.

Pirraça soltou uma gargalhada.

Passeando por aí à meia-noite, aluninhos? Tsk, tsk.

Que feinhos, vão ser apanhadinhos.

- Não, se você não nos denunciar, Pirraça, por

favor.

- Devia contar ao Filch, devia - disse Pirraça bem

comportado, mas seus olhos cintilaram de maldade. - E

para o seu próprio bem, sabem?

- Saia da frente - disse Rony com rispidez,

baixando o braço em Pirraça. Foi um grande erro.

- ALUNOS FORA DÁ CAMA! - berrou Pirraça. -

ALUNOS FORA DA CAMA NO CORREDOR DO

FEITIÇO!

Passando por baixo de Pirraça eles saíram

desembalados até o final do corredor onde depararam

com uma porta... fechada.

- Acabou-se! - gemeu Rony, empurrando

inutilmente a porta - Estamos ferrados! É o fim!

Ouviram passos, Filch correndo a toda em direção

aos gritos de Pirraça.

- Ah, sai da frente -. Hermione resmungou

aborrecida. Agarrando a varinha de Harry, bateu na

fechadura e murmurou:

-Alorromora!

A fechadura deu um estalo e a porta se abriu - eles

se atropelaram por ela, fecharam-na e apuraram os

ouvidos, à escuta.

- Para que lado eles foram, Pirraça? - era Filch

perguntando.

- Depressa, me diga.

- Peça "por favor".

- Não me enrole, Pirraça, vamos, para que lado

eles foram?

- Não digo nada se você não pedir "por favor" -

disse Pirraça na cantilena irritante com que falava.

- Está bem, *por favor.*

NADA! Na haaa! Eu disse a você que não dizia

nada se você não pedisse por favor! Ha ha! Haaaaaa! -

E ouviram Pirraça voar rápido para longe e Filch

xingar com raiva.

- Ele acha que a porta está trancada! - Harry falou.

- Acho que escapamos. Sai para lá, Neville! - Neville

puxava a manga do robe de Harry fazia um minuto. -

Que foi?

Harry se virou - e viu, muito claramente, o que foi.

Por um instante teve a certeza de que entrara num

pesadelo - era demais depois de tudo o que já

acontecera.

Não estavam numa saia, conforme ele supusera.

Achavam-se num corredor O corredor proibido do

terceiro andar E agora sabiam por que era proibido.

Estavam encarando os olhos de um cachorro

monstruoso, um cachorro que ocupava todo o espaço

entre o teto e o piso. Tinha três cabeças Três pares de

olhos que giravam enlouquecidos; três narizes, que

franziam e estremeciam farejando-os; três bocas

babosas, a saliva escorrendo em cordões viscosos das

presas amarelas.

Estava muito firme, os olhos a observá-los, e Harry

sabia que a única razão por que ainda estavam vivos

era que o seu repentino aparecimento apanhara o

cachorro de surpresa, mas ele já estava se recuperando

e depressa, não havia dúvida quanto ao significado

daqueles rosnados de ensurdecer.

Harry tateou à procura da maçaneta - entre Filch e

a morte, ficava com o Filch.

Retrocederam. Harry bateu a porta e eles correram,

quase voaram pelo corredor Filch devia ter tido pressa

para procurá-los em outro lugar porque não o viram em

parte alguma, mas nem se importaram - a única coisa

que queriam era abrir a maior distância possível entre

eles e o monstro. Não pararam de correr até chegarem

ao retrato da Mulher Gorda no sétimo andar.

- Onde foi que vocês andaram? - perguntou ela,

olhando para os robes que caiam soltos dos ombros e

os rostos vermelhos e suados.

- Não interessa. Focinho de porco, focinho de porco - ofegou Harry, e o quadro girou para a frente. Eles entraram de qualquer jeito na sala comunal e

155

desmontaram, trêmulos, nas poltronas.

Levou algum tempo até um deles falar alguma coisa. Neville, então, parecia que nunca mais voltaria a falar.

- Que é que vocês acham que eles estão querendo, com uma coisa daquelas trancada numa escola? - perguntou Rony finalmente. - Se existe um cachorro que precisa de exercícios é aquele. Hermione tinha recuperado tanto o fôlego quanto o mau humor.

Vocês não usam os olhos, vocês todos, usam? - perguntou com rispidez. - Vocês não viram em cima do que ele estava?

- No chão? - arriscou Harry. - Eu não fiquei olhando para as patas, estava ocupado demais com as cabeças.

- Não, *não* estou falando do chão. Ele estava em cima de um alçapão. É claro que está guardando alguma coisa.

Ela se levantou olhando feio para ele.

- Espeto que estejam satisfeitos com o que fizeram.

Podíamos ter sido mortos, ou pior, expulsos. Agora, se

vocês não se importam, eu vou me deitar.

Rony ficou olhando para ela, de boca aberta.

- Não, não nos importamos. Qualquer um pensaria

que nós a arrastamos conosco, não é mesmo.

Mas Hermione tinha dado a Harry algo em que

pensar quando voltou para a cama. O cachorro estava

guardando alguma coisa... Que era que Hagrid tinha

dito? Gringotes era o lugar mais seguro do mundo

quando se queria esconder alguma coisa - com exceção

talvez de Hogwarts.

Parecia que Harry descobrira onde o pacotinho

encalombado do cofre setecentos e treze tinha ido

parar.

- CAPÍTULO DEZ -

O Dia das Bruxas

Drago não consegui acreditar em seus olhos

quando viu que Harry e Rony continuavam

em Hogwarts no dia seguinte, parecendo cansados mas absolutamente felizes. De fato, na manhã seguinte Harry e Rony começaram a achar que o encontro com o cachorro de três cabeças fora uma excelente aventura e estavam prontos para outra. Entrementes Harry contou a Rony sobre o pacotinho que parecia ter sido levado de Gringotes para Hogawarts, e passaram muito tempo pensando no que poderia precisar de tanta proteção.

- Ou é uma coisa realmente valiosa ou realmente perigosa falou Rony.

- Ou as duas - acrescentou Harry.

Mas como só o que sabiam com certeza sobre o misterioso objeto era que media uns cinco centímetros de comprimento, não tinham muita possibilidade de adivinhar o seu conteúdo sem outras pistas.

Nem Neville nem. Hermione mostraram o menor interesse pelo que estava sob os pés do cachorro e do alçapão. Neville só estava interessado em quando fria chegar perto do cachorro outra vez.

Hermione agora se recusava a falar com Harry e Rony, mas era uma menina tão mandona e metida a

saber de tudo que eles encararam sua atitude como um

prêmio. Agora só que realmente queriam era descobrir

um jeito de se vingar do Drago, e para sua grande

satisfação, a oportunidade chegou pelo correio mais ou

menos urna semana depois.

Quando as corujas invadiram o salão como de

costume, a atenção de todos foi atraída por um longo

pacote carregado por seis corujonas. Harry sentiu tanta

curiosidade quanto os outros para ver o que havia no

pacote e se surpreendeu quando as corujas desceram

planando e o largaram bem diante dele, derrubando o

seu bacon no chão. Mal tinham se afastado quando

outra coruja deixou cair uma carta em cima do pacote.

Harry abriu a carta primeiro, o que foi urna sorte,

porque ela dizia;

NÃO ABRA O PACOTE À MESA.

Ele contem a sua nova Nimbus 2000

mas não quero que todo o mundo saiba que

você

ganhou uma vassoura ou todos vão querer

uma.

Olívio Wood vai esperá-lo hoje à noite

as sete horas no campo de quadribol

para a sua primeira sessão de treinamento.

Profa. Minerva McGonagall

Harry teve dificuldade em esconder a alegria

quando passou o bilhete para Rony ler.

- Uma Nimbus 20()0! - Rony gemeu de inveja. -

Eu nunca nem pus *a mão* em uma.

Os dois saíram depressa do salão, querendo

desembrulhar a vassoura sozinhos antes da primeira

aula, mas no meio do saguão de entrada encontraram o

caminho barrado por Crabbe e Goyle. Drago tirou o

pacote de Harry e apalpou-o.

- E uma vassoura - falou, atirando-o de volta a

158

Harry com uma expressão de inveja e despeito no

rosto. - Você vai se ferrar desta vez, Potter; alunos do

primeiro ano não podem ter vassouras.

Rony não conseguiu resistir.

- Não é uma vassoura velha qualquer, é urna

Nimbus 2000.

Que foi que você disse que tem em casa, Drago,

uma Comet 260?

- Rony riu para Harry - A Comer enche

os olhos, mas não tem a mesma classe da

Nimbus.

- Que é que você entende disse? Weasley, você

não poderia comprar nem a metade do cabo. Vai ver

você e seus irmãos têm que economizar para comprar

palha por palha.

Antes que Rony pudesse responder; o professor

Flitwick apareceu ao lado de Drago.

--Não estão brigando, meninos, espero - falou com

voz esganiçada.

- Potter recebeu uma vassoura, professor - disse

Drago, depressa.

- Eu sei - respondeu o professor Flitwick, abrindo

um grande sorriso para Harry. - A. Profa. Minerva me

falou das circunstâncias especiais, Potter. E qual é o

modelo?

- Uma Nimbus 2000, professor - informou Harry, lutando para não rir da expressão horrorizada no rosto de Drago. - E, para falar a verdade, foi graças ao Drago aqui que ganhei a vassoura acrescentou.

Harry e Rony subiram as escadas sufocando o riso diante da raiva e confusão visíveis de Drago.

- É verdade - disse Harry, caindo na gargalhada, quando chegaram ao alto da escadaria de mármore. - Se ele não tivesse roubado o lembrol do Neville eu não estaria no time,

- Então suponho que você ache que ganhou um prêmio por desobedecer ao regulamento? - Ouviu-se uma voz zangada logo atrás deles. Hermione subia com passos decididos a escadaria, olhando com desaprovação para o pacote nas mãos de Harry.

- Pensei que você não estava falando com a gente - comentou Harry

- E, continue a não falar - falou Rony - está fazendo tanto bem á gente.

Hermione se afastou como nariz empinado.

Harry teve muita dificuldade em se concentrar nas aulas daquele dia. Seus pensamentos não paravam de vagar até o dormitório onde guardara a vassoura

debaixo da cama, ou de se desviarem para o campo de

quadribol onde iria aprender a jogar Jantou depressa á

noite, sem ao menos reparar no que estava comendo e,

em seguida, correu até o quarto com Rony para

finalmente desembrulhar a Nimbus 2000.

- Uau - suspirou Rony; quando a vassoura

apareceu na cama de Harry.

Até Harry, que não entendia nada de vassouras e

suas diferenças, achou que a Nimhus tinha uma

aparência fantástica. Aerodinâmica e reluzente com um

cabo de mogno, a vassoura tinha uma longa cauda de

palhas limpas e retas e a marca Nimbus 2000 escrita a

ouro próximo ao punho.

Quando eram quase sete horas, Harry saiu do

castelo e se dirigiu ao campo de quadribol no luscofusco.

Nunca estivera no estádio antes. Havia centenas

de lugares em uma arquibancada em volta do campo de

modo que os espectadores viam o que acontecia do

alto. Em cada ponta do campo havia três balizas

douradas com aros no topo. lembraram a Harry os

canudinhos de plástico que as crianças trouxas usavam

para soprar bolinhas de sabão, só que tinham mais de

160

15 metros de altura.

Ansioso demais para esperar Olívio sem voar,

Harry montou a vassoura e deu um impulso. Que

sensação - ele mergulhou pelas balizas, subiu e desceu

pelo campo. A Nimbus 2000 ia aonde ele queria ao

menor toque.

-Ei, Potter, desça!

Olívio Wood chegara. Carregava uma grande caixa

de madeira debaixo do braço. Harry pousou ao lado

dele.

- Muito bom - comentou Alivio, os olhos

brilhando. - Estou vendo o que foi que Minerva quis

dizer.. você realmente tem um talento natural. Hoje à

noite só vou lhe ensinar as regras do jogo, depois você

vem aos treinos do time três vezes por semana.

Ele abriu a caixa. Dentro havia quatro bolas de

tamanhos diferentes.

- Certo - disse Olívio. - O quadribol é muito fácil

de entender, mesmo que não seja fácil de jogar. Tem

sete jogadores de cada lado. Três deles são artilheiros.

- Três artilheiros - Harry repetiu, enquanto Olívio

apanhava uma bola muito vermelha do tamanho

aproximado de uma bola de futebol.

- Esta bola se chama goles - explicou Olívio. - Os

artilheiros atiram a goles um para o outro e tentam

metê-la em um dos aros

para marcar um gol Dez pontos todas as vezes

que a goles passa por um dos arcos. Está me

acompanhando?

- Os artilheiros atiram a goles pelos aros para

marcar pontos

- repetiu Harry - Então é como um

basquete com seis cestas e vassouras, não

é?

- O que é basquete? - perguntou Olívio curioso.

- Deixa prá lá - disse Harry na mesma hora.

- Agora, tem outro jogador, um para cada lado, que

é chamado goleiro. Eu sou o goleiro de Grifinória.

Tenho que voar em volta dos aros para impedir que o outro time marque pontos.

- Três artilheiros, um goleiro - disse Harry, que estava decidido a decorar tudo - E jogam uma goles OK, entendi. E essas para que servem? - Apontou para as três bolas restantes na caixa.

- Vou lhe mostrar agora. Segure aqui.

Ele entregou um pequeno bastão a Harry, meio parecido com um bastão de beisebol.

- Vou lhe mostrar o que os balaços fazem. Essas duas aqui são os balaços.

E mostrou a Harry duas bolas iguais, pretas e ligeiramente menores do que a goles vermelha. Harry reparou que elas pareciam estar fazendo força para se livrar das corretas que as prendiam na caixa.

- Fique longe - Olívio preveniu Harry. Ele se curvou e soltou um dos balaços.

Na mesma hora, a bola preta saiu voando e em seguida desceu direto contra o rosto de Harry. Harry golpeou-a como bastão para impedi-la de quebrar o seu nariz e mandou-a ziguezagueando para longe - ela passou veloz pelas cabeças deles e, em seguida, atirouse contra Olívio, que mergulhou sobre ela e conseguiu imobiliza-la no chão.

- Está vendo? - Olívio ofegou, forçando o balaço

indócil de volta à caixa e passando a correia para

prendê-lo. - Os balaços voam pelo ar tentando derrubar

os jogadores das vassouras. E por isso que tem dois

batedores em cada time. Os gêmeos Weasley são os

nossos. A função deles é proteger o time dos balaços e

tentar rebatê-los para o outro time. Então, acha que

guardou tudo?

- Três artilheiros tentam marcar pontos com a

goles; o goleiro guarda as balizas; os batedores afastam

os balaços do seu time

- Harry repetiu como um gravador

Muito bem.

- Hum... os balaços já mataram alguém? -

perguntou Harry, esperando parecer displicente.

- Nunca em Hogwarts. Já tivemos uns queixos

quebrados mas nada mais serio. Agora, o último

membro da equipe é o apanhador Você. E você não

tem que se preocupar com a goles nem com os balaços.

- A não ser que rachem. a minha cabeça.

- Não se preocupe, os Weasley são uma parada

para os balaços: quero dizer, eles parecem uns balaços

humanos.

Olívio meteu a mão no caixote e tirou a quarta e

última bola. Comparada com a goles e os balaços, era

pequenininha, mais ou menos do tamanho de uma noz.

Era de ouro polido e tinha asinhas de prata que se

agitavam.

-*Esta* é o pomo de ouro, e é a bola mais

importante de todas. É muito difícil de se apanhar

porque é veloz e pouco visível. A função dos

apanhadores é agarrá-la. Eles têm que se meter entre os

artilheiros, batedores, balaços e a geles para agarrá-lo

antes do apanhador do time contrário, porque o

apanhador que agarra o pomo ganha para o seu time

mais cento e cinqüenta pontos, o que praticamente lhe

dá a vitória. É por isso que os apanhadores levam

tantas faltas. Um jogo de quadribol só termina quando

o pomo é apanhado, o que pode demorar urna

eternidade. Acho que o recorde é três meses. e

precisaram arranjar substitutos para os jogadores

poderem dormir um pouco - explicou Olívio - Ë isso aí

alguma pergunta?

Harta sacudiu a cabeça. Compreendeu muito bem o que tinha de fazer . Fazer é que ia ser o problema.

163

- Não vamos praticar com o pomo - disse Olívio, guardando-o cuidadosamente de volta na caixa. - Está escuro demais e poderíamos perdê-lo. Vamos experimentar com outras bolas.

E tirou do bolso um saco de bolas comuns de golfe e alguns minutos depois ele e Harry estavam no ar, Olívio atirando as bolas com toda a força para todos os lados e Harry apanhando-as.

Harry não perdeu nenhuma, e Olívio ficou encantado. Passou-se meia hora, a noite chegou e eles não puderam continuar.

Aquela taça de quadribol terá o nosso nome este ano disse Olívio feliz quando voltavam cansados ao castelo. Eu não me espantaria se você se saísse melhor que Carlinhos, e ele poderia ter jogado na seleção da Inglaterra se não tivesse ido embora caçar dragões.

Talvez fosse porque agora andava muito ocupado com o treino de quadribol três noites por semana além dos deveres de casa, mas Harry nem acreditou quando se deu conta de que já estava em Hogwarts havia dois

meses. O castelo parecia mais sua casa do que a casa da

tia dos Alfeneiros. As aulas, também, estavam se tornando cada dia mais interessantes, agora que dominara os conhecimentos básicos.

Na manhã do Dia das Bruxas eles acordaram com um delicioso cheiro de abóbora assada que se espalhava pelos corredores. E, o que era ainda melhor, o Prof. Flitwick anunciou na aula de Feitiços que, em sua opinião, os alunos estavam prontos para começar a fazer objetos voarem, uma coisa que andavam morrendo de vontade de experimentar desde que viram o professor fazer o sapo de Neville sair voando pela sala. O Prof. Flitwick dividiu a turma em pares para praticar O parceiro de Harry foi Simas Finnigan (um

alivio, porque Neville tinha tentado atrair sua atenção). Mas Rony teria que trabalhar com Hermione Cranger Era difícil dizer se era Rony ou Hermione que estava mais aborrecido com isso. Ela não falava com nenhum

dos dois desde o dia em que a vassoura de Harry chegara.

- Agora, não se esqueçam daquele movimento com o pulso que praticamos! - falou esganiçado o Prof. Flitwick, como sempre empoleirado no alto da pilha de livros. - Gira e sacode, lembrem-se, gira e sacode. E digam as palavras mágicas corretamente, é muito importante, também, lembrem-se do bruxo Barrufo, que disse "s" em vez de "f" e quando viu estava no chão com um búfalo em cima do peito.

Era muito difícil. Harry e Simas giraram e sacudiram o pulso, mas a pena que deviam mandar para o alto continuava parada em cima da mesa. Simas ficou tão impaciente que a empurrou com a varinha e tocou fogo nela - Harry teve que apagar o fogo cora o chapéu>

Rony; na mesa ao lado, não estava tendo muita sorte.

-*Vingardium lenviosa.*- ordenou, sacudindo os braços compridos como pás de moinho.

- Você está dizendo o feitiço errado - Harry ouviu Hermione corrigir aborrecida. - É *ving-gar-dium levi-o-as* é bem pronunciado e longo.

- Diz você então, que é tão

sabichona - retrucou Rony.

Hermione enrolou as mangas das

vestes, bateu a varinha e disse:

-Vingardium leviosa.

A pena se ergueu da mesa e pairou

a mais de um metro acima da cabeça

deles.

- Ah, muito bem! - exclamou o

professor Flitwich, batendo palmas. -

Pessoal, olhe aqui, a Hermione Granger

conseguiu!

Rony estava de muito mau humor

na altura em que a aula terminou.

- Não admira que ninguém suporte ela -

disse a Harry quando procuravam chegar ao

corredor. - Francamente, ela é um pesadelo.

Alguém deu tini esbarrão em Harry ao

passar. Era Hermione. Harry viu seu rosto
de relance - e ficou assustado ao ver que da
estava chorando.
- Acho que ela ouviu o que você disse.
- E dai! - mas pareceu meio sem graça. - Ela já
deve ter reparado que não tem amigos.
Hermione não apareceu na aula seguinte
e ninguém a viu a tarde inteira.
Ao descaem ao salão principal para a
festa das bruxas, Harry e Rony ouviram
Parvati contar à amiga Lilá que Hermione
estava chorando no banheiro das meninas e
queria que a deixassem em paz. Rony ficou
ainda mais sem graça ao ouvir isso, mas no
momento seguinte entraram no salão
principal, onde as decorações
do Dia das Bruxas tiraram Hermione de suas cabeças.
Mil morcegos vivos esvoaçavam nas
paredes e no teto e outros mil mergulhavam
sobre as mesas em nuvens negras e baixa,
fazendo dançarem as velas dentro das
abóboras. A comida apareceu de repente nos
pratos de ouro, como acontecera no
banquete de abertura das aulas.

Harry estava se servindo de urna batata assada em

casca quando o Prof. Quirrell entrou correndo no salão,

o turbante torto na cabeça e o terror estampado no

rosto. Todos olharam quando ele se aproximou da

cadeira de Dumbledore, escorou-se na mesa e ofegou

- Trasgo.. nas masmorras... achei que devia lhe

dizer Em seguida desabou no chão desmaiado. Houve

um alvoroço. Foi preciso explodirem várias bombinhas

da ponta da varinha do Prof. Dumbledore para as

pessoas fazerem silêncio.

- Monitores - disse ele com voz grave e retumbante

-, levem os alunos de suas casas de volta aos

dormitórios, imediatamente!

Era com Percy mesmo.

- Me acompanhem! Fiquem juntos, alunos do

primeiro ano! Não precisam ter medo do trasgo se

seguirem as minhas ordens! Agora fiquem bem atrás de

mim. Abram caminho para os alunos do primeiro ano

passarem! Com licença, sou o monitor!

- Como é que um trasgo pode entrar? - perguntou

Harry enquanto subiam a escadaria.

- Não me pergunte, dizem que eles são bem burros

- respondeu Rony - Vai ver o Pirraça deixou ele entrar

para pregar uma peça no Dia das Bruxas.

Eles passaram por diferentes grupos de pessoas

que se apressavam em diferentes direções. Enquanto

lutavam para passar por um bolinho de alunos de Lufalufa,

Harry de repente agarrou o braço de Rony.

- Acabei de me lembrar da Hermione.

- O que tem ela?

- Ela não sabe que tem um trasgo aqui.

Rony mordeu o lábio.

- Ah, está bem - falou ríspido. - Mas é melhor

Percy não ver a gente.

Abaixando-se, eles se misturaram aos alunos de

Lufa-lufa que

iam na direção contrária, escapuliram por um lado

deserto do corredor e correram para os banheiros das

meninas. Tinham acabado de virar um canto quando

ouviram passos apressados atrás deles.

- Percy! - sibilou Rony; puxando Harry

para trás de um enorme grifo de pedra.

Espiando para os lados, no entanto,

viram não Percy mas Snape. Ele atravessou

o corredor e desapareceu de vista.

- Que é que ele está fazendo? - cochichou Harry; -

Por que não está lá embaixo com os outros

professores?

- Não me pergunte.

O mais silenciosamente possível, eles se

esgueiraram pelo próximo corredor nas

pegadas de Snape.

- Ele está indo para o terceiro andar -

disse Harry, mas Rony levantou a mão.

- Você está sentindo um cheiro?

Harry fungou e um fedor horrível invadiu suas

narinas, uma mistura de meias velhas e banheiro

público que parece que nunca é limpo.

E em seguida ouviram - um grunhido

baixo e passadas de pés gigantescos. Rony

apontou. no fim do corredor, à esquerda, alguma coisa enorme estava vindo em sentido contrário. Eles se encolheram no escuro e procuraram ver o que era quando a coisa passou por um trecho iluminado pelo luar.

Era uma visão medonha. Quase quatro metros de altura, a pele cinzenta e baça, o corpanzil cheio de calombos como um pedregulho e uma cabecinha no alto, que mais parecia um coco. Tinha pernas curtas, grossas como um tronco de árvore e pés

chatos e calosos. Segurava um enorme bastão de madeira, que arrastava pelo chão, porque seus braços eram compridíssimos.

O trasgo parou próximo a uma porta e espiou para dentro. Abanou as longas orelhas, tentando fazer a cabeça minúscula pensar, depois entrou devagar na sala.

- A chave está na porta - murmurou Harry - Podíamos trancá-lo lá dentro.

- Boa idéia - concordou Rony; nervoso.

Eles se esgueiraram até a porta aberta, as bocas

secas, rezando para o trasgo não resolver sair naquele

instante. Com um grande salto, Harry conseguiu

agarrar a chave, bater a porta e trancá-la seguramente.

- *Pronto!*

Afogueados com a vitória, começaram a correr de

volta pelo corredor, mas ao chegarem num canto

ouviram uma coisa que *fez* seus corações pararem - um

grito alto e enregelante - e vinha da sala que tinham

acabado de trancar.

- Ah, não - exclamou Rony; pálido como o barão

Sangrento.

- Vêm do banheiro das meninas.

- *Hermione!*- disseram os dois juntos.

Era a ultima coisa que queriam fazer, mas que

escolha tinham? Dando meia-volta, correram até a

porta e giraram a chave, atrapalhados de tanto pânico -

Harry escancarou aporta e entraram correndo.

Hermione estava encolhida contra a parede oposta,

parecendo prestes a desmaiar. O trasgo avançava para

ela, derrubando as pias que estavam na parede em seu caminho.

- Distrai ele!-Harry pediu desesperado a Rony; e, agarrando uma torneira, atirou-a com toda a força contra a parede.

169

O trasgo parou a um metro de Hermione. Virou-se com lentidão, piscando sem entender, procurou ver que barulho era aquele. Seus olhinhos malvados viram Harry. Ele hesitou, em seguida partiu para cima de Harry; erguendo o bastão.

- Oi cabeça de ervilha! - berrou Rony do outro lado do banheiro, e atirou contra ele um cano de metal. O trasgo nem pareceu sentir o cano bater no seu ombro, mas ouviu o berro e parou outra vez, virando o focinho feio para Rony; e dando a Harry tempo para correrem volta dele.

- Vamos, corra, corra!-Harry gritou para Hermione, tentando puxá-la na direção da porta, mas ela não conseguia se mexer, continuava achatada contra a parede, a boca aberta de terror.

Os gritos e os ecos pareciam estar deixando o trasgo enlouquecido. Ele rugiu de novo e avançou para Rony; que estava mais perto e não tinha jeito de

escapar.

Harry então fez uma coisa que era ao mesmo

tempo muito

corajosa e muito idiota: tomou impulso e deu um salto

conseguindo abraçar o pescoço do trasgo pelas costas.

O trasgo não sentiu Harry pendurar-se ali, mas até um

trasgo percebe quando se espeta um pedaço comprido

de pau dentro da narina, e a varinha de Harry ainda

estava na mão quando ele saltou e entrou direto na

narina do trasgo.

Urrando de dor, o trasgo se virou e brandiu o

bastão, enquanto Harry continuava agarrado nele

tentando escapar da morte; a qualquer instante, o trasgo

ia arrancá-lo do pescoço ou dar-lhe uma tremenda

porretada.

Hermione afundara no chão de tanto medo; Rony

puxou a própria varinha sem saber o que ia fazer,

ouviu-se gritando o primeiro feitiço que e veio a

cabeça: *Vingardium leviosa!*

Na mesma hora o bastão voou da mão do trasgo,

ergueu-se no ar, foi subindo, subindo, virou-se

lentamente e caiu, com um barulho feio, na cabeça do

seu dono. O trasgo cambaleou e, em seguida, caiu de

cara no chão, com um baque que fez o banheiro todo

sacudir

Harry se levantou. Tremia sem fôlego. Rony

continuava parado com a varinha no ar, espantado

como que fizera.

Foi Hermione quem falou primeiro.

- Ele esta... morto?

Acho que não respondeu Harry. Acho que só

perdeu os sentidos.

Ele se abaixou e puxou a varinha da narina do

trasgo. Estava suja de uma coisa que parecia uma cola

grumosa.

- Eca... meleca de trasgo.

E limpou a varinha nas calças do trasgo.

De repente o barulho de portas batendo e passos

pesados fizeram os três erguerem a cabeça. Não

haviam percebido a confusão que tinham aprontado,

mas com certeza alguém lá embaixo ouvira a

pancadaria e os urros do trasgo. Um instante depois a

Profa. Minerva adentrou o banheiro, seguida de perto

por Filch e Quirrell, que fechava a fila. Quirrell deu

uma espiada no trasgo, soltou um gemidinho e sentouse

depressa em um vaso sanitário, apertando o peito.

Filch debruçou-se sobre o trasgo. A Profa.

Minerva ficou

o para Rony e Harry. Harry nunca a vira tão zangada Seus

lábios estavam brancos. A esperança de ganhar

cinqüenta pontos para Grifinória desapareceu logo da

cabeça de Harry.

- O que é que vocês estavam pensando? perguntou

a Profa. Minerva, com uma fúria reprimida na voz,

Harry olhou para Rony, que continuava parado com a

varinha no ar. Vocês tiveram sorte de não serem

mortos. Por que é que não estão no dormitório?

Filch lançou a Harry um olhar rápido e penetrante.

Harry olhou para o chão. Desejou que Rony baixasse a

varinha.

Então ouviu-se uma vozinha que veio das sombras.

- Por favor, Profa., Minerva, eles vieram me

procurar.

- Senhorita Granger!

Hermione conseguira finalmente se levantar.

- Sai procurando o trasgo porque achei que podia

enfrentá-lo sozinha. Sabe, já li tudo sobre trasgos.

Rony deixou a varinha cair. Hermione Granger,

contando uma mentira deslavada a um professor?

- Se eles não tivessem me encontrado eu estaria

morta agora. Harry enfiou a varinha no narina do trasgo

e Rony derrubou ele com o próprio bastão. Não tiveram

tempo de chamar ninguém. O trasgo ia acabar comigo

quando eles chegaram.

Harry e Rony tentaram fingir que a história não era

novidade para eles.

- Bem... nesse caso... - disse a Profa. Minerva

encarando os três -, senhorita Granger, que bobagem,

como pôde pensar em enfrentar um trasgo montanhês

sozinha?

Hermione baixou a cabeça. Harry perdera a fala.

Hermione era a última pessoa do mundo que

desobedeceria ao regulamento e ali estava fingindo que

desobedecera, para tirá-los de uma enrascada. Era o

mesmo que o Snape começar a distribuir balinhas.

- Hermione Granger, Grifinória vai perder cinco pontos por isso - disse a Profa. Minerva. - Estou muito desapontada. Se não estiver machucada é melhor ir

172

embora para a torre de Grifinória. Os alunos estão acabando de festejar o Dia das Bruxas em suas casas.

Hermione se retirou.

A Profa. Minerva virou-se para Harry e Rony.

Bem, eu continuo achando que vocês tiveram sorte, mas não há muitos alunos do primeiro ano que pudessem enfrentar um trasgo montanhês adulto. Cada um de vocês ganha cinco pontos para Grifinória. O Prof. Dumbledore será informado. Podem ir.

Eles saíram depressa do banheiro e não falaram nada até subirem dois andares. Foi um alivio se afastarem do fedor do trasgo, para não falar do resto.

- Devíamos ter ganho mais de dez pontos - resmungou Rony

- Cinco,. você quer dizer, depois de descontar os pontos que Hermione perdeu.

- Foi legal ela ter-nos tirado do aperto - admitiu Rony - Mas não se esqueça,

salvamos a vida dela.

- Talvez ela não precisasse ser salva se não

tivéssemos trancado a coisa com ela - lembrou Harry.

Tinham chegado ao retrato da Mulher Gorda.

- Focinho de porco - disseram e entraram..

A sala comunal estava cheia e barulhenta. Todo o

mundo estava comendo o jantar que fora mandado para

lá. Hermione, porém, estava parada sozinha do lado da

porta, esperando por eles. Houve um silêncio

constrangido. Depois, sem se olharem, todos disseram

"Obrigado" e correram para apanhar os pratos.

Mas daquele momento em diante, Hermione

Granger tornou-se amiga dos dois. Há coisas que não

se pode fazer junto sem acabar gostando um do outro, e

derrubar um trasgo montanhês de quase quatro metros

de altura é uma dessas coisas.

-Capítulo Onze -

Quadribol

Quando entrou novembro o tempo esfriou muito. As serras em torno da escola viraram cinza-gelo e o lago parecia metal congelado. Toda a manhã o chão se cobria de geada. Hagrid era visto das janelas dos andares superiores do castelo degelando vassouras no campo de quadribol enrolado num casacão de pele de toupeira, com luvas de coelho e enormes botas de castor.

Começara a temporada de quadribol. No sábado, Harry estaria jogando sua primeira partida depois de semanas de tratamento: Grifinória contra Sonserina. Se Grifinória ganhasse, subiria. para o segundo lugar no campeonato das casas.

Quase ninguém vira Harry jogar porque Olívio decidira que, sendo uma arma secreta, a participação de Harry deveria ser mantida em segredo. Mas de alguma forma a noticia de que jogaria como apanhador vazara e Harry não sabia o que era pior se as pessoas dizerem que ele seria brilhante ou dizerem que iriam ficar correndo embaixo dele com um colchão.

Era realmente uma sorte que Harry agora tivesse Herminione como amiga. Não sabia como poderia ter dado conta dos deveres de casa sem ela, diante dos treinos de quadribol convocados por Olívio à última

hora. Ela também lhe emprestara o livro

Quadribol através dos séculos, que acabara

rendendo uma leitura muito interessante.

174

Harry aprendera que havia setecentas maneiras de

cometer faltas no quadribol e que todas haviam

ocorrido durante a copa mundial de 1473; que os

apanhadores eram em geral os jogadores menores e

mais velozes e que a maioria dos acidentes graves no

quadribol parecia acontecer com eles; que embora a

pessoas raramente morressem jogando quadribol, havia

juizes que tinham. desaparecido e reaparecido meses

depois no deserto do Saara.

Hermione tornara-se menos tensa com relação às

inflações ao regulamento desde que Harry e Rony a

tinham salvado do trasgo montanhês e se tornara uma

pessoa mais simpática. Na véspera da primeira partida

de quadribol de Harry, os três foram até a quadra

congelada durante o intervalo das aulas, e ela fizera

aparecer para eles um fogo azulado muito vivo que podia ser levado para toda parte em um frasco de geleia. Achavam-se parados de costas para o fogo, se esquentando, quando Snape atravessou o pátio. Harry reparou logo que Snape estava mancando. Harry, Rony e Hermione se aproximaram mais para esconder o fogo como corpo; tinham certeza de que era proibido. Infelizmente alguma coisa em suas caras culpadas atraiu a atenção de Snape. Ele veio mancando até onde eles estavam. Não vira o fogo, mas parecia estar procurando uma razão para ralhar com eles.

- Que é que você tem aí, Potter?

Era *o Quadribol através dos séculos.* Harry mostrou-o.

- Os livros da biblioteca não podem ser levados para fora da escola - falou Snape. - Me dê aqui. Menos cinco pontos para Grifinória.

- Ele acabou de inventar essa regra - murmurou Harry com raiva, enquanto Snape se afastava - Que será que houve com a perna dele?

175

- Não sei, mas espero que esteja realmente doendo - falou Rony com azedume.

A sala comunal da Grifinória estava

muito barulhenta aquela noite. Harry;

Rony e Hermione sentaram-se junto a

uma janela. Hermione verificava os

deveres de Harry e .Rony para a aula de

Feitiços. Ela nunca os deixava copiar

("Como é que vocês vão aprender?'),

mas ao lhe pedirem para ler os

trabalhos, eles recebiam as respostas

certas do mesmo jeito.

Harry sentia-se inquieto. Queria de volta

Quadribol através dos séculos, para se distrair do

nervosismo que a partida do dia seguinte estava lhe

provocando. Por que deveria ter medo de Snape?

Levantou-se e disse a Rony e

Hermione que ia pedir a Snape para lhe

devolver o livro.

Antes você do que eu responderam eles juntos,

mas Harry tinha a impressão que Snape não iria recusar

se houvesse outros professores ouvindo.

Ele foi à sala dos professores e bateu à porta. Não obteve resposta. Bateu outra vez. Nada.

Talvez Snape tivesse deixado o livro na sala? Valia a pena tentar. Entreabriu a porta e espiou para dentro e deparou com uma cena horrível.

Snape e Filch estavam lá dentro sozinhos. Snape segurava as vestes acima do joelho. Uma das pernas sangrava, lacerada. Filch entregava ataduras a Snape.

Droga dizia Snape. - Como é que se pode ficar de olho em três cabeças ao mesmo tempo?

Harry tentou fechar a porta sem fazer barulho, mas...

- Potter!

176

O rosto de Snape contorceu-se de fúria ao mesmo tempo que ele largava as vestes para esconder a perna.

Harry engoliu em seco.

- Eu vim saber se o senhor poderia devolver o meu livro..

- SAIA! SAIA!

Harry saiu, antes que Snape pudesse descontar algum ponto de Grifinória. E voltou correndo para baixo.

- Conseguiu? - perguntou Rony quando Harry se

reuniu a eles. - Que aconteceu?

Num murmúrio, Harry lhes contou o que vira.

Sabe o que isso significa? - terminou sem fôlego.-Ele tentou passar pelo cachorro de três cabeças no Dia

das Bruxas! Era para lá que estava indo quando o

vimos. Ele quer a coisa que o cachorro está guardando!

E aposto a minha vassoura como ele deixou aquele

trasgo entrar, para distrair a atenção de todos!

Os olhos de Hermione estavam arregalados.

- Não. Ele não faria isso. Sei que ele não é muito

simpático, mas não tentaria roubar uma coisa que

Dumbledore estivesse guardando a sete chaves.

- Sinceramente, Herminione, você pensa que todos

os professores são santos ou coisa parecida - disse-lhe

Rony com rispidez. - Concordo com Harry; acho que

Snape faria qualquer coisa. Mas o que é que ele está

procurando? O que é que o cachorro está guardando?

Harry foi se deitar com a cabeça zunindo com

aquela pergunta. Neville roncava alto e Harry não

conseguia dormir. Tentou esvaziar a cabeça - precisava dormir, tinha de dormir, ia jogar sua primeira partida de quadribol dentro de algumas horas - mas a expressão no rosto de Snape quando Harry vira sua pema era difícil de esquecer.

177

O dia seguinte amanheceu muito claro e frio. O salão principal estava impregnado como cheiro delicioso de salsichas e com a conversa animada de todos que aguardavam ansiosos uma boa partida de quadribol.

- Você tem que comer alguma coisa.

- Não quero nada

- Só um pedacinho de torrada - tentou persuadi-lo Hermione.

- Não estou com fome.

Harry se sentia péssimo. Dentro de uma hora estava entrando na quadra.

- Harry, você precisa de energia - disse Simas Finnigan - Os apanhadores são sempre os que acabam aleijados pelo outro time.

- Obrigado Simas - respondeu Harry, observando Simas amontoar ketchup sobre as salsichas.

Aí pelas onze horas a escola inteira parecia estar

nas arquibancadas que cercavam o campo de quadribol.

Muitos estudantes tinham levado binóculos. Os lugares

ficavam no alto mas, às vezes, ainda assim era difícil

ver o que acontecia.

Rony e Hermione se reuniram a Neville, Simas e

Dino, o fã do time de segunda divisão na fileira do alto.

Como uma surpresa para Harry eles tinham pintado

uma grande bandeira em um dos lençóis que Pereba

roera. Dizia; Potter para Presidente e Dino, que era

bom em desenho, tinha pintado o grande leão de

Grifinória embaixo. Depois Hermione apelara para um

feiticinho para fazer a tinta brilhar multicolorida.

Entrementes, nos vestiários, Harry e o restante do

time estavam vestindo as roupas vermelhas de

quadribol (Sonserina iria jogar de verde).

Olívio pigarreou pedindo silêncio.

- Muito bem, rapazes.

- E moças - acrescentou a artilheira Angelina

Johnson.

novidade para você!

- E moças - concordou Olívio. - Está na hora.

- O jogaço - disse Fred.

- O jogaço que estávamos esperando - explicou

Jorge.

- Já conhecemos o discurso de Olívio de cor -

comentou Fred para Harry. - Fizemos parte do time no

ano passado

- Calem a boca, vocês dois - mandou Olívio. - Este

é o melhor time que Grifinória já teve nos últimos

anos. Vamos vencer.

Sei que vamos

E encarou os jogadores como se dissesse "Ou vão

ver".

- Certo. Está na hora. Boa sorte para todos.

Harry acompanhou Fred e Jorge na saída do

vestiário e, esperando que seus joelhos não cedessem,

entrou na quadra debaixo de vivas.

Madame Hooch era a juíza. Estava parada no meio

da quadra espetando os dois times, de vassoura na mão.

- Quero ver um. jogo limpo meninos - disse

quando estavam. todos reunidos à sua volta. Harry

reparou que ela parecia estar falando particularmente

para o capitão de Sonserina, Marcos Flint um aluno do

quinto ano. Harry achou que Flint tinha. sangue de
trasgo. Pelo canto do olho viu a bandeira, que piscava
"Potter para Presidente" tremulando sobre as cabeças
dos espectadores Seu coração perdeu um compasso.
Ele se sentiu mais corajoso.

- Montem as vassouras, por favor

- Harry subiu na sua Nimbus 2000.

Madame Hooch puxou um silvo forte no seu
apito de prata. Quinze vassouras se ergueram no
ar. Fora. dada a partida.

"E a goles foi de pronto rebatida por Angelina

179

Johnson de Grifinória que ótima artilheira é essa
menina, e bonita, também."

- JORDAN!

- Desculpe professora.

O amigo dos gêmeos Weasley; Lino Jordan, estava
irradiando a partida, vigiado de perto pela Profa.
Minerva.

"Ela está realmente jogando com força total, um
passe lindo para Alicia Spinnet, um bom achado de
Olívio Wood, no ano passado ficou no time de reserva
- de volta a Johnson e.. não, Sonserina tomou a goles, o
capitão de Sonserina rouba a goles e sai correndo -

Marcos está voando corno uma águia lá no alto - ele vai mar.. não, foi impedido por uma excelente intervenção do goleiro de Grifinória, Olívio, e Grifinória fica com a goles - no lance a artilheira Cátia Bell de Grifinória, dá um belo mergulho em volta de Marcos e sobe pelo campo e - AI - essa deve ter doído, ela levou um balaço na nuca - perdeu a goles para Sonserina - agora Adriano Pucey corre na direção do gol mas é bloqueado por um segundo balaço - arremessado por Fred ou Jorge Weasley; é difícil dizer qual dos dois - em todo o caso uma boa jogada do batedor de Grifinória, e Johnson tem outra vez aposse da goles, o caminho está livre à sua frente e lá vai ela - realmente voando - desvia-se de um balaço veloz - as balizas estão à sua frente - vamos agora, Angelina - o goleiro Bletchley mergulha - não chega em tempo - PONTO *PARA* GRIFINÓRIA!"

A torcida de Grifinória enche de berros o ar frio, e a torcida de Sonserina, de lamentos.

- Cheguem para lá, vamos.

- Rúbeo!

Rony e Hermione se apertaram para abrir espaço

para Hagrid se sentar com eles.

- Estive assistindo da minha casa - disse Hagrid,

180

indicando um grande binóculo pendurado ao pescoço.

Mas não é a mesma coisa que assistir no meio da

multidão. Nem sinal do pomo ainda, não é?

- Não - respondeu Rony. - Harry ainda não teve

muito o que fazer.

- Pelo menos não se machucou, já é alguma coisa -

disse Hagrid, levantando o binóculo e espiando o

pontinho que era Harry lá no céu.

Muito acima deles, Harry sob revoava o jogo,

procurando um sinal do pomo. Isto fazia parte da

estratégia montada por ele e Olívio.

- Fique fora do caminho até avistar o pomo dissera

Olívio.

- Não queremos que você seja atacado

sem necessidade.

Quando Angelina marcou, Harry tinha feito um

loops para extravasar a emoção. Agora voltara a

procurar o pomo. Uma vez avistou um lampejo

dourado mas era apenas outro reflexo do relógio de um

dos gêmeos e outra vez um balaço resolveu disparar em

sua direção e mais parecia uma bala de canhão, mas

Harry se esquivou e Fred veio atrás dela.

- Tudo bem ai, Harry? - Ele tivera tempo de gritar

ao rebater o balaço com fúria na direção de Marcos

Flint.

"Sonserina de posse da goles." Lino Jordan

continua narrando. "O artilheiro Pucey se desvia de

dois balaços, dos dois Weasley, da artilheira Bell e voa

para - esperem ai - será o pomo?"

Correu um murmúrio pelas torcidas quando viram

Adriano Pucey deixar cair a goles, ocupado demais em

espiar por cima do ombro o lampejo dourado que

passara por sua orelha esquerda.

Harry viu-a. Tomado de grande agitação,

mergulhou em direção ao rastro dourado. O apanhador

de Sonserina, Terêncio Higgs, vira o pomo também.

Cabeça a cabeça, eles se precipitaram em direção ao
pomo - todos os artilheiros pareciam ter esquecido o
que deveriam fazer, pararam no ar, para observar.
Harry foi mais rápido que Terêncio - estava vendo
a bolinha redonda, as asas batendo, disparando para o
alto -, imprimiu mais velocidade...
- Ohhh! - Um rugido de raiva saiu da torcida de
Grifinória em baixo. Marcos Flint tinha bloqueado
Harry de propósito e a vassoura de Harry perdeu o
rumo, Harry segurou-se para não cair.
- Falta! - gritou a torcida de Grifinória.
Madame Hooch dirigiu-se aborrecida a Marcos e
em seguida deu a Grifinória um lance livre diante das
balizas. Mas na confusão, é claro, o pomo de ouro
desaparecera de vista outra vez.
Nas arquibancadas, Dino Thomas berrava.
- Fora com ele, juíza! Cartão vermelho!
- Isto não é futebol, Dino - lembrou Rony-Você
não pode expulsar jogador de campo no quadribol, e o
que é um cartão vermelho?
Mas Hagrid ficou do lado de Dino.
- Deviam mudar as regras, Marcos podia ter
derrubado Harry no ar.
Lino Jordan estava achando difícil se manter

neutro.

"Então - depois dessa desonestidade óbvia e

repugnante."

- Jordan! - ralhou a Profa Minerva.

"Quero dizer, depois dessa falta clara e revoltante."

-Jordan, estou lhe avisando...

"Muito bem, muito bem. Marcos quase matou o

apanhador da Grifinória, o que pode acontecer com

qualquer um, tenho certeza, portanto uma penalidade a

favor de Grifinória, Spinnet bate, para fora, sem

problema, e continuamos o jogo, Grifinória ainda com

a posse da bola."

Foi quando Harry se desviou de mais um balaço,

que passou com perigoso efeito ao lado de sua cabeça,

que a coisa aconteceu. Sua vassoura deu uma perigosa

e repentina guinada. Por uma fração de segundo ele

achou que ia cair. Segurou a vassoura com firmeza com

as duas mãos e os joelhos. Nunca sentira nada parecido

antes.

Aconteceu outra vez. Era como se a vassoura estivesse tentando derrubá-lo. Mas uma Nimbus 2000 não decidia de repente derrubar seu cavaleiro. Harry tentou voltar em direção às balizas de Grifinória; tencionava avisar Olívio para pedir tempo - e então percebeu que a vassoura se descontrolara. Não conseguia virá-la. Mas conseguia dirigi-la. Ela ziguezagueava pelo ar e de vez em quando fazia movimentos bruscos que quase o desequilibravam.

Lino ainda comentava.

"Sonserina ainda com a posse - Marcos com a goles - passa por Spinnet - por Bell - atingido no rosto com força por um balaço, espero que tenha quebrado o nariz - é brincadeira, professora - Sonserina marca - ah, não."

A torcida da Sonserina vibrava. Ninguém parecia ter notado que a vassoura de Harry estava se comportando de maneira estranha. Carregava-o lentamente cada vez mais alto, afastando-se do jogo, dando guinadas e corcoveando pelo caminho.

- Não sei o que Harry acha que está fazendo - resmungou Hagrid. E espiou pelo binóculo. - Se eu não entendesse da coisa, eu diria que perdeu o controle

da vassoura... mas não pode ser...

De repente, as pessoas em todas as

arquibancadas estavam apontando para Harry no alto.

Sua vassoura começara a jogar para um lado e para o

outro, e ele mal conseguia se segurar Então a multidão

gritou. A vassoura dera uma guinada violenta e Harry

desmontara. Estava agora pendurado, agüentando-se

apenas com uma mão.

Será que aconteceu alguma coisa à vassoura

quando Marcos o bloqueou? - cochichou Simas.

- Não pode ser - respondeu Hagrid, a voz trêmula.

- Nada pode interferir com uma vassoura a não ser uma

magia negra muito poderosa, nenhum garoto poderia

fazer isso com uma Nimbus 2000.

Ao ouvir isso, Herminione agarrou o binóculo de

Hagrid, mas ao invés de olhar para Harry no alto,

começou a espiar agitadíssima para a multidão.

- Que é que você está fazendo? - gemeu Rony, o

rosto branco.

- Eu sabia! - exclamou Hermione. - Snape. Olhe.

Rony agarrou o binóculo, Snape estava no centro das arquibancadas do lado oposto. Tinha os olhos fixos em Harry e movia os lábios sem parar.

- Ele está fazendo alguma coisa, ele está azarando a vassoura

- disse Hermione.

- Que vamos fazer?

- Deixem comigo.

Antes que Rony pudesse dizer mais nada, Hermione desapareceu. Rony tornou a apontar o binóculo para Harry A vassoura vibrava com tanta força, que era quase impossível Harry se agüentar por muito mais tempo. A multidão se levantara, acompanhara com os olhos, aterrorizada, os gêmeos Weasley voaram para tentar transferir Harry a salvo para uma de suas vassouras, mas não adiantou - toda vez que se aproximavam dele, a vassoura subia mais alto. Mantiveram-se em um nível mais baixo fazendo círculos sob Harry; obviamente na esperança de aparálo se caísse... Marcos Flint apoderou-se da goles e marcou cinco vezes sem ninguém reparar

- Anda logo, Hermione - murmurou Rony

desesperado.

Hermione abrira caminho até a arquibancada onde

estava Snape e agora corria pela fileira atrás dele; nem

parou para pedir desculpas quando derrubou o Prof.

Quirrell de cabeça na fileira da frente Ao chegar perto

de Snape, ela se agachou puxou a varinha e disse

algumas palavras bem escolhidas. Chamas vivas e

azuladas saíram de sua varinha para a barra das vestes

de Snape.

Levou talvez uns trinta segundos para Snape

perceber que estava em chamas. Um grito súbito

confirmou que Hermione conseguira o seu intento.

Recolhendo o fogo num frasquinho que trazia no bolso

ela retrocedeu depressa pela mesma fileira - Snape

nunca saberia o que acontecera.

Foi o suficiente. No alto, Harry conseguiu de

repente voltar a montar a vassoura.

- Neville, pode olhar! - disse Rony. Neville passara

os últimos cinco minutos soluçando no casaco de Hagrid.

Harry estava voando rápido de volta ao chão quando a multidão o viu levar a mão à boca como se fosse vomitar - ele pousou no campo de gatas - tossiu - e uma coisa dourada caiu em sua mão.

- Apanhei o pomo! - gritou, mostrando-o no alto, e o jogo terminou na mais completa confusão.

- Ele não agarrou o pomo, ele quase o *engoliu* - continuava a esbravejar Flint vinte minutos depois, mas não fez diferença, Harry não infringira nenhuma regra e Lino Jordan continuava a gritar alegremente o resultado; Grifinória ganhara por cento e setenta pontos a sessenta. Harry porém não ouvia nada disso. Hagrid lhe preparava no casebre uma xícara de chá forte, em companhia de Rony e Hermione.

- Foi Snape - explicou Rony - Hermione e eu vimos. Ele estava azarando a sua vassoura,

murmurando, não despregava os olhos de você.

- Bobagens - disse Hagrid, que não ouvira uma única palavra do que se passara ao seu lado nas arquibancadas. - Por que Snape faria uma coisa dessas?

Harry, Rony e Hermione se entreolharam,

imaginando o que lhe contar. Harry decidiu contar a

verdade.

- Descobri uma coisa - falou a Hagrid. - Ele tentou

passar pelo cachorro de três cabeças no Dia das Bruxas.

Levou uma mordida. Achamos que estava tentando

roubar o que o cachorro está guardando.

Hagrid deixou cairo bule de chá.

- Como é que vocês sabem da existência do Fofo?

-Fofo?

- É... é meu... comprei-o de um grego que conheci

num bar no ano passado. Emprestei-o a Dumbledore

para guardar o...

- O quê? - perguntou Harry ansioso.

- Não me pergunte mais nada - retrucou Hagrid

com impaciência. - E segredo.

- Mas Snape está tentando roubá-lo.

- Bobagens - repetiu Hagrid. - Snape é professor de

Hogwarts, não faria uma coisa dessas.

- Então por que ele tentou matar Harry? -

perguntou Hermione.

novidade para você!

Os acontecimentos daquela tarde sem dúvida tinham mudado a opinião dela sobre Snape.

- Eu conheço uma azaração quando vejo uma, Rúbeo, já li tudo sobre o assunto! A pessoa precisa manter contato visual e Snape nem ao menos piscava, eu vi!

- Estou dizendo que vocês estão enganados! - falou Hagrid com veemência. - Não sei por que a vassoura de Harry estava agindo daquela forma, mas Snape não iria tentar matar um aluno! Agora, escutem bem os três:

186

vocês estão se metendo em coisas que não são de sua conta. Isto é perigoso. Esqueçam aquele cachorro e esqueçam o que ele está guardando, isto é coisa do Prof. Dumbledore com o Nicolau Flamel...

- Ah-ah! - exclamou Harry; - Então tem alguém chamado Nicolau Flamel metido na jogada, é?

Hagrid parecia furioso consigo mesmo.

187

-CAPÍTULO DOZE -

O *Espelho de Ojesed*

O Natal se aproximava. Certa manhã em meados de dezembro, Hogwarts acordou coberta com mais de um

metro de neve. O lago congelou e os gêmeos Weasley receberam castigo por terem enfeitiçado várias bolas de neve fazendo-as seguir Quirrell aonde ele ia e quicarem na parte de trás do seu turbante. As poucas corujas que conseguiam se orientar no céu tempestuoso para entregar correspondência tinham de ser tratadas por Hagrid para recuperar a saúde antes de voltarem a voar Todos mal agüentavam esperar as férias de Natal. E embora a sala comunal da *Grifinória* e o salão principal tivessem grandes fogos nas lareiras, os corredores varridos por correntes de ar tinham se tornado gélidos e um vento cortante sacudia as janelas das salas de aulas.
As piores eram as aulas do Prol Snape nas masmorras, onde a respiração dos alunos virava uma névoa diante deles e eles procuravam ficar o mais próximo possível dos seus caldeirões.
- Tenho tanta pena - disse Drago Malfoy; na aula de Poções.
- dessas pessoas que têm que passar o Natal em Hogwarts porque a família não as querem casa.
Olhou para Harry ao dizer isso. Crabbe e Goyle tiram. Harry; que estava medindo pó de espinha de peixe-leão, não lhes deu atenção. Malfoy andava muito

mais desagradável do que de costume desde a partida

de quadribol. Aborrecido porque Sonserina perdera,

tentara fazer as pessoas rirem dizendo que um sapo iria

substituir Harry como apanhador no próximo jogo.

Então percebeu que ninguém achara graça, porque

estavam todos muito impressionados com a maneira

com que Harry conseguira se segurar na vassoura

corcoveante. Por isso Drago, invejoso e zangado,

voltara a aperrear Harry dizendo que não tinha família

como os outros...

Era verdade que Harry não ia voltar à rua dos

Alfeneiros para o Natal. A Profa. Minerva passara a

semana anterior fazendo uma lista dos alunos que iam

ficar em Hogwarts no Natal e Harry assinara seu nome

na mesma hora. Não sentia nenhuma pena de si

mesmo; provavelmente aquele seria o melhor Natal que

já tivera. Rony e os irmãos também iam ficar, porque o

Sr e a Sra. Weasley iam à Romênia visitar Carlinhos.

Quando deixaram as masmorras ao final da aula de

Poções, encontraram um grande tronco de pinheiro bloqueando o corredor à frente. Dois pés enormes que apareciam por baixo do tronco e alguém bufando alto denunciou a todos que Hagrid estava por trás dele.

Oi, Rúbeo quer ajuda? - perguntou Rony; metendo a cabeça por entre os ramos.

- Não, estou bem, obrigado, Rony.

- Você se importaria de sair do caminho? - ouviuse a voz arrastada e seca de Drago atrás deles. - Está tentando ganhar uns trocadinhos, Weasley? Vai ver quer virar guarda-caça quando terminar Hogwarts. A cabana de Rúbeo deve parecer um palácio comparada ao que sua família está acostumada.

Rony avançou para Drago justamente na hora em que Snape subia as escadas.

Rony largou a frente das vestes de Drago.

- Ele foi provocado, Prof. Snape - explicou Hagrid, deixando aparecer por trás da árvore a cara peluda. - Drago ofendeu a família dele.

- Seja por que for, brigar é contra o regulamento de

Hogwarts, Hagrid - disse Snape insinuante. - Cinco pontos a menos para Grifinória, Weasley; e dê graças a Deus por não ser mais. Agora, vamos andando, todos

vocês.

Drago, Crabbe e Goyle passaram pela arvore com

brutalidade, espalhando folhas para todo lado com

sorrisos nos rostos.

- Eu pego ele - prometeu Rony, rilhando os dentes

as costas de Drago -, um dia desses, eu pego ele.

- Odeio os dois - disse Harry - Drago e Snape.

- Vamos, ânimo, o Natal está ai - disse Hagrid - Vou lhes

dizer o que vamos fazer, venham comigo ver o salão

principal, está lindo.

Então os três acompanharam Hagrid e sua árvore

até o salão principal, onde a Profa. Minerva e o Prol

Flitwick estavam trabalhando na decoração para o

Natal

- Ah, Hagrid, a ultima árvore - ponha naquele canto ali,

por favor.

O salão estava espetacular. Festões de azevinho e

visco pendurados a toda a volta das paredes e nada

menos que doze enormes arvores de Natal estavam

dispostas pelo salão, umas cintilando com cristais de neve, outras iluminadas por centenas de velas.

- Quantos dias ainda faltam até as férias? - perguntou Hagrid.

- Um - respondeu Hermione - Ah, isso me lembra: Harry; Rony; falta meia hora para o almoço, devíamos estar na biblioteca.

- Ih, é mesmo - disse Rony; despregando os olhos do Prof. Flitwick, que fazia sair bolhas azuis da ponta da varinha e as levava para cima dos galhos da árvore que acabara de chegar.

- Biblioteca? - espantou-se Hagrid, acompanhando-os para fora da sala - Na véspera das férias? Não estão

estudando demais?

- Ah, não estamos estudando respondeu Harry, animado.

- Desde que você mencionou o Nicolau Flamel estamos tentando descobrir quem ele é.

- Vocês o quê? Hagrid parecia chocado. - Ouçam aqui: já disse a vocês, parem com isso. Não é da sua conta o que o cachorro esta guardando.

- Só queremos saber quem é Nicolau Flamel, só isso - falou Hermione.

- A não ser que você queira nos dizer e nos

poupar o trabalho? - acrescentou Harry. - Já devemos

ter consultado uns cem livros e não o encontramos em

lugar nenhum. Que tal nos dar uma pista? Sei que já lio

nome dele em algum lugar.

- Não digo uma palavra - respondeu Hagrid

decidido.

- Então vamos ter que descobrir sozinhos - disse

Rony, e saíram depressa para a biblioteca, deixando

Hagrid desapontado.

Andavam realmente procurando o nome de Flamel

nos livros desde que Hagrid deixara escapá-lo, porque

de que outra maneira iam descobrir o que Snape estava

tentando roubar? O problema é que era muito difícil

saber por onde começar, sem saber o que Flamel

poderia ter feito para aparecerem um livro. Não se

encontrava em *Grandes sábios do século,* nem em

Nomes notáveis da mágica do nosso tempo, não era

encontrável tampouco em *Importantes descobertas*

modernas da mata nem em *Um estudo aos avanços*

recentes na magia. E, é claro, havia também o tamanho da biblioteca em si, dezenas de milhares de livros; milhares de prateleiras; centenas de corredores estreitos.

Hermione puxou uma lista de assuntos e títulos que decidira pesquisar enquanto Rony se dirigiu a uma carreira de livros e começou a tirá-los da prateleira

191

aleatoriamente. Harry vagou até a Seção Reservada. Vinha pensando há algum tempo se Flamel não estaria ali. Infelizmente, o estudante precisava de um bilhete assinado por um professor para consultar qualquer livro reservado e ele sabia que nenhum jamais lhe daria o bilhete.

Eram livros que continham poderosa magia negra jamais ensinada em Hogwarts e somente lida por alunos mais velhos que estudavam no curso avançado de Defesa Contra a Magia Negra.

- O que é que você está procurando, menino?

- Nada - disse Harry.

Madame Pince, a bibliotecária, apontou-lhe um espanador de penas.

- Então é melhor sair daqui. Vamos, fora!

Desejando ter sido um pouco mais rápido em

inventar alguma história, Harry saiu da biblioteca. Ele, Rony e Hermione já tinham concordado que era melhor não perguntar a Madame Pince onde poderiam encontrar Flamel. Tinham certeza de que ela saberia informar, mas não podiam arriscar que Snape ouvisse o que andavam tramando.

Harry esperou do lado de fora no corredor para saber se os outros dois tinham encontrado alguma coisa, mas não alimentava muitas esperanças. Afinal estavam procurando havia quinze dias, mas como só tinham breves momentos entre as aulas não era

surpresa que não tivessem achado nada O que realmente precisavam era de uma longa busca sem Madame Pince bafejar o pescoço deles.

Cinco minutos depois, Rony e Hermione se reuniram a ele balançando negativamente a cabeça. E foram almoçar.

- Vocês vão continuar procurando enquanto eu estiver fora, não vão? - recomendou Hermione. - E me

mandem uma coruja se encontrarem alguma coisa.

192

- E você poderia perguntar aos seus pais se sabem quem é Flamel - disse Rony. - Não haveria perigo em perguntar a eles.

- Nenhum Perigo, os dois são dentistas.

Uma vez começadas as férias, Rony e Harry estavam se divertindo à beça para se lembrar de Flamel. Tinham o dormitório só para eles e a sala comunal estava muito mais vazia do que o normal, por isso podiam usar as poltronas confortáveis ao pé da lareira. Sentavam-se a toda hora para comer tudo que pudessem espetar em um garfo de assar - pão, bolinhos, *marshmallows*- e tramavam maneiras de fazer Drago ser expulso, o que se divertiam em discutir mesmo que não fosse produzir resultados.

Rony também começou a ensinar Harry a jogar xadrez de bruxa Era exatamente igual a xadrez de trouxa exceto que as peças eram vivas, o que fazia parecer que a pessoa estava dirigindo tropas em uma batalha. O jogo de Rony era muito velho e gasta como tudo o mais que possuía, pertencera em tempos a alguém da família - no caso, ao seu avô. No entanto, a velhice das peças não era um empecilho. Rony as conhecia tão bem. que

nunca tinha dificuldade de mandá-las fazer o que ele

queria.

Harry jogava com peças que Simas Finnigan lhe

emprestara e estas não confiavam nada nele. Ainda não

era um bom jogador e elas não paravam de gritar

conselhos variados, o que o confundia:

"Não me mande para lá, não está vendo o cavalo dele?

Mande *ele*, podemos nos dar ao luxo de perder *ele*."

Na noite de Natal, Harry foi para a cama pensando com

ansiedade na comida e na diversão do dia seguinte, mas

sem esperar nenhum presente.

Quando acordou cedo na manhã seguinte, porém, a

primeira coisa que viu foi uma pequena pilha de

embrulhos ao pé de sua cama.

Natal-disse Rony sonolento quando Harry pulou da cama e

vestiu o roupão.

você também - falou Harry. - Olhe só isso! Ganhei presentes?

que é que você esperava, nabos? - respondeu Rony, virando-se

para a sua pilha que era bem maior do que a de Harry apanhou o pacote de cima. Estava embrulhado em papel pardo grosso e trazia escrito em garranchos P *ara o Harry,* de *Hagrid.* Dentro havia uma flauta tosca de madeira. Era óbvio que Hagrid a entalhara pessoalmente. Harry soprou-a - parecia um pouco com um pio de coruja. gundo embrulho, muito pequeno, continha um bilhete. *Recebemos sua mensagem* e *estamos enviando o seu presente. Tio Válter e Tia Petúnia.* Presa com fita adesiva na nota havia uma moeda de cinqüenta pence.

- Que simpático! - exclamou Harry.

Rony ficou fascinado pela moeda de cinqüenta pence.

- Que esquisito! - disse. - Que formato! Isso é *dinheiro?*

- Pode ficar com ela - disse Harry rindo-se ao ver a satisfação de Rony - Rúbeo, minha tia e meu tio. E quem mandou esses?

- Acho que sei quem mandou esse - disse Rony, ficando um pouco vermelho e apontando para um embrulho disforme. - Mamãe. Eu disse a ela que você não estava esperando receber presentes... ah, não... - gemeu -, ela fez para você uma suéter Weasley.

Harry rasgou o papel e encontrou uma suéter

tricotada com linha grossa verde-clara e uma grande

caixa de barras de chocolate feito em casa.

- Todos os anos ela faz para nós uma suéter - disse

Rony, desembrulhando a dele -, e a minha é *sempre* cor

de tijolo.

- Foi realmente muita gentileza dela - disse Harry;

experimentando as barrinhas de chocolate, que estavam

muito gostosas.

sente seguinte também continha doces - uma grande caixa de

sapos de chocolate dados por Hermione.

a apenas um embrulho. Harry apanhou-o e apalpou-o. Era

muito leve. Desembrulhou-o

coisa sedosa e prateada escorregou para o chão onde se

acomodou em dobras refulgentes. Rony soltou uma

exclamação:

uvi falar nisso - disse em voz baixa, deixando cair a caixa de

feijõezinhos de todos os sabores que ganhara de

Hermione. - Se isso é o que eu penso que é, é realmente

raro e *realmente* valioso.

- E o que é?

Harry apanhou o pano brilhoso e prateado do chão.

Tinha uma textura estranha, parecia tecida com fios de

água.

- E uma capa da invisibilidade - disse Rony, com

uma expressão de assombro no tosto. - Tenho certeza de que

é. Experimente.

Harry jogou a capa em volta dos ombros e Rony

deu um berro.

- E, Sim! Olhe para baixo!

Harry olhou para os pés, mas eles tinham

desaparecido. Correu então para o espelho. Não deu

outra, o espelho refletiu sua imagem, só a cabeça

suspensa no ar, o corpo completamente invisível. Ele

cobriu a cabeça e a imagem desapareceu

completamente.

- Tem um cartão! - disse Rony de repente. - Caiu

um cartão! Harry tirou a capa e apanhou o cartão.

Escritas numa caligrafia fina e rebuscada que ele nunca

vira antes, estavam as seguintes palavras:

Seu pai deixou isto comigo antes

de morrer. Está na hora de devolve-la a você.

Use-a bem.

Um Nata/ Muito Feliz para você.

Não havia assinatura. Harry ficou olhando o

cartão. Rony admirava a capa.

- Eu daria *qualquer coisa* para ter uma dessas. *Qualquer*

coisa... Que foi?

- Nada. - Harry estava se sentindo muito estranho.

Quem mandara a capa? Será que pertencera mesmo ao

seu pai?

'

1

Antes que pudesse dizer ou pensar qualquer outra

coisa, a porta do dormitório se escancarou e Fred e

Jorge Weasley entraram aos pulos. Harry rapidamente

deu um sumiço na capa. Por ora não tinha vontade de

compartilhá-la com mais ninguém.

- Feliz Natal!

- Ei, olhe só, o Harry ganhou uma suéter Weasley

também!

Fred e Jorge estavam usando suéteres azuis, uma com

um grande F, a outra com um J.

- Mas a do Harry é melhor do que a nossa - comentou

Fred, erguendo a suéter de Harry - Ela com certeza

capricha mais se a pessoa não é da família.

- Por que você não está usando a sua? - perguntou

Jorge - Vamos, vista logo, elas são ótimas e quentes.

- Detesto cor de tijolo - lamentou-se Rony; desanimado

enquanto vestia a suéter.

- Pelo menos você não tem uma letra na sua - comentou

Jorge. - Ela deve pensar que você não esquece o seu

nome. Mas nós não somos burros, sabemos que nos

chamamos Jorge e Fred.

- Que barulheira é essa?

Percy Weasley meteu a cabeça para dentro da

porta, com um olhar de censura. Era visível que já

desembrulhara metade dos seus presentes porque trazia

também uma suéter grossa pendurada no braço, que

Fred logo agarrou.

- M de monitor! Vista logo, Percy, todos estamos

usando as nossas, até Harry ganhou uma.

- Eu...não... quero - disse Percy com a voz

embargada, enquanto os gêmeos forçavam a suéter por

sua cabeça, entortando seus óculos.

- E você hoje não vai se sentar com os monitores - disse Jorge. - Natal é uma festa da família.

E os dois carregaram Percy para fora do quarto, com os braços presos dos lados pela suéter.

Harry nunca tivera em toda a vida um almoço de Natal igual àquele. Cem perus gordos assados, montanhas de batatas assadas e cozidas, travessas de salsichas, terrinas de ervilhas passadas na manteiga, molheiras com uva-do-monte em molho espesso e bem temperado - e, a pequenos intervalos sobre a mesa, pilhas de bombinhas de bruxo. Essas bombinhas fantásticas não se pareciam nada com as bombinhas fracas dos trouxas que os Dursley em geral compravam, cheias de brinquedinhos de plástico e chapéus de papel fino.

Harry puxou a ponta de uma bombinha de bruxo com Fred e ela não deu apenas um estalinho, ela explodiu com o ruído de um canhão e envolveu-os em uma nuvem de fumaça azul, enquanto caiam de dentro um chapéu de almirante e vários camundongos brancos, vivos. Na mesa principal, Dumbledore tinha trocado o chapéu de bruxo por um. toucado florido e ria alegremente de trina piada que o Prof. Flitwick acabara de ler para ele.

Pudins de Natal flamejantes seguiram-se ao peru.

Percy quase quebrou os dentes em uma foice de prata

que estava escondida em sua fatia. Harry observava o

rosto de Hagrid ficar cada vez mais vermelho à medida

que pedia mais vinho e acabou beijando a bochecha da

Profa. Minerva, a quase para espanto de Harry, rira e

corara, o chapéu de bruxa enviesado na cabeça.

Quando Harry finalmente saiu da mesa estava

levando uma montanha de brinquedos das bombinhas,

inclusive uma embalagem de balões luminosos e nãoexplosivos,

um kit para cultivar capixingui, a planta

símbolo de Hogwarts, e um jogo de xadrez de bruxo.

Os camundongos brancos tinham desaparecido e Harry

teve a desagradável sensação de que eles iam acabar

virando jantar de Natal para Madame Nor-r-ra.

Harry e os Weasley passaram urna tarde muito

alegre ocupados em uma furiosa guerra de bolas de

neve. Depois, frios, molhados e ofegantes, voltaram

para junto da lareira na sala comunal de Grifinória, onde Harry estreou o seu novo jogo de xadrez perdendo espetacularmente para Rony. Suspeitou que não teria levado uma surra tão grande se Percy não tivesse tentado ajudá-lo tanto.

Depois de lancharem sanduíches de peru, bolinhos, gelatina e bolo de frutas, todos se sentiram demasiado fartos e sonolentos para fazer outra coisa senão sentar e assistir a Percy correr atrás de Fred e Jorge por toda a torre de Grifinória porque eles tinham furtado seu crachá de monitor

Fora o melhor Natal da vida de Harry. No entanto, no fundinho da cabeça alguma coisa o incomodara o dia inteiro. Somente quando finalmente se deitou é que teve tempo para pensar nela: a capa invisível e a pessoa que a mandara.

Rony, cheio de peru e bolo e sem nenhum mistério para perturbá-lo, caiu no sono assim que puxou as cortinas de sua cama de dossel. Harry debruçou-se pela borda da cama e puxou a capa que escondera ali.

Do seu pai... aquilo fora do seu pai. Ele deixou o tecido escorregar pelas mãos, mais macio do que seda, leve como o ar.

Use-a bem, dissera o cartão.

Tinha de experimentá-la agora. E saiu da cama e se

enrolou na capa. Olhando para as pernas, viu apenas o

luar e as sombras Era uma sensação muito engraçada.

Use-a bem.

pente, Harry se sentiu completamente acordado. Toda a

Hogwarts se abria para ele com esta capa. Sentiu-se

tomado de excitação em pé ali na escuridão silenciosa.

Podia ir a qualquer lugar com a capa, qualquer lugar, e

Filch jamais saberia.

Rony resmungou adormecido. Será que Harry

devia acordá-lo? Alguma coisa o deteve a capa do seu

pai, sentiu que desta vez - a primeira - queria usá-la

sozinho.

E saiu sorrateiro do dormitório, desceu as escadas,

atravessou a sala comunal e passou pelo buraco do

retrato.

- Quem está aí? - perguntou esganiçada a Mulher

Gorda. Harry não respondeu. Saiu depressa pelo

corredor

Onde deveria ir? Parou, o coração acelerado, e pensou. E então lhe ocorreu. A seção reservada na biblioteca. Poderia ler o tempo que quisesse, o tempo que precisasse para descobrir quem era Flamel. Foi, então, puxando a capa para bem junto do corpo ao andar

A biblioteca estava escura como breu e muito estranha. Harry acendeu uma luz para enxergar o caminho entre as fileiras de livros

A lâmpada parecia que estava flutuando no ar, e embora Harry sentisse que seu braço a sustentava, aquela visão lhe deu arrepios.

A seção reservada era bem no fundo da biblioteca. Saltando com cautela a corda que separava esses livros do resto da biblioteca, ele ergueu a lâmpada para ler os títulos.

Eles não lhe informavam muita coisa. Suas letras

descascadas e esmaecidas formavam dizeres em línguas que Harry não entendia. Alguns sequer tinham titulo. Um livro tinha uma mancha escura que fazia lembrar horrivelmente de sangre. Os pêlos na nuca de Harry ficaram em pé. Talvez fosse imaginação dele,

talvez não, mas achou que ouvia um sussurro inaudível

vindo dos livros, corno se eles soubessem que havia

alguém ali que não deveria estar.

Precisava começar por alguma parte. Pousando com

cuidado a lâmpada no chão, ele procurou na prateleira

mais baixa um livro que parecesse interessante. Um

grande volume preto e prata chamou sua atenção.

Puxou-o com esforço, porque era muito pesado, e

equilibrando-o nos joelhos, deixou-o abrir ao acaso.

Um grito agudo de coalhar o sangue cortou o

silêncio o livro está gritando! Harry fechou-o depressa,

mas o grito não parou, uma nota alta, continua, de furar

os tímpanos. Ele tropeçou para trás e derrubou a

lâmpada, que se apagou na mesma hora. Em pânico,

ouviu passos que vinham pelo corredor do lado de fora

enfiando o livro gritador de qualquer jeito no lugar, ele

correu para valer Passou por Filch quase a porta. Os

olhos claros e arregalados de Filch atravessaram-no,

Harry escorregou por debaixo dos seus braços

estendidos e saiu desabalado pelo corredor, os gritos do livro ainda ecoando em seus ouvidos.

Parou subitamente diante de uma alta armadura.

Estivera tão ocupado em fugir da biblioteca que não prestara atenção aonde estava indo. Talvez porque estivesse escuro, ele sequer reconheceu onde se encontrava. Havia urna armadura perto das cozinhas, ele sabia, mas ele devia estar uns cinco andares acima.

- O senhor me pediu para eu vir direto ao senhor, professor, se alguém estivesse perambulando durante a noite e alguém esteve na biblioteca, na seção reservada.

200

sentiu o sangue se esvair do seu rosto. Onde quer que estivesse, Filch devia conhecer um atalho, porque sua voz baixa e untuosa estava se aproximando, e para seu horror, foi Snape quem respondeu:

eção reservada? Bom, eles não podem estar longe, vamos apanhá-los.

ficou imóvel no lugar em que estava quando Filch e Snape viraram o canto do corredor à frente. Eles não podiam vê-lo, é claro, mas era um corredor estreito e se chegassem mais perto esbarrariam nele - a capa não o impedia de ser sólido.

Recuou o mais silenciosamente que pôde. Havia

uma porta entreaberta à sua esquerda. Era sua única

esperança. Esgueirou-se por ela, prendendo a

respiração, tentando não empurrá-la e, para seu alívio,

conseguiu entrar no aposento sem que percebessem

nada. Eles passaram direto e Harry apoiou-se na

parede, respirando profundamente, ouvindo os passos

dos dois morrerem a distância. Fora por pouco, por um

triz. Passaram-se alguns segundos até ele reparar em

alguma coisa no aposento em que se escondera.

Parecia uma sala de aula fechada. Os vultos

escuros das mesas e cadeiras se amontoavam contra as

paredes e havia uma cesta de papéis virada - mas

escorada na parede à sua frente havia uma coisa que

não parecia pertencer ao lugar, alguma coisa que

parecia que alguém acabara de pôr ali para tira-la do

caminho.

Era um magnífico espelho, da altura do teto, com

uma moldura de talha dourada, aprumado sobre dois

pés em garra. Havia uma inscrição entalhada no alto:

Ojesed stra ebru oy ube cafru oyr on wohsi.

e do púnico, agora que não ouvia sinal de Filch e Snape, Harry

aproximou-se do espelho querendo mostrar-se sem ver

nenhuma imagem como antes. Adiantou-se para o

201

espelho.

de levar as mãos à boca para não gritai; Virou-se. Seu coração

batia com muito mais fúria do que quando o livro

gritara -porque não vira somente a própria imagem no

espelho, mas a de uma verdadeira multidão por trás

dele.

Mas o quarto estava vazio. Respirando muito

depressa, ele se virou lentamente para o espelho.

Lá estava ele, refletido, parecendo branco e assustado,

e lá estavam, refletidos às suas costas, pelo menos

outras dez pessoas, Harry espiou por cima do ombro

mas continuava a não haver ninguém mais. Ou será que

eram todos invisíveis também? Será que estava de fato

em um aposento cheio de gente invisível e o truque

desse espelho é que ele refletia tudo, *invisível* ou não?

Olhou para o espelho outra vez. Uma mulher

parada logo atrás de sua imagem sorria e lhe acenava.

Ele esticou a mão e sentiu o ar atrás dele. Se ela

estivesse realmente ali, ele a tocaria, pois suas imagens

estavam muito próximas, mas ele pegou apenas ar - ela

e os outros só existiam no espelho.

Era uma mulher muito bonita. Tinha cabelos acaju e os

olhos

- os olhos são igualzinhos aos meus, Harry pensou,

acercando-se um pouco mais do espelho. Verde-vivo -

exatamente do mesmo formato, mas então reparou que

ela estava chorando, sorrindo, mas chorando ao mesmo

tempo. O homem alto, magro, de cabe-los negros,

parado ao lado dela abraçou-a. Usava óculos e seu

cabelo era muito rebelde. Espetava na parte de trás,

como o de Harry.

Harry estava tão perto do espelho agora que seu nariz

quase encostava em sua imagem.

- Mamãe? - murmurou - Papai?

Eles apenas olharam para ele, sorrindo, e lentamente

Harry olhou para os rostos das outras pessoas no

espelho e viu outros pares de olhos verdes iguais ao

seus, outros narizes como o seu, até mesmo um velhote que parecia ter os mesmos joelhos ossudos que ele - Harry estava olhando para sua família, pela primeira vez na vida.

Os Potter sorriram e acenaram para Harry e ele retribuiu o olhar carente, as mãos comprimindo o espelho como se esperasse entrar por dentro dele e alcançá-los. Sentiu uma dor muito forte no peito, em que se misturavam a alegria e uma terrível tristeza.

Quanto tempo esteve parado ali, ele não sabia. As imagens não esmaeceram e ele continuou mirando-as até que um ruído distante o trouxe de volta ao presente.

Não podia ficar ali, tinha de encontrar o caminho de volta para a cama. Com esforço, desviou os olhos do rosto de sua mãe, sussurrando "Eu volto" e saiu depressa do aposento.

- Você podia ter me acordado falou Rony, aborrecido.

Você pode vir hoje à noite. Vou voltar, quero lhe mostrar o espelho.

Eu gostaria de ver sua mãe e seu pai - disse Rony, animado.

E eu quero ver toda a sua família, todos os Weasley, você vai poder me mostrar os seus outros irmãos e todo o mundo.

ê pode vê-los a qualquer hora. E só vir à minha casa neste verão.

Em todo o caso, talvez o espelho só mostre gente

morta. Mas é uma pena você não ter achado o Flamel.

Coma um pouco de bacon ou outra coisa qualquer, por

que é que você não está comendo nada?

Harry não conseguia comer. Vira os pais e iria vê-los de novo à

noite. Quase se esquecera de Flamel já não lhe parecia

tão importante. Quem ligava para o que o cachorro de

três cabeças estava guardando? Quem ligava realmente

que Snape fosse roubar a coisa?

está bem? - perguntou Rony - Está com uma cara tão estranha

O que Harry mais temia era não conseguir encontrar o

aposento do espelho outra vez. Com Rony coberto pela.

capa também, eles tiveram de andar muito mais

devagar na noite seguinte. Tentaram refazer o caminho

de Harry ao sair da biblioteca, andando a esmo pelos

corredores escuros durante quase uma hora.

- Estou falando - disse Rony; - Vamos esquecer

tudo e voltar

- Não! - sibilou Harry - Sei que é em algum lugar

por aqui.

Passaram pelo fantasma de uma bruxa alta que

deslizava na direção oposta, mas não viram mais

ninguém. Na hora em que Rony começou a reclamar

que seus pés estavam dormentes de frio, Harry

identificou a armadura.

- É aqui... logo aqui...é.

Eles empurraram a porta. Harry deixou cair a capa

dos ombros e correu para o espelho.

Lá estavam eles Sua mãe e seu pai sorriam ao vê-lo.

- Está vendo? - Harry cochichou.

- Não consigo ver nada.

- Olhe! Olhe eles todos... ali, montes deles...

- Só consigo ver você.

- Olhe direito, vamos, fique aqui onde eu estou.

Harry deu um passo para o lado, mas com Rony

diante do espelho, não conseguiu mais ver sua família,

apenas Rony corno seu pijama de lã escocesa.

Rony; porém, estava mirando a própria imagem,

petrificado.

- Olhe só para mim! - exclamou.

- Você está vendo toda a sua família à sua volta?

- Não, estou sozinho, mas estou diferente... pareço

mais velho, e sou chefe dos monitores.

204

-O quê?

- Estou... estou usando um crachá igual ao do Gui...

e estou segurando a taça das casas e a taça de

quadribol, sou capitão do time de quadribol também!

Rony despregou os olhos dessa visão magnífica para

olhar excitado para Harry.

- Você acha que esse espelho mostra o futuro?

- Como pode mostrar? A minha família está toda

morta. Me deixe dar outra espiada.

- Você teve o espelho só para você a noite passada,

me deixa olhar mais um pouco.

- Você só está segurando a taça de quadribol, que

interesse tem isso? Eu quero ver os meus pais.

- Não me empurre...

Um ruído repentino do lado de fora no corredor

pós fim à discussão dos dois. Não tinham se dado conta

do como estavam falando alto.

- Depressa!

Rony atirou a capa de volta pata cobri-los na hora

que os olhos luminosos de Madame Nor-r-ra

apareceram à porta. Rony e Harry ficaram imóveis,

ambos pensando a mesma coisa - será que a capa fazia

efeito para os gatos? Passado um tempo que pareceu

uma eternidade, ela se virou e foi embora.

é perigoso. Ela pode ter ido buscar o Filch, aposto que nos

ouviu. Vamos.

E Rony puxou Harry pata fora do quarto.

A neve ainda não derretera na manhã seguinte.

Quer jogar xadrez, .Harry? - convidou Rony.

- Não.

- Por que não descemos para visitar Rúbeo?

- Não... vai você...

- Seio que é que você está pensando, Harry,

naquele espelho. Não volte lá hoje à noite.

que não?

205

Não sei, estou. com uma intuição ruim, e de qualquer

forma você já escapou por um triz muitas vezes,

demais. Filch, Snape e Madame Nor-r-ra estão andando

por lá. E dai se eles não conseguem ver você? E se

esbarrarem em você? E se você derrubar alguma coisa?

- Você está falando igual à Hermione.

- Estou falando sério. Harry, não vai não.

Harry só tinha um pensamento na cabeça, voltar para a frente do

espelho, e Rony não ia detê-lo.

Naquela terceira noite ele encontrou o caminho

ainda mais rapidamente do que nas anteriores.

Andava tão depressa que sabia que estava fazendo

mais barulho do que seria sensato, mas não

encontrou ninguém.

E lá estavam sua mãe e seu pai sorrindo de novo para ele, e um

dos seus avós acenava feliz com a cabeça. Harry se

abaixou para sentar no chão diante do espelho. Não

havia nada que pudesse impedi-lo de ficar ali a noite

inteira com a família. Nada.

A não ser..

o, outra vez aqui, Harry?

sentiu como se suas tripas tivessem congelado. Olhou

para trás. Sentado em uma das mesas junto à parede

estava ninguém menos que Alvo Dumbledore. Harry

devia ter passado direto por ele; tão desesperado estava

para chegar ao espelho, que nem reparara.

- Eu... eu não vi o senhor.

- E estranho como você pode ficar míope quando

está invisível - disse Dumbledore, e Harry sentiu alívio

ao ver que ele sorria.

- Então - continuou Dumbledore, escorregando da

cadeira até o chão para se sentar ao lado de Harry -

,você, como centenas antes de você, descobriu os

prazeres do Espelho de Ojesed.

- Eu não sabia que se chamava assim, professor.

- Mas espero que a essa altura você já tenha

percebido o que ele faz?

- Bom... me mostra a minha família...

- E mostrou o seu amigo Rony como chefe dos

monitores.

- Como é que o senhor soube?

- Eu não preciso de uma capa para me tornar invisível - disse Dumbledore com brandura. - Agora, você é capaz de concluir o que é que o Espelho de Ojesed mostra a nós todos?

Harry sacudiu negativamente a cabeça.

- Deixe-me explicar. O homem mais feliz do mundo poderia usar o Espelho de Ojesed como um espelho normal, ou seja, ele olharia e se veria exatamente como é. Isso o ajuda a pensar?

Harry pensou. Então respondeu lentamente:

- Ele nos mostra o que desejamos... seja o que for que desejemos...

- Sim e não - disse Dumbledore - Mostra-nos nada mais nem menos do que o desejo mais intimo, mais desesperado de nossos corações. Você, que nunca conheceu sua família, a vê de pé a sua volta. Ronaldo Weasley, que sempre teve os irmãos a lhe fazerem sombra, vê-se sozinho, melhor que todos os irmãos. Porém, o espelho não nos dá nem o conhecimento nem a verdade. Já houve homens que definharam diante dele, fascinados pelo que viam, ou enlouqueceram sem saber se o que o espelho mostrava era real ou sequer possível.

"O espelho vai ser levado para uma nova casa

amanhã, Harry; e peço que você não volte a procurá-lo.

Se algum dia o encontrar, estará preparado. Não faz

bem viver sonhando e se esquecer de viver, lembre-se.

E agora, por que você não põe essa capa admirável

outra vez e vai dormir?"

Harry se levantou.

- Senhor, Prof. Dumbledore? Posso lhe perguntar

uma corsa?

- Obviamente você acabou de me perguntar -

sorriu Dumbledore. - Mas pode me perguntar mais uma

coisa.

- O que é que o senhor vê quando se olha no

espelho?

- Eu? Eu me vejo segurando um par de grossas

meias de lã.

Harry arregalou os olhos.

- As meias nunca são suficientes. Mais um Natal

chegou e passou e não ganhei nem um par As pessoas insistem em me dar livros.

Foi somente quando estava de volta à cama que ocorreu a Harry que talvez Dumbledore não tivesse dito a verdade. Mas, pensou, enquanto empurrava Pereba para longe do seu travesseiro, fizera uma pergunta muito pessoal.

- CAPÍTULO TREZE -

Nicolau Flamel

Dumbledore convencera Harry a não tornar a procurar o Espelho de Ojesed, e durante o resto das férias de Natal a capa da invisibilidade permaneceu guardada no fundo do baú. Harry gostaria de poder esquecer o que vira no espelho com a mesma facilidade, mas não conseguiu. Começou a ter pesadelos. Sonhava repetidamente com os pais desaparecendo em um relâmpago de luz verde enquanto urna voz esganiçada gargalhava.

- Está vendo? Dumbledore tinha razão, aquele espelho podia deixar você maluco - disse Rony, quando Harry lhe contou os sonhos.

Hermione, que voltou um dia antes do período letivo começar, viu as coisas de outro modo. Estava

dilacerada entre o horror de pensar em Harry fora da

cama, perambulando pela escola três noites seguidas

(" E se Filch tivesse te apanhado!") e o desapontamento

que ele não tivesse ao menos descoberto quem era

Nicolau Flamel

Quase perdera as esperanças de encontrar Flamel

em um livro da biblioteca, embora Harry tivesse

certeza de que lera o nome em algum lugar. Quando o

novo período letivo começou, eles voltaram a folhear

os livros durante os dez minutos de intervalo entre as

aulas. Harry tinha ainda menos tempo do que os outros

dois, porque o treino de quadribol recomeçara.

Olívio estava puxando pelo time como nunca

fizera antes. Até mesmo as chuvas intermináveis que

substituíram as nevadas não conseguiam esmorecer a

sua animação. Os Weasley reclamavam que Olívio

estava se tornando fanático, mas Harry o apoiava Se

ganhassem a próxima partida, contra Lufa-Lufa,

passaram a frente da Sonserina no campeonato das

casas pela primeira vez em sete anos. Além do desejo

de ganhar, Harry descobriu que ti menos pesadelos

quando voltava exausto dos treinos.

Então, durante um treino particularmente chuvoso e

enlameado, Olívio deu urna notícia ruim ao time.

Acabara de se enfurecer com os Weasley; que davam

mergulhos violentos um sobre o outro e fingiam cair

das vassouras.

Vocês querem parar de se comportar feito

bobos! - berrou.

- Isso é o tipo de atitude que vai fazer a gente perder o

jogo! Snape vai apitar dessa vez e vai procurar

qualquer desculpa para tirar pontos da Grifinória!

Jorge Weasley realmente caiu da vassoura ao ouvir

isso,

- Snape vai apitar o jogo? - perguntou embolando as

palavras com a boca cheia de lama. - Quando foi na

vida que ele apitou um jogo de quadribol? Ele não vai

ser imparcial se tivermos chance de passar à frente de

Sonserina.

O resto do time pousou ao lado de Jorge para reclamar

também.

- A culpa não é minha - disse Olívio. - Nós é que

vamos ter de nos cuidar e jogar urna partida limpa, para não dar a Snape desculpa para implicar conosco.

Estava tudo muito bem, pensou Harry, mas ele tinha outra razão para não querer Snape por perto quando estivesse jogando quadribol.

Os outros jogadores se demoraram conversando no final do treino como sempre faziam, mas Harry rumou

210

direto para a sala comunal de Grifinória, onde encontrou Rony e Hermione jogando xadrez. Xadrez era a única coisa em que Hermione perdia, uma experiência que Rony e Harry achavam que lhe fazia muito bem.

- Não fale comigo agora - pediu Rony quando Harry se sentou ao seu lado. - Preciso me concentrar. -Aí viu a cara de Harry.

- Que aconteceu com você? Está com uma cara horrível.

Falando baixinho para ninguém mais ouvir, Harry contou aos dois o desejo sinistro e súbito de Snape de ser juiz de quadribol.

- Não jogue - disse Hermione na mesma hora.

-. Diga que está doente - aconselhou Rony.

- Finja que quebrou a perna - sugeriu Hermione.

- *Quebre* a perna de verdade - insistiu Rony;

- Não posso - respondeu Harry - Não temos apanhador de

reserva. Se eu fujo, Grifinória não vai poder jogar.

Naquele momento, Neville entrou aos tombos na sala

comunal. Como conseguira passar pelo buraco do

retrato ninguém sabia, porque tinha as pernas grudadas

pelo que eles imediatamente reconheceram ser o

Feitiço da Perna Presa. Devia ter precisado andar aos

pulos como um coelho até a torre de Grifinória.

Todo o mundo caiu na gargalhada menos Hermione, que

ficou em pé de um salto e fez o contra-feitiço. As

pernas de Neville se separaram e ele se endireitou,

tremendo.

- Que aconteceu? - perguntou Hermione, levando-o para se

sentar com Harry e Rony

- Malfoy-disse Neville com a voz trêmula. - Encontrei-o na

saída da biblioteca. Ele disse que estava procurando

alguém em quem praticar o feitiço.

- Vá procurar a Profa. Minerva! - insistiu Hermione. - Dê parte dele!

Neville sacudiu a cabeça.

- Não quero mais confusão - murmurou.

- Você tem de enfrentá-lo, Neville! - disse Rony. - Ele está acostumado a pisar nas pessoas, mas não há razão pata você se deitar aos pés dele para facilitar.

- Não precisa me dizer que não sou bastante corajoso para pertencer à Grifinória. Drago já fez isso - disse Neville engasgado.

Harry apalpou o bolso de suas vestes e tirou um sapo de chocolate, o ultimo da caixa que Hermione lhe dera no Natal. Deu-o a Neville, que estava com cara de quem ia chorar.

- Você vale doze Dragos - disse Harry. - O Chapéu da Seleção escolheu você para Grifinória, não foi? E onde está Drago? Naquela Sonserina nojenta.

A boca de Neville se contraiu num sorrisinho enquanto desembrulhava o sapo.

- Obrigado, Harry. Acho que vou para a cama...

Você quer o cartão, você coleciona, não é?

Quando Neville se afastou, Harry olhou para o cartão de Bruxo Famoso.

- Dumbledore outra vez. Ele foi o primeiro que...

E soltou uma exclamação Olhou para o verso do cartão.

Em seguida olhou para Rony e Hermione.

- *Encontrei!*- murmurou-Encontrei Flamel! Eu disse a

vocês que tinha lido o nome dele em algum lugar. Li-o

no trem a caminho daqui. Escutem só isso: *O Prof.*

Dumbledore é particularmente famoso por ter

derrotado Grindelwald, o bruxo das Trevas, em 1945,

e ter descoberto os doze usos do sangue de dragão, e

por desenvolver um trabalho de alquimia em parceria

com Nicolau Flamel.

Hermione ficou em pé de um salto. Não parecia tão

212

animada desde que eles tinham recebido as notas do

primeiro dever de casa.

- Não saiam daqui! - disse e saiu escada acima em

direção aos dormitórios das meninas. Harry e Rony mal

tiveram tempo de trocar um olhar intrigado e ela já

estava correndo de volta, com um enorme livro velho

nos braços.

- Nunca pensei em olhar aqui - falou excitada. - Tirei-o da biblioteca há semanas para me distrair um pouco.

- Distrair? - admirou-se Rony, mas Hermione mandouo ficar quieto, enquanto procurava alguma coisa e começou a folhear as páginas do livro, ansiosa, resmungando para si mesma.

Finalmente encontrou o que procurava.

- Eu sabia! Eu *sabia!*

- Já podemos falar? - perguntou Rony de mau humor.

Hermione não lhe deu resposta.

- Nicolau Flamel - sussurrou ela teatralmente - é, ao que *se sabe, a única pessoa que produziu a Pedra Filosofal.*

A frase não teve bem o efeito que ela esperava.

- Ao quê? - exclamaram Harry e Rony.

- Ah, francamente, vocês dois não lêem? Olhem, leiam isso aqui.

Ela empurrou o livro para os dois, que leram:

O antigo estudo da alquimia preocupava-se com a produção Pedra Filosofal uma substancia lendária com poderes ;fantásticos. A pedra pode transformar qualquer metal em ouro puro. Produz também o Elixir da vida, que torna quem o bebe imortal.

Falou-se muito da Pedra Filosofal durante

séculos; mas a única Pedra que existe

presentemente pertence ao .Nicolau Flamel o

famoso alquimista e amante da opera. O Sr.

Flamel que comemorou o seu sexcentésimo

sexagésimo quinto aniversário no ano passado,

leva uma vida tranqüila em Devon, com sua

mulher, Perenelle (seiscentos e cinqüenta e oito

anos).

- Viram? - disse Hermione, quando Harry e Rony

terminaram. - O cachorro deve estar guardando a Pedra

Filosofal de Flamel! Aposto que ele pediu a

Dumbledore que a guardasse em segurança, porque são

amigos e ele sabia que alguém andava atrás dela, esse é

o motivo por que Dumbledore quis transferir a pedra de

Gringotes.

- Uma pedra que produz ouro e não deixa a gente

morrer! - exclamou Harry. - Não admira que Snape

ande atrás dela! Qualquer um andaria.

- E não admira que não conseguíssemos encontrar Flamel em *Estudos aos avanços recentes em magia* -disse Rony - Ele não é bem recente, se já fez seiscentos e sessenta e cinco anos, não é mesmo?

Na manhã seguinte, na sala de Defesa Contra a Magia Negra, enquanto copiavam as diferentes maneiras de tratar mordidas de lobisomem, Harry e Rony continuavam a discutir o que fariam com urna Pedra Filosofal se tivessem urna. Somente quando Rony disse que compraria o próprio time de quadribol foi que Harry se lembrou de Snape e da partida que se aproximava.

- Eu vou jogar - disse a Rony e Hermione. - Se não fizer isso, o pessoal de Sonserina vai pensar que tenho medo de encarar Snape. Vou mostrar a eles... vamos

tirar aquele sorriso da cara deles se vencermos.

- Desde que a gente não acabe tirando você da quadra - disse Hermione

Á medida que a partida se aproximava, porém, Harry foi ficando cada vez mais nervoso, mesmo que negasse

isso para Rony e Hermione. O resto do time também não estava tão calmo assim. A idéia de passar à frente de Sonserina no campeonato das casas era maravilhosa, ninguém fazia isso havia quase sete anos, mas será que conseguiriam, com um juiz tão parcial?

Harry não sabia se estava ou não imaginando, mas parecia estar sempre encontrando Snape por todo lugar em que ia. As vezes, ele até se perguntava se Snape não o estava seguindo, tentando apanhá-lo sozinho. As aulas de Poções estavam se transformando numa espécie de tortura semanal. De tão ruim que Snape era com Harry. Seria possível que Snape tivesse descoberto que os meninos haviam lido sobre a Pedra Filosofal?

Harry não imaginava como; no entanto, por vezes unha a horrível sensação de que Snape podia ler pensamentos.

Harry sabia que, quando lhe desejassem boa sorte à porta do vestiário na tarde seguinte, Rony e Hermione estariam se perguntando se o veriam vivo outra vez.

Isto não era o que se poderia chamar de consolo. Harry mal ouviu uma palavra da conversa de Olívio para animar os jogadores enquanto vestia o uniforme de quadribol e apanhava sua Nimbus 2000.

Entrementes, Rony e Hermione tinham encontrado um lugar nas arquibancadas junto a Neville, que não conseguia entender por que eles estavam tão sérios e tampouco por que haviam trazido as varinhas para o jogo. Mal sabia Harry que Rony e Hermione tinham andado praticando secretamente o Feitiço das Pernas

215

Presas. Tinham tido essa idéia ao verem Drago usá-lo contra Neville e estavam preparados para usá-lo contra Snape se ele desse o menor sinal de querer machucar Harry.

- Agora não esqueça, é *Locomotor Mortis* -cochichou Hermione enquanto Rony escondia a varinha na manga.

- Eu *sei*- Rony respondeu com maus modos. - Não chateia.

Mas no vestiário, Olívio puxara Harry para um lado.

- Não quero pressioná-lo, Potter, mas se há um dia em que

precisamos agarrar o pomo logo de saída é hoje. Termine

o jogo antes que Snape possa favorecer Lufa-lufa

demais.

- A escola inteira está lá fora! - disse Fred Weasley ,

espiando para fora da porta. - Até mesmo, putz,

Dumbledore veio assistir!

O coração de Harry deu um salto.

edore? -disse, correndo até a porta para se certificar Fred tinha

razão. Não havia como confundir aquela barba

prateada.

Harry poderia ter dado uma grande gargalhada de alívio.

Estava seguro. Simplesmente não havia jeito de Snape

ousar machucá-lo se Dumbledore estivesse assistindo.

Talvez fosse por isso que Snape estava com a cara tão

zangada na hora em que os times entraram em campo,

uma coisa em que Rony também reparou.

- Nunca vi Snape com uma cara tão feia - disse a

Hermione.

- Olhe, começou. Ai!

Alguém cutucara Rony na cabeça. Era Drago.

- Ah, desculpe, Weasley; não vi você ai.

Drago deu um largo sorriso para Crabbe e Goyle.

- Quanto tempo será que Potter vai se agüentar na

216

vassoura desta vez? Alguém quer apostar? E você, Weasley.

Rony não respondeu; Snape acabara de achar uma penalidade na Grifinória porque Jorge Weasley mandara um balaço nele. Hermione, que mantinha todos os dedos cruzados no colo, apertava os olhos fixos em Harry, que circulava sobre os jogadores como um falcão, à procura do pomo.

- Sabe como eu acho que eles escolhem jogadores para o time da Grifinória? - disse Drago bem alto alguns minutos depois, quando Snape aplicou nova penalidade em Grifinória sem a menor razão. - Escolhem as pessoas que dão pena. Vê só, o Potter, que não tem pais, depois os Weasley; que não tem dinheiro. Você também devia estar no time, Longbortom., você não tem miolos.

Neville ficou minto vermelho, mas se virou para encarar Drago.

- Eu valho doze Dragos, Malfoy - gaguejou ele.

Drago, Crabbe e Goyle rolaram de rir, mas Rony,

que continuava sem coragem de despregar os olhos do

jogo, disse:

- Isso mesmo, responda a ele, Neville.

- Longbottom, se miolos fossem ouro, você seria mais

pobre do que Weasley e isso já é muita coisa.

Os nervos de Rony já estavam esticados ao máximo de

tanta preocupação como Harry

- Estou lhe avisando, Drago... mais uma palavra...

- Rony! - disse Hermione de repente. - Harry!

- Quê? Onde?

Harry inesperadamente dera um mergulho espetacular,

que provocou exclamações e vivas da torcida.

Hermione se levantou, os dedos cruzados na boca,

enquanto Harry voava para o chão como uma bala.

- Você está com sorte, Weasley, Potter com

certeza localizou dinheiro no chão! - disse Drago.

Rony reagiu. Antes que Drago soubesse o que

estava acontecendo, Rony partiu para cima dele e o

derrubou no chão. Neville hesitou, depois pulou o

encosto da cadeira para ajudar.

- Vamos, Harry! - Hermione gritou, pulando em cima da cadeira para observar Harry se precipitar na direção de Snape, ela nem sequer reparou que Drago e Rony estavam embolados em baixo de sua cadeira, nem nos pés arrastados e gritos que saiam do redemoinho de socos que era Neville, Crabbe e Goyle.

No alto, Snape virou na vassoura bem em tempo de ver uma coisa vermelha passar veloz por ele, deixando de atingi-lo por centímetros - e no segundo seguinte, Harry saia do mergulho, o braço erguido em triunfo, o pomo seguro na mão.

As arquibancadas explodiram; tinha que ser um recorde, ninguém era capaz de lembrar do pomo ter sido agarrado tão depressa.

- Rony! Rony! Cadê você? A partida terminou! Harry ganhou! Nós ganhamos! Grifinória está na frente! - gritava Hermione, dançando da cadeira para o chão e dali para a cadeira e se abraçando com Parvati na fileira da frente.

Harry saltou da vassoura antes de chegar ao solo. Não conse-guia acreditar. Agarrara - o jogo terminou, nem chegara a durar cinco minutos. Quando Grifinória

invadiu o campo, ele viu Snape pousar ali perto, a cara branca e os lábios contraídos - depois Harry sentiu uma mão no seu ombro, ergueu a cabeça e deparou como rosto sorridente de Dumbledore.

- Muito bem - disse Dumbledore baixinho, de modo que somente Harry pudesse ouvir. - Que bom ver que você

218

não ficou pensando naquele espelho... manteve-se ocupado... excelente...

Snape cuspiu com amargura no chão.

Harry deixou o vestiário sozinho algum tempo depois, para levar sua Nimbus 2000 de volta à garagem. Não se lembrava de ter se sentido mais feliz. Realmente fizera agora urna coisa de que poderia se orgulhar - ninguém poderia mais dizer que ele era apenas um nome famoso. O ar da noite nunca lhe parecera mais gostoso. Caminhou pela grama úmida, revivendo mentalmente a última hora, que era um borrão de felicidade: Grifinória correndo para erguê-lo nos ombros; Rony e Hermione a distancia, pulando de alegria, Rony dando vivas como nariz escorrendo sangue.

Harry chegara à garagem. Recostou-se na porta de madeira e contemplou Hogwarts, com suas janelas avermelhadas pelo sol poente. Grifinória na liderança.

Ele conseguira, mostrara a Snape...

E por falar em Snape...

Uma figura encapuzada descia rapidamente os

degraus de entrada do castelo. Sem dúvida não queria

ser vista, andava o mais depressa que podia em direção

à floresta proibida. A vitória de Harry se apagou de sua

mente enquanto o observava. Reconheceu o andar

predador da figura. Snape, escapulindo até a floresta

enquanto todos jantavam - que estava acontecendo?

Harry tornou a montar a Nimbus 2000 e levantou

vôo. Planando silenciosamente sobre o castelo, viu

Snape entrar na floresta correndo. Seguiu-o.

As árvores eram tão juntas que ele não conseguia

ver aonde fora Snape. Voou em círculos cada vez mais

baixos, roçando a

copa das árvores até que ouviu vozes. Planou em

219

direção a elas e pousou, sem ruído, em uma

alta bétula.

Subiu com cuidado em um dos ramos, segurando-se firme na vassoura, tentando espiar por entre as folhas. Embaixo, na clareira sombria, estava Snape, mas não estava sozinho. Quirrell estava com ele. Harry não conseguiu distinguir a expressão no seu rosto, mas a gagueira estava pior que nunca. Harry apurou o ouvido para entender o que conversavam.

- ...não sei porque você quis se encontrar logo aqui, Severo...

- Ah, quis manter o encontro sigiloso - disse Snape, a voz gélida. - Afinal os alunos não devem saber sobre a Pedra Filosofal.

Harry se curvou para a frente. Quirrell balbuciou alguma coisa. Snape interrompeu-o.

- Você já descobriu como passar por aquela fera do Hagrid?

- M-m-mas, Severo, eu...

- Você não quer que eu seja seu inimigo, Quirrell - ameaçou Snape, dando um passo em direção a ele.

- N-n-não seio que você...

- Você sabe perfeitamente o que quero dizer.

Uma coruja piou alto e Harry quase caiu da árvore. Firmou-se em tempo de ouvir Snape dizer:

- ... as suas mágicas de araque. Estou esperando.

- M-mas eu n-n-nao...

- Muito bem - interrompeu-o Snape. - Vamos ter

outra conversinha em breve, quando você tiver tido

tempo de pensar nas coisas e decidir com quem está a

sua lealdade.

E jogando a capa por cima da cabeça saiu da

clareira. Estava quase escuro agora, mas Harry pôde

discernir Quirrell, parado muito quieto como se

estivesse petrificado.

- Harry, onde é que você *esteve?* -perguntou

Hermione com a voz esganiçada.

- Vencemos! Você venceu! Nós vencemos! - gritou

Rony, dando palmadas nas costas de Harry - E deixei o

olho de Drago

roxo e Neville tentou enfrentar Crabbe e Goyle sozinho!

Ainda está desacordado mas Madame Pomfrey diz que

ele vai ficar bom. Isso é que é mostrar a Sonserina!

Todos estão esperando você na sala comunal, estamos

dando urna festa, Fred e Jorge roubaram uns bolos e outras coisinhas nas cozinhas

- Deixem isso para lá agora - disse Harry, sem fôlego. - Vamos procurar uma sala vazia, esperem ate ouvirem isso...

Ele verificou se Pirraça não estava na sala antes de fechar a porta, depois contou aos amigos o que vira e ouvira.

- Então tínhamos razão, é a Pedra Filosofal e Snape está tentando obrigar Quirrell a ajudá-lo a roubar. Ele perguntou se o outro sabia como passar por Fofo, e falou alguma coisa sobre as magiquinhas de Quirrell. Imagino que haja outras coisas protegendo a pedra além de Fofo, uma porção de feitiços, provavelmente, e Quirrell deve ter feito algum contra-feitiço de que Snape precisa para entrar...

- Você quer dizer que a Pedra só está segura enquanto Quirrell resistir a Snape? - perguntou Hermione alarmada.

- Terça-feira ela terá desaparecido - disse Rony.

- CAPÍTULO CATORZE -

Norberto, o dragão norueguês

Quirrell, no entanto, deve ter sido muito mais

corajoso do que eles pensaram. Nas semanas seguintes

ele pareceu estar ficando mais pálido e mais magro,

mas não parecia ter cedido

Todas as vezes que os meninos passavam pelo

corredor do terceiro andar, Harry; Rony e Hermione

encostavam as orelhas na porta para verificar se Fofo

continuava a rosnar lá dentro. Snape levava a vida no

seu habitual mau humor, o que com certeza significava

que a Pedra continuava a salvo. Sempre que Harry

passava por Quirrell nesses últimos dias dava-lhe um

sorriso como a encorajá-lo, e Rony começara a

censurar as pessoas que riam da gagueira de Quirrell.

Hermione, no entanto, tinha mais no que pensar do

que na Pedra Filosofal Começara a programar suas

revisões e a marcar em cores suas anotações de aula

para classificá-las. Harry e Rony não teriam se

importado com isso, mas ela não parava de chateá-los

para fazerem o mesmo.

- Hermione, os exames estão a séculos de

distância.

- Dez semanas - retorquiu Hermione. - Não são séculos, é como um segundo para Nicolau Flamel.

- Mas nós não temos seiscentos anos - lembrou-lhe Rony. Em todo o caso, o que é que você está revisando se já sabe tudo?

- Que é que estou revisando? Vocês ficaram malucos? Vocês já perceberam que precisamos passar

222

nesses exames para chegar ao segundo ano? Eles são muito importantes, eu deveria ter começado a estudar há um mês, não seio que deu em mim...

Infelizmente, os professores pareciam estar pensando da mesma maneira que Hermione. Passaram tantos deveres de casa que as férias da Páscoa não foram tão divertidas quanto as de Natal. Ficou difícil se descontrair com Hermione ao lado, recitando os doze usos do sangue de dragão ou praticando movimentos com. a varinha. Aos gemidos e bocejos, Harry e Rony passaram a maior parte do tempo livre com ela, na biblioteca, tentando dar conta de todos os deveres extras.

- Eu nunca vou me lembrar disso - desabafou Rony uma tarde, largando a pena de escrever na mesa e

olhando desejoso pela janela da biblioteca. Era na

realidade o primeiro dia bonito que tinham em meses.

O céu estava claro, azul-miosótis e havia urna

expectativa de verão no ar.

Harry, que estava procurando o verbete "Ditamno"

no livro de *Cem* ervas *e fungos* mágicos; não levantou

os olhos até a hora em. que ouviu Rony exclamar:

- Rúbeo! Que é que você está fazendo na

biblioteca?

Hagrid veio arrastando os pés, escondendo alguma

coisa às costas. Parecia muito deslocado com o seu

casaco de pêlo de toupeira.

- Só olhando - disse numa voz insegura que

imediatamente despertou o interesse deles. - E o que é

que vocês estão armando?

- Ele pareceu repentinamente desconfiado. - Não

continuam. procurando o Nicolau Flamel, continuam?

Ah, já descobrimos quem ele é há séculos - disse

Rony para impressionar. - E você sabe o que é que

aquele cachorro está guardando, é a Pedra Filo...

- Chhhhi! - Hagrid olhou à sua volta depressa para.

223

ver se alguém estava escutando. - Não saiam gritando

isso por ai, que foi que deu em vocês?

- Más, tem umas coisinhas que queríamos

perguntar a você.

- disse Harry - sobre as outras coisas que estão

protegendo a Pedra além do Fofo...

- CHHHHHI! - fez Hagrid de novo. - Escutem,

venham me ver mais tarde, não estou prometendo que

vou lhes dizer nada, vejam bem, mas não saiam dando

com a língua nos dentes por ai, estudantes não devem

saber disso. Vão achar que fui eu que contei a vocês...

- Vemos você mais tarde, então - concordou

Harry.

Hagrid saiu arrastando os pés.

- Que é que ele estava escondendo às costas? -

perguntou Hermione pensativa.

- Acham que tinha alguma coisa a ver com a

Pedra?

- Vou ver em que seção ele estava - prontificou-se

Rony, que já estava farto de trabalhar. Voltou um

minuto depois com uma braçada de livros e largou-os

em cima da mesa.

- *Dragões:*- cochichou - Rúbeo estava procurando

coisas sobre dragões! Olhem só estes: Espécies de

dragões da Grã-Bretanha e da Irlanda; *Do ovo ao*

inferno, guia do guardador de dragões.

- Rúbeo sempre quis um dragão, ele me disse isso

da primeira vez em que nos vimos - comentou Harry

- Mas é contra as nossas leis - argumentou Rony. -

Criar dragões foi proibido pela Convenção dos Bruxos

de 1709, todo o mundo sabe disso. E difícil evitar que

os trouxas reparem em nós se criarmos dragões no

quintal. Em todo o caso, não se pode domesticar

dragões, é perigoso. Vocês deviam ver as queimaduras

que Carlinhos recebeu de dragões selvagens na

Romênia.

- Mas não tem dragões selvagens na Grã-Bretanha? - perguntou Harry.

- Claro que tem - respondeu Rony - Os dragões

verdes galeses e os negros das ilhas Hébridas. O

Ministério da Magia tem um bocado de trabalho para mantê-los em segredo, posso lhe garantir. 0 nosso povo vive enfeitiçando trouxas que os viram, para fazê-los esquecer.
- Então o que será que Rúbeo anda armando? - perguntou Hermione.
Quando eles bateram á porta da cabana do guardacaça uma hora mais tarde, ficaram surpresos de ver que todas as cortinas estavam fechadas. Hagrid perguntou "Quem. é?" antes de deixá-los entrar e em seguida fechou depressa a porta assim que eles entraram.
Estava um calor sufocante no interior da cabana. E embora fosse um dia bem quente havia um fogaréu na lareira. .Hagrid preparou chá para os meninos e lhes ofereceu sanduíches de carne de arminho, que eles recusaram.
- Então, vocês queriam me perguntar uma coisa?
- Queríamos - disse Harry. Não havia sentido em perder tempo com rodeios. - Estivemos pensando se você poderia nos dizer o que mais está protegendo a Pedra Filosofal além de Fofo.
Hagrid amarrou a cara.
- Claro que não posso dizer. Primeiro, eu mesmo não sei. Segundo, vocês já sabem demais, de modo que

eu não diria a vocês se soubesse. Aquela Pedra está aqui por uma boa razão. Quase foi roubada de Gringotes. Suponho que vocês já chegaram a essa conclusão. Fico até espantado que saibam da existência de Fofo.

- Ah, vamos, Rúbeo, talvez você não queira nos dizei; mas você sabe tudo o que acontece por aqui -

disse Hermione num tom caloroso e lisonjeiro. A barba de Hagrid mexeu e eles perceberam que estava sorrindo. - Só estávamos querendo saber realmente quem fez o feitiço de proteção - continuou Hermione. - Estávamos querendo saber em quem Dumbledore teria confiado o suficiente para ajudá-lo, além de você.

O peito de Rúbeo se estufou ao ouvir essas palavras. Harry e Rony se abriram em sorrisos para Hermione.

- Bom, acho que não poderia fazer mal contar

isso... vamos ver.. ele pediu Fofo emprestado a mim..,

depois alguns professores fizeram os feitiços... o Prof. Sprout.. o Prol Flitwick... a Profa. Minerva... - ele foi contando nos dedos - o Prof. Quirrell... e o próprio Dumbledore também fez alguma coisa, é claro. Um momento, esqueci alguém. Ah, sim, o Prof. Snape.

- *Snape?*

- É, vocês não continuam insistindo naquela idéia, ou continuam? Olhem, Snape ajudou *a proteger a* Pedra, não está prestes a roubá-la.

Harry sabia que Rony e Hermione estavam pensando o mesmo que ele. Se Snape fora chamado para proteger a Pedra, devia ter sido fácil descobrir como os outros professores a tinham protegido. Ele provavelmente sabia de tudo - exceto, ao que parecia, o feitiço que Quirrell fizera e de que jeito passar por Fofo.

- Você é o único que sabe como passar pelo Fofo, não e,

Rúbeo? - Harry perguntou, ansioso. - E você não diria a ninguém, não é? Nem mesmo a um dos professores?

- Ninguém sabe a não ser eu e Dumbledore - disse Hagrid orgulhoso.

- Bom, isso já é alguma coisa - murmurou Harry para os outros. - Rúbeo, podemos abrir uma janela?

Estou assando.

- Não pode, desculpe, Harry - disse Hagrid. Harry

notou que ele olhava para o fogo. Harry olhou também.

- Rúbeo, o que é *isso?*

Mas ele já sabia o que era. Bem no meio do fogo,

debaixo da chaleira, havia um enorme ovo negro.

- Ah - respondeu Hagrid, mexendo, nervoso, na

barba. - É... ah...

- Onde foi que você arranjou isso, Rúbeo? -

perguntou Rony; abaixando-se para o fogo para olhar o

ovo mais de perto. - Isso deve ter-lhe custado uma

fortuna.

- Ganhei. A noite passada. Eu estava na vila

tomando uns tragos e entrei num joguinho de cartas

com um estranho. Acho que ele ficou bem contente de

se livrar do ovo, para ser sincero.

- Mas o que é que você vai fazer com ele, quando

chocar? - perguntou Hermione.

- Bom, andei lendo um pouco - disse Hagrid,

tirando um grande livro de baixo do travesseiro. -

Apanhei este na biblioteca:

A criação de dragões como prazer e

fonte de renda. É meio desatualizado, é

claro, mas está tudo aqui. Mantenha o ovo

no fogo porque as mães sopram fogo em

cima deles, sabe, e quando chocar, dê-lhe um

balde de conhaque misturado com sangue de

galinha a cada meia hora. E vejam aqui:

como reconhecer os diferentes ovos, e este

aqui é um dragão norueguês. São raros esses,

Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo, mas

Hermione não.

- Rúbeo, você mora numa cabana de madeira -

lembrou-lhe.

Mas Hagrid nem escutou. Estava cantarolando

alegremente enquanto atiçava o fogo.

E

n

t

ã

o

a

g

o

r

a

t

i

n

h

a

m

m

a

i

s

u

m

a

c

o

i

s

a

c

o

m

q

u

e

s

e

p

r

e

o

c

u

p

a

r

:

o

q

u

e

p

o

d

e

r

i

a

a

229

c

o

n

t

e

c

e

r

a

H

a

g

r

i

d

s

e

a

l

g

u

é

m

d

e

s

c

o

b

r

i

s

s

e

q

u

e

e

s

t

a

v

a

e

s

c

o

n

d

e

n

d

o

u

m

d

r

a

g

ã

231

o

i

l

e

g

a

l

e

m

s

u

a

c

a

b

a

n

a

.

- Como será ter uma vida tranqüila - suspirou

Rony, pois noite após noite eles lutavam. para dar

conta de todos aqueles deveres de casa suplementares

que estavam recebendo. Hermione agora começava a

programar as revisões de Harry e Rony também. Estava

deixando os dois malucos.

Então, certo dia ao café da manhã, Edwiges trouxe

outro bilhete de Hagrid para Harry. Ele escrevera

apenas duas palavras. *Está furando.*

Rony queria faltar à Herbologia e ir direto à

cabana. Hermione nem quis ouvir falar nisso.

- Hermione, quantas vezes na vida vamos ver um

dragão saindo do ovo?

- Temos aulas, vamos nos meter em confusão, e

isso não vai ser nada comparado à situação de Rúbeo

quando descobrirem o que ele anda fazendo.

- Cala. a boca! - cochichou Harry.

Malfoy estava a apenas alguns passos e parou

instantaneamente para ouvir. Quanto teria ouvido?

Harry não gostou nem um pouco da expressão que viu

na cara de Malfoy;

Rony e Hermione discutiram todo o tempo a

caminho da aula de Herbologia e, no final, Hermione

concordou em dar uma corrida à casa de Hagrid com os

dois no intervalo da manhã. Quando a sineta tocou no

castelo anunciando o fim da aula, os três largaram as

colheres de jardineiro e atravessaram a propriedade

correndo em direção à orla da floresta. Hagrid

cumprimentou-os parecendo vermelho e excitado.

- Está quase furando. - Conduziu-os para dentro.

O ovo estava em cima da mesa. Tinha fundas

rachaduras. Alguma coisa se mexia dentro dele; fazia

um barulhinho engraçado.

Todos puxaram as cadeiras para junto da mesa e

observaram com a respiração presa.

De repente ouviram um som arranhado e o ovo se abriu. O dragão-bebê caiu molemente em cima da mesa. Não era exatamente bonito; Harry achou que parecia um guarda-chuva preto amassado. As asas espinhosas eram enormes em contraste como corpo preto e magro, tinha um focinho longo com narinas largas, tocos de chifres e olhos esbugalhados cor de laranja.

Espirrou. Voaram fagulhas do seu focinho.

- Ele não é *lindo?* -murmurou Hagrid. Esticou a mão para afagar a cabeça do dragão. O bicho tentou morder seus dedos, deixando à mostra presas pontiagudas.

- Deus o abençoe, olhem, ele conhece a mamãe! -exclamou Hagrid.

- Rúbeo - perguntou Hermione -, exatamente com

que rapidez um dragão norueguês cresce?

Hagrid ia responder quando a cor subitamente desapareceu do seu rosto - ele deu um salto e correu à janela.

- Que foi?

- Alguém estava espiando pela fresta nas cortinas, um garoto esta correndo de volta para a escola.

Harry se precipitou para a porta e espiou para fora.

Mesmo a distância não havia como se enganar.

Malfoy vira o dragão.

A

l

g

u

m

a

c

o

i

s

a

n

o

s

o

r

r

i

s

o

234

q

u

e

r

o

n

d

o

u

a

c

a

r

a

d

e

M

a

l

f

o

y

d

u

r

a

n

t

235

e

a

s

e

m

a

n

a

s

e

g

u

i

n

t

e

d

e

i

x

o

u

H

a

r

r

y

,

R

236

o

n

y

e
H
e
r
m
i
o
n
e
m
u
i
t
o
n
e
r
v
o
s
o
s
.
P

a

s

s

a

r

a

m

a

m

a

i

o

r

p

a

r

t

e

d
o
t
e
m
p
o
l
i
v
r
e
n
238
a
c
a
b
a
n
a
s
o
m

b

r

i

a

d

e

H

a

g

r

i

d

,

t

e

n

t

a

n

d

239

o

a

r

g

u

m

e

n

t

a

r

c

o

m

e

l

e

.

- Deixe o dragão ir embora - insistia Harry - Sofre ele.

- Não posso - disse Hagrid. - Ele é muito pequeno. Morreria. Eles olharam para o dragão. Aumentara três

vezes de comprimento em uma semana. A fumaça não

parava de sair de suas narinas. Hagrid não estava

cumprindo suas tarefas de guarda-caça porque o dragão

o mantinha muito ocupado. Havia garrafas vazias de

conhaque e penas de galinha por todo o chão.

- Decidi chamá-lo de Norberto - anunciou Hagrid,

olhando para o dragão com olhos sonhadores. - Ele

realmente sabe quem eu sou, olhem. Norberto!

Norberto! Onde está a mamãe?

- Ele pirou - cochichou Rony na orelha de Harry.

- Rúbeo - disse Harry em voz alta -, dê mais quinze

dias e Norberto vai ficar do tamanho de sua casa.

Malfoy pode procurar Dumbledore a qualquer

momento.

Hagrid mordeu o lábio.

- Eu... eu sei que não vou poder ficar com ele para

sempre, mas também não posso largá-lo assim, não

posso.

Harry de repente virou-se para Rony.

- Carlinhos - falou.

Você também - respondeu Rony. - Eu sou Rony,

esta lembrado?

- Não, Carlinhos... seu irmão, Carlinhos. Na

Romênia. Estudando dragões. Poderíamos mandar

Norberto para ele. Carlinhos pode cuidar dele e depois

devolvê-lo à floresta!

- Brilhante! - exclamou Rony. - Que é que você

acha, Rúbeo? E no fim, Hagrid concordou que podiam

mandar uma coruja

a Carlinhos para consultá-lo.

A. semana seguinte se arrastou. A noite de quartafeira

encontrou Hermione e Harry sentados sozinhos na

sala comunal, muito depois de todos terem ido se

deitar. O relógio na parede acabara de bater meia-noite

quando o buraco do retrato se abriu de repente. Rony se

materializou ao tirar a capa da invisibilidade de Harry.

Estivera na cabana de Hagrid, ajudando a alimentar

Norberto, agora comendo caixotes de ratos mortos.

- Ele me mordeu! - disse ele mostrando a mão, que

trazia enrolada em um lenço ensangüentado. - Não vou

conseguir segurar a pena de escrever durante uma

semana. Vou lhe contar, aquele dragão é o bicho mais

horrível que conheci, mas quem ouve Rúbeo falar

241

pensa que ele é um coelhinho fofo. Quando o dragão

me mordeu, ele ralhou comigo por tê-lo assustado. E

quando sai, estava cantando uma canção de ninar

Ouviu-se uma batida na janela escura.

- É a Edwiges! - disse Harry, correndo para deixála

entrar - Deve estar trazendo a resposta de Carlinhos!

Os três juntaram as cabeças para ler o bilhete.

Caro Rony

Como vai? Obrigado pela carta - terei prazer em

cuidar do dragão norueguês, mas não será fácil mandá-lo para

mim. Acho

que o melhor será mandado por alguns amigos que

estão vindo me visitar na próxima semana. O problema

é que eles não podem ser vistos carregando um dragão

ilegal.

Você poderia levar o dragão para a torre mais

alta à meia-noite de sábado? Eles podem se encontrar

com você lá e levá-lo enquanto ainda está escuro.

Mande-me uma resposta o mais breve possível

Afetuosamente,

Carlinhos

Eles se entreolharam.

Temos a capa da invisibilidade - disse Harry Não deve ser muito difícil: acho que a capa é bastante grande para cobrir dois de nós e o Norberto.

O fato de os outros dois concordarem indicava como a semana fora ruim, Qualquer coisa para se livrarem de Norberto e de Malfoy.

Mas houve um imprevisto. Na manhã seguinte, a mordida do dragão fizera a mão de Rony inchar, ficando duas vezes o seu tamanho normal. Ele não sabia se era seguro procurar Madame Pomfrey será

que ela reconheceria uma mordida de dragão? A tarde, porém, não houve mais jeito. O corte adquirira uma feia cor verde. Dava a impressão de que as presas de Norberto eram venenosas.

Harry e Hermione correram para a ala do hospital no fim do dia e encontraram Rony acamado numa situação horrível.

- Não é só a minha mão - cochichou ele -,embora

ela pareça que vai cair. Malfoy disse à Madame

Pomfrey que queria pedir emprestado um livro meu,

para poder vir dar uma boa gargalhada. Ficou

ameaçando contar a ela o que realmente me mordera.

Eu disse que foi um cachorro mas acho que ela não está

acreditando. Eu não devia ter batido nele no jogo de

quadribol, é por isso que ele está agindo assim.

Harry e Hermione tentaram acalmar Rony.

- Tudo vai terminar à meia-noite de sábado - disse

Hermione, mas isso não acalmou Rony nem um

pouquinho. Pelo contrário, ele se sentou muito

empertigado e desatou a sua *r.*

- Meia-noite de sábado! - disse com a voz rouca -

Ah, não... ah, não... acabei de me lembrar; a carta de

Carlinhos estava no livro que Malfoy levou, ele vai

saber que vamos nos livrar de Norberto.

Harry e Hermione não tiveram nem chance de

responder Madame Pomfrey apareceu naquele instante

e fez os dois saírem, dizendo que Rony precisava

dormir

- Agora é tarde demais para mudarmos de plano.

Não temos mais tempo para mandar outra coruja a

Carlinhos e essa pode ser a nossa única oportunidade

de nos livrarmos de Norberto. Teremos de arriscar. E

temos a capa da invisibilidade, Malfoy não sabe disso.

Eles encontraram Canino, o cão de caçar javalis,

sentado do lado de fora da cabana com a cauda

enfaixada, quando foram contar a Hagrid, que abriu a

janela para falar com eles.

- Não vou deixar vocês entrarem - ofegou. -

Norberto está passando uma fase difícil, nada que eu

não possa cuidar sozinho.

Quando lhe contaram sobre a carta de Carlinhos,

seus olhos se encheram de lágrimas, embora isso talvez

fosse porque Norberto acabara de mordê-lo na perna.

- Aai! Tudo bem, ele só mordeu minha bota. Está

brincando; afinal é um bebezinho.

O bebê bateu com o rabo na parede, fazendo as

janelas estremecerem. Harry e Hermione voltaram para

o castelo achando que o sábado talvez não chegasse

bastante rápido.

Eles teriam sentido pena de Hagrid quando chegou

a hora de dizer adeus a Norberto, se não estivessem tão preocupados com o que tinham de fazer. Era uma noite muito escura e anuviada e se atrasaram um pouco para chegar à cabana de Hagrid porque precisaram esperar Pirraça desimpedir o caminho para o saguão de Entrada, onde estivera jogando tênis contra a parede.

Hagrid aprontara Norberto embalando-o num grande caixote

- Pus muitos ratos e um pouco de conhaque para a viagem - disse Hagrid com a voz abafada. - E embalei junto o ursinho de pelúcia para o caso de ele se sentir solitário.

De dentro do caixote vinha um ruído de pano rasgado que pareceu a Harry ser o dragão arrancando a cabeça do ursinho.

- Até a vista, Norberto! - soluçou Hagrid, quando Harry e Hermione cobriram o caixote com a capa da invisibilidade e entraram debaixo dela. - Mamãe nunca vai esquecer você!

Como foi que conseguiu levar o caixote de volta ao castelo, eles nunca souberam. Aproximava-se a

meia-noite e eles subiram com Norberto pela escadaria do saguão de entrada e pelos corredores escuros. Mais uma escada, mais outra - nem mesmo um dos atalhos de Harry facilitou muito o transporte.

- Estamos quase lã! - Harry ofegou quando chegaram ao corredor sob a torre mais alta.

Então um movimento brusco à frente deles quase fez com que deixassem cair o caixote. Esquecendo que já estavam invisíveis, encolheram-se nas sombras, espiando os contornos escuros de duas pessoas que se debatiam a uns três metros. Uma lâmpada se acendeu.

A Profa. Minerva, num robe de lã escocesa e rede no cabelo, segurava Malfoy pela orelha.

- Está detido - gritou. - E são vinte pontos a menos para Sonserina. Perambulando no meio da noite, como você *se atreve...*

- A senhora não compreende, professora, Harry Potter está vindo aí; vem trazendo um dragão.

- Que absurdo! Como você se atreve a contar tais mentiras! Vamos: vou conversar com o Prof. Snape sobre você, Malfoy!

A íngreme escada em espiral até o alto da torre pareceu a coisa mais fácil do mundo depois disto. Somente quando saíram para o ar frio da noite foi que se livraram da capa da invisibilidade, felizes de poderem respirar direito outra vez. Hermione dançou urna espécie de jiga escocesa.

- Malfoy vai ficar detido! Eu seria capaz de cantar.

- Não cante - aconselhou Harry.

Rindo de Malfoy, eles esperaram, enquanto Norberto se debatia dentro do caixote. Passados uns dez minutos, quatro vassouras surgiram da escuridão mergulhando em direção à torre.

245

Os amigos de Carlinhos formavam um grupo animado. Mostraram a Harry e a Hermione os arreios que tinham trazido de modo a poder suspender Norberto entre eles. Todos ajudaram a prender Norberto muito bem nos arreios e então Harry e Hermione apertaram as mãos de todos e lhes agradeceram muito.

Finamente Norberto estava indo... indo... e finalmente se foi. Eles desceram a escada espiral sem fazer barulho, os corações leves como as mãos, agora que Norberto fora tirado delas. Nada de dragão -

Malfoy detido - o que poderia estragar essa felicidade?

A resposta à sua pergunta estava esperando ao pé

da escada. Quando chegaram ao corredor, a cara de

Filch assombrou-os, emergindo da escuridão.

- Ora, ora, ora - sussurrou -, estamos encrencados.

Tinham deixado a capa da invisibilidade no alto da

torre.

-

C

A

P

Í

T

U

L

O

Q

U

I

N

Z

E

247

-

A

f

l

o

r

e

s

t

a

p

r

o

i

b

i

248

d

a

As coisas não poderiam estar piores.

Filch levou-os à sala da Profa. Minerva no

primeiro andar, onde eles ficaram sentados esperando,

sem trocar uma palavra entre si. Hermione tremia.

Desculpas, álibis e justificativas fantásticas

substituíam-se umas as outras na cabeça de Harry, cada

qual mais capenga do que a anterior Ele não conseguia

ver corno iam se livrar desta encrenca. Estavam

encurralados. Corno podiam ter sido burros a ponto de

se esquecerem da capa? Não havia nenhuma razão no

mundo para a Profa. Minerva aceitar que estivessem

fora da cama, esgueirando-se pela escola a altas horas

da noite, e muito menos que estivessem na alta torre de

astronomia, que era proibida aos alunos a não ser

durante as aulas. Some-se a isso Norberto e a capa da

invisibilidade e seria melhor começarem a fazer as

malas.

Harry achou que as coisas não poderiam ficar

piores. Estava enganado. Quando a Profa. Minerva

apareceu, vinha trazendo Neville.

Harry! - exclamou ele, no instante em que viu os

outros dois. - Eu estava tentando encontrar vocês para

avisar que ouvi Malfoy dizer que ia pegar vocês, disse

que vocês tinham um drag...

Harry sacudiu com força a cabeça para fazer

Neville calar a boca, mas a Profa. Minerva viu. Parecia

mais provável que ela cuspisse fogo pelas narinas do

que Norberto, ali a olhar os três de cima para baixo.

249

- Eu jamais teria acreditado que vocês fossem

capazes disso. O Sr. Filch diz que vocês estavam no

alto da torre de astronomia. É uma hora da madrugada.

Expliquem-se. .

Era a primeira vez que Hermione

deixava de responder à pergunta de uma

professora. Olhava para os sapatos, imóvel

como uma estátua.

- Acho que tenho urna boa idéia do que anda

acontecendo - disse a Profa. Minerva. - Não é preciso

ser gênio para somar dois mais dois. Vocês contaram a

Drago Malfoy uma história da carochinha sobre um

dragão, tentando tirá-lo da cama e metê-lo em apuros.

Eu já o apanhei. Suponho que achem engraçado que o

Neville tenha ouvido a história e acreditado nela

também.

Harry surpreendeu o olhar de Neville e tentou lhe

dizer, sem falar, que aquilo não era verdade, porque

Neville tinha uma expressão de espanto e mágoa. Pobre

Neville trapalhão - Harry sabia o que deveria ter-lhe

custado tentar encontrá-los no escuro para avisar.

- Estou desapontada - disse a Profa. Minerva. -

Quatro alunos fora da cama em urna noite! Nunca ouvi

falar numa coisa dessas antes! Você, Hermione

Granger, achei que tinha mais juízo. Quanto a você,

Harry Potter, achei que Grifinória significava mais para

você do que parece. Os três vão pegar uma detenção -

sim, e você também, Neville Longbottom, não há *nada*

que lhe dê o direito de andar pela escola à noite,

principalmente nos dias que correm, é muito perigoso,

e vou descontar cinqüenta pontos da Grifinória.

-*Cinqüenta?*- Harry ofegou. Perderiam a

dianteira, a dianteira que ele conquistara na ultima

partida de quadribol.

- Cinqüenta pontos *cada um* -acrescentou a

Profa. Minerva, respirando com esforço pelo nariz

longo e pontudo.

- Professora... por favor..

- A senhora não pode...

- Não venha me dizer o que eu posso e o que eu

não posso, Harry Potter. Agora voltem para a cama,

todos vocês. Nunca senti tanta vergonha de alunos da

Grifinória antes.

Cento e cinqüenta pontos perdidos. Isto deixava a

Grifinória em último lugar. Em urna noite, tinham

estragado as chances de Grinfinória conquistar a taça

das casas. Harry teve a sensação de que o fundo do seu

estômago se soltara. Como iriam poder compensar a

perda?

Harry não dormiu a noite inteira. Ouviu Neville

soluçar com

a cara no travesseiro durante o que lhe

pareceram horas. Harry não conseguia

pensar em nenhuma palavra para consola-lo.

Sabia que Neville, como ele mesmo, estava

com medo do amanhecer.

O que aconteceria quando o resto de

Grifinória descobrisse o que tinham feito?

A princípio, os alunos de Grifinória que

passavam pelas gigantescas ampulhetas que marcavam

o placar das casas, no dia seguinte, acharam que tinha

havido um engano. Como podiam de repente ter cento

e cinqüenta pontos menos do que no dia anterior? E

então a história começou a se espalhar. Harry Potter, o

famoso Harry Potter, seu herói dos jogos de quadribol,

fora o responsável pela perda de todos aqueles pontos,

ele e mais uns dois panacas do primeiro ano.

Da posição de aluno mais popular e admirado na

escola, Harry passou a de mais odiado. Até os alunos

da Corvinal e Lufa-lufa se voltaram contra ele, porque

todos desejavam há muito tempo ver a Sonserina

perder a taça das casas. Para todo lado que Harry ia, as

pessoas o apontavam e não se davam ao trabalho de

baixar as vozes para xingá-lo. Os de Sonserina, por

outro lado, batiam palmas quando ele passava,

assobiavam e davam vivas. "Obrigado, Potter, ficamos

lhe devendo essa!"

Somente Rony continuou do seu lado.

- Eles vão esquecer dentro de umas semanas.

Fred e Jorge já perderam montes de pontos desde que

chegaram aqui e as pessoas continuam a gostar deles.

- Eles nunca perderam cento e cinqüenta pontos

de uma tacada, ou perderam? - retrucou Harry; infeliz.

- Bom... não - admitiu Rony.

Era um pouco tarde para consertar o estrago, mas

Harry jurou nunca mais se meter em coisas que não

eram de sua conta. Bastava de espiar e espionar. Sentia

tanta vergonha que foi procurar Olívio para oferecer

sua demissão do time de quadribol.

- *Se demitir?* -trovejou Olívio. - Que bem faria

isso? Como

vamos poder recuperar os pontos se não

conseguirmos vencer no quadribol?

Mas até mesmo o quadribol pendera a graça. O

resto do time não queria falar com Harry durante os

treinos e quando precisavam se referir a ele chamavamno

de "o apanhador".

Hermione e Neville estavam sofrendo também.

Não estavam apanhando tanto quanto Harry; porque não eram tão conhecidos, mar ninguém falava com eles, tampouco. Hermione parara de chamar atenção nas aulas, mantinha a cabeça baixa e trabalhava em silêncio.

Harry quase se alegrava que os exames não estivessem multo distantes. Todas as revisões que precisava fazer o distraiam de sua infelicidade. Ele,

Rony e Hermione ficavam sozinhos, trabalhavam até tarde da noite, tentando lembrar os ingredientes das complicadas poções, aprender os feitiços e

encantamentos de cor, decorar as datas das descobertas mágicas e das revoltas dos duendes...

Então, uma semana antes de começarem os exames, a nova resolução de Harry de não se meter em nada que não fosse de sua conta, foi submetida a um teste inesperado. Ao voltar da biblioteca, sozinho, certa tarde, ouviu alguém choramingando numa sala de aulas

mais à frente. Ao se aproximar, ouviu a voz de Quirrell.

- Não... não... outra vez não, por favor..

Parecia que alguém o estava ameaçando. Harry se aproximou um pouco mais.

- Está bem... está bem - ouviu Quirrell soluçar.

No segundo seguinte, Quirrell saiu correndo da sala de aulas ajeitando o turbante. Estava pálido e parecia prestes a chorar E desapareceu de vista; Harry achou que Quirrell nem sequer reparara nele. Esperou até que o ruído dos passos de Quirrell desaparecesse e, então, espiou para dentro da sala. Estava vazia, mas havia uma porta entreaberta na outra extremidade.

Harry já ia em direção à porta, quando se lembrou de que prometera a si mesmo não se meter em nada.

Assim mesmo, teria apostado doze pedras Filosofais que Snape acabara de deixar a sala, e pelo que Harry acabara de ouvir ganhara uma nova agilidade nos passos. Quirrell parecia ter finalmente cedido.

Harry voltou à biblioteca, onde Hermione estava tomando os pontos de astronomia de Rony. Contoulhes o que ouvira.

Snape então conseguiu - exclamou Rony; - Se

Quirrell contou a ele como quebrar o feitiço antimagia

negra...

- Mas ainda temos Fofo - lembrou Hermione.

- Talvez Snape tenha descoberto como passar

pelo cachorro sem perguntar ao Rúbeo - disse Rony;

correndo os olhos pelos milhares de livros que os

rodeavam - Aposto como tem um livro por aqui que

ensina como se passar por um cachorrão de três

cabeças. Então, o que vamos fazer, Harry?

O brilho de aventura voltava a iluminar os olhos

de Rony; mas Hermione respondeu, antes que Harry

pudesse fazê-lo.

- Vamos procurar Dumbledore. Isto é o que

deveríamos ter feito há séculos. Se tentarmos alguma

coisa por conta própria, com certeza vamos ser

expulsos.

- Mas não temos provas-disse Harry. - Quirrell

está apavorado demais para nos apoiar. Snape só

precisa dizer que não sabe como foi que o trasgo entrou no Dia das Bruxas e que nem chegou perto do terceiro andar. Em quem vocês acham que eles vão acreditar, nele ou em nós? Não é bem segredo que nós o detestamos, Dumbledore vai pensar que inventamos isso para ele ser despedido. Filch não nos ajudaria nem que a vida dele dependesse disso, é muito amigo de Snape, e quanto mais alunos forem expulsos, tanto melhor, é o que ele pensa. E não se esqueçam, nós nem devíamos saber da Pedra nem de Fofo. O que vai exigir muita explicação.

Hermione pareceu convencida, mas não Rony

- Se déssemos só uma espiadinha...

- Não - respondeu Harry decidido -, já demos muitas espiadinhas.

E, dizendo isso, puxou um mapa de júpiter para perto e começou a aprender os nomes das luas.

Na manhã seguinte, Harry Hermione e Neville receberam bilhetes â mesa do café da manhã. Diziam a mesma coisa:

Sua detenção começará às vinte e três horas.

Aguardem o Sr. Filch no saguão de entrada.

Profa. Minerva.

No furor provocado pela perda de pontos, Harry esqueceera que ainda tinham detenções a cumprir. Esperou que Hermione reclamasse que aquilo representava perder uma noite inteira de revisões, mas não disse uma palavra. Achava, como Harry, que me teciam o que tinham recebido.

Ás onze horas da noite eles se despediram de Rony na sala comunal e desceram com Neville para o saguão de entrada. Filch já se encontrava lá - e também Malfoy. Harry esquecera que Malfoy pegara uma detenção também.

- Sigam-me - disse Filch, acendendo uma lanterna e levando-os para fora.

- Aposto que vão pensar duas vezes antes de desobedecer novamente ao regulamento da escola, não é mesmo? - disse caçoando - Ah, sim, trabalho pesado e dor são os melhores mestres, se querem saber. E uma pena que tenham suspendido os castigos antigos, pendurar o aluno no teto pelos pulsos durante alguns dias, ainda tenho as correntes na minha sala, conservoas

novidade para você!

azeitadas para o caso de precisarem. Muito bem, lá vamos nós, e nem pensem em fugir agora, será pior para vocês se fizerem isso.

Eles caminharam pela propriedade às escutas. Neville não parava de fungar. Harry ficou imaginando qual seria o castigo. Devia ser alguma coisa realmente horrível, ou Filch não pareceria tão contente.

A lua brilhava, mas as nuvens que passavam por ela lançava-os na escuridão. A frente, Harry via as

255

janelas iluminadas da cabana de Hagrid. Então, ouviram um grito distante.

- É você, Filch? Ande logo, quero começar de a vez.

O ânimo de Harry melhorou; se eles iam trabalhar com Hagrid então não seria tão ruim. Seu alivio deve ter transparecido no tosto, porque Filch falou:

- Acho que você está pensando que vai se divertir com aquele panaca? Pois pode pensar outra vez, menino. É para a floresta que você vai e estarei muito enganado se voltar inteiro.

Ao ouvir isso, Neville deixou escapar um gemido

e Malfoy ficou paralisado.

A floresta? - repetiu e não pareceu tão tranqüilo como de costume. - Não podemos entrar lá à *noite*... tem todo tipo de coisa lá.. lobisomens, ouvi falar.

Neville agarrou a manga das vestes de Harry e pareceu se engasgar.

- Isto é o que pensa, não é? - disse Filch, a voz esganiçando-se de satisfação. - Devia ter pensado nos lobisomens antes de se meterem encrencas, não acha?

Hagrid saiu do escuro caminhando em direção a eles, com Canino nos calcanhares. Carregava um grande arco e uma aljava com flechas pendurada ao ombro.

- Até que enfim. já estou esperando há meia hora. Tudo bem, Harry; Hermione?

- Eu não seria tão simpático com eles, Hagrid - disse Filch com frieza - , afinal eles estão aqui para serem castigados.

- E por isso que você está atrasado, não é? - disse Hagrid, amarrando a cara. - Andou passando carão neles, não é? isso não e sua função. Você fez a sua parte, eu pego daqui para a frente.

- Volto ao amanhecer para recolher o que sobrar deles - disse Filch maldoso, deu meia-volta e retornou

ao castelo, balançando a lanterna na escuridão.

Malfoy virou-se então para. Hagrid.

- Não vou entrar nessa floresta - disse, e Harry

ficou contente de ouvir a nota de pânico em sua voz.

- Vai, sim, se quiser continuar em Hogwarts -

disse Hagrid com ferocidade. - Você agiu mal e agora

tem de pagar pelo que fez...

- Mas isso é coisa para empregados e não para

estudantes. Achei que íamos fazer uma cópia ou outra

coisa do gênero, se meu pai souber que eu estou

fazendo isso, ele...

- ...lhe dirá que em Hogwarts é assim - rosnou

Hagrid. - Fazer cópia! Para que serve? Você vai fazer

uma coisa útil ou vai sair da escola. E se pensa que seu

pai vai preferir que você seja expulso, então volte para

o castelo e faça suas malas. Vamos!

Malfoy não se mexeu. Encarou Hagrid furioso e

em seguida baixou os olhos.

- Muito bem, então - disse Hagrid - ,agora
prestem atenção, porque é perigoso o que vamos fazer
hoje à noite e não quero ninguém se arriscando.
Venham até aqui comigo.
Ele os conduziu à orla da floresta. Erguendo a
lanterna bem alto, apontou para uma trilha serpeante de
terra batida que desaparecia por entre árvores escuras.
Uma brisa leve levantou os cabelos dos meninos,
quando eles se viraram para a floresta.
- Olhem ali, estão vendo aquela coisa brilhando
no chão? Prateada? Aquilo é sangue de unicórnio. Tem
um unicórnio ali que foi ferido gravemente por alguma
coisa. E a segunda vez esta semana. Encontrei um
morto na quarta-feira passada. Vimos tentar encontrar o
pobrezinho. Talvez a gente precise pôr fim ao
sofrimento dele.
- E se a coisa que feriu o unicórnio nos encontrar
primeiro? - perguntou Malfoy, incapaz de conter o
medo na voz.

- Não há nenhuma criatura viva na floresta que vá
machucá-lo se você estiver comigo e com o Canino. E
siga a trilha. Muito bem, agora, vamos nos separar em
dois grupos e seguir a trilha em direções opostas. Tem

sangue por toda parte, ele deve estar cambaleando pelo

menos desde a noite passada.

- Eu quero Canino - disse Malfoy depressa,

olhando para as presas de Canino.

- Muito bem, mas vou-lhe avisando, ele é

covarde. Então eu, Harry e Hermione vamos por aqui e

Drago, Neville e Canino por ali. Agora, se algum de

nós achar o unicórnio, disparamos centelhas verdes

pata o alto, 0K? Peguem as varinhas e comecem a

praticar agora, assim. E se alguém se enrolar, dispare

centelhas vermelhas, e vamos todos procurá-lo; então,

cuidado. Vamos.

A floresta estava escura e silenciosa. Entrando

por ela, chegaram a uma bifurcação, e Harry, Hermione

e Hagrid tomaram o caminho da esquerda enquanto

Malfoy, Neville e Canino tomaram o da direita.

Caminharam em silêncio, com os olhos no chão.

Aqui e ali um raio de luar penetrava por entre os galhos

e iluminava uma mancha de sangue prateado nas folhas

caídas.

Harry viu que Hagrid parecia muito preocupado.

-*É possível* um lobisomem estar matando os

unicórnios? Perguntou?

- Não com essa rapidez, não é fácil matar um

unicórnio, eles são criaturas mágicas poderosas. Nunca

soube de nenhum ter sido ferido antes

Passaram por um toco de árvore coberto de

musgo. Harry ou viu água correndo, devia haver um

riacho por perto. Ainda viam manchas de sangue de

unicórnio aqui e ali pela trilha serpeante.

- Você está bem, Hermione? - sussurrou Hagrid -

Não se preocupe, ele não pode ter ido longe se está tão

ferido e então poderemos,.. PARA TRÁS DAQUELA

ARVORE!

Hagrid agarrou Harry e Hermione e guindou-os

para fora da trilha e para trás de um enorme carvalho.

Puxou uma flecha e encaixou-a no arco, e ergueu-o,

pronto para atirar. Os três apuraram os ouvidos.

Alguma coisa deslizava pelas folhas mortas ali perto;

parecia uma capa arrastando no chão. Hagrid apertava

os olhos para enxergar a trilha escura à frente, mas,

passados alguns segundos, o ruído desapareceu.

- Eu sabia - murmurou ele. - Tem alguma coisa

aqui que está fora de lugar,

- Um lobisomem? - sugeriu Harry

- Isso não era um lobisomem e não era um

unicórnio, tão pouco - disse Hagrid sério. - Muito bem,

me sigam, mas tenham cuidado, agora.

Continuaram a caminhar mais devagar, os

ouvidos à escuta do menor ruído. De repente, alguma

coisa na clareira adiante, alguma coisa sem dúvida se

mexia.

- Quem está ai? - chamou Hagrid. - Apareça.

Estou armado! E na clareira apareceu um vulto - era

um homem, ou um cavalo? Até a cintura, um homem,

com cabelos e barba vermelhos, mas da cintura para

baixo era um luzidio cavalo castanho com uma cauda

longa e avermelhada. Os queixos de Harry e Hermione

caíram.

- Ali, é você, Ronan - exclamou Hagrid aliviado.

- Como vai?

Ele se adiantou e apertou a mão do centauro.

- Boa noite para você, Hagrid - disse Ronan.

Tinha uma voz grave e triste. - Você ia atirar em mim?

- Cautela nunca é demais, *Ronan* disse Hagrid,

dando uma palmadinha no arco. - Tem alguma coisa *à*

solta *nesta* floresta. Ah, sim, estes são Harry Potter *e*

Hermione Granger. Alunos lá da escola. E este é

Ronan. E um centauro.

259

- Já percebi disse Hermione coma voz fraca.

Boa noite - cumprimentou Ronan - São alunos, é?

E aprendem muita coisa na escola?

- Hum.

- *Um* pouquinho - respondeu Hermione tímida.

- Um pouquinho. Bom, já é alguma coisa -

suspirou Ronan. Depois, jogou a cabeça para trás e

contemplou o céu. - Marte está brilhante hoje.

- É - disse Hagrid, mirando o céu também. -

Olhe, foi bom termos nos encontrado, Ronan, porque

tem um unicórnio ferido. Você viu alguma coisa?

Ronan não respondeu imediatamente. Continuou

a olhar para o alto sem piscar e então suspirou outra

vez.

- Os inocentes são sempre as primeiras vitimas.

Foi assim no passado, é assim agora.

- E, mas você viu alguma coisa, Ronan? Alguma

coisa anormal?

- Marte está brilhante hoje - repetiu Ronan

enquanto Hagrid o observava impaciente. - Um brilho

anormal.

- Sim, mas estou me referindo a alguma coisa

mais perto da terra. Você não notou nada estranho?

Mais urna vez, Ronan levou algum tempo para

responder. Por fim disse:

- A floresta esconde muitos segredos.

Um movimento nas árvores atrás de Ronan fez

Hagrid erguer o arco outra vez, mas era apenas um

segundo centauro, de cabe-los e corpo negros e de

aspecto mais selvagem do que Ronan.

- Olá, Agouro - cumprimentou Hagrid. - Tudo

bem?

- Boa noite, Hagrid, você vai bem, espero.

- Bastante bem. Olhe, eu estava mesmo

perguntando a Ronan, você viu alguma coisa estranha

por aqui ultimamente? É que um unicórnio foi ferido.

Você sabe alguma coisa?

Agouro foi se postar ao lado de Ronan. Olhou

para o céu.

- Marte está brilhante hoje - disse simplesmente.

- Já sabemos - respondeu Hagrid agastado. -

Bom, se um de vocês vir alguma coisa, me avise, por

favor. Vamos indo, então.

Harry e Hermione saíram com ele da clareira,

espiando Ronan e Agouro por cima dos ombros até as

árvores tamparem sua visão.

- Nunca - disse Hagrid irritado - tentem obter

uma resposta direta de um centauro. Vivem contemplando as estrelas. Não estão interessados em nada que esteja mais perto do que a lua.

- E tem muitos *deles* aqui? - perguntou Hermione

- Ah, um bom numero... Vivem isolados na maior parte do tempo, mas têm a bondade de aparecer quando preciso dar uma palavrinha. São inteligentes, veja bem, os centauros... sabem das coisas... só não falam muito.

- Você acha que foi um centauro que ouvimos antes? - disse Harry..

- Você achou que era barulho de cascos? Não, se quer saber, aquilo é o que anda matando os unicórnios. Nunca ouvi nada parecido antes.

E continuaram a caminhar pela floresta densa e escura. Harry não parava de espiar, nervoso, por cima do ombro. Tinha a sensação ruim de que alguém os observava. Estava contente que tivessem Hagrid e seu arco com eles. Acabavam de passar uma curva na trilha quando Hermione agarrou o braço de Hagrid.

- Rúbeo! Olhe! centelhas vermelhas, os outros estão em apuros!

- Vocês dois esperem aqui! - gritou Hagrid - Fiquem na trilha, volto para apanhá-los!

Eles o ouviram romper o mato e ficaram parados

se entreolhando, muito assustados, até não conseguirem

ouvir mais nada a volta exceto o farfalhar das árvores.

- Você acha que eles estão machucados? -

sussurrou Hermione.

- Não me importo com Malfoy mas se alguma

coisa pegou Neville... É culpa nossa que ele esteja aqui.

Os minutos se arrastaram. Seus ouvidos pareciam

mais aguçados do que o normal. Harry parecia estar

registrando cada suspiro do vento, cada graveto que

quebrava. O que estava acontecendo? Onde estavam os

outros?

Finalmente, um grande barulho de mato pisado

anunciou a volta de Hagrid. Malfoy, Neville e Canino o

acompanhavam. Hagrid vinha danado da vida. Malfoy;

ao que parecia, se atrasara e agarrara Neville por trás

para lhe dar um susta Neville se assustara e mandara o

sinal.

- Teremos sorte se apanharmos alguma coisa

agora, com a barulheira que vocês aprontaram. Muito bem, vamos trocar os grupos: Neville, você e Hermione ficam comigo; Harry; você com o Canino e esse idiota. Sinto muito - acrescentou Hagrid para Harry num cochicho - mas vai ser mais difícil ele assustar você e precisamos acabar o nosso serviço.

Então Harry entrou pelo coração da floresta com Malfoy e Canino. Andaram quase meia hora, embrenhando-se cada vez mais, até que a trilha se tornou impraticável porque as árvores cresciam demasiado juntas., Havia salpicos nas raízes de uma árvore, como se o pobre bicho tivesse se debatido de dor por ali. Harry viu uma clareira adiante, através dos galhos emaranhados de um velho carvalho.

- Olhe... - murmurou, erguendo o braço para deter Malfoy.

Alguma coisa muito branca brilhava no chão.

Eles se aproximaram aos poucos.

Era o unicórnio, sim, e estava morto. Harry nunca

262

vira nada tão bonito nem tão triste. As pernas longas e finas estavam esticadas em ângulos estranhos onde ele caíra e sua crina espalhava-se nacarada sobre as folhas escuras.

Harry dera um passo à frente mas um som

de algo que deslizava o fez congelar onde

estava. Uma moita na orla da clareira

estremeceu... Então, do meio das sombras

saiu um vulto encapuzado que se arrastava

de gatas pelo chão como uma fera à caça.

Harry, Malfoy e Canino ficaram paralisados.

O vulto encapuzado aproximou-se do

unicórnio, abaixou a cabeça sobre ferimento

no flanco do animal e começou a beber o

seu sangue.

- AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAH!

Malfoy soltou um grito terrível e fugiu, seguido

por Canino. A figura encapuzada ergueu a cabeça e

olhou diretamente para Harry - o sangue do unicórnio

escorrendo pelo peito. Ficou de pé e avançou rápido

para Harry - que não conseguiu se mexer de medo.

Então uma dor; como ele nunca sentira antes,

varou sua cabeça, como se a sua cicatriz estivesse em

fogo - meio cego, ele recuou cambaleando. Ouviu cascos as suas costas, galopando, e aí alguma coisa saltou por cima dele, e atacou o vulto.

A dor na cabeça de Harry foi tão forte que ele caiu de joelhos. Levou uns dois minutos para passar

Quando ergueu os olhos, o vulto desaparecera. Um centauro avultava-se sobre ele, mas não era Ronan nem Agouro; este parecia mais novo, tinha cabelos louros prateados e o corpo baio.

- Você está bem? - perguntou o centauro, ajudando Harry a se levantar.

- Estou, obrigado, o que *foi* aquilo?

O centauro não respondeu. Tinha espantosos olhos azuis, como safiras muito claras. Mirou Harry

com atenção, demorando o olhar na cicatriz que se sobressaia, lívida, em sua testa.

- Você é o menino Potter E melhor voltar para a companhia de Hagrid. A floresta não é segura a estas horas, principalmente para você. Sabe montar? Será mais rápido. Meu nome é Firenze - acrescentou ao dobrar as patas dianteiras para Harry poder subir no seu lombo.

Ouviram repentinamente o ruído de galopes

vindo do outro lado da clareira. Ronan e Agouro

irromperam do meio das árvores, os flancos arfantes e

suados.

- Firenze! - Agouro trovejou. - O que é que você

está fazendo? Está carregando um humano! Não tem

vergonha? Você é uma mula?

- Você sabe quem ele é? - retrucou Firenze - E o

menino Potter. Quanto mais rápido ele sair da floresta,

melhor.

- O que é que você andou contando a ele? -

rosnou Agouro.

- Lembre-se, Firenze, juramos nunca

nos indispor com os céus. Você não leu o

que vai acontecer nos movimentos dos

planetas?

Ronan pateou o chão, nervoso.

Tenho certeza de que Firenze achou que estava

fazendo o melhor - falou em tom sombrio.

Agouro escoiceou com raiva.

- Fazendo o melhor! O que tem isso a ver conosco? Os centauros se preocupam com o que foi previsto! Não é nossa função ficar correndo por ai como jumentos recolhendo humanos perdidos na nossa floresta!

Firenze de repente empinou-se nas patas traseiras com raiva, de modo que Harry teve de se agarrar nos seus ombros para não cair.

- Você não viu o unicórnio! - Firenze berrou para Agouro. - Você não percebe por que foi morto? Ou

264

será que os planetas não lhe contaram esse segredo? Tomei posição contra o que está rondando a floresta, Agouro, tomei, sim, ao lado dos humanos se for preciso.

E Firenze virou-se depressa para partir; com Harry agarrando-se o melhor que podia, eles mergulharam entre as árvores, deixando Ronan e Agouro para trás.

E Harry não fazia a menor idéia do que estava acontecendo.

- Por que Agouro está tão zangado? - perguntou. - O que era aquela coisa de que você me livrou?

Firenze abrandou a marcha, alertou Harry para manter a cabeça abaixada a fim de evitar os galhos

baixos, mas não respondeu à pergunta. Continuaram

por entre as árvores em silêncio por tanto tempo que

Harry achou que Firenze não queria mais falar com ele.

Estavam passando por um trecho particularmente denso

da floresta, quando Firenze parou de repente.

- Harry Potter, você sabe para que se usa o sangue

de unicórnio?

- Não - disse Harry surpreendido pela estranha

pergunta. - Só usamos o chifre e a cauda na aula de

Poções.

- Porque é uma coisa monstruosa matar um

unicórnio. Só alguém que não tem nada a perder e tudo

a ganhar cometeria um crime desses. O sangue do

unicórnio mantém a pessoa viva, mesmo quando ela

está à beira da morte, mas a um preço terrível Ela

matou algo puro e indefeso para se salvar e só terá uma

semivida, uma vida amaldiçoada, do momento que o

sangue lhe tocar os lábios.

Harry ficou olhando para a nuca de Firenze, que

estava prateada de luar.

- Mas quem estaria tão desesperado? - pensou em voz alta Se a pessoa vai ser amaldiçoada para sempre, é preferível morrer, não é?

- É - concordou Firenze -, a não ser que ela precise se manter viva o tempo suficiente para beber outra coisa, algo que vai lhe devolver a força e o poder totais, algo que significa que jamais poderá morrer. Sr.

Potter, o senhor sabe o que é que está escondido na sua escola neste momento?

- A Pedra Filosofal! É claro, o elixir da vida! Mas não percebo quem...

- Não consegue pensar em ninguém que tenha esperado muitos anos para retomar o poder, que se apegou à vida, esperando uma chance?

Foi como se uma mão de ferro de repente apertasse o coração de Harry. Acima do farfalhar das árvores, ele parecia ouvir mais urna vez o que Hagrid lhe contara na noite que se conheceram: "Uns dizem que ele morreu. Bobagem, na minha opinião. Não sei se ele ainda teria bastante humanidade para morrer"

- Você está dizendo - Harry falou rouco - que aquele era o *Vol.*.

- Harry! Harry, você está bem?

Hermione vinha correndo ao encontro deles pela

trilha, Hagrid a acompanhava arfando.

- Estou bem - disse Harry, sem nem saber o que

estava dizendo. - O unicórnio morreu, Rúbeo, está

naquela clareira lá atrás.

- É aqui que eu o deixo - murmurou Firenze

enquanto Hagrid corria para examinar o unicórnio. -

Está seguro agora.

Harry escorregou de suas costas.

- Boa sorte, Harry Potter - disse Firenze. - Os

planetas já foram mal interpretados antes, até mesmo

pelos centauros. Espero que seja o que está ocorrendo

agora.

Virou-se e entrou a trote pela floresta, deixando

para trás um Harry cheio de tremores.

Rony adormecera no salão comunal ás escuras,

esperando os amigos voltarem. Gritou alguma coisa

sobre faltas no quadribol,

Quando Harry o sacudiu com força para acordá-lo. Em questão de segundos, porém, seus olhos se arregalaram quando Harry começou a contar a ele e à Hermione o

266

que acontecera na floresta.

Harry nem conseguia se sentar. Andava para cima e para baixo na frente da lareira. Continuava a tremer.

Snape quer a pedra para Voldemort...e Voldemort está esperando na floresta... e todo esse tempo pensamos que Snape só queria ficar rico.

- Pare de repetir esse nome! - disse Rony num sussurro de terror como se Voldemort pudesse ouvi-los.

Harry nem o escutou.

- Firenze me salvou, mas não devia ter feito isso. Agouro ficou furioso... falou de interferência naquilo que os planetas anunciaram que ia acontecer Eles devem estar indicando que Voldemort vai voltar. Agouro acha que Firenze devia ter deixado Voldemort me matar. Imagino que isso também esteja escrito nas estrelas.

-*Quer parar de dizer esse nome!*- sibilou Rony.

- Portanto só preciso esperar que Snape roube a pedra - continuou Harry febril -, então Voldemort vai

poder voltar e acabar comigo. Bem, quem sabe Agouro
vai ficar feliz.

Hermione parecia muito assustada, mas teve uma palavra de consolo.

- Harry; todo mundo diz que Dumbledore é a única pessoa de quem Você-Sabe-Quem já teve medo. Com Dumbledore por perto Você-Sabe-Quem não vai tocar em você. Em todo o caso, quem disse que os centauros têm razão? Isso está me parecendo adivinhação, e a Profa. Minerva diz que adivinhar o futuro é um ramo muito inexato da magia.

O céu havia clareado antes de terminarem de conversar Foram se deitar exaustos, com as gargantas ardendo. Mas as surpresas da noite não tinham terminado.

Quando Harry puxou os lençóis da cama,

encontrou a capa da invisibilidade cuidadosamente dobrada sobre o forro. Tinha um bilhete espetado nela:

Por via das dúvidas.

CAPÍTULO DEZESSEIS

No Alçapão

No futuro, Harry nunca conseguiria

lembrar muito bem como conseguiu prestar

seus exames enquanto esperava Voldemort

irromper a qualquer instante pela porta.

Contudo os dias foram se passando

lentamente e não havia duvidas de que

Fofo continuava vivo e bem seguro atrás da

porta trancada.

Fazia um calor de rachar, principalmente na sala

das provas escritas. Os alunos tinham recebido penas

novas e especiais para fazê-las, previamente encantadas

com um feitiço anticola.

Houve exames práticos também. O Prof., Flitwick

os chamou à sala de aula, um a um, para verificar se

conseguiam fazer um abacaxi sapatear na mesa. A

Profa. Minerva observou-os transformarem um

camundongo em uma caixa de rapé e conferiu pontos

pela beleza da caixa, e os descontou quando a caixa

tinha bigodes. Snape deixou-os nervosos, bafejando em

seu pescoço enquanto tentavam se lembrar corno fazer

a poção do esquecimento.

Harry fez o melhor que pôde, tentando ignorar as dores lacinantes que sentia na testa e que o incomodavam desde a ida a floresta. Neville achou que Harry estava com urna crise de nervos provocada pelos

269

exames, porque Harry não conseguia dormir, mas a verdade é que seu antigo pesadelo o mantinha acordado, só que agora estava pior que nunca, pois havia nele uma figura encapuzada que pingava sangue.

Talvez fosse porque eles não tinham visto o que Harry vira na floresta, ou porque não tinham cicatrizes que queimavam na testa, mas Rony e Hermione não pareciam tão preocupados com a Pedra quanto Harry. A lembrança de Voldemort sem dúvida os apavorava, mas não os visitava em sonhos, e estavam tão ocupados com as revisões que não tinham muito tempo para pensar no que Snape ou qualquer outro podia estar aprontando.

O último exame foi de História da Magia. Uma hora respondendo a perguntas sobre velhos bruxos gagás que inventaram caldeirões automexíveis e estariam livres, livres por uma semana maravilhosa até saberem os resultados dos exames. Quando o fantasma

do Prof. Binns mandou-os descansar as penas e enrolar

os pergaminhos, Harry não pôde deixar de dar vivas

com os colegas.

- Foi muito mais fácil do que pensei - comentou

Hermione, quando eles se reuniram aos numerosos

alunos que saíam para os jardins ensolarados. - Eu nem

precisava ter aprendido o Código de Conduta do

lobisomem de 1637 nem a revolta de Elfric, o

Ambicioso.

Hermione sempre gostava de repassar as provas

depois, mas Rony disse que isso o fazia se sentir mal.

Assim, caminharam ate o lago e se sentaram à sombra

de uma árvore. Os gêmeos Weasley e Lino Jordan

faziam cócegas nos tentáculos de uma lula gigantes,

que tomava sol na água mais rasa.

- Acabaram-se as revisões - suspirou Rony,

contente, esticando-se na grama. - Você podia fazer

uma cara mais alegre, Harry; temos uma semana inteira

até descobrir se nos demos mal, não precisa se preocupar agora.

Harry esfregava a testa.

- Eu gostaria de saber o que significa isso! - explodiu aborrecido. - Minha cicatriz não para de doer, já senti isso antes, mas nunca com tanta freqüência.

- Procure Madame Pomfrey - sugeriu Hermione.

- Eu não estou doente - respondeu Harry. - Acho que é um aviso... significa que o perigo está se aproximando...

Rony não conseguiu se preocupar, estava quente demais.

- Harry; relaxe. Hermione tem razão, a Pedra está segura enquanto Dumbledore estiver por aqui. Em todo o caso, nunca encontramos nenhuma prova de que Snape tenha descoberto como passar por Fofo. Ele quase teve a perna arrancada uma vez, não vai tentar outra tão cedo. E Neville vai jogar quadribol na equipe da Inglaterra antes que Hagrid traia Dumbledore.

Harry concordou, mas não conseguiu se livrar da sensação que o atormentava de que esquecera de fazer alguma coisa, algo importante. Quando tentou explicar o que sentia, Hermione disse:

- Isso são os exames. Acordei a noite passada e já

tinha lido metade dos meus apontamentos sobre

Transfiguração quando me lembrei que já tínhamos

feito a prova.

Harry tinha certeza de que a sensação de

inquietude não tinha nada a ver com os estudos.

Acompanhou com os olhos uma coruja planar pelo céu

azul em direção à escola, urna carta no bico. Hagrid era

o único que lhe mandava cartas. Hagrid jamais trairia

Dumbledore. Hagrid jamais contaria a ninguém como

passar por Fofo... jamais... mas...

Harry pôs-se de pé de um salto.

- Onde é que você está indo? - perguntou Rony

sonolento.

- Acabei de me lembrar de uma coisa. - Estava

branco - Temos que ver Rúbeo agora.

- Por quê? - ofegou Hermione, correndo para

alcançá-lo.

- Vocês não acham um pouco estranho - disse

Harry, subindo, às carreiras, a encosta gramada - que o que Rúbeo mais quer na vida é um dragão, e aparece um estranho que por acaso tem ovos de dragão no bolso, quando isso é contra as leis dos bruxos? Que sorte encontrar Rúbeo, não acham? Por que não percebi isto antes.

- Do que é que você está falando? - perguntou Rony, mas Harry; correndo pelos jardins em direção à floresta, não respondeu.

Hagrid estava sentado em um cadeirão na frente da casa: tinha as pernas das calças e as mangas enroladas e descascava ervilhas em uma grande tigela.

- Olá - disse, sorrindo - Terminaram os exames? Têm tempo para um refresco?

- Temos, obrigado - disse Rony; mas Harry o interrompeu.

- Não, estamos com pressa, Rúbeo, preciso lhe perguntar uma coisa. Sabe aquela noite que você ganhou o Norberto? Que cara tinha o estranho com quem você jogou cartas?

- Não lembro - respondeu Hagrid com displicência -, ele não quis tirar a capa...

Viu os três fazerem cara de espanto e ergueu as sobrancelhas.

- Não é nada de mais, tem muita gente esquisita no

Hog's Head, o pub do povoado. Podia ser um vendedor

de dragões, não podia? Nunca vi a cara dele, ele não

tirou o capuz.

Harry se abaixou ao lado da tigela de ervilhas.

- O que foi que você conversou com ele, Rúbeo?

Chegou a mencionar Hogwarts?

- talvez - disse Hagrid, franzindo a testa, tentando

se lembrar - E... ele me perguntou o que eu fazia e eu

respondi que era guarda-caça aqui... Depois perguntou

de que tipo de bichos eu cuidava... então eu disse... e

disse também que o que sempre quis ter foi um

dragão... então... não me lembro muito bem... porque

ele não parava de pagar bebidas para mim.., Deixa eu

ver.. ah, sim, então ele disse que tinha um ovo de

dragão, e que podíamos disputá-lo num jogo de cartas

se eu quisesse... mas precisava ter certeza de que eu

podia cuidar do bicho, não queria que ele fosse parar

num asilo de velhos... Então respondi que depois do Fofo, um dragão seria moleza...

- E ele pareceu interessado no Fofo? - perguntou Harry, tentando manter a voz calma.

- Bom... pareceu... quantos cachorros de três cabeças a pessoa encontra por ai, mesmo em Hogwarts? Então contei a ele que Fofo é uma doçura se a pessoa sabe como acalmá-lo, é só tocar um pouco de música e ele cai no sono...

Hagrid, de repente, fez cara de horrorizado.

- Eu não devia ter-lhe dito isto! - exclamou. - Esqueçam que eu disse isto! Ei, aonde é que vocês vão?

Harry, Rony e Hermione não se falaram até parar no saguão de entrada, que parecia muito frio e sombrio depois da caminhada pelos jardins.

- Temos de procurar Dumbledore - falou Harry - Rúbeo contou àquele estranho como passar por Fofo e quem estava debaixo daquela capa era ou o Snape ou o

Voldemort, deve ter sido fácil, depois que embebedou Rúbeo. Só espero que Dumbledore acredite na gente. Firenze talvez confirme, se Agotuo não o impedir. Onde é a sala de Dumbledore?

Eles olharam a toda volta, na esperança de ver uma

placa apontando a direção certa. Nunca alguém lhes

havia dito onde trabalhava Dumbledore, tampouco

conheciam alguém que tivesse sido mandado à sala

dele.

- Acho que teremos de... - começou Harry, mas

inesperadamente ouviram uma voz do outro lado do

saguão.

- Que é que vocês estão fazendo aqui dentro?

Era a Profa. Minerva McConagall, carregando uma

pilha de livros.

- Queremos ver o Prof. Dumbledore - disse

Hermione enchendo-se de coragem, pensaram Harry e

Rony.

- Ver o Prof. Dumbledore? - a Profa. Minerva

repetiu, como se isso fosse uma coisa muito suspeita

para alguém querer fazer - Por quê?

Harry engoliu em seco - e agora?

- É uma espécie de segredo - disse, mas desejou na

mesma hora que não tivesse dito, porque as narinas da

Profa. Minerva se alargaram

- O Prof. Dumbledore saiu faz dez minutos -

informou ela secamente - Recebeu uma coruja urgente

do Ministro da Magia e partiu em seguida para

Londres.

- Ele *saiu?* -exclamou Harry frenético - Agora?

- O Prol Dumbledore é um grande mago, Potter, o

tempo dele é muito solicitado.

- Mas é importante.

- Alguma coisa que você tenha a dizer e mais

274

importante do que o Ministro da Magia, Potter?

- Olhe - disse Harry, mandando a cautela às favas -

, professora... é sobre a Pedra Filosofal...

Seja o que for que a Profa. Minerva esperava,

certamente não era isso. Os livros que levava

despencaram dos seus braços mas ela não os apanhou.

Como é que vocês sabem? - deixou escapar

- Professora, acho... que Sn...que alguém vai tentar

roubar a pedra. Preciso falar com o Prol Dumbledore.

Ela o olhou com uma mescla de choque e

desconfiança.

- O Prol Dumbledore volta amanhã - disse

finalmente. - Não sei como descobriu sobre a Pedra,

mas fique tranqüilo, não é possível ninguém roubá-la,

está muitíssimo bem protegida.

- Mas, professora...

- Potter, sei do que estou falando. - Curvou-se e

recolheu os livros caídos - Sugiro que vocês voltem

para fora e aproveitem o sol.

Mas eles não voltaram.

- É hoje à noite - disse Harry, quando teve certeza

de que a Prof. Minerva não podia mais ouvi-los. -

Snape vai entrar no alçapão hoje à noite. Ele já

descobriu tudo o que precisa e agora tirou Dumbledore

do caminho. Foi ele quem mandou aquela carta, aposto

que o Ministro da Magia vai levar um choque quando

Dumbledore aparecer.

- Mas o que é que podemos..

Hermione perdeu a fala. Harry e Rony se viraram,

Snape estava parado ali,

- Boa tarde - disse com suavidade.

Eles o encararam.

- Vocês não deviam estar dentro do castelo num dia como este - falou com um sorriso estranho e torto.

275

- Estávamos,.. - começou Harry; sem fizer idéia do que ia dizer.

- Vocês precisam ter mais cuidado. Andando por aqui assim, as pessoas vão pensar que estão armando alguma coisa. E Grifinória realmente não pode se dar ao luxo de perder mais nenhum ponto, não é mesmo?

Harry corou. Viraram-se para sair, mas Snape os chamou de volta.

- E fique avisado, Potter, se ficar perambulando outra vez à noite, vou providenciar pessoalmente para que seja expulso. Bom dia para vocês.

E saiu em direção à sala de professores

Lá fora, nos degraus de pedra, Harry virou-se para os outros.

- Certo, isto é o que vamos fazer - cochichou com urgência.

- Um de nós tem que ficar de olho no Snape, esperar do lado de fora da sala de professores e seguilo se ele sair. Hermione, é melhor você fazer isso,

- Por que eu?

E óbvio - disse Rony. - Você pode fingir que está esperando pelo Prof. Flitwick, sabe, como e, - E fazendo voz de falsete:

- "Ah, Prof. Flitwick. Estou tão preocupada, acho que errei a questão catorze b..."

- Ah, cala a boca - disse Hermione, mas concordou em vigiar Snape.

- E é melhor ficarmos no corredor do terceiro andar - disse Harry a Rony - Vamos

Mas aquela parte do plano não funcionou. Assim que chegaram a porta que separava Fofo do resto da escola, a Profa. Minerva apareceu de novo, e desta vez perdeu as estribeiras.

- Suponho que você ache que é mais difícil alguém

passar por você do que por um pacote de feitiços! - esbravejou. - Chega de bobagens! E se eu souber que você voltou aqui outra vez, vou descontar mais cinqüenta pontos de Grifinória! É, Weasley; da minha própria casa!

Harry, e Rony voltaram à sala comunal. Harry

acabara de dizer "pelo menos Hermione está na cola de Snape", quando o retrato da Mulher Gorda se abriu e Hermione entrou.

- Sinto muito, Harry - lamentou-se. - Snape saiu e me perguntou o que eu estava fazendo, então disse que estava esperando Flitwick, e Snape foi buscá-lo, e me mandei, não sei aonde ele foi.

- Bom, então acabou-se, não é? - disse Harry.

Os outros dois olharam para ele. Estava pálido e seus olhos brilhavam.

- Vou sair daqui hoje à noite e vou tentar apanhar a Pedra primeiro.

- Você ficou maluco! - exclamou Rony

- Você não pode! - disse Hermione - Depois do que a Profa. Minerva e Snape disseram? Vai ser expulso!

- E DAÍ? - gritou Harry - Vocês não percebem? Se Snape apanhar a pedra, Voldemort vai voltar! Vocês não ouviram contar como era quando ele estava tentando conquistar o poder? Não vai haver Hogwarts para nos expulsar! Ele vai arrasar Hogwarts, ou vai transformá-la numa escola de magia negra! Perder

pontos não importa mais, vocês não entendem? Acham que ele vai deixar vocês e suas famílias em paz, se Grifinória ganhar o campeonato das casas? Se eu for pego antes de conseguir a pedra, bem, vou ter que voltar para os Dursley e esperar Voldemort me encontrar lá. E só uma questão de morrer um

277

pouquinho depois do que teria morrido, porque eu nunca vou me aliar aos partidários da magia negra! Vou entrar naquele alçapão hoje à noite e nada que vocês dois disserem vai me impedir! Voldemort matou meus pais, estão lembrados?

E olhou zangado para eles.

- Você tem razão, Harry disse Hermione com uma vozinha fraca.

- Vou usar a capa da invisibilidade, foi uma sorte tê-la recuperado.

- Mas ela dá para esconder nós três? perguntou Rony>

- Nós... nós três?

- Ah, corta essa, você não acha que vamos deixar você ir sozinho?

- Claro que não - disse Hermione com energia. -

Como acha que vai chegar à Pedra sem nós? E melhor

eu dar uma olhada nós meus livros, talvez encontre

alguma coisa útil.

- Mas se formos pegos, vocês dois vão ser

expulsos também.

- Não se eu puder evitar - disse Hermione séria. -

Flitwick me disse em segredo que tirei cento e vinte

por cento no exame. Não vão me expulsar depois disso.

Depois do jantar os três se sentaram, nervosos, a

um canto do salão comunal. Ninguém os incomodou;

afinal nenhum aluno de Grifinória tinha mais nada a

dizer a Harry. Esta era a primeira noite que isto não o

incomodava. Hermione folheava seus apontamentos,

esperando encontrar um dos feitiços que queriam

anular. Harry e Rony não falavam muito. Pensavam no

que estavam prestes a fazer .

A sala foi-se esvaziando, à medida que

as pessoas iam se deitar.

- É melhor apanhar a capa - murmurou .Rony,

quando Lino

Jordan finalmente saiu, se espreguiçando e bocejando.

Harry correu até o dormitório às escuras. Puxou a capa

e então seus olhos bateram na flauta que Hagrid lhe

dera no Natal. Meteu-a no bolso para usá-la em Fofo -

não se sentia muito animado a cantar.

E correu de volta ao salão comunal.

- É melhor vestirmos a capa aqui para ter certeza

de que cobre nós três se Filch vir os pés da gente

andando sozinhos.

- O que é que vocês estão fazendo? - perguntou

uma voz a um canto da sala. Neville saiu de trás de

uma poltrona, agarrando Trevo, o sapo, que parecia ter

feito uma nova tentativa para ganhar a liberdade.

- Nada, Neville, nada - respondeu Harry;

escondendo depressa a capa às costas

Neville olhou bem para aquelas caras cheias de

culpa.

- Vocês vão sair outra vez.

- Não, não, não - disse Hermione. - Não vamos,

não. Por que você não vai se deitar, Neville?

Harry olhou para o relógio de parede junto à porta.

Não podiam se dar ao luxo de perder mais tempo,

Snape talvez estivesse naquele instante mesmo tocando

para adormecer Fofo.

- Vocês não podem sair - disse Neville -, vocês *vão*

ser pegos outra vez. Grifinória vai ficar ainda mais

enrolada.

- Você não compreende - disse Harry - isto é

importante.

Mas Neville estava claramente tomando coragem

para fazer alguma coisa desesperada.

- Não vou deixar vocês irem - disse, correndo a se

postar diante do buraco do retrato. - Eu... eu vou brigar

com vocês.

- Neville - explodiu Rony -, se afaste desse buraco

e não banque o idiota...

- Não me chame de idiota! Acho que você não

devia estar desrespeitando mais regulamentos! E foi

você quem me disse para enfrentar as pessoas!

- Foi, mas não *nós* - respondeu Rony exasperado. -

Neville, você não sabe o que está fazendo.

Ele deu um passo à frente e Neville largou Trevo,

o sapo, que desapareceu de vista.

Vem, então, tenta me bater! - disse Neville,

erguendo os punhos. - Estou esperando!

Harry voltou-se para Hermione.

- Faz *alguma coisa*- pediu desesperado.

Hermione se adiantou,

- Neville - disse ela -, eu realmente lamento muito.

Ela ergueu a varinha.

-*Petrificus Totalus!*- falou, apontando para

Neville.

Os braços de Neville grudaram dos lados do corpo.

As pernas se juntaram. Com o corpo inteiro rígido, ele

balançou no mesmo lugar e, em seguida, caiu de cara

no chão, duro como uma pedra.

Hermione correu para desvirá-lo. Os maxilares de

Neville estavam trancados de modo que ele não podia

falar. Somente os olhos se moviam, mirando-os

aterrorizados.

- O que *foi* que você fez com ele? - sussurrou

Harry.

- O Feitiço do Corpo Preso - respondeu Hermione

infeliz. - Ah; Neville, me desculpe.

- Tivemos de fazer isso, Neville, não temos tempo

para explicar-disse Harry.

- Você vai entender mais tarde - disse Rony,

enquanto passavam por cima dele e se envolviam na

capa da invisibilidade.

Mas deixar Neville deitado imóvel no chão não

parecia um bom presságio. No estado de nervosismo

em que estavam, cada sombra de estátua lembrava

Filch, cada sopro distante do vento parecia o Pirraça

assombrando-os.

Ao pé do primeiro lance de escada, encontraram

Madame Nor-r-ra, esquivando-se sorrateira quase no

alto.

- Ah, vamos dar um pontapé nela, só desta vez -

cochichou Rony no ouvido de Harry; mas Harry

balançou a cabeça. Enquanto subiam cautelosamente

contornando a gata, Madame Nor-r-ra virou os olhos de

lanterna para eles, mas não fez nada.

Não encontraram mais ninguém até chegarem à escada para o terceiro andar O Pirraça se balançava a meio caminho, soltando a passadeira para as pessoas tropeçarem.

- Quem está ai - perguntou de repente quando se aproximaram. E apertou os olhos negros e malvados. - Sei que está ai, mesmo que não consiga vê-lo. Você é um vampiro, um fantasma ou um estudante nojento? E ergueu-se no ar e flutuou, tentando ver alguém.

- Eu devia chamar o Filch, eu devia, se alguma coisa está andando por ai invisível.

Harry teve uma idéia repentina.

- Pirraça - disse num sussurro rouco -, o barão Sangrento tem suas razões para andar invisível.

Pirraça quase caiu, em choque. Recuperou-se a tempo e saiu planando a trinta centímetros dos degraus.

- Desculpe, Sua Sangüinidade, Sr Barão, cavalheiro - disse untuoso. - Falha ,minha, falha minha, não o vi, claro que irão, o senhor está invisível. Perdoe ao velho Pirraça essa piadinha - cavalheiro.

- Tenho negócios a tratar aqui, Pirraça - cochichou Harry - Fique longe deste lugar hoje à noite.

- Vou ficar, cavalheiro, pode ter certeza de que vou

ficar - prometeu o Pirraça, erguendo-se no ar outra vez.

- Espeto que os seus negócios corram bem, Barão, não

vou perturbá-lo.

E, partiu ligeirinho.

- *Genial* Harry! --cochichou Rony;

Alguns segundos depois, estavam lá, no corredor

do terceiro andar - e a porta já fora aberta.

- Bom, aqui estamos - disse Harry baixinho. -

Snape já passou por Fofo.

A visão da porta aberta por alguma razão parecia

causar neles a impressão do que os aguardava. Debaixo

da capa, Harry se virou para os outros dois.

- Se vocês quiserem voltar, não vou culpá-los.

Podem levar a capa, não vou precisar dela agora.

- Não seja burro - respondeu Rony.

- Vamos com você - disse Hermione.

Harry empurrou a porta.

Quando a porta rangeu baixinho, chegaram aos

seus ouvidos rosnados surdos. Os três focinhos do

cachorro farejaram furiosamente em sua direção ainda que o bicho não pudesse vê-los.

- O que é isso nos pés dele? - sussurrou Hermione.

- Parece uma harpa - respondeu Rony. - Snape deve tê-la deixado ai.

Ele acorda no momento que se deixa de tocar disse Harry. Bom, aqui vai...

Levou a flauta de Hagrid aos lábios e soprou. Não era realmente uma música, mas as primeiras notas os

olhos da fera começaram a se fechar. Harry nem chegou a tomar fôlego. Lentamente, os rosnados do cachorro cessaram ele balançou nas patas e caiu de joelhos, depois estirou-se no chão, completamente adormecido.

Continue tocando - Rony preveniu a Harry enquanto saiam de baixo da capa e deslizavam para o alçapão. Sentiram o bafo quente e fedorento do cachorro ao se aproximarem de suas cabeçorras.

- Acho que vamos conseguir abrir a porta - disse Rony, espiando por cima do dorso do cachorro. - Quer entrar primeiro, Hermione?

- Não, eu não!

- Tudo bem - Rony cerrou os dentes e passou com

cautela pelas pernas do cachorro. E abaixando-se

puxou o anel do alçapão, que se abriu.

- O que é que você está vendo? - perguntou

Hermione, ansiosa.

- Nada... só escuridão... não tem como descer,

teremos que nos jogar.

Harry, que continuava a tocar a flauta, fez sinal

para atrair a atenção de Rony e apontou para si mesmo.

- Você quer ir primeiro? Tem certeza? - disse

Rony; - Não sei qual é a profundidade dessa coisa. Dá a

flauta para Hermione manter Fofo adormecido.

Harry passou a flauta a ela. Naqueles minutinhos

de silêncio, o cachorro rosnou e se mexeu, mas no

instante que Hermione começou a tocar, ele tornou a

cair em sono profundo.

Harry passou por cima de Fofo e espiou pelo

alçapão. Não viu nem sinal de fundo..

Baixou o corpo pelo buraco até ficar pendurado

pelas pontas dos dedos, Então olhou para Rony no alto

e disse:

- Se alguma coisa acontecer comigo, não me siga.

Vá direto ao corujal e mande Edwiges ao Dumbledore,

certo?

- Certo.

Vejo você daqui a pouco, espero...

E Harry soltou os dedos. Um vento frio e úmido

passou rápido por ele, que foi caindo, caindo, caindo e..

Pam. Com um baque engraçado e surdo ele bateu

em alguma coisa macia. Sentou-se e apalpou à volta, os

olhos desacostumados à escuridão. Parecia que estava

sentado em uma espécie de planta.

- Tudo bem! - gritou para a claridade do tamanho

de um selo lá no alto, que era o alçapão aberto. - *A*

queda é macia pode pular!

Rony seguiu-o imediatamente. Caiu esparramado

ao lado de Harry;

- O que é isso? - foram suas primeiras palavras.

- Sei lá, uma espécie de planta. Suponho que esteja

aqui para amortecer a queda. Venha, Hermione!

A música distante parou. Ouviu-se um latido alto

do cachorro, mas Hermione já pulara. Ela caiu do outro

lado de Harry;

- Devemos estar a quilômetros abaixo da escola - comentou.

- É realmente uma sorte que esta planta esteja aqui - disse Rony.

- *Sorte!* -gritou Hermione. - Olhem só para vocês dois.

Ela se levantou de um salto e lutou para chegar à parede úmida. Teve de lutar porque, no momento em que chegou ao fundo, a planta começou a se enroscar como as gavinhas de uma trepadeira em volta dos seus tornozelo. Quanto a Harry e Rony; suas pernas já tinham sido bem atadas por longos galhos sem que eles

notassem.

Hermione conseguira se desvencilhar antes que a planta a agarrasse para valer Agora observava horrorizada os dois meninos lutarem para se livrar da planta, mas quanto mais se esforçavam, mais depressa e mais firme a planta se enrolava neles.

- Parem de se mexer! - mandou Hermione. - Seio que é isso. É visgo do diabo!

- Ah, fico tão contente que você saiba como se

chama, é unia grande ajuda - resmungou Rony;

tentando impedir que a planta se enroscasse em seu

pescoço.

- Cala a boca, estou tentando me lembrar como

matá-la! disse Hermione.

- Bom, anda logo, não consigo respirar! ofegava

Harry; lutando com a planta que se enroscava em torno

de seu peito.

Visgo do diabo, visgo do diabo... o que foi que o

professor Sprout disse? Gosta da umidade e da

escuridão...

- Então acenda um fogo! - engasgou-se Harry

- É... é claro... mas não tem madeira... - lamentouse

Hermione, torcendo as mãos.

- VOCÊ ENLOUQUECEU? - berrou Rony; -

VOCÊ É UMA BRUXA OU NÃO É?

- Ah, certo! - disse Hermione e, puxando a varinha,

sacudiu-a, murmurou alguma coisa e despachou um

jato daquelas chamas azuis que usara em Snape contra

as plantas. Em questão de segundos, os dois meninos

sentiram a planta afrouxar e se encolher para longe da

luz e do calor Torcendo-se, ela se desenrolou dos corpos dos meninos, que puderam se levantar.

- Que sorte que você presta atenção às aulas de Herbologia, Hermione - disse Harry; quando se juntou a ela ao pé da parede, enxugando o suor do rosto.

285

E - comentou Rony -, e que sorte que Harry não perde a cabeça numa crise, "não tem madeira", *francamente..*

- Por ali - disse Harry; apontando um corredor de pedra que era o único caminho que havia.

Só o que podiam ouvir além de seus passos eram os pingos abafados da água que escorria pela parede. O corredor começou a descer e Harry se lembrou de Gringotes. Com um sobressalto, lembrou-se dos dragões que, segundo diziam, guardavam os cofresfortes no banco dos bruxos. Se topassem com um dragão, um dragão adulto... Norberto já fora bastante ruim.

- Você está ouvindo alguma coisa? Rony cochichou.

Harry apurou os ouvidos. Um farfalhar acompanhado de ruído metálico parecia vir de um ponto mais adiante.

- Você acha que é um fantasma?

Não sei.. para mim parecem asas.

- Há luz à frente, estou vendo alguma coisa se

mexendo.

Chegaram ao fim do corredor e depararam com

uma câmara muito iluminada, o teto abobadado no alto.

Era cheia de passarinhos, brilhantes como jóias, que

esvoaçavam e colidiam pelo aposento Do lado oposto

da câmara havia uma pesada porta de madeira.

Você acha que nos atacarão se atravessarmos a

câmara? - perguntou Rony.

- Provavelmente - respondeu Harry; - Eles não

parecem muito bravos, mas suponho que se todos

mergulhassem ao mesmo tempo... Bom, não tem

remédio... vou correr

Tomou fôlego, cobriu o tosto com os braços e

atravessou a câmara correndo. Esperava sentir bicos

afiados e garras atacando-o a qualquer minuto, mas

nada aconteceu. Alcançou a porta incólume. Baixou a maçaneta, mas a porta estava trancada.

Os outros dois o seguiram. Fizeram força para abrir a porta, mas ela nem sequer se moveu, nem mesmo quando Hermione experimentou o seu feitiço de Alorromora.

- E agora? - perguntou Rony.

- Esses pássaros... não podem estar aqui só para enfeitar - disse Hermione.

Eles observaram os pássaros voando no alto, brilhando - *brilhado?*

- Eles não são pássaros! - Harry exclamou de repente. - São *chaves!* Chaves aladas, olhe com atenção. Então isso deve querer dizer.. - e olhou à volta da câmara enquanto os outros dois apertavam os olhos para enxergar o bando de chaves no alto - olhe! Vassouras! Temos que apanhar a chave da porta.

Mas eram *centenas!*

Rony examinou a fechadura.

- Estamos procurando uma chave bem grande e antiga, provavelmente de prata, como a maçaneta.

Cada um apanhou uma vassoura e deu impulso no ar, mirando o meio da nuvem de chaves. Tentaram agarrá-las mas as chaves encantadas fugiam e

mergulhavam tão rápido que era quase impossível

apanhar uma.

Mas não era à toa que Harry era o mais jovem

apanhador do século. Tinha um jeito para localizar

coisas que os outros não tinham. Depois de um minuto

trançando pelo redemoinho de penas, ele notou uma

chave grande de prata que tinha uma asa dobrada,

como se já tivesse sido apanhada e enfiada de qualquer

jeito na fechadura.

- Aquela ali! - gritou para os outro - Aquela

grandona... ali... não... lá... com as asas azul-forte. As

penas estão todas amassadas de um lado.

Rony precipitou-se na direção que Harry apontava,

bateu no teto e quase caiu da vassoura.

- Temos que cercá-la! - gritou Harry, sem tirar os

olhos da chave com a asa danificada. - Rony, você

cerca por cima. Hermione, fica embaixo e não deixa ela

descer, e eu vou tentar pegar. Certo, AGORA!

Rony mergulhou, Hermione disparou para o alto, a chave desviou-se dos dois e Harry partiu atrás dela; a chave correu para a parede, Harry se curvou para a frente e, com uma pancada feia, prendeu-a contra a pedra com a mão. Os vivas de Rony e Hermione ecoaram pela câmara.

Eles pousaram em seguida e Harry correu para a porta, a chave a se debater em sua mão. Enfiou-a na fechadura e virou-a - deu certo. No instante em que ouviram o barulho da lingüeta se abrindo, a chave tomou a alçar vôo, parecendo agora muito maltratada depois de ter sido apanhada duas vezes.

- Estão prontos? - Harry perguntou aos dois, a mão na maçaneta da porta. Eles fizeram um sinal afirmativo com a cabeça. Ele escancarou a porta.

A câmara seguinte era tão escura que não dava para ver absolutamente nada. Mas, ao entrarem nela, a luz inesperadamente inundou o aposento, revelando uma cena surpreendente.

Estavam parados na borda de um enorme tabuleiro de xadrez atrás das peças pretas, que eram todas mais altas do que eles e talhadas em um material que parecia pedra. De frente para eles, do outro lado da câmara, estavam dispostas as peças brancas. Harry, Rony e

Hermione sentiram um leve arrepio - as peças brancas

e altas não tinham feições.

- Agora o que vamos fazer? - sussurrou Harry

288

- E óbvio, não é? - falou Rony. - Temos que jogar

para chegar ao outro lado da câmara.

Por trás das peças brancas eles podiam ver outra

porta.

Como? - perguntou Hermione, nervosa.

Acho que vamos ter que virar peças.

Ele se dirigiu a um cavalo preto e esticou a mão

para tocar seu cavaleiro. No mesmo instante, a pedra

ganhou vida. O cavalo pateou o tabuleiro e seu

cavaleiro virou a cabeça protegida por um elmo pata

olhar Rony;

- Temos que nos unir a vocês para chegar ao outro

lado?

O cavaleiro preto confirmou com a cabeça. Rony

virou-se para os outros *dois.*

- Isto exige reflexão disse. - Suponho que a gente tenha que tomar o lugar de três peças pretas...

Harry e Hermione ficaram quietos, observando Rony refletiu Finalmente ele disse:

- Agora não vão se ofender, mas nenhum dos dois é tão bom assim em xadrez...

- Não estamos ofendidos - interrompeu Harry depressa - Diga o que vamos fazer

- Bom, Harry; você toma o lugar daquele bispo e, Hermione, você fica ao lado dele substituindo a torre.

- E você?

- Vou ser o cavaleiro.

As peças pareciam estar escutando, porque ao ouvir isso um cavaleiro, um bispo e uma torre deram as costas às peças brancas e saíram do tabuleiro, deixando três casas vazias, que Harry, Rony e Hermione ocuparam.

- No xadrez as brancas sempre jogam primeiro - explicou Rony, observando o tabuleiro. - É... olhem...

Um peão branco avançara duas casas.

Rony começou a comandar as peças pretas. Elas se mexiam em silêncio indo aonde eram mandadas. Os joelhos de Harry tremiam. E se perdessem?

- Harry; ande quatro casas para a direita em

diagonal.

O primeiro choque de verdade que levaram foi

quando o outro cavalo foi comido. A rainha branca

esmagou-o no chão e arrastou-o para fora do tabuleiro,

onde ele ficou deitado imóvel, de borco no chão.

Eu tinha que deixar isso acontecer - disse Rony,

parecendo abalado. - Assim você fica livre para comer

aquele bispo, Hermione, ande.

Todas as vezes que eles perdiam uma peça, as

peças brancas não mostravam piedade. Dali a pouco

havia uma coleção de peças pretas inermes encostadas

à parede. Duas vezes, Rony reparou, em cima do lance,

que Harry e Hermione estavam em perigo. Ele próprio

disparou pelo tabuleiro comendo quase tantas peças

brancas quanto as pretas que haviam perdido.

- Estamos quase chegando - murmurou de repente.

- Me deixem pensar... me deixem pensar...

A rainha branca virou o rosto vazio para ele.

- E... - continuou ele baixinho -, é o jeito... Preciso me sacrificar.

- Não! - Harry e Hermione gritaram.

- Isto é xadrez! - retorquiu Rony. - A pessoa tem que fazer alguns sacrifícios! Dou um passo à frente e ela me come, isso deixa você livre para dar o xequemate no rei, Harry!

- Mas...

- Você quer deter Snape ou não?

- Rony..

- Olhe, se você não se apressar, ele lá terá apanhado a Pedra!

Não havia opção.

290

- Pronto? - perguntou Rony; o rosto pálido mas decidido. - Então vamos, agora, não se demore depois de ganhar a partida.

Ele avançou e a rainha branca o atacou. Golpeou Rony com força na cabeça com o braço de pedra e ele caiu com estrondo no chão. Hermione gritou, mas continuou parada em sua casa - a rainha branca arrastou Rony para um lado. Ele parecia ter sido nocauteado.

Trêmulo, Harry se deslocou três casas para a

esquerda.

O rei branco tirou a coroa e jogou-a aos pés dele.

Os meninos tinham ganhado o jogo. As peças se

afastaram para os lados e se curvaram, deixando o

caminho livre para a porta em frente. Com um último

olhar desesperado para Rony, Harry e Hermione se

precipitaram para a porta e para o corredor seguinte.

- E se ele...?

- Ele vai ficar bem - disse Harry, tentando

convencer a si mesmo. - Que é que você acha que vai

acontecer agora?

- Tivemos o feitiço de Sprout, o visgo do diabo.

Flitwick deve ter encantado as chaves. McGonagall

transfigurou as peças de xadrez para lhes dar vida.

Faltam o feitiço de Quirrell e o de Snape.

Tinham chegado à outra porta.

- Tudo bem? - cochichou Harry.

- Vamos.

Harry empurrou a porta para abri-la.

Um fedor horrível entrou por suas narinas, fazendo os dois puxarem as vestes para cobrir o nariz, Os olhos lacrimejando, eles viram, deitado no chão diante deles, um trasgo ainda maior do que o que tinham enfrentado, desacordado e com um calombo ensangüentado na

291

cabeça.

- Que bom que não precisamos lutar contra este ai - sussurrou Harry; enquanto, cautelosamente, saltavam por cima da perna maciça do trasgo. - Vamos, não estou conseguindo respirar.

Harry abriu a porta seguinte, os dois mal se atreviam a olhar o que vinha a seguir - mas não havia nada muito assustador ali, apenas uma mesa e sobre ela sete garrafas de formatos diferentes em

- É o de Snape - disse Harry. - O que temos de fazer?

Ao cruzarem a soleira da porta, imediatamente irromperam chamas atrás deles. E não eram chamas comuns, tampouco; eram roxa. Ao mesmo tempo, surgiam chamas pretas na porta adiante. Estavam encurralados.

- Olhe! - Hermione apanhou um rolo de papel que havia ao lado das garrafas. Harry espiou por cima do

seu ombro para ler o papel:

O perigo o aguarda à frente, a segurança ficou

atrás,

Duas de nós o ajudaremos no que quer encontrar;

Uma dos sete o deixará prosseguir;

A outra levará de volta quem a beber,

Duas de nós conterão vinho de urtigas,

Três de nós aguardam em fria para o matar;

Escolha, ou, ficará aqui para sempre,

E para ajudá-lo, lhe damos quatro pistas:

Primeira, por mais dissimulado que esteja o

veneno,

Você sempre encontrará um à esquerda do vinho

de urtigas;

Segunda, são diferentes as garrafas de cada lado,

Alas se você quiser avançar nenhuma é sua amiga;

Terceira, é visível que temos tamanhos diferentes,

Nem anã nem gigante leva a morte no bojo;

Quarta, a segunda à esquerda e a segunda á

direita

São gêmeas ao paladar; embora diferentes a vista.

Hermione deixou escapar um grande suspiro e

Harry; perplexo, viu que ela sorria, a última coisa que

ele tinha vontade de fazer.

-*Genial*- disse. - Isto não é mágica, é lógica, uma

charada, a maioria dos grandes bruxos não tem um

pingo de lógica, ficariam presos aqui para sempre.

- E nós também, não?

- Claro que não. Tudo o que precisamos esta aqui

neste papel. Sete garrafas: três contêm veneno; duas,

vinho; uma nos ajudará a passar a salvo pelas chamas

negras; e uma nos levará de volta através das chamas

roxas.

- Mas como vamos saber qual delas beber?

- Me dê um minuto.

Hermione leu o papel diversas vezes. Depois

passou em revista a fila de garrafas, para cima e para

baixo, resmungando de si para si e apontando para as

garrafas. Finalmente, bateu palmas.

- Já sei A garrafa menor nos fará atravessar as

chamas negras, rumo à pedra.

Harry mirou a garrafinha.

- Ali só tem o suficiente para um de nós. Não chega a ter um gole.

Eles se entreolharam..

- Qual é a que a fará voltar pelas chamas roxas?

Hermione apontou para uma garrafa arredondada

293

na ponta direita da fila.

- Você bebe essa-disse Harry - Agora, escute, volte e recolha o Rony; apanhe vassouras na câmara das chaves aladas, elas levarão vocês para fora do alçapão e por cima de Fofo. Vão direto ao corujal e mandem Edwiges a Dumbledore, precisamos dele. Talvez eu possa segurar Snape por algum tempo, mas não sou páreo para ele.

- Mas *Harry;* e se Você-Sabe-Quem estiver com ele?

- Bom... tive sorte uma vez, não tive? - falou Harry indicando a cicatriz. - Talvez tenha sorte outra vez.

A boca de Hermione estremeceu e ela correu de repente para Harry e o abraçou.

- *Hermione.*

- Harry você é um grande bruxo, sabe?

- Não sou tão bom quanto você - disse Harry, muito sem graça, quando ela o largou.

- Eu! livros! E inteligência! Há coisas mais

importantes, amizade e bravura e, ah, Harry tenha

cuidado!

Você bebe primeiro - disse Harry; - Você tem

certeza de qual é qual, não tem?

- Positivo.

Ela tomou um demorado gole da garrafa

arredondada na ponta e estremeceu

- Não é veneno? - perguntou Harry ansioso.

- Não... mas parece gelo.

- Vai logo antes que o efeito passe.

- Boa sorte... cuide-se...

- VAI!

Hermione virou-se e passou direto pelas chamas

roxas.

Harry tomou fôlego e apanhou a garrafa menor de

todas. Virou-se para encarar as chamas negras.

- Aqui vou eu - disse e esvaziou a garrafinha de

um gole só.

Era na verdade como se o gelo estivesse invadindo seu corpo. Ele deixou a garrafa na mesa e avançou; enchendo-se de coragem, viu as chamas negras lamberem seu corpo mas não as sentiu - por um instante não viu nada a não ser as chamas negras - então viu que estava do outro lado, na ultima câmara. Havia alguém lá - mas não era Snape. Tampouco Voldemort.

CAPÍTULO DEZESSETE

O homem de duas caras

Era Quirell.

- *O senhor!*- exclamou Harry;

Quirrell sorriu. Seu tosto não tinha nenhum tique.

- Eu - disse calmamente - estive me perguntando se encontraria você aqui, Potter.

- Mas pensei.. Snape...

- Severo? - Quirrell deu uma gargalhada e não era aquela gargalhadinha tremida de sempre, era fria e cortante. - E, Severo *faz* o tipo, não faz? Tão útil tê-lo esvoaçando por ai como um morcegão. Perto dele, quem suspeitaria do c-c-coitado do ga-gaguinho do PProf. Quirrell?

Harry não conseguia assimilar. Isto não podia ser

verdade, não podia.

- Mas Snape tentou me matar!

- Não, não, não. Eu tentei matá-lo. Sua amiga

Hermione Granger, por acaso, me empurrou quando

estava correndo para tocar fogo no Snape naquela

partida de quadribol. Ela interrompeu o meu contato

visual com você. .Mais uns segundos e eu o teria

derrubado daquela vassoura. Teria conseguido isso

antes se Snape não ficasse murmurando antifeitiço,

tentando salvá-lo.

- Snape estava tentando me *salvar?*

- É claro - disse Quirrell calmamente. - Por que

você acha que ele queria apitar o próximo jogo? Ele

estava tentando garantir que eu não repetisse aquilo. O

que na realidade é engraçado... ele nem precisava ter se

dado ao trabalho. Eu não poderia fazer nada com

Dumbledore assistindo. Todos os outros professores

acharam que Snape estava tentando impedindo

Grifinória de ganhar,

ele conseguiu *realmente* se tornar

impopular.. e que perda de tempo, se

depois disso vou matá-lo esta noite.

Quirrell estalou os dedos. Surgiram no ar cordas

que amarraram Harry bem apertado.

- Você é muito metido para continuar vivo, Potter.

Sair correndo pela escola no dia das Bruxas daquele

jeito e, pelo que imaginei, me viu descobrir o que é que

estava guardando a pedra.

- *O senhor* deixou o trasgo entrar?

- Claro que sim. Tenho um talento especial para

lidar com tragos. Você deve ter visto o que fiz com

aquele na câmara lá atrás? Infelizmente, enquanto o

resto do pessoal estava procurando o trasgo, Snape, que

já desconfiava de mim, foi direto ao terceiro andar para

me afastar, e não só o meu trasgo não conseguiu matar

você de pancada, como o cachorro de três cabeças nem

sequer conseguiu morder a perna de Snape direito.

Agora espere ai quieto. Preciso examinar este espelho

curioso.

Foi somente então que Harry percebeu o que

estava parado atrás de Quirrell. Era o Espelho de

Ojesed.

- Este espelho é a chave para encontrar a pedra -

murmurou Quirrell, batendo de leve na moldura. -

Pode-se confiar em .Dumbledore para inventar uma

coisa dessas... mas ele está em Londres... E estarei bem

longe quando voltar

A única coisa que ocorreu a Harry foi manter

Quirrell falando para impedi-lo de se concentrar no

espelho.

- Vi o senhor e Snape na floresta. - falou de um

fôlego só.

- Sei - disse Quirrell indiferente, dando a volta ao

espelho para examinar o avesso. - Naquela altura ele já

percebera minhas intenções, e tentava descobrir até

onde eu tinha ido. Suspeitou de mim o tempo todo.

Tentou me assustar, como se fosse possível, quando

tenho Lord Voldemort do meu lado...

Quirrell saiu de trás do espelho e mirou-o cheio de

cobiça.

- Estou vendo a Pedra... Eu a estou apresentando ao meu mestre...mas onde é que ela está?

Harry forçou as cordas que o prendiam, mas elas não cederam. *Tinha* que impedir Quirrell de dedicar toda a atenção ao espelho.

- Mas Snape sempre pareceu me odiar tanto.

- Ah, e odeia mesmo - disse Quirrell, displicente -, e como odeia. Ele estudou em Hogwarts com o seu pai, você não sabia? Os dois se detestavam. Mas ele nunca quis ver você *morto.*

- Mas ouvi o senhor soluçando, há uns dias. Pensei que Snape estava ameaçando o senhor...

Pela>primeira vez, ~ espasmo de medo passou pelo rosto de Quirrell.

- As vezes, eu tenho dificuldade em seguir as instruções do meu mestre. Ele é um grande mago e eu sou fraco.

- O senhor quer dizer que ele estava na sala de aula com o senhor? - exclamou Harry admirado.

- Está comigo aonde quer que eu vá - disse Quirrell em voz baixa - Conheça-o quando estava viajando pelo mundo. Eu era um rapaz tolo naquela época, cheio de idéias ridículas sobre o bem e o mal. Lord Voldemort

me mostrou como eu estava errado. Não existe bem

nem mal, só existe o poder, e aqueles que são

demasiado fracos para o desejarem. Desde então, eu o

tenho servido com fidelidade, embora o desaponte

muitas vezes. Por isso tem precisado ser muito severo

comigo - Quirrell estremeceu de repente - Não perdoa

erros com muita facilidade. Quando não consegui

roubar a pedra de Gringotes , ele ficou muito

aborrecido. Me castigou, resolveu me vigiar mais de

perto.

A voz de Quirrell foi morrendo. Harry lembrou-se

de sua viagem ao Beco Diagonal - como podia ter sido

tão burro? Ele vira Quirrell lá naquele dia, apertara a

mão dele no Caldeirão Furado.

Quirrell praguejou baixinho.

- Eu não entendo... a Pedra está *dentro* do espelho?

Devo quebrá-lo?

A cabeça de Harry pensava a mil.

"O que quero acima de tudo no mundo, neste
momento, é encontrar a Pedra antes que Quirrell a
encontre. Então se me olhar no espelho, devo me ver
encontrando a Pedra - o que quer dizer que verei onde
está escondida! Mas como posso me olhar sem Quirrell
perceber o que estou tramando?'

Harry tentou se deslocar para a esquerda, para se
posicionar
diante do espelho sem Quirrell notar,
mas as cordas que prendiam seus
tornozelos estavam muito apertadas. ele
tropeçou e caiu. Quirrell não lhe deu
atenção. Continuou falando sozinho.

- O que é que o espelho faz? Como é que ele
funciona? Me ajude, mestre.

E para horror de Harry, uma voz respondeu, e a
voz parecia ;vir do próprio Quirrell.

- Use o menino... Use o menino...

Quirrell voltou-se para Harry.

- E... Potter, vem cá.

E bateu palmas uma vez e as cordas que prendiam
Harry caíram. Harry se levantou sem pressa.

- Vem cá - repetiu Quirrell. - Olhe no espelho e me

diga o que vê.

Harry foi até ele.

"Preciso mentir, pensou desesperado. "Preciso

olhar e mentir sobre o que vejo, e isso."

Quirrell aproximou-se de Harry pelas costas. Harry

respirou o cheiro esquisito que parecia vir do turbante

de Quirrell. Fechou os olhos, adiantou-se para se postar

na frente do espelho, e tomou a abri-los.

A princípio viu a sua imagem pálida e apavorada.

Mas um segundo depois, a imagem sorriu para ele.

Levou a mão ao bolso e tirou uma pedra cor de sangue.

Aí piscou e devolveu a pedra ao bolso - e ao fazer isto,

Harry sentiu uma coisa pesada cair dentro do seu bolso

de verdade. De alguma forma - inacreditável - *estava*

de posse da Pedra .

- E então? - perguntou Quirrell impaciente. - O que

é que você está vendo?

Harry armou-se de coragem.

- Estou me vendo apertando a mão de Dumbledore

- inventou. - Ganhei o campeonato das casas para Grifinória.

Quirrell xingou outra vez.

- Saia do meu caminho - disse. Quando Harry se afastou, sentiu a Pedra Filosofal comprimir sua coxa. Será que tinha coragem para tentar fugir?

Mas não dera cinco passos quando unia voz alta falou, embora os lábios de Quirrell não estivessem se mexendo.

- Ele está mentindo... Ele está mentindo...

300

- Potter, volte aqui! - gritou Quirrell - Diga-me a verdade! O que foi que você acabou de ver?

A voz alta tomou a falar

- Deixe-me falar com ele.. cara a cara..

- Mestre, o senhor não está bastante forte!

- Estou bastante forte... para isso...

Harry se sentiu como se o visgo do diabo o tivesse pregado no chão. Não conseguia mover nem um músculo. Petrificado, viu Quirrell erguer os braços e começar a desenrolar o turbante. Que estava acontecendo? O turbante caiu. A cabeça de Quirrell parecia estranhamente pequena sem ele. Então ele virou de costas sem sair do lugar

Harry poderia ter gritado, mas não conseguiu produzir nem um som. Onde deveria estar a parte de trás da cabeça de Quirrell, havia um rosto, o rosto mais horrível que Harry já vira. Era branco-giz com intensos olhos vermelhos e fendas no lugar das narinas, como uma cobra.

- Harry Potter... - falou o rosto

Harry tentou dar um passo para trás mas suas pernas não obedeceram.

- Está vendo no que me transformei? - disse o rosto. - Apenas uma sombra vaporosa. Só tenho forma quando posso compartir o corpo de alguém... mas sempre houve gente disposta a me deixar entrar no seu coração e na sua mente... O sangue do unicórnio me fortaleceu, nessas ultimas semanas... você viu o fiel Quirrell bebendo-o por mim na floresta... e uma vez que eu tenha o elixir da vida, poderei criar um corpo só meu... Agora... por que você não me da essa pedra no seu bolso?

Então ele sabia. A sensibilidade voltou

novidade para você!

repentinamente as pernas de Harry. Ele cambaleou para

trás.

301

- Não seja tolo - rosnou o rosto. - E melhor salvar

sua vida e se unir a mim... ou vai ter o mesmo fim dos

seus pais... Eles morreram suplicando piedade...

- MENTIRA! - gritou Harry inesperadamente

Quirrell estava andando de costas para ele, de

modo que Voldemort pudesse vê-lo. O rosto malvado

sorria agora.

- Que comovente.,. - sibilou. - Sempre dei valor à

coragem... E, menino, seus pais foram corajosos. Matei

seu pai primeiro e ele me enfrentou com coragem...

mas sua mãe não precisava ter morrido... estava

tentando protegê-lo.. Agora me dê a pedra, a não ser

que queira que a morte dela tenha sido em vão.

- Nunca!

Harry saltou para a porta em chamas, mas

Voldemort gritou:

- AGARRE-O! - E, no instante seguinte, Harry

sentiu a mão de Quirrell fechar-se em torno de seu

pulso. E, ao mesmo tempo, uma dor fria como uma

agulhada queimou sua cicatriz; parecia que sua cabeça

ia se rachar em dois; ele berrou, lutando com todas as forças e, para sua surpresa, Quirrell largou-o. A dor em sua cabeça diminuiu, ele olhou alucinado à volta para ver onde fora Quirrell e o viu dobrar de dor, examinando os dedos, eles se enchiam de bolhas, diante dos seus olhos.

- Agarre-o! Agarre-o! - esganiçou-se Voldemort outra vez e Quirrell investiu, derrubando Harry no chão, caindo por cima dele, as duas mãos apertando o pescoço do menino, a cicatriz de Harry quase o cegava de dor, contudo ele via Quirrell urrar de agonia.

- Mestre, não posso segurá-lo. Minhas mãos. Minhas mãos!

E Quirrell, embora prendendo Harry no chão com os joelhos, largou seu pescoço e arregalou os olhos,

perplexo, para as palmas das mãos - elas pareciam queimadas, vermelhas, em carne viva.

- Então mate-o, seu tolo, e acabe com isso! - guinchou Voldemort

Quirrell levantou a mão para jogar uma praga letal, mas Harry; por instinto, esticou as mãos e agarrou a cara de Quirrell.

- AAAAI!

Quirrell saiu de cima dele, seu rosto se encheu de

bolhas também, e então Harry entendeu: Quirrell não

podia tocar sua pele, sem sofrer dores terríveis - sua

única chance era dominar Quirrell, causar-lhe dor

suficiente para impedi-lo de lançar feitiços.

Harry ficou em pé de um salto, agarrou Quirrell

pelo braço e segurou-o com toda a força que pôde.

Quirrell berrou e tentou se desvencilhar a dor na cabeça

de Harry estava aumentando - ele não conseguia

enxergar - ouvia os gritos terríveis de Quirrell e os

berros de Voldemort "MATE-O! MATE-O!" e outras

vozes, talvez dentro de sua própria cabeça, chamando

"Harry! Harry!"

Sentiu o braço de Quirrell desprender-se com força

de sua mão, teve certeza de que tudo estava perdido e

mergulhou na escuridão, cada vez mais profunda.

Alguma coisa dourada estava brilhando logo acima dele.

O pomo!

Tentou agarrá-lo, mas seus braços estavam muito

pesado.

Piscou os olhos. Não era o pomo. Eram óculos.

Que estranho.

Piscou os olhos outra vez. O rosto sorridente de

303

Alvo Dumbledore entrou em foco curvado sobre ele.

- Boa tarde, Harry - disse Dumbledore.

Harry fixou o olhar nele. Então se lembrou.

- Professor! A Pedra! Foi Quirrell! Ele apanhou a Pedra! Professor, depressa..

- Acalme-se, menino, você está um pouco atrasado. Quirrell não apanhou a Pedra.

- Então quem apanhou?, professor? eu...

- Harry, por favor, relaxe ou Madame Pomfrey vai mandar me expulsar.

Harry engoliu em seco e olhou a sua volta. Percebeu que devia estar na ala do hospital. Achava-se deitado numa cama com lençóis de linho brancos e do seu lado havia uma mesa atulhada do que parecia ser a metade da loja de doces.

- Presentes dos seus amigos e admiradores - esclareceu Dumbledore, sorrindo. - Aquilo que aconteceu nas masmorras entre você e o professor Quirrell é segredo absoluto, por isso, e claro, a escola

inteira já sabe. Acredito que os nossos amigos, os Srs.

Fred e Jorge Weasley; foram os responsáveis pela

tentativa de lhe mandar um assento de vaso sanitário.

Com certeza acharam que você ia achar engraçado.

Madame Pomfrey; porém, achou que poderia ser pouco

higiênico e o confiscou.

- Há quanto tempo estou aqui?

- Três dias. O Sr. Ronald Weasley e a Srta.

Granger vão se sentir muito aliviados por você ter

voltado a si, estavam muitíssimo preocupados.

- Mas, professor, a Pedra...

- Já vi. que você não se deixa distrair. Muito bem

A Pedra. O Prof. Quirrell não conseguiu tirá-la de você.

Cheguei a tempo de impedir que isto acontecesse,

embora você estivesse se defendendo muito bem

sozinho, devo dizer.

- O senhor chegou lá? Recebeu a coruja de

Hermione?

- Devemos ter cruzado no ar. Assim que cheguei a Londres, tornou-se claro para mim que o lugar onde deveria estar era aquele de onde acabara de sair. Cheguei a tempo de tirar Quirrell de cima de você...

Então foi o *senhor*.

- Receei que tivesse chegado tarde demais.

- Quase chegou, eu não poderia ter mantido Quirrell afastado da Pedra por muito mais tempo..

- Não da Pedra, menino, de você. O esforço que você fez quase o matou. Por um instante terrível, receei que tivesse matado. Quanto à Pedra, ela foi destruída.

- Destruída! - exclamou Harry sem entender - Mas o seu amigo... Nicolau Flamel..

- Ali, você já ouviu falar no Nicolau? - perguntou Dumbledore, parecendo encantado. - Você fez mesmo a coisa certa, não foi? Bom, Nicolau e eu tivemos uma conversinha e concordamos que assim era melhor.

- Mas isto quer dizer que ele e a mulher vão morrer, não é?

- Eles têm elixir suficiente para deixar os negócios em ordem e então, é, eles vão morrer.

Dumbledore sorriu ao ver a expressão de surpresa no rosto de Harry.

- Para alguém jovem como você, tenho certeza de

que isto parece incrível, mas para Nicolau e Perenelle,

na verdade, é como se fossem deitar depois de um dia

muito, muito longo. Afinal para a mente bem

estruturada, a morte é apenas a grande aventura

seguinte.

Você sabe, a Pedra não foi uma coisa tão boa assim.

Todo o dinheiro e a vida que a pessoa poderia querer!

As duas coisas que a maioria dos seres humanos

escolheriam em primeiro lugar. O problema é que os

humanos têm o condão de escolher exatamente as

coisas que são piores para eles.

Harry ficou ali deitado, sem encontrar o que

responder Dumbledore cantarolou um pouquinho e

sorriu para o teto.

Professor? disse Harry; - Estive pensando...

professor. Mesmo que a Pedra tenha sido destruída,

Vol... quero dizer, o Senhor-Sabe-Quem...

- Chame-o de Voldemort. Sempre chame as coisas

pelo nome que têm. O medo de um nome aumenta o medo da coisa em si.

- Sim, senhor. Bem, Voldemort vai tentar outras maneiras de voltar, não vai? Quero dizer, ele não foi de vez, foi?

- Não, Harry, não foi. Continua por ai em, lugar, talvez procurando outro corpo para compartir... sem estar propriamente vivo, ele não pode ser morto. Abandonou Quirrell à morte; ele demonstra a mesma falta de piedade tanto com os amigos quanto com os inimigos. No entanto, Harry; embora você talvez tenha apenas retardado a volta dele ao poder, da próxima vez só precisaremos de outro alguém que esteja preparado para lutar o que parece ser uma batalha perdida. E se ele for retardado repetidamente, ora, talvez nunca retome o poder.

Harry concordou com um gesto, mas parou na mesma hora, porque o aceno fez-lhe doer a cabeça. Então disse:

- Professor, há outras coisas que gostaria de saber, se o senhor puder me dizer.. coisas que eu gostaria de saber a verdade...

- *A* verdade - suspirou Dumbledore - é uma coisa bela e terrível, e portanto deve ser tratada com grande

cautela. Mas, vou responder às suas perguntas, a não

ser que haja uma boa razão para não fazê-lo, caso em

que eu peço que me perdoe. Não vou, e claro, mentir.

- Bom... Voldemort disse que só matou minha mãe

porque ela tentou impedi-lo de me matar. Mas por quê,

afinal, ele iria querer me matar?

Dumbledore suspirou muito profundamente desta

vez.

- Que pena, a primeira coisa que você me

pergunta, eu não vou poder responder Não hoje. Não

agora.. Você vai saber, um dia... por ora tire isso da

cabeça, Harry. Quando você for mais velho... Sei que

detesta ouvir isso... mas quando estiver pronto, você

vai saber.

E Harry entendeu que não ia adiantar insistir.

- Mas por que Quirrell não podia me tocar?

- Sua mãe morreu para salvar você. Se existe uma

coisa que Voldemort não consegue compreender é o

amor. Ele não entende que um amor forte como o de sua mãe por você deixa uma marca própria. Não é uma cicatriz, não é um sinal visível.. ter sido amado tão profundamente, mesmo que a pessoa que nos amou já tenha morrido, nos confere uma proteção eterna. Está entranhada em nossa pele. Por isso Quirrell, cheio de ódio, avareza e ambição, compartindo a alma com Voldemort, não podia tocá-lo. Era uma agonia tocar uma pessoa marcada por algo tão bom.

Então, Dumbledore se interessou muito por um passarinho no peitoril da janela, o que deu tempo a Harry para enxugar os olhos como lençol. Quando recuperou a voz, disse;

- E a capa da invisibilidade? O senhor sabe quem a mandou para mim?

- Ah, por acaso seu pai deixou-a comigo e eu achei que você talvez gostasse. - Os olhos de Dumbledore faiscaram - Coisas úteis.. seu pai usava-a principalmente para ir escondido às cozinhas roubar

comida, quando estava aqui.

- E tem mais uma coisa...

- Diga.

- Quirrell disse que Snape...

- O Prof. Snape, Harry.

- Sim, senhor, ele... Quirrell disse que ele me odeia

porque odiava meu pai. Isso é verdade?

- Bom, eles se detestavam bastante. Mas não é

diferente de você com o Sr. Malfoy. E, além disso, seu

pai fez uma coisa que Snape nunca pôde perdoar.

- O quê?

- Salvou a vida dele.

-O quê?

- E... - disse Dumbledore sonhador - É engraçado

como a cabeça das pessoas funciona, não é? O Prol

Snape não conseguiu suportar o fato de estar em dívida

com o seu pai. Acredito que tenha se esforçado para

proteger você este ano, porque achou que isso o

deixaria quite com o seu pai. Assim podia voltar a

odiar a memória. do seu pai em paz...

Harry tentou compreender mas sentiu a cabeça

latejar, por isso parou.

- E, professor, só mais uma coisa...

- Só essa?

- Como foi que tirei a Pedra do espelho?

- Ah, fico satisfeito que você tenha me perguntado. Foi uma das minhas idéias mais brilhantes, e cá entre nós, isto é alguma coisa. Sabe, só uma pessoa que quisesse *encontrar* a Pedra, encontrar sem usá-la, poderia obtê-la; de outra forma, a pessoa só iria se ver produzindo ouro e bebendo elixir da vida. O meu cérebro às vezes surpreende até a mim,.. Agora chega de perguntas. Sugiro que comece a comer esses doces. Ah, feijõezinhos de todos os sabores! Quando eu era moço tive a infelicidade de encontrar um com gosto de

308

vômito, e desde então receio que tenha perdido o gosto por eles. Mas acho que não corre perigo com um gostoso caramelo, não acha? - E sorrindo jogou um feijãozinho caramelo escuro na boca. Então se engasgou e disse:

- Que pena! Cera de ouvido!

Madame Pomfrey, a encarregada do hospital, era urna boa pessoa, mas muito rigorosa.

- Só cinco minutos - suplicou Harry.

- Absolutamente não.

- A senhora. deixou o Prof. Dumbledore entrar.

- Bom, é claro, ele é o diretor, é muito diferente.

você precisa

descansar.

- Estou descansando, olhe, deitado e tudo. Ah , por

favor, Madame Pomfrey.

- Ah, muito bem. Mas só cinco minutos.

E ela deixou Rony e Hermione entrarem

- *Harry!*

Hermione parecia prestes a abraçá-lo outra vez,

mas Harry gostou que tivesse se contido porque a

cabeça dele ainda estava muito doída.

- Ah, Harry; nos estávamos certos que você ia....

Dumbledore estava tão preocupado...

- A escola inteira não fala em outra coisa - disse

Rony - Mas, no duro, o que foi que aconteceu?

Era uma das raras ocasiões em que a historia

verdadeira é ainda mais estranha e excitante do que os

boatos fantásticos. Harry contou tudo: Quirrell; o

espelho; a Pedra e Voldemort.

Rony e Hermione eram bons ouvintes;

novidade para você!

exclamavam nas horas certas e quando Harry lhes disse o que havia sob o turbante de Quirrell, Hermione soltou

309

um grito.

- Então a Pedra acabou? - perguntou Rony finalmente. - Flamel simplesmente vai *morrer*?

- Foi o que perguntei, mas Dumbledore acha que... como foi mesmo?... que para a mente bem estruturada a morte é a grande aventura seguinte.

- Eu sempre disse que ele era biruta - disse Rony; parecendo muito impressionado com a grande loucura do seu herói.

- Então o que aconteceu com vocês dois? - perguntou Harry.

- Bom, eu voltei sem problemas - disse Hermione - Fiz Rony voltar a si, isso levou algum tempo, e estávamos correndo para o corujal para nos comunicar com Dumbledore quando o encontramos no saguão de entrada, ele já sabia, e só disse Harry foi atrás dele, não foi?", e saiu desabalado para o terceiro andar.

- Você acha que ele queria que você fizesse aquilo? - perguntou Rony. - Mandou a capa do seu pai e tudo o mais?

- Bom! - explodiu Hermione - Se ele fez isso... quero dizer.. isso é horrível... você podia ter sido morto.

- Não, não é horrível - disse Harry pensativo - Ele é um homem engraçado, o Dumbledore. Acho que meio que queria me dar uma chance. Acho que sabe mais ou menos tudo o que acontece por aqui, sabe? Imagino que tivesse uma boa idéia do que íamos tentar fazer e em lugar de nos impedir, ele simplesmente ensinou o suficiente para nos ajudar. Não acho que tenha sido por acaso que me deixou descobrir como o espelho funcionava. Era quase como se pensasse que eu tinha o direito de enfrentar Voldemort se pudesse...

310

- É, a marca de Dumbledore, com certeza - disse Rony orgulhoso. Olhe, você precisa estar bom para a festa de fim de ano, amanhã. Os pontos já foram todos computados e Sonserina ganhou, é claro. Você faltou ao ultimo jogo de quadribol, fomos estraçalhados por Cornival sem você. Mas a comida vai ser legal.

Nesse instante, Madame Pomfrey irrompeu no quarto.

- Vocês já estão ai há quinze minutos, agora FORA - disse com firmeza.

Depois de uma boa noite de sono, Harry se sentiu

quase normal.

- Quero ir à festa - disse a Madame Pomfrey;

quando ela estava arrumando suas muitas caixas de

doces - Posso, não posso?

- O Prof. Dumbledore disse que devo deixar você

ir - respondeu ela fungando, como se, na sua opinião, o

Prof. Dumbledore não percebesse os riscos que uma

festa pode oferecer - E você tem outra visita.

- Que bom. Quem é?

Hagrid foi-se esgueirando pela porta enquanto

Harry indagava. Em geral quando estava dentro de

casa, Hagrid parecia demasiado grande para que o

deixassem entrar. Sentou-se ao lado de Harry; deu urna

olhada e caiu no choro.

- E... tudo... minha... culpa! - soluçou, o rosto nas

mãos. - Eu informei ao mal como passar por Fofo! Eu

informei! Era a única coisa que ele não sabia e eu

informei! Você podia ter morrido! Tudo por causa de

um ovo de dragão! Nunca mais vou beber! Eu devia ser
demitido e mandado viver como trouxa!

- Rúbeo! - chamou Harry chocado por
vê-lo sacudir de tristeza e remorso, as

311

grandes lágrimas se infiltrando pela barba -
Rúbeo, ele teria descoberto de qualquer
maneira, estamos falando
de Voldemort, teria descoberto mesmo que
você não tivesse informado.

Mas você podia ter morrido! - soluçou Hagrid - E
não diga o nome dele!

- VOLDMORT! - berrou Harry, e Hagrid levou
um choque tão grande que parou de chorar.

- Estive com ele cara a cara e vou chamá-lo pelo
nome que tem. Por favor, anime-se, Rúbeo, salvamos a
Pedra, ela foi destruída e ele não poderá usá-la. Coma
um sapo de chocolate. Tenho um montão...

Hagrid secou o nariz como dorso da mão e disse:

- Ah, isso me lembra. Trouxe um presente para
você.

- Não é um sanduíche de carne de arminho, é? -
perguntou Harry abriu-o curioso e, finalmente, Hagrid
deu uma risadinha.

Não, Dumbledore me deu folga ontem para eu

providenciar. Claro, devia mais é ter me demitido. Em

todo o caso, trouxe isto para você...

Parecia ser um belo livro encadernado em couro.

Harry abriu-o, curioso. Estava cheio de retratos de

bruxos, De cada página, sorrindo e acenando para ele,

estavam sua mãe e seu pai.

- Mandei corujas para todos os velhos amigos de

escola de seu pai e sua mãe, pedindo fotos... E sabia

que você não tinha nenhuma... Gostou?

Harry nem conseguiu falar, mas Hagrid

compreendeu.

Harry desceu para a festa de fim de ano

sozinho aquela noite. Atrasara-se com os

cuidados de Madame Pomfrey, que insistiu

em lhe fazer um. último check-up, de modo

que o salão principal já se enchera. Estava

decorado com as cores de Sonserina, verde e

prata, para comemorar sua conquista do campeonato das casas pelo sétimo ano consecutivo. Uma enorme bandeira com a serpente de Sonserina cobria a parede atrás da mesa principal.

Quando Harry, entrou, houve um silêncio momentâneo e em seguida todos começaram a falar alto e ao mesmo tempo. Ele se sentou discretamente numa cadeira entre Rony e Hermione à mesa da Grifinória e tentou fingir que não via as pessoas se levantarem para espiá-lo.

Felizmente, Dumbledore chegou instantes depois A algazarra foi serenando.

- Mais um ano que passou! disse Dumbledore alegremente. - E preciso incomodar vocês com a falação asmática de um velho antes de cairmos de boca nesse delicioso banquete E que ano tivemos! Espetro que as suas cabeças estejam um pouquinho menos ocas do que antes... vocês têm o verão inteiro para esvazialas muito bem, antes do próximo ano letivo.

"Agora, pelo que entendi, a taça das casas deve ser entregue e a contagem de pontos é a seguinte: em quarto lugar Grifinória com trezentos e doze pontos; em terceiro, Lufa-lufa, com trezentos e cinqüenta e dois

pontos, Corvinal, com quatrocentos e vinte e seis; e

Sonserina com quatrocentos e setenta e dois pontos."

E uma tempestade de pés e mãos batendo irrompeu

da mesa de Sonserina. Era uma cena nauseante.

- Sim, senhores, Sonserina está de parabéns. No

entanto, temos de levarem conta os recentes

313

acontecimentos,

A sala mergulhou em profundo silêncio.

- Tenho alguns pontos de última hora para

conferir. Vejamos. Sim...

- Primeiro: ao Sr Ronald Weasley...

O rosto de Rony se coloriu de vermelho vivo;

parecia um rabanete que apanhara sol demais na praia.

- ...pelo melhor jogo de xadrez presenciado por

Hogwarts em muitos anos, eu confiro à Grifinória

cinqüenta pontos.

Os vivas da Grifinória quase levantaram o teto

encantado; as estrelas lá no alto pareceram estremecer..

Ouviram Percy dizer aos outros monitores: "E o meu irmão, sabem! O meu irmão caçula! Venceu uma partida no jogo vivo de xadrez de MacGonagall! Finalmente voltaram a fazer silêncio.

- Segundo: a Senhorita Hermione Granger.. pelo uso de lógica inabalável diante do fogo, concedo à Grifinória cinqüenta pontos.

Hermione escondeu o rosto nos braços; Harry teve a forte

suspeita de que caíra no choro. Os alunos da Grifinória por roda a mesa não cabiam em *si* de contentes - tinham subido cem pontos.

- Terceiro: ao Sr. Harry Potter - A sala ficou mortalmente silenciosa. - Pela frieza e excepcional coragem, concedo à Grifinória sessenta pontos.

A balbúrdia foi ensurdecedora. Os que conseguiam somar enquanto berravam de ficar roucos sabiam que Grifinória agora chegara a quatrocentos e setenta e dois pontos - exatamente o mesmo que Sonserina.

Precisariam sortear a taça das casas - se ao menos Dumbledore tivesse dado a Harry mais um pontinho.

Dumbledore ergueu a mão. A sala gradualmente se aquietou.

- Existe todo tipo de coragem - disse Dumbledore sorrindo.

- E preciso muita audácia para enfrentarmos os nossos inimigos, mas igual audácia para defendermos os nossos amigos Portanto, concedo dez pontos ao Sr. Neville Longbottom.

Alguém que estivesse do lado de fora do salão principal poderia ter pensado que ocorrera uma explosão, tão alta foi a barulheira que irrompeu na mesa da Grifinória. Harry, Rony e Hermione se levantaram para gritar e dar vivas enquanto Neville,

branco de susto, desaparecia debaixo de uma montanha de gente que o abraçava. Jamais ganhara um único ponto para Grifinória antes. Harry; ainda gritando, cutucou Rony nas costelas indicando Malfoy, que não poderia ter feito uma cara mais perplexa e horrorizada se tivesse acabado de ser encantado com o Feitiço do Corpo Preso.

- O que significa - continuou Dumbledore procurando se sobrepor à tempestade de aplausos, porque até Cornival e Lufa-lufa estavam comemorando a derrota de Sonserina - que precisamos fazer uma pequena mudança na decoração.

E, dizendo isto, bateu palmas. Num instante., os panos verdes se tornaram vermelhos e, os prateados, dourados; a grande serpente de Sonserina desapareceu e o imponente leão da Grifinória tomou o seu lugar, Snape apertou a mão da Profa. Minerva, com um horrível sorriso amarelo. Seu olhar encontrou o de Harry e o menino percebeu, no mesmo instante, que os sentimentos de Snape com relação a ele não tinham mudado nem um pingo. Isto não o preocupou. Parecialhe que sua vida voltaria ao normal no próximo ano, ou tão normal quanto ela poderia ser em Hogwarts.

315

Foi a melhor noite da vida de Harry; melhor do que a vitoria no quadribol ou a ceia de Natal ou o encontro com o trasgo... jamais esqueceria esta noite.

Harry quase esquecera que os resultados dos exames ainda estavam por vir, mas eles não deixaram de vir, Para sua grande surpresa, tanto ele quanto Rony passaram com boas notas; Hermione, e claro,

foi a melhor do ano. Até Neville passou raspando, sua boa nota em Herbologia compensou a péssima nota em Poções. Tinham tido esperanças de que Goyle, que era quase tão burro quanto era mau, fosse expulso, mas ele também passou. Foi uma pena, mas como disse Rony, não se podia ter tudo na vida

E, de repente, seus guarda-roupas ficaram vazios, os malões arrumados, o sapo de Neville foi encontrado escondido em um canto do banheiro; as notas foram entregues a todos os alunos, com o aviso de que não fizessem bruxarias durante as férias ("Eu sempre tenho a esperança de que eles se esqueçam de entregar as notas e o aviso - lamentou Fred Weasley); Hagrid estava a postos para levá-los à flotilha de barcos que fazia a travessia do lago; e, no momento seguinte, estavam embarcando no Expresso de Hogwarts;

conversando e rindo à medida que os campos se tornavam mais verdes e mais cuidados; comendo feijõezinhos de todos os sabores enquanto

atravessavam as cidades dos trouxas; trocando as vestes de bruxos pelos blusões e paletós; parando na plataforma nove e meia na estação de King's Cross.

Levou um bom tempo para todos desembarcarem na plataforma. Um guarda muito velho estava postado na sadia e os deixava passar em grupos de dois e três para não chamarem atenção ao irromper todos ao

mesmo tempo por uma parede sólida, assustando os trouxas.

- Vocês precisam vir passar uns dias conosco - disse Rony - Os dois. Vou mandar uma coruja para vocês.

- Obrigado - disse Harry - Preciso ter alguma coisa por que esperar.

As pessoas passavam empurrando-se ao se dirigirem para a saída para o mundo dos trouxas. Alguns gritavam.'

- Tchau, Harry!

- Nos vemos por ai, Potter!

- Continua famoso - comentou Rony, sorrindo para o amigo.

- Não aonde eu vou, posso lhe garantir.

Ele, Rony e Hermione passaram juntos pelo

portão.

- Olha lá ele, mamãe, olha lá ele, olha!

Era Gina Weasley, a irmãzinha de Rony, mas não

apontava para Rony.

- Harry Potter! - gritou com a vozinha fina. - Olhe,

mamãe! Estou vendo,..

- Fique quieta, Gina, é falta de educação apontar.

A Sra. Weasley sorriu para eles,

- Muito trabalho este ano?

- Muito - respondeu Harry. - Obrigado pelas

barrinhas de chocolate e pela suéter, Sra. Weasley.

- Ah, de nada, querido.

- Está pronto?

Era tio Válter, ainda com a cara vermelhona, ainda

bigodudo, ainda parecendo furioso com a audácia de

Harry de andar carregando a coruja numa gaiola por

uma estação cheia de gente normal. Atrás dele, achavase

tia Petúnia e Duda, parecendo aterrorizados só de

olhar para Harry.

novidade para você!

- Vocês devem ser a família de Harry! - falou a

Sra. Weasley.

- Por assim dizer - respondeu tio Válter - Ande

logo, menino, não temos o dia inteiro. - E se afastou.

Harry ainda demorou para trocar uma ultima

palavrinha com Rony e .Hermione.

- Vejo vocês durante as ferias, então.

- Espero que você tenha... há... umas boas férias -

disse Hermione, olhando hesitante para tio Válter,

espantada que alguém pudesse ser tão desagradável.

- Ah, claro que sim - respondeu Harry; e eles

ficaram surpresos com o sorriso que se espalhava pelo

seu rosto. - *Eles* não sabem que não podemos fazer

bruxarias em casa. Vou me divertir á beça com o Duda

este verão...